

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE**

Olímpicos e Paralímpicos: separados por um instante
Retratos biográficos dos “instantes significativos” de atletas que
transitaram entre os Movimentos Olímpico e Paralímpico

Luciane Maria Micheletti Tonon

São Paulo

2022

LUCIANE MARIA MICHELETTI TONON

Olímpicos e Paralímpicos: separados por um instante

Retratos biográficos dos “instantes significativos” de atletas que
transitaram entre os Movimentos Olímpico e Paralímpico

Tese apresentada à Escola de
Educação Física e Esporte da
Universidade de São Paulo, como
requisito parcial para a obtenção do
título de Doutora em Ciências

Área de Concentração: Estudos
Socioculturais e Comportamentais
em Educação Física e Esporte

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Katia Rubio

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação
Serviço de Biblioteca
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Tanon, Luciane Maria Micheletti

Olímpicos e Paralímpicos: separados por um instante - retratos biográficos dos “instantes significativos” de atletas que transitaram entre os movimentos olímpico e paralímpico / Luciane Maria Micheletti Tanon. - São Paulo: [s.n.], 2022.
213p.

Tese (Doutorado) – Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.
Orientadora: Profa. Dra. Katia Rubio

1. Jogos paralímpicos 2. Atletas (Deficientes) 3. Esportes adaptados I. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autora: TONON, Luciane Maria Micheletti

Título: Olímpicos e Paralímpicos: separados por um instante

Retratos biográficos dos “instantes significativos” de atletas que transitaram entre os Movimentos Olímpico e Paralímpico

Tese apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciências.

Área de Concentração: Estudos Socioculturais e Comportamentais em Educação Física e Esporte

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Katia Rubio

Data: __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.(a)Dr.(a) _____

Instituição: _____ **Julgamento** _____

Prof.(a)Dr.(a) _____

Instituição: _____ **Julgamento** _____

Prof.(a)Dr.(a) _____

Instituição: _____ **Julgamento** _____

Esta tese é para todos os atletas paralímpicos, que pela dedicação, suor e muito treino têm entusiasmado pessoas a vencerem suas limitações dentro e fora da deficiência.

AGRADECIMENTOS

A Deus toda honra e glória pela graça da vida em sua plenitude.

Aos meus pais, Maurinho e Mazir, que conduziram meus primeiros passos debaixo do sublime amor e cuidado. Minha educação veio do berço simples que me colocaram e dele eu nunca esquecerei.

Lucio, Lucimara e Paloma. Irmãos obrigada por apoiarem minhas escolhas e me ligarem sempre nas horas que precisei;

Alana e Maria Beatriz, obrigada por me fazerem ver um pouco de mim em vocês.

Vinícius e Ana Clara obrigada por serem um presente na minha vida e pela compreensão das minhas ausências.

À professora Katia Rubio, por compartilhar a mais rica sabedoria, sempre acreditando na minha capacidade; puxando freios e soltando rédeas. Admirando Ipês e jabuticabeiras, mas sobretudo abrindo as portas para pesquisas além de onde as querem trancá-las.

Ao Grupo de Estudos Olímpicos (GEO) pelas reuniões, cafés da manhã, viagens, risadas e tantas experiências trocadas. Pessoas incríveis, que entre pitacos e dicas me ajudaram a construir a tese.

Aos meus familiares Micheletti, Tonon e agregados por construírem minha memória com ricas lembranças. Obrigada pelo apoio incondicional.

Aos meus amigos das mais variadas wibes: das salas de aulas; do grupo de jovens de Rolândia; do magistério no Souza Naves; do atletismo; do teatro; da vizinhança; da UEL; da IPI de Rolândia, as Poderosas e da IPI de Santos; da Folha de Londrina; da Tam Linhas Aéreas; da natação na Santa Cecília; do futevôlei; da Fast Wheels; do Goalball; do ParaSki; dos meus projetos sociais, do Alto Arapiuns; das baladas e viagens. Obrigada por comporem minha trajetória de vida. Às minhas irmãs de coração Simone, Viviane e Érika amo vocês por se fazerem tão presentes na minha vida e sempre apoiarem minhas loucuras em qualquer hora e qualquer lugar. Elaine e Eliane Real por me inspirarem a começar isso tudo e à Thaís por não soltar da minha mão até tudo terminar. Petros e Tatá, obrigada por alegrarem meus dias.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) por financiar o meu trabalho.

EPÍGRAFE

Axiologia do Instante:

*Instante, soflagrante, ligeiro.
Aquele que insta, que pede insistente e veementemente.
É brasa ardente. É brisa suave. É iminente, premente, urgente.
É sem pressa, custoso, indolente.
Não tem tempo determinado, mas é inadiável.
É solicitado, mandado, suplicado, indispensável.
É Santiamên, enquanto dura e no instante seguinte tudo é diferente.
O passado vira força, o presente fracasso.
O porvir não se sabe, planejado ou tungado, ansiado ou inesperado.
De repente, num instante o jogo vira; a força leva à vitória e o fracasso à
história.
Tem valor próprio. É diferente de zero. É significativa ou ignorado.
É dotado de fervor ou de apatia.
É oportuno ou mero acaso.
Num instante se afoga, no outro nada.
Num instante se mutila, no outro cavalga.
Num instante se cai, no outro arremessa.
Num instante não enxerga, no outro voa
Num instante defende, no outro ataca.
Num instante é inapropriado, no outro premiado.
E assim, o instante postula sua unicidade. Não se iguala, não se repete,
não se detém, não se adianta, não regressa, apenas é.*

Luciane Maria Micheletti Tonon (03/12/2019)

RESUMO

TONON, L.M.M. Olímpicos e Paralímpicos: separados por um instante - Retratos biográficos dos “instantes significativos” de atletas que transitaram entre os Movimentos Olímpico e Paralímpico - 2022. 213 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2022.

A presente tese tem o objetivo de identificar e recontar, sob a ótica do imaginário, os “instantes significativos” de atletas, que tiveram interrompida sua trajetória olímpica por alguma eventualidade (acidente ou doença degenerativa) e se recriaram como atletas paralímpicos. O método utilizado é o das Narrativas Biográficas, que possibilita ao atleta organizar e narrar sua história respeitando a representatividade que ele traz na memória. Com isso, foi possível pontuar os instantes citados sobre a iniciação esportiva e a carreira como atleta olímpico; a ruptura desta trajetória; o enfrentamento e sua recriação como atleta paralímpico; além da classificação funcional, processo necessário para serem reconhecidos como paralímpicos. Os atletas estudados foram: Rodolpho Riskalla, do hipismo; Susana Schnarndorf, da natação; Jairo Klug, do remo; Tuany Barbosa, Elizabeth Gomes e Gustavo Henrique Araújo, do atletismo. Todos necessariamente estiveram em alguma edição dos Jogos Paralímpicos, após a ruptura de carreira olímpica. As narrativas quando capturadas vêm de forma bruta, cheias de questionamentos, dores e até revoltas. Mergulhadas na hermenêutica foram trabalhadas no cenário da filosofia, tendo a harmonia das ciências com a arte, a mitologia, a literatura e a poesia. A aproximação das narrativas com personagens mitológicos ou literários foi uma forma de metaforizar a aspereza desse vislumbre entre a finitude, no limitar da deficiência; e a eternidade, nas proezas que o esporte lhes confere. Portanto, devolvê-las aos protagonistas pelo prisma poético literário é o maior desafio; o de amenizar a realidade que não pode ser mudada. Os resultados revelados em forma de retratos biográficos compõem a memória de vida e a carreira dos atletas e provocam uma identificação do leitor, sobretudo para aquele que passou por situações semelhantes. O método pode servir ainda de um norteador de pesquisas sobre temas ressaltados pelos narradores, e traz à luz, a análise do instante em sua plena axiologia.

Palavras-chave – Jogos paralímpicos, atleta paralímpico, esporte adaptado, pessoa com deficiência, narrativas biográficas.

ABSTRACT

TONON, L.M.M. Olympic and Paralympic: separated for an instant. Biographical portraits of "significant instants" of athletes who moved between the Olympic and Paralympic Movements. 2022, 213 f. Thesis (PhD in Sciences) - School of Physical Education and Sport, University of São Paulo, São Paulo. 2021.

This thesis aims to identify and recount, from the perspective of the imagination, the "significant instants" of athletes who had their Olympic trajectory interrupted due to some event (accident or degenerative disease) and recreated themselves as Paralympic athletes. The method used is that of Biographical Narratives, which allows the athlete to organize and narrate his story respecting the representation he brings in his memory. With this, it was possible to point out the moments mentioned about sports initiation and career as an Olympic athlete; the rupture of this trajectory; the confrontation and its recreation as a Paralympic athlete; in addition to functional classification, a necessary process to be recognized as Paralympics. The athletes studied were: Rodolpho Riskalla, from equestrianism; Susana Schnarndorf, from swimming; Jairo Klug, from rowing; Tuany Barbosa, Elizabeth Gomes and Gustavo Henrique Araújo, from athletics. Everyone necessarily attended some edition of the Paralympic Games, after the break in their Olympic career. The narratives when captured come in a harsh way, full of questions, pain and even revolts. Dipped in hermeneutics, they were worked on in the philosophy scenario, having the harmony of the sciences with art, mythology, literature, and poetry. The approximation of the narratives with mythological or literary characters was a way of metaphorizing the harshness of this glimpse between finitude, in limiting disability; and eternity, in the feats that sport confers on them. Therefore, returning them to the protagonists through the literary poetic prism is the biggest challenge; that of softening the reality that cannot be changed. The results revealed in the form of biographical portraits make up the athletes' life and career memory and provoke an identification of the reader, especially for those who have gone through similar situations. The method can also serve as a guide for research on themes highlighted by the narrators and brings to light the analysis of the instant in its full axiology.

Keywords - Paralympic games, paralympic athlete, adapted sport, disabled person, Biographical Narratives.

SUMÁRIO:

PARTE I	12
Instantes introdutórios e metodológicos	12
Prólogo: Meus instantes significativos.....	13
1.Introdução:	23
2.Metodologia:.....	27
Narrativas Biográficas: Da Captura à revelação das imagens	27
2.1 Da captura...:.....	33
2.1.1 O encontro com os atletas.....	33
2.1.2 Matéria-prima da película: “a alma do atleta”	39
2.1.3 Instantes fotografados e o ajuste no foco	41
2.2 ... À Revelação:	47
2.2.1 O processo de dar luz e cor ao conteúdo pitoresco das narrativas .	47
2.2.2 O tratamento da película: recortes das rebarbas do preconceito	51
PARTE II	53
Instantes teóricos e bibliográficos	53
3.Da história à poética: O cenário fotográfico das narrativas	54
3.1 O contexto histórico social do esporte para as pessoas com deficiência	54
3.2 Paralimpismo: Um movimento muito além da reabilitação	58
3.2.1 Como surgiu o termo Paralímpico?	66
3.3 Uma foto panorâmica do Movimento Paralímpico no Brasil:	73
3.4 Terminologias e conceitos do esporte paralímpico:	77
3.4.1 Termos adotados pelo IPC:.....	78
3.5 Os Instantes significativos de Bachelard na vida do atleta paralímpico .	79
3.5.1 Descontinuidade.....	79
3.5.2 Reinvenção do tempo.....	87
3.6 A química do Imaginário: mitos, crônicas e a imagem poética dos Instantes Significativos.....	88
4.Os instantes significativos na voz dos atletas	97
4.1 Da iniciação esportiva à carreira Olímpica	97
4.1.1 A triatleta Susana Schnarndorf.....	97
4.1.2 O cavaleiro Rodolpho Riskalla	98
4.1.3 O velocista Gustavo Henrique.....	99
4.1.4 A voleibolista Elizabeth Gomes	100
4.1.5 O remador Jairo Klug	100

4.1.6 A judoca Tuany Barbosa	102
4.2 A queda – a catábase provocada pela doença ou acidente	104
4.2.1 Susana Schnarndorf.....	104
4.2.2 Rodolpho Riskalla.....	105
4.2.3 Gustavo Henrique.....	107
4.2.4 Elizabeth Gomes	108
4.2.5 Jairo Klug	110
4.2.6 Tuany Barbosa	110
4.3 A reinvenção da carreira de atleta como paralímpico	113
4.3.1 A nadadora Susana Schnarndorf:	113
4.3.2 O cavaleiro Rodolpho Riskalla	115
4.3.3 O velocista Gustavo Henrique	116
4.3.4 A lançadora Elizabeth Gomes	117
4.3.5 O remador Jairo Klug	118
4.3.6 A arremessadora Tuany Barbosa.....	119
PARTE III	122
O porta-retrato.....	122
5. Retratos Biográficos das imagens poéticas narradas.....	123
5.1 Road to Ítaca: Uma Odisseia rumo a Tóquio.....	123
5.2 Antes que a luz se apague	135
5.3 A nadadora de uma morte anunciada	137
5.4 Ah o cavalo.....	149
5.5 O remador do tempo reinventado.....	150
5.6 Trinta Segundos	156
5.7 Classificação Funcional: O Tifón do Movimento Paralímpico.....	157
6. Considerações Finais:	162
7. Referências:	165
ANEXOS	182
1. Pelo tempo e Contra o tempo: o paradoxo das atletas paralímpicas com doenças degenerativas.....	183
2. Sísifo e o adestrador do Tempo	196
3. Classes segundo as regras atuais:	208

PARTE I

Instantes introdutórios e metodológicos

“É necessária a memória de muitos instantes para fazer uma lembrança completa”. (BACHELARD, 2016, p.15 – tradução nossa).

PRÓLOGO: Meus instantes significativos

“O segredo da existência humana consiste não somente em viver, mas ainda em encontrar um motivo de viver”. (Dostoiévski)

Quero supor que minha sensibilidade seja intercessora das histórias aqui narradas, a fim de que cheguem ao leitor com tonalidades elementares das quais a percepção humana é farta. Os cenários descritos, as emoções compartilhadas, as histórias rememoradas atrelam-se com motivações simbólicas, que encontrei para tentar expressá-las, inerentes ao caráter científico ou à linearidade cronológica. Lembro Durand (2002, p. 39) ao afirmar que “as imagens não valem pelas raízes libidinosas que escondem, mas pelas flores poéticas e míticas que revelam”. Esta foi exatamente a minha intensão ao descrever tais páginas: revelar as imagens capturadas nas narrativas biográficas como que por uma câmera fotográfica analógica, cujo processo de revelação é delicado e preciso. Parti do quarto escuro da memória, para que nenhuma fonte de luz indesejada obscurecesse o filme ainda em sua essência negativa e o marinei na química de arquétipos, metáforas, poesias, mitologias, devaneios, “*n’importe quoi*”, para que ao serem positivados, tais retratos escapassem das normas da semiologia e ganhassem a merecida liberdade da imaginação. Saúdo aos clássicos estudiosos Von Goethe, Gaston Bachelard, Gilbert Durand, Gaston Roupnel, Paul Ricoeur, Ilya Prigogine, Cassirer e Maffesolli por terem se rendido ao que eles chamam de “nova ciência”. Uma ciência da pluralidade, do fim das certezas, de conceitos abertos, da subjetividade, do casamento com a arte. Cheguei a eles não por acaso, mas por felizmente ter cruzado o caminho acadêmico de professores que se debruçaram nessas investigações como Edvaldo P. Lima, Katia Rubio, Cremilda Medina, Eclea Bosi, Paulo Nassar, Soraia C. Saura, Constança M. Cesar. Um caminho epistemológico trilhado aos moldes do

ecletismo da minha própria personalidade. Tais doutores da ciência me abriram o olhar para a macro pesquisa, sem comparação de dados, sem resultados absolutos, sem conclusão final, mas voltada à fidelidade das palavras proferidas pelos protagonistas da pesquisa, os atletas com quem dialoguei e coloquei em comunhão com a ciência sob a lente do imaginário. As páginas a seguir destacarão, sobretudo, não digo a menor, mas as mais significativas frações do tempo vividas por estes atletas, “os instantes”. Portanto, antes, de mais nada, relato alguns dos instantes significativos da minha trajetória até aqui. Começamos pela década de 70.

Todos os dias o avião passava na mesma hora, por volta das 10 da manhã. Minutos antes, eu ia até o barzinho da esquina comprar chicletes pingue-pongue e pagava com as moedinhas que eu ganhara vendendo jornal velho para o verdureiro. Com a boca cheia de chicletes, que chegava a arder a mandíbula, eu me deitava no chão da calçada, com os braços abertos e pernas fechadas em formato de avião. O céu em Rolândia, no interior do Paraná, sempre foi muito azul. A rua Antenor Ferri quase não tinha movimento. Ali, eu deitava e ficava esperando o avião passar sobre minha casa, que estava na rota de aproximação do aeroporto de Londrina. Com meus sete anos de idade eu sonhava alto e ficava ali pensando: “Quem será que está lá dentro?” “Será que lá de cima alguém, pode me ver?”; “Será que um dia eu vou voar?”. Então, eu dava tchau chacoalhando a mão em vão, mas, tinha certeza de que alguém me veria.

Assim que o avião passava, eu ainda continuava ali vendo o rastro nas nuvens, até ser acordada pelo barulho da carrocinha “do tio”, que trazia laranja e mandioca para vender. Ou, pela vizinha, a dona Frida, gritando em alemão “wie gets est dir?” (como vai você?) e eu respondia - “Es gut, danke schön. Und Ihnen?” (Estou bem muito obrigada. E você?). Na minha cidade moravam muitos alemães fugidos da guerra, inclusive no Colégio Roland, onde eu estudava, tínhamos o idioma alemão na grade curricular. Eu aprendi algumas coisas.

Bem, o sonho de ser aeromoça era quase impossível de ser realizado. Além da condição financeira dos meus pais, São Paulo, onde aconteciam os cursos ficava a 600 km de distância. Então, prossegui na minha realidade. Como toda criança de interior, cresci com as mais saudáveis brincadeiras de rua: betes; mãe da rua; esconde-esconde; balança-caixão; além de estar sempre envolvida

com outros arteiros da rua. Isso me rendiam umas três surras por dia. No entanto, sempre fui curiosa, gostava de estudar. Desde cedo desenvolvi duas paixões, esporte e música. Nunca me especializei em nada, mas, sei tocar e jogar de tudo um pouco. Aos nove anos entrei para o coral da escola e aprendi tocar flauta doce. Aliás, para conseguir a minha primeira flauta, eu troquei o viveiro de canários do meu pai contendo mais de 10 canarinhos pela flauta da minha amiga. Quando ele chegou, quis brigar, mas como me viu empolgada tocando “*a galinha do vizinho, bota ovo amarelinho...*” que usava apenas a nota, Si, acho que pensou no meu futuro.

Quanto ao esporte, eu entrei para equipe de ginástica rítmica e artística da escola e me esbaldava entre fitas, bolas, maçãs, paralelas e traves. A turminha da tia Lucília vestia um maiô metade marrom e metade amarelo com Marias-Chiquinhas na cabeça. Tínhamos que andar na cadência “*ponta, planta, calcanhar*”, enquanto as mãos estendidas com o dedo do meio voltado para dentro. Aos onze anos aprendi a tocar violão, de tanto acompanhar as aulas da minha irmã mais velha, Lucimara. Eu decorava onde ela colocava os dedos no braço do violão e tentava imitar. Levei tão a sério que esse foi meu primeiro “ganha pão”, ensinar o pouco de violão que eu sabia, para os que nada sabiam. Já meu irmão Lucio, que era muito estudioso insistia em me ensinar inglês, me fazendo repetir o verbo *To Be* todos os dias. Sem contar as vezes que ele me fazia de cobaia em seus experimentos eletrônicos. Levei muito choque, mas aprendi muito com ele. Na sexta série perdi a bolsa de estudos do Colégio Roland e mudei para o Colégio Estadual Souza Naves. Já nos primeiros meses entrei para a fanfarra da escola, tocando repique. Lá também tive a oportunidade de conhecer outros esportes como handebol, voleibol e o atletismo. A convite do meu tio Luís Micheletti (um aficionado por esportes) fui levada ao técnico Tucano, que me recebeu muito bem e já me mandou dar oito voltas na pista. Na época (1982 a 1988), a pista era uma das únicas do Brasil a ser coberta de “tartan”, (placas de borracha, que amorteciam a corrida). A prática da modalidade me trouxe grandes amizades, entre elas duas irmãs gêmeas (Elaine e Eliane Real), que nas décadas de 80 e 90 se destacaram na Federação Paranaense e Confederação Brasileira de Atletismo. Treinávamos diariamente para representar a cidade nos jogos regionais e corridas de rua. Porém, em 1993, quando já tínhamos 23 anos, elas sofreram um acidente automobilístico e uma

delas, Elaine ficou tetraplégica. Abro aqui um parêntese porque este foi meu primeiro contato com uma pessoa com deficiência¹ e fonte de inspiração para este estudo. Trago na memória o quarto em que Elaine ficou acamada. Ao lado da sua cama, tinha uma cadeira de rodas e uma estante repleta de troféus conquistados pela dupla. Cenário difícil de entender, mas, ali, envolta entre “premiações” e “castigo”, eu compreendi que a vida teria que continuar para ela, independentemente da condição e das circunstâncias. Naquele tempo, não havia esportes adaptados² na região e nunca tínhamos ouvido falar a respeito. Portanto, por falta de oportunidades, a carreira de atleta teve fim para minha amiga, mas o amor pelo esporte nunca findou.

Crescemos enfrentando cada uma a sua realidade. Ao exemplo da minha mãe e da minha irmã, que eram professoras, cursei magistério. Ali me firmei como “a escritora da turma”. Todas as homenagens do ano letivo eram recorridas a mim para escrevê-las. Mas, meus olhos brilhavam nas aulas de educação física, com as professoras Rose no 1º Grau (Ensino Fundamental) e com Fátima Real no 2º Grau (Ensino Médio), que nos dava brincadeiras infantis para quando fôssemos lecionar. No final do segundo ano de magistério, mais precisamente em 1986, quando já tinha 16 anos, vivi um dos instantes mais significativos da minha vida. Minha mãe faleceu em um acidente automobilístico. A recriação da minha trajetória foi ocupar meu tempo para evitar a depressão, porque tinha perdido a minha base. Uma mulher extremamente batalhadora. Dona Maria Mazir Micheletti Tonon cursou Ciências Sociais já com seus três filhos para criar. Lecionava dois períodos e nas horas vagas costurava “pra fora” como se diz no interior. Não tive dúvidas em querer honrar todo sacrifício dela e do meu pai,

¹Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA, 2015, art. 2º).

² Winnick (1990), define Esporte Adaptado como experiências esportivas modificadas ou especialmente designadas para suprir as necessidades especiais de indivíduos. O âmbito do esporte adaptado inclui a integração de pessoas portadoras de deficiências com pessoas "normais", e lugares nos quais que se incluem apenas pessoas com condições de deficiência. “Esporte adaptado consiste em uma possibilidade de prática de esporte para pessoas com deficiência”. (SILVA C.A.A, et al, 2013)

“Entendemos atividade adaptada como a busca de adequação de meios para se efetivar um resultado desejado, diante da ausência ou da impossibilidade de se usar os meios convencionais que foram estabelecidos como sendo a maneira correta de se executar ou praticar uma tarefa ou atividade”. (ARAÚJO, 1998, p. 5)

Mauro Tonon, farmacêutico, “formado” no balcão da farmácia, onde trabalhou durante 35 anos. Passado um ano da tragédia entrei na Universidade Estadual de Londrina - UEL para cursar Comunicação Social, afinal sentia ter dom para escrever. Porém, a minha paixão pelo esporte não me deixava ter dedicação exclusiva ao jornalismo, então decidi ser jornalista esportiva. Um ano depois, em 1989 entrei para o curso de Educação Física na mesma universidade. Fiz dois vestibulares em anos diferentes e conduzi os dois cursos ao mesmo tempo. Colei grau no mesmo dia e no mesmo local de cerimônia. Indescritível a emoção de sair com dois diplomas da festa. Hoje, entendo que foi uma loucura graduar em dois cursos, mas, naquele momento foi a válvula de escape em que me agarrei para suprir a dor e ausência da minha mãe. Meu Trabalho de Conclusão de Curso no jornalismo foi sobre Radiojornalismo Esportivo, cuja estrutura e conteúdo fugiam do tradicional escopo de projeto científico. Montei como se fosse um jogo de futebol. A introdução foi intitulada de “Aquecimento”, depois o “Primeiro Tempo”, capítulo que eu contava a história do futebol no rádio; o “Segundo Tempo” em que apresentava o referencial teórico. Na sequência, um capítulo intitulado “Gol”, onde eu tratei sobre a criatividade dos locutores esportivos em gritar o Gol; e, por fim, o “Apito final”, que eram as considerações finais. Sinto não conseguir abrir mais o disquete para reler esse trabalho, que foi ousado para a época, com meus 20 anos de idade.

Em Educação Física, o tema foi sobre a Influência dos Meios de Comunicação de Massa no Tempo Ocioso das Pessoas. Mergulhei na história de alguns moradores do bairro Cinco Conjuntos de Londrina (PR), para saber o que eles faziam aos domingos. Nem imaginava que já estaria usando a metodologia de narrativas biográficas. Aprendi muito com as famílias colaboradoras da minha pesquisa. Gostaria de lembrar qual foi a metodologia que eu descrevi no trabalho. Talvez revisão bibliográfica, pelo desconhecimento de que as próprias histórias de vida a mim contadas eram um grande trunfo.

Na semana seguinte da minha formatura, em 1992, a convite do meu irmão, fui para a Suíça passar uma temporada de seis meses para aprender francês. Aqui meu instante significativo foi de romper territórios e experimentar uma cultura totalmente diferente. Fui morar na casa da minha amiga de infância Simone Plumettaz, que tem dupla cidadania e morava na Suíça Francesa desde 1988. Lá trabalhei com crianças em um Garderie (espécie de jardim de infância),

que foram os meus melhores professores do idioma. Logicamente que aprendi francês na linguagem dominada por crianças de quatro anos.

Quando voltei ao Brasil, vi um anúncio no jornal sobre vaga para repórter no Jornal O Estado do Paraná, em Santo Antônio da Platina, (200 km da minha cidade). Mudei para lá e cumpri ali três meses de experiência. Porém, uma oportunidade se abriu para ser contratada pela Folha de Londrina, sediada na mesma cidade. Iria fazer a cobertura jornalística do Norte Pioneiro do Paraná, Região que congregava 50 municípios. Fiquei cinco anos, coletando histórias e ao mesmo tempo devolvendo aos munícipes resoluções de alguns problemas de bairros, que como imprensa era possível conseguir após as denúncias.

Fora do expediente do jornal eu dava aulas de natação e ginástica para não me afastar da Educação Física. O que eu não sabia era que Deus na sua onipotência já tinha escutado meu desejo de 20 anos atrás, lá deitada na calçada da rua Antenor Ferri, com a boca cheia de chicletes. Numa segunda-feira de 1998, ao folhear as páginas do jornal que trabalhava vi um pequeno anúncio sobre curso de comissária de voo, que aconteceria em Londrina aos finais de semana. Sem pensar duas vezes, me inscrevi no curso e seis meses depois, era uma aeromoça. Logicamente, após passar por uma prova de sobrevivência na selva, fato que relatei na própria Folha de Londrina, como uma das minhas últimas reportagens. Os integrantes do curso foram divididos em três grupos para sobreviver na selva. Deram-nos o azimute (referência de bússola que deveríamos seguir para encontrar a saída); três palitos de fósforo embebidos em vela derretida para não molhar; uma enxada; um facão; uma lona para fazer barraca; um pouco de sal grosso e uma galinha viva. Depois de três dias conseguimos achar a saída, logicamente que o medo na mata chegou a causar alucinações ao ponto de vermos até urso panda numa região de floresta tropical. Enfim, sobrevivemos.

Como eu já dominava o francês enviei meu currículo à TAM Linhas Aéreas, que estava em busca de comissários que falassem o idioma para operar a rota São Paulo/Paris. Peguei ainda um resquício da era “glamourosa” da carreira, quando falar em ser aeromoça, brilhava os olhos de qualquer uma. A primeira vez que voltei para minha cidade uniformizada, para se ter uma ideia, até o policial na rua quis me dar um abraço.

Confesso que ter trocado radicalmente de profissão e, principalmente, deixar o interior para morar em São Paulo, me causou medo. Mas, depois entendi como uma grande oportunidade de ampliar meus conhecimentos culturais. Esse foi o meu instante de romper paradigmas. Na empresa aérea conheci 15 países e aprendi a entender diversas culturas. Como o jornalismo corria na minha veia, nunca deixei de escrever. Bimestralmente contribuía com o jornal da Associação dos Tripulantes da TAM, através de crônicas sobre o dia a dia de uma aeromoça. Por dois anos também fiz assessoria de imprensa para o departamento de Segurança de Voo da empresa, onde criei um gibi de bordo contendo um manual de Segurança de Voo para crianças e participei da criação da revista TAM Safety Digest, eleita a melhor do mundo em 2001. Em 2007 cursei um MBA em Comunicação Corporativa pela Fecap/Comunique-se e desenvolvi como Trabalho de Conclusão de Curso, um Plano de Comunicação Interna para Aeronautas, que é um público itinerante. Em 2009, somei ao meu currículo uma pós-graduação em Jornalismo Literário pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário – ABJL e usei minhas próprias crônicas para trabalhar narrativas com as empresas, através do tema: Ensaio Coletivo: O Jornalismo Literário alavancando a Comunicação Corporativa. Nesse instante, eu percebi como gostava de escrever sobre pessoas, sobre histórias de vida.

Com os anos de aviação tornei-me Chefe de Cabine Internacional. Já falava três idiomas. Colocar-me a serviço do outro era meu maior desafio. Quantas vezes eu me encontrava atolada em bandejas com restos de comida e pensava: “o que eu fiz da minha carreira?”. Mas, hoje vejo o quanto valeram os 18 anos que ali passei.

Na minha inquietude, porém, em 2011, eu e mais três colegas de voo resolvemos montar uma microempresa de prestação de serviços de excelência chamada Staff do Brasil. Trabalhamos por um ano com receptivo de estrangeiros. Na ocasião conheci o projeto de um site facilitador de serviços para pessoas com deficiência, chamado Guia do Deficiente. Foi criado por uma amiga, a Ana Cláudia Sadzevicius, para agregar informações de locais acessíveis, que facilitariam a vida da sua própria mãe, que tinha se tornado cadeirante. Transformamos o site num portal e eu passei a cuidar do conteúdo. Fui em busca de histórias de pessoas que viviam muito além da deficiência. Narrativas de vida, que me faziam mergulhar cada vez mais no tema. O

lançamento do site ocorreu na Feira de Tecnologia - Reatech em abril de 2011. Lá tive contato com o Comitê Paralímpico Brasileiro - CPB, que me convidou para cobrir os Jogos Paralímpicos de Londres, 2012. Passei a escrever, estudar e buscar fundamentação sobre o esporte paralímpico³ em minhas horas de folga, fazendo inclusive assessoria de imprensa para alguns atletas. Estar nos Jogos Paralímpicos foi o ápice das minhas realizações profissionais. Peguei férias na TAM e passei um mês em Londres. Foi um grande aprendizado. Antes de voltar percebi que lá tinha um vasto material infantil sobre os Jogos. Imediatamente comecei a rascunhar o livro: “Pimpo e Olimpo: Uma viagem rumo aos Jogos Paralímpicos”, que traz uma abordagem histórica do Movimento Paralímpico para crianças. Por motivos financeiros, o livro ainda não saiu da gaveta. Paralelamente escrevi o livro “O avesso ao fracasso” sobre 20 anos de triatlo da atleta olímpica Carla Moreno, que ainda não foi publicado. Em 2014 comecei a escrever o livro “Às suas marcas” da nadadora paralímpica Susana Schnarndorf e encerrei nos Jogos Rio, 2016 com a participação dela no revezamento 4X50 metros, onde ganhou uma medalha de prata. E, minha última produção até a publicação desta tese em 2022 é o livro Beth Gomes: Uma Atena Brasileira.

O tema paralímpico estava incutido em mim sem caminho de volta. Em meados de 2014, o professor da Escola de Comunicação e Artes - ECA, Dr. Edvaldo Pereira Lima, coordenador da Academia Brasileira de Jornalismo Literário, com quem tanto aprendi sobre narrativas de vida, ao passar pela Escola de Educação Física e Esporte da USP viu um cartaz sobre um seminário de Estudos Olímpicos, realizado pelo Grupo de Estudos Olímpicos - GEO, coordenado pela professora Dr^a Katia Rubio, cujo tema central eram as narrativas biográficas de atletas olímpicos. Imediatamente, ele me sugeriu que a procurasse. Entrei em contato e a professora prontamente me recebeu no Centro de Estudos Socioculturais. Desde então passei a fazer parte do Grupo de Estudos Olímpicos - GEO.

O ponto comum com o grupo era trabalhar histórias de vida de atletas. Exatamente o que eu procurava, porém, eles estudavam os atletas olímpicos e

³Art.92. Entende-se por esporte paralímpico, as modalidades esportivas definidas, reconhecidas, normatizadas e regulamentadas pelo International Paralympic Committee e que tenham integrado o programa dos últimos Jogos Paralímpicos. (CPB, Estatuto Social, 2017 p.31)

eu voltada aos atletas paralímpicos⁴. Aproximei-me da pesquisa justamente na fase em que o grupo estava na revisão final do livro *Atletas Olímpicos Brasileiros*, composto de 1796 verbetes biográficos de atletas, que já foram atletas Olímpicos. Tive o prazer de acompanhar o lançamento do livro e presenciar a alegria dos atletas colaboradores da pesquisa em receber um livro de presente como feedback da sua contribuição. Logo pensei, esse é o tipo de pesquisa que quero fazer. Nos primeiros semestres de 2015 e 2016 pude acompanhar duas disciplinas da professora Katia Rubio como aluna ouvinte para me aprofundar na metodologia e me reaproximar da vida acadêmica, que a aviação tinha me levado para tão longe. A primeira disciplina que fiz foi sobre *Imaginário Esportivo e Cultura Contemporânea*, onde lemos Eric Dunning e Norbert Elias, Homero, Campbell, entre outros e a segunda foi sobre metodologia qualitativa. Iniciamos com as regras dos métodos sociológicos de Emile Durkheim; A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais de Max Weber; vimos *Experiências Etnográficas em Ciências Sociais*, de Telmo Caria. Poder e ética na pesquisa social e passamos pelo *Saber Local*, de Geertz. Depois entramos na metodologia de narrativas de vida propriamente dita para estudar construção da memória e história oral, com autores como Le Goff, A.C. Mehy, Ecléa Bosi, Halbwachs, Ricouer e a própria Rubio. Nesse tempo eu fiz também um curso de extensão na USP chamado *Antropologia do Esporte*. Para completar 2016 participei como simposiasta do *Seminário Internacional de História Oral em Porto Alegre*. Todos os feitos faziam-me apropriar de ideias e caminhos a serem tomados.

Ainda em 2016, durante uma das últimas reuniões e, destaque cafés matinais do Grupo de Estudos Olímpicos antes dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, trabalhamos o texto “A Intuição do Instante” de Gaston Bachelard. O autor chamou minha atenção ao falar dos instantes criadores que nossa trajetória de vida nos proporciona. Ele enfoca que a história total tem por contrapartida a menor estrutura de tempo possível, o instante. “O instante é o único domínio que se vivencia o real, de forma que a vida não pode ser compreendida numa contemplação passiva. Compreendê-la é mais que vivê-la é efetivamente impulsioná-la” (BACHELARD, 2010 p.27). Tal colocação me fez pensar em todos

⁴- Art.93. Entende-se por atleta paralímpico, a pessoa com deficiência que esteja integrada e pratique uma modalidade esportiva, integrante dos Jogos Paralímpicos, com o objetivo do alto rendimento. (CPB, Estatuto Social, 2017 p.31).

os instantes que recriamos em nossa vida. Instantes que remetem nosso ser a outras oportunidades ou mudanças de trajetórias, principalmente porque naquele período eu estava passando por dois instantes de rupturas bem significativas para mim. A perda da minha licença de voo, que me faria ser dispensada da empresa aérea, após 18 anos de casa e o falecimento do meu pai. O tema mexeu muito comigo, mas deixei meus pensamentos se dissiparem entre as risadas e comentários da reunião.

O que eu não esperava é que tal leitura iria me dar um grande *insight* na semana seguinte. Ao procurar tal contexto no esporte, mais precisamente na vida de atletas, foi possível encontrar alguns casos de atletas de alto rendimento, que em plena trajetória de ascensão olímpica se depararam com um “instante significativo” (um acidente, um tiro, ou uma doença degenerativa), que os fizeram reinventar um novo ciclo de vida, o de atleta paralímpico. Nessa ruptura, como sugere Bachelard, eles deixaram a ideia da descontinuidade prevalecer. Permitiram que a condição de vida que tinham no passado morresse naquele instante para que um novo tempo fosse criado. “O tempo poderá sem dúvida renascer, mas, primeiro terá de morrer”, (BACHELARD, 2010 p.17).

Tal referência me deu a possibilidade de desenhar a transitoriedade destes atletas entre os Movimentos Olímpico e Paralímpico. Movimentos, cuja mais importante manifestação são os Jogos. Rumo para os quais, a trajetória destes atletas estava apontada. Então, veio o tema: Olímpicos e Paralímpicos: separados por um instante – Retratos Biográficos dos “instantes significativos” e simbólicos de atletas que transitaram entre os Movimentos Olímpico e Paralímpico.

1 INTRODUÇÃO

A frase “separados por um instante” parece minimizar, ou até simplificar a diferença entre atletas olímpicos e paralímpicos. Se visto pelo prisma palpável do tempo em que o instante é sua menor fração, diria que sim. Uma vez que a tese, em suma e subjetivamente, vai defender que a essência de atleta, mapeada pela garra, paixão, dedicação, espírito de equipe, dores, alegrias ou tristezas; condicionada pelos treinamentos físicos, táticos e técnicos; competições; índices; viagens; suplementos; derrotas; vitórias; pódios; pistas; piscinas; arenas; quadras; tatames, entre tantos outros temas que permeiam uma trajetória de alto rendimento, é exatamente a mesma. Apenas interrompida, para estes atletas estudados, num lapso, numa fração, num segundo, numa queda, num engasgo, ou seja, “num instante”, que os tornou fisicamente diferentes, mas, não menos atletas.

Tal posição poderia ser justificada, embora essa não seja a intenção primordial da tese, através de conceitos sobre atleta de alto rendimento, que em momento algum possibilitam diferenciá-los como olímpicos ou paralímpicos.

Partindo da ordem biológica, por exemplo, há para o atleta de alto rendimento, uma sujeição a um treinamento que trabalha no limiar entre o que seja saudável e o que seja nocivo ao corpo (FRAGA, 2001). Atletas competitivos treinam de 20 a 40 horas por semana, desafiando constantemente os limites do corpo (BARROS e GHORAYEB, 1999). No entanto, segundo os autores, cada atleta, bem como a modalidade praticada, tem suas características e necessidades específicas, que devem ser respeitadas com o propósito de se atingir os melhores resultados e de prevenir lesões. Para Barros (1993) e Teodoro (2007), o alto nível é a busca do rendimento máximo do ponto de vista biofísico, psicológico e sociológico do ser humano. Na abrangência psicológica e de uma perspectiva intuitiva, “parece lógico que certos atributos da personalidade, por exemplo, competitividade e autoconfiança são importantes para o sucesso no desporto” (VEALEY, 1992, p. 26).

Já no âmbito sociológico, ao qual esta pesquisa se deita, Rubio (2015) diz que mais do que razões objetivas que mobilizam e levam pessoas a escolher esse estilo de vida, é preciso entender as questões de ordem subjetiva e arquetípica para a construção da identidade como atleta. Segundo ela, os

motivos que levam alguns jovens à prática esportiva é uma dinâmica que se assemelha à saga do herói mitológico. Saga essa dissecada em sua obra: *O atleta e o Mito do Herói* em que ela classifica como “o realizador de feitos incomuns” (RUBIO, 2001, p.15). Em outra obra, a autora conceitua:

“O atleta de alto rendimento, esse indivíduo a quem nos referimos, que vem a ser identificado como um ser raro, um entre milhares, usufrui dessa condição uma vez que é mínima a parcela da população que pratica esporte com finalidade competitiva e consegue atingir níveis de atuação e exposição que justifiquem a sua situação de ídolo”, (RUBIO, 2001, p.100).

A autora ressalta que, “o preparo físico (e por que não psicológico também) extraordinário que tem o atleta, envolve a explicitação inevitável da busca e superação de limites tornando-o alvo de identificações e projeções, levando-o a ser adorado por sua torcida, e respeitado, e por vezes odiado, pelos adversários” (RUBIO, 2001, p.100). Pelo mesmo caminho Veloso (2021, p.177) explica que a carreira de um atleta não é fruto apenas de disposição e talento individuais, da afirmação de uma vontade latente ou da determinação em perseguir objetivos. “É quase regra, no caminho de um postulante à atleta profissional, a influência de inúmeros fatores sociais e ambientais, que lhe escapam dos desígnios individuais”.

Isso posto, vê-se que ambos, olímpicos e paralímpicos, se enquadram em todos os conceitos, não fosse o fatídico ou repentino “instante” que os separou. A este instante, portanto, coube-me compreendê-lo e fundamentá-lo à luz do filósofo Gaston Bachelard partindo da obra: *A intuição do Instante*, publicada originalmente em 1931, onde trata sobre “Instantes Significativos” como: a “descontinuidade” e a “reinvenção do tempo”. O autor escolheu o título *intuição*, uma vez que o termo se radicaliza do latim: *intuire*, que significa ver por dentro⁵, resumindo todo esforço minucioso dele ao se debruçar em suas análises. Somente vendo por dentro é possível entender os valores atribuídos aos instantes. Apesar de Bachelard iniciar seus estudos pelo processo evolucionista e epistemológico da vida, como por exemplo, os átomos unindo-se e separando-se no espaço determinando o nascimento e a desagregação de

⁵ intuire v. tr. [dal lat. intueri «vedere dentro», <http://www.treccani.it/vocabolario/ricerca/intuire/>

todos os seres; ele acaba se rendendo à teoria Einsteiniana, ao entender a verdadeira virtude do instante como “ponto-vida”. Ou seja, compreendendo que a duração depende de um ponto de vista, ou seja, da relatividade. No caso desta tese vamos nos basear em fatos, repentinos ou não, que caracterizaram a descontinuidade da trajetória de vida que os atletas vinham galgando enquanto olímpicos. E, se tratando da reinvenção do tempo como atletas paralímpicos, apostamos que o instante se apropria mais do fato, do que do tempo cronológico em si, pois é notável que cada atleta teve um tempo peculiar para se reconstruir.

A tese está dividida em três partes, que também vou nominá-las de “instantes” no contexto do conteúdo apresentado. A primeira parte trata-se dos Instantes introdutórios e metodológicos, desde a escolha do tema, partindo da minha própria história de vida; continuando pela busca e o encontro com os atletas estudados; e a metodologia aplicada para obter o conteúdo. No caso, as Narrativas Biográficas. Para uma melhor compreensão optei em apresentar a metodologia e o passo a passo da pesquisa comparando-a ao trabalho de um fotógrafo, daqueles tipo “lambe-lambe” de praça, com toda arte de captura do cenário pitoresco. A segunda parte, o processo químico de revelação das películas, trata-se dos Instantes teóricos e bibliográficos, inclusive, a diálogo com Bachelard está no capítulo: “Os Instantes significativos de Bachelard na vida do atleta paralímpico”, que me permitiu fazer uso também de recortes do autor publicados em outras obras, principalmente quando ele se rende ao devaneio e à imagem poética. Atributos que serão úteis nas analogias apresentadas. Antes, porém, apresento o cenário pitoresco das películas onde os atletas estão inseridos, os Jogos Paralímpicos desde a sua criação, até os dias de hoje. A terceira parte, então, que vou chamar de Retratos Biográficos é o resultado do “ver por dentro” das narrativas, ou seja, as “imagens reveladas”, o porta-retrato. Trago os “instantes significativos” dos atletas como a pedra bruta da metodologia escolhida, que são também as minhas motivações simbólicas (DURAND, 2002) trabalhadas na química do imaginário. Faço uma aproximação das narrativas com personagens mitológicos e literários na tentativa de metaforizar a aspereza desse vislumbre entre a finitude - no limitar da deficiência dos atletas estudados; e a eternidade - nos feitos que o esporte lhes permitiu, para que seus devidos nomes façam parte da história do esporte paralímpico. Culmina para mim uma

poesia, que chamo de “Axiologia do Instante”, instalada na epígrafe da tese. Tal poema expõe o que as narrativas submergiram sobre os instantes narrados.

Sendo assim, o objetivo desta tese é identificar e recontar, sob a ótica do imaginário, os “instantes significativos” de atletas que tiveram interrompida sua trajetória olímpica por alguma eventualidade (acidente ou doença degenerativa) e se recriaram como atletas paralímpicos. O elenco protagonista é: Susana Schnarndorf da natação; Rodolpho Riskalla do hipismo; Elizabeth Gomes, Tuany Barbosa e Gustavo Henrique Araújo do atletismo e Jairo Klug do remo. Todos sob a condição de terem ido em alguma edição dos Jogos Paralímpicos até a conclusão da tese.

2 METODOLOGIA

Narrativas Biográficas: Da Captura à revelação das imagens

O método utilizado nessa tese é o de Narrativas Biográficas entendidas como: “discursos individuais que oferecem uma compreensão do sujeito que narra, do mundo e das próprias experiências acumuladas na trajetória da existência” (RUBIO, 2014, p.115). Narrativas porque se estendem para além de marcos históricos ou sociais e adentram o campo da subjetividade, caracterizado por construções simbólicas que devem ser entendidas nesse contexto. São chamadas por Benjamin (2012) como forma artesã de comunicação. As narrativas partem do ato de narrar, que segundo Ricoeur (2007) é um ato discursivo que aponta para fora de si mesmo, em direção a uma reelaboração do campo prático de quem o recebe. Para ele a narrativa alcança sua significação plena quando se torna uma condição da existência temporal, (RICOEUR, 2009). Condição essa, muito bem lembrada por Roland Barthes que destaca a pluralidade funcional da narrativa:

“A narrativa está presente no mito, lenda, fábula, conto, novela, epopeia, histórias, tragédias, dramas, comédias, mímicas, pinturas (pensemos na Santa Úrsula de Carpaccio), vitrais de janelas, cinema, Histórias em Quadrinhos, notícias, conversação. Além disso, sob esta quase infinita diversidade de formas, a narrativa está presente em cada idade, em cada lugar, em cada sociedade; ela começa com a própria história da humanidade e nunca existiu, em nenhum lugar e em tempo nenhum, um povo sem narrativa”, (BARTHES 1993, p.251).

Ciente da onipresença das narrativas, Rubio em suas obras (2001, 2014, 2016) abriu um leque de perspectivas para usufruir do método. Ela afirma que narrativa é:

“A reexperimentação de situações passadas não apenas do ponto de vista do desenrolar dos fatos, mas pela ressignificação de episódios marcantes para o narrador, que se permite inverter ou subverter a narração obedecendo a uma cronologia própria a afetividade implicada no evento ocorrido, dando ao seu texto, um contexto”, (RUBIO 2014, p.112).

A autora diz que as diferenças temporais e geográficas marcam as narrações, porém a narrativa obedece a seu tempo próprio, vinculado ao afeto. “O exercício da narrativa envolve o esforço da busca de imagens e lembranças do passado de alguém que transforma essas informações em verbalização, ou escrita, promovendo, assim, a recriação ou transcrição de uma história”, (RUBIO, 2014, p.113). No mesmo sentido, Rosina (2018) ressalta que a narrativa expressa uma história única e singular, sua intensidade e o fluxo de lembranças é a expressão original do sujeito, que narra livremente os episódios que considera marcantes em sua trajetória. “A atenção se volta para o trabalho da memória do sujeito, em como a pessoa constrói e reconstrói suas lembranças” (ROSINA, 2018, p.41). O autor também reforça que na narração os aspectos sensíveis ou instintivos com a variação comum a quem conta, diz respeito aos ajustes do indivíduo na sociedade.

Já o termo “biográficas”, Rubio considera ser “os dados relevantes da trajetória do narrador dando uma ideia do que foi sua vida e do que ele mesmo é nesse momento” (RUBIO, 2014, p.112). Para ela, narrar a história pessoal, ou uma experiência vivida, representa um ato eminentemente humano. Como confirma Ricoeur (2007, p.125), “quem narra, torna-se leitor de si próprio”. Ou ainda Martuccelli (2007, p.25) escreve que, “pela subjetivação o indivíduo se converte em ator para fabricar-se como sujeito”.

Pela mesma via, Lima (2009) diz que ao colher uma narrativa é preciso lançar um olhar de identificação e projeção da própria condição humana do pesquisador nas pessoas pesquisadas. Tal olhar de identificação gera o que Bosi (2001, p.38) chama de compromisso afetivo, um trabalho ombro-a-ombro entre o sujeito e o pesquisador. “A pesquisa será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar da sua vida”. A autora afirma que a narrativa é sempre uma escavação original do indivíduo em tensão constante contra o tempo organizado pelo sistema.

Sendo assim, aos moldes da pesquisa guiada pela professora Dr.^a Katia Rubio, que durante 20 anos coletou histórias de vida de 1389 dos 1796 atletas olímpicos brasileiros até os Jogos de Londres, 2012, culminando no livro Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros; o método parte do convite: “Por favor, conte-me sua história de vida”, abrindo assim um processo dialógico entre o pesquisado e o pesquisador, que permite saber o que faz

peças chegarem ao limite de seus corpos e de sua emoção na busca de um movimento que pode eternizá-las (RUBIO, 2014; 2015; ROSINA, 2018; VELOSO, 2021; ALMEIDA, 2021). Na introdução da obra resultante dessa pesquisa, a autora enfatiza:

“Desde então, passadas quase duas décadas de buscas, é possível se ter cada vez mais tranquilidade para assumir que ouvir e contar histórias não é menos acadêmico, ou científico, do que qualquer outra forma de produzir conhecimento. O que muda é a forma de olhar para o mundo, para as pessoas e para o próprio texto que brota dos encontros com seres que nos tornam mais humanos”, (RUBIO, 2016, p.13).

Tal forma de olhar para o mundo segue princípios básicos do método, que são a escuta e o diálogo evitando elaborar conclusões. Leão (2016, p.27) diz que para isso é preciso se abrir para a percepção atenta, renunciando a qualquer opinião antecipada, preconceito ou juízo de valor. “Precisamos mergulhar na percepção atenta com uma postura que evita julgamentos afobados”. A fidelidade do método em descrever o que se ouve, sem conduzir, somente compreendendo a oralidade de cada atleta colaborador, valida que o que diz Merleau-Ponty (1999), que o real deve ser descrito, não construído ou constituído.

Ressalta-se assim a importância da seleção subjetiva daquilo que é recordado pelo narrador e que tem como referência o ambiente vivido e as próprias experiências vividas. À propósito, para diversos autores como (TOURAINÉ, 1996; GONZÁLES REY, 2005; CASTORIADIS, 2007; LIMA & FAZZI, 2018), a “subjetividade” tem sido compreendida como atividade sobre si mesmo, assunção de si perante o mundo, agência pessoal, a capacidade de reflexividade e pluralidade de fazer ser para si aquilo que não é, autorreferência, auto finalidade, auto interesse e pessoalidade, ipseidade.

Nas Narrativas Biográficas, ainda de acordo com Rubio (2014) e Benjamin (2012), a criação temporal é subjetiva e se desenvolve ao longo da vida do sujeito, levando consigo os registros armazenados na trajetória de sua história de vida. A ordem em que ele exterioriza os fatos não necessariamente segue uma cronologia. “As representações verbais da memória permitem a recriação

da história do sujeito, favorecendo a elaboração de construções identitárias” (BENJAMIN, 2012, p.114). Em outra obra, Benjamin (1987) diz que metade da arte narrativa está em evitar explicações, por isso o respeito ao conteúdo bruto das falas. O autor explica a diferença entre narrar e dar informação, entendendo que quase tudo o que acontece no presente está a serviço da informação, não da narrativa.

“A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que explicar-se nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”, (BENJAMIN, 1987, p. 204).

Isso deixa os pesquisadores abertos ao incógnito, tanto podendo receber multiplicidade de assuntos, como falas resumidas ou talvez o silêncio. Um caminho a ser percorrido sem saber certamente o que está à espreita no final. Como explica Rubio (2016, p. 43):

“Da porta de entrada, quando acionamos a câmera e convidamos a uma viagem por suas histórias de vida, até o centro do labirinto onde residem as mais profundas emoções de um passado de glórias ou frustrações, há um longo caminho a ser percorrido”.

Nesse intuito, a instrumentalização das Narrativas Biografias ocupou-se das teorias de histórias de vida, bastante utilizadas por Bosi (1994) e da história oral de Mehy e Holanda (2013, p.35) que “dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até das contradições naturais da fala. Isso talha a essência subjetiva da História Oral de vida”. Os autores também enfatizam que a história narrada é diferenciada pela independência dos suportes probatórios. “As incertezas, descartabilidades da referência exata, garantem às narrativas decorrentes da memória um corpo original e diversos dos documentos convencionais úteis à história” (MEHY e HOLANDA, 2013, p.34).

Seguindo os conselhos dos autores, durante o processo dos encontros com os atletas, foram realizados: a escuta dos atletas pelo processo dialógico; a

releitura de tudo o que foi registrado; a confrontação com as experiências de pessoas que os rodeiam e, por fim, a reunião de elementos disponíveis.

Os primeiros encontros foram presenciais, por mais que os meios tecnológicos facilitassem tais contatos, mas, a presença física, inegavelmente, enriquece o conteúdo, quando se trata de narrações. Nesse caso, recorri ao conselho de Medina (2016, p. 266) ao dizer que: “A distância objetiva (corporal), a exclusiva mediação da máquina na comunicação, a racionalização conceitual e a medição numérica do acontecer tolhem a comunhão poética dos cinco sentidos presentes”. Segundo a autora, as histórias humanas indicam pistas para desbravar a complexidade do tema sob vários ângulos da intercasualidade das forças que atuam sobre o problema em pauta.

Concordando com tal posição, Veloso (2021) ressalta que um equipamento de gravação, ou qualquer outro tipo de registro, obedece apenas a esfera da formalidade, pois, quando a teia do afeto é robusta, fornecerá gravidade suficiente para o que os fragmentos mais significativos da trajetória de vida estejam disponíveis, em órbita, ao espírito interessado.

“O instante do exercício de narrar a própria trajetória, momento em que o narrador pode resignificar, manipular, moldar, construir e desconstruir as próprias memórias, além da duração similar a bolhas de sabão flutuando no tempo cósmico, seguem o axioma material da impossibilidade de banhar-se nas mesmas águas de um rio”, (VELOSO, 2021, p.136).

Importante também é ressaltar que o processo das narrativas começa pela palavra. “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia em mim numa extremidade, na outra se apoia sobre meu interlocutor” (BAKHTIN, 1981, p.113). As palavras oralizadas, uma vez gravadas e transcritas, se tornam um documento semelhante a qualquer outro texto. Queiroz (1998) pontua que a história de vida, por sua vez, se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Neste contexto, é preciso entender que a questão subjetiva se mostra essencial ao se valer da história de vida como um documento.

Por fim, o método é bastante apropriado para as pesquisas qualitativas, que não dependem de quantificação de resultados. O domínio do trabalho

científico não tem por base as conexões objetivas entre as coisas, mas, as conexões conceituais entre os problemas. Nesse sentido, recordo Prigogine, ganhador do prêmio Nobel de Química, em 1977 pela teoria das estruturas dissipativas. O cientista afirma que devemos abandonar a ideia de onisciência porque há a ciência do incompleto (PRIGOGINE, 1991). Uma ciência daquilo que só conhecemos até certo ponto. Para ele, fazer pesquisa é como estar diante do oceano, sabendo que podemos explorar algumas camadas e podemos apresentar uma boa teoria sobre essas camadas mais flutuantes, mas, isso não significa que o universo esteja só relacionado a essas camadas.

Assim é trabalhar com a memória de um indivíduo, entender as camadas que ele proporciona na sua fala, mesmo que não faça mergulhos mais profundos. É nesse sentido que autores, como Le Goff (1990), por exemplo, apontam que a imprecisão levou alguns historiadores, principalmente os que trabalham com mentalidades e memórias, a buscar uma aproximação com outras ciências humanas como a demografia, a etnologia, a sociologia e a psicologia para o entendimento das atitudes individuais e coletivas. Ou ainda o que Morin (2000) vai chamar de incorporar à ciência parâmetros de sensibilidade, de cooperação, de complicação e complexidade; e Bachelard (1948) de devaneio, apoio fundamento para a tese.

A opção em trabalhar com este método reforça o caminho apontado por Bosi (2003), quando afirma que o que interessa quando trabalhamos com história de vida é a narrativa da vida de cada um, da maneira como ele a reconstrói e do modo como ele pretende que a sua vida seja assim narrada. Em outra obra a autora salienta:

“Quando o pesquisador entra em contato com o contexto histórico preciso onde viveram seus depoentes, cotejando e cruzando informações e lembranças de várias pessoas, mais vai se configurando a seus olhos a imagem do campo de significações já pré-formada nos depoimentos” (BOSI, 1994, p.56).

O protagonista desta pesquisa é o atleta, como fonte de coleta de histórias de transitoriedade entre o esporte olímpico e paralímpico. Sua narrativa é usada na construção da memória, uma vez que as experiências de vida devem ser

preservadas como referências para gerações futuras no esporte e mesmo no cotidiano da deficiência. Por esse lado, Rubio (2014) enfoca que ao se referir à própria trajetória, invariavelmente, os atletas trazem em suas narrativas a lembrança de pessoas e profissionais que influenciaram o desejo pelo esporte, pela busca de melhores condições de vida e de treinamento ou a convivência com outros atletas que também competiam naquele momento histórico e cujas carreiras se cruzaram, “apontando para a necessidade premente de contextualizar essas situações para promover o entendimento de episódios marcantes de suas vidas e de seus resultados” (RUBIO, 2014, p.109). Em outra obra a autora enfatiza:

“Relatos orais permitem ao pesquisador por meio do som e do tom da fala do entrevistado, da sutileza dos detalhes da narrativa e das várias facetas do fato social vivido, ter acesso aos conteúdos de uma vida que pode ser tomada como individual, mas que carrega consigo os elementos do momento histórico e das instituições com as quais manteve relação”, (RUBIO, 2006, p.21).

Entende-se, então, que nossos sentidos básicos se estabelecem numa constante comunicação com o exterior quando buscamos os signos interiores – o que é significado e significante - de quem dialogamos. Iniciamos, então, a busca singela destes signos.

2.1 Da captura...

2.1.1 O encontro com os atletas

Partindo do pressuposto que trabalhar com narrativas é como fotografar com uma máquina analógica - daquelas usadas pelos fotógrafos “lambe-lambe” posicionados com seus tripés na praça pública, em frente ao local escolhido pela pessoa a ser fotografada -, entende-se que para capturar a narrativa é preciso, inicialmente, se colocar no lugar de fala, no cenário que nos é disposto dentro do repertório memorial de cada um. Logicamente um fotógrafo tem em mente o seu conteúdo pitoresco considerando a forma, o sentimento e tudo o que poderá

agitar a alma humana de quem irá ver o seu retrato. Mas, diante do método de Narrativas Biográficas, ao defrontar com a memória viva do narrador, despir-se de esperanças é o melhor caminho. Esperanças é claro, no sentido de esperar que o narrador fale o que se gostaria de ouvir. Nesse sentido, a essência desse método é pôr a realidade diante dos olhos, por isso a comparação com a arte de tirar retratos. Tanto as narrativas como as fotografias têm algo em comum: direcionar nosso olhar de volta à cena vivida. Então, iniciamos pela busca dos protagonistas e seus lugares de fala.

Até chegar aos Jogos Paralímpicos do Rio 2016, dentro do recorte que eu me propus a buscar, eu só conhecia a nadadora Susana Schnarndorf, que foi triatleta no esporte olímpico (chamado por alguns, de esporte convencional, que tem a mesma regra para todos) e representou o Brasil nos Jogos Pan-Americanos de 1995 em Mar Del Plata na Argentina. Em plena ascensão de carreira, tendo completado 13 Ironman foi acometida por uma doença degenerativa chamada Atrofia Múltipla do Sistema - SMA, que lhe tirou parte dos movimentos. Perder os movimentos é um verdadeiro ponto preto colocado na linha do tempo de uma atleta profissional.

O encontro com Susana ocorreu nos Jogos de Londres, em 2012, onde nos conhecemos em meio a uma sessão de entrevistas na beira da piscina, dias antes da competição. Eu a entrevistei para o quadro Grandes Histórias do site Guia do Deficiente e ela pôde destacar a natação como um verdadeiro remédio para sua vida. Trocamos contatos, mas, não nos procuramos mais. Certo domingo em 2014, nos reencontramos durante um triatlo em Santos e ela me convidou para assessorá-la e escrever sua biografia. Aceitei o desafio. Passei a acompanhar Susana desde então. Foram dois anos de trabalho acompanhando a trajetória da atleta, registrando os cenários tão frequentado por ela, resgatando o passado e construindo a memória da atleta, até os Jogos Rio, 2016 em que ela conquistou uma medalha de prata no revezamento 4x50m misto. Naquele momento os 18 mil lugares do Complexo Aquático Olímpico estavam tomados para acompanhar a Seleção Brasileira composta por Clodoaldo Silva, Joana Maria, Susana Schnarndorf e Daniel Dias. Quatro nadadores preparadíssimos para o favoritismo da noite. Na plateia Susana contava com a presença da filha e da mãe, e por isso sua motivação maior de chegar ao pódio. Um por um foi chamado para entrar no “palco” aquático sendo ovacionados pela torcida.

Porém, um atraso na largada fazia os batimentos cardíacos aumentarem e um silêncio duvidoso rodear a plateia. Tinha um objeto na piscina, que precisava ser resgatado antes da largada. Parecia ser uma touca preta, mas estava no fundo e isso custou mais alguns minutos de ansiedade. Finalmente, a grande hora chegou. Susana foi a terceira a cair na água e só pensava em dar o seu melhor, levando nas costas a responsabilidade de não deixar o ritmo da prova diminuir. Fez bonito entregando a raia para Daniel Dias, que em seu máximo esforço e por muito pouco não alcançou o chinês. A medalha de prata então brilhou no peito dos brasileiros. Antes de ir ao abraço da torcida, Susana passou pela zona mista, onde estava a imprensa e foi indagada por um repórter japonês: - “Susana, Tóquio 2020?”. - “Sim Tóquio 2020”, respondeu.

Até esse momento eu já tinha toda história de vida da atleta registrada, mas eu ainda não tinha oficialmente começado a pesquisa para aplicar a metodologia. No entanto, assim que comecei, o material colhido rendeu um livro. Separei do seu discurso os instantes significativos propostos pela pesquisa e me inspirei no texto para pôr no porta-retrato: “A nadadora de uma morte anunciada” Isso por ter tido tantos diagnósticos anunciando sua breve morte e, no entanto, continuou a nadar. A narrativa de Susana também foi retratada com o texto: Pelo tempo e contra o tempo: o paradoxo das atletas paralímpicas com doenças degenerativas publicado na Revista Movimento (Vide Anexo 1).

Ainda no cenário dos Jogos Rio 2016, comecei a buscar outros atletas nas mesmas condições de Susana. Assessores do Comitê Paralímpico Brasileiro mencionaram alguns do vôlei sentado, que foram da seleção olímpica de quadra ou de areia e por problemas nos joelhos tornaram-se paralímpicos. Não era necessariamente esse meu intuito porque tais atletas com patologias no joelho, não vivem a deficiência em si, somente algumas dificuldades para determinados movimentos como saltos, por exemplo. Porém, eu estava anotando as dicas, quando ouvi alguém dizer:

- “Ah, tem o Rodolpho Riskalla do hipismo, não sei se ele caiu do cavalo ou teve alguma doença, mas ele era Olímpico”.

Abri o computador do Mídia Center e li rapidamente sobre o atleta. Notei que ele competiria na manhã seguinte no Complexo Esportivo de Deodoro. Programei minha agenda para ir ao encontro da história. O local era fantástico, tinha torcida organizada com faixas para Rodolpho. Como eu já tinha assistido

provas de hipismo paralímpico em Londres, subi as arquibancadas, preocupada se o público brasileiro iria ficar em silêncio absoluto para o bom desempenho dos cavalos. Ao mesmo tempo, estava ansiosa para assistir às provas. O conjunto brasileiro Rodolpho e o cavalo Warrene entrou na arena para a prova de adestramento às 11h10, debaixo de um sol escaldante, que fazia naquele domingo. Foram embalados pela música instrumental de Jorge Bem Jor: "*Mas que nada, sai da minha frente que quero passar*". Fiquei perplexa com tanta comunhão da equipe cavalo/atleta e até então, eu admirei a música pela sua brasilidade, mas não tinha entendido o quanto a canção traduzia a vontade do cavaleiro em prosseguir com sua meta de representar o país numa arena olímpica. Sobretudo de dizer a si próprio que naquele instante era um vitorioso, pelo simples fato de estar ali. Eles fizeram uma apresentação perfeita, aos meus olhos, sendo leiga no assunto. Da tribuna de imprensa, local separado para a mídia, não percebi a deficiência do cavaleiro. Assim que terminou e levou o cavalo na baia, Rodolpho foi para zona mista onde o esperávamos para entrevistas. Ali sim pudemos observar suas próteses. Rodolpho atendeu aos repórteres estrangeiros primeiro e depois veio até nós, que estávamos debaixo de um guarda-sol. Não precisou de muitas palavras para deixar os jornalistas de "queixo caído", com sua trajetória. Para ele, sua participação e a 10ª colocação foi incontestavelmente uma vitória, mesmo sem medalhas. Em 2015, o atleta estava em busca de uma vaga Olímpica, quando foi acometido de uma meningite bacteriana. Teve as pernas e as mãos amputadas. Adestrou o próprio tempo e conseguiu uma vaga, então, na modalidade paralímpica. Desliguei o gravador e pensei: "É isso!". Não tive dúvidas que este seria mais um atleta para minha pesquisa. Voltei para a sala de mídia para pegar minhas coisas e qual foi minha surpresa, quando saí, encontrei Rodolpho com a mãe e a irmã debaixo de uma árvore. Este foi meu instante abençoado. O cavaleiro já estava mais tranquilo após a prova. Não pude perder a oportunidade de me apresentar e perguntar se ele concordaria em colaborar com minha pesquisa. Ele, gentilmente concordou e ainda aceitou ao convite para contar sua história no seminário sobre: Educação Física adaptada e os Jogos Paralímpicos, que realizaríamos na Escola de Educação Física e Esporte da USP. Liguei para a professora Katia Rubio na mesma hora, tal era a minha alegria. A revelação desta imagem é intitulada: "Ah o cavalo", que trata de uma narrativa de sentimentos imaginários do próprio

cavalo que compõe o conjunto com Rodolpho. Ainda pudemos produzir, “O mito decisivo de Rodolpho Riskalla”, (vide Anexo 2), onde fiz o uso da mitologia grega para o ornamento do retrato.

Estando ali nos Jogos ouvi falar de um terceiro atleta, que se encaixaria no meu recorte, mas na ocasião, não consegui encontrá-lo. O velocista de baixa visão chamado Gustavo Henrique Araújo. Quando enxergava foi campeão brasileiro de 100 e 200 metros rasos juvenil e medalhista do Troféu Brasil. Estava em plena performance olímpica, inclusive atuou como guia para cegos nas mesmas provas, até que as raias começaram a sumir de sua frente e em várias provas foi desclassificado. Só então, se deu conta que estava perdendo a visão. A oportunidade de estar com o atleta se deu na cobertura do Open Internacional de atletismo no Centro de Treinamento Paralímpico, em abril de 2017. Eu vi pelo *start list* (lista de chamada) que ele estaria competindo na prova de 200 metros, às 15h40 daquela tarde de 22 de abril. Estava chovendo muito e fiquei de plantão o esperando. Mas, ele não correu. Perguntei aos atletas da série e me disseram que ele realmente não se apresentou para a prova. Tive uma sensação de frustração e comentei até com as voluntárias do portão de entrada. Aliás, comecei a perguntar dele para todo mundo que eu encontrava e ninguém o tinha visto. Já no fim das provas daquela tarde voltei para a sala de imprensa e não demorou muito, a voluntária lá do portão da pista veio me chamar dizendo que o atleta estava lá debaixo do guarda-chuva delas me esperando. Nos conhecemos e marcamos de conversar em junho, durante a próxima etapa do Circuito Loterias Caixa em São Paulo. No dia marcado, nos encontramos na pista e fomos a um lugar isolado do barulho, onde ele se sentiu à vontade para contar sua história. Percebi que, ao contrário dos outros dois atletas colaboradores, que Gustavo ainda estava recriando seu instante como atleta paralímpico. Estava em processo de aceitação da doença e os seus próprios resultados refletiam isso. Portanto, sua foto narrada foi revelada em forma de poesia que chamei de: “Antes que a luz se apague”.

A quarta atleta é a arremessadora de peso Elizabeth Gomes, que foi acometida de uma Esclerose Múltipla aos 28 anos quando estava em plena forma como jogadora de voleibol, representando a Guarda Municipal de Santos e região. Conheci a Beth a primeira vez durante uma rápida entrevista de imprensa após ela vencer uma das provas de arremesso durante uma etapa do

Circuito de Atletismo em 2015. Mas, na época não imaginava que ela poderia fazer parte desta pesquisa. Falou-me sobre sua deficiência, que era em decorrência da Esclerose Múltipla, contei que acompanhava uma outra atleta com doença degenerativa. Por coincidência Elizabeth mora na mesma cidade que eu e, portanto, tivemos várias oportunidades de encontro para os diálogos. Ela teve progresso na sua doença, mas por manter-se firme nos treinos seus resultados têm colocando-a em uma posição de destaque na modalidade. Atualmente é dona de três recordes mundiais na classe F52. Sua história tem muito a nos dizer e será cuidadosamente narrada no decorrer desta. O instante escolhido para o porta-retrato será expresso em analogia com a saga de Ulisses, Road to Ítaca: Uma viagem rumo a Tóquio.

Em 2018, ao cursar a disciplina de metodologia da professora Katia Rubio, apresentei meu projeto à turma e no final da aula fui procurada por um dos alunos, que coincidentemente era técnico da seleção brasileira de remo paralímpico. Ele me passou o contato de quem seria o meu quinto narrador, o remador Jairo Klug. Marcamos o encontro na raia da USP, num dia perfeito para ressaltar ainda mais a paisagem que faz fronteira com a movimentadíssima Marginal Pinheiros. A Raia Olímpica é um conjunto esportivo destinado à prática do remo e da canoagem numa extensão de 2.200m por 100m de largura.

Fui recebida pelo atleta, muito sorridente, que fez questão de encontrar o melhor lugar para contar sua história, sem que tirasse os olhos da água. Era seu ponto de apoio nas lembranças, na timidez e na liberdade de falar. Contou-me tudo o que lembrava, mas alguns detalhes do acidente, daquele instante de ruptura foram apagados da sua memória, o que também é respeitado nessa pesquisa em silêncio. Depois prosseguiu contando a reinvenção do tempo como atleta paralímpico. Sua narrativa foi revelada no conto: “Jairo Klug: O remador do tempo reinventado”, onde a literatura foi usada como pixel desta imagem.

Era 18 de Junho de 2021, seletivas de atletismo para Tóquio 2020. Nada de imprensa ou plateia para acompanhar a competição, ficamos então aguardando pelas redes sociais e posts de amigos para saber se Tuany Barbosa ex-campeã brasileira de judô e agora campeã brasileira de arremesso de peso iria compor essa tese. Até que saiu o resultado e ela conseguiu arremessar 10.40m fazendo o índice “A” nas seletivas. Eu já a tinha conhecido e conversado por horas para uma exposição em que estava assessorando e que ela faria parte,

mas até esse momento ainda não fazia parte do meu recorte. Em 2014 na final do Campeonato Brasileiro realizado em São José dos Campos, Tuany sofreu um golpe que a tirou do páreo de vez dos tatames. Lesionou a perna esquerda rompendo todos os tendões e ligamentos. Optou em não amputar, mas como seqüela, ficou com a perna inutilizada. Nosso encontro se deu via Skype, para a gravação da conversa, que me fez entender e ressaltar no porta-retrato, os “Trinta segundos” finais de sua última luta no judô.

2.1.2 Matéria-prima da película: “a alma do atleta”

Ter a “alma do atleta” é a mola propulsora do método, incentivada frequentemente pela professora Katia Rubio quando um pesquisador sai para encontrar seu protagonista de estudo: “*Não volte com nada menos que a alma do atleta*”. O que ela está propondo é que ao encontrá-los, precisamos nos esvaziar de teorias, de pré-conceitos e até mesmo de expectativas para ouvirmos muito além das palavras. Para ouvirmos os sentimentos, as expressões, os silêncios, os sorrisos e os choros. No artigo intitulado: *Between solar and lunar hero: a cartographic study of Brazilian Olympic athletes in the social imaginary* a autora ressalta: “Nossa intenção é capturar suas almas no momento da criação do fluxo biográfico narrativo que recria e ressignifica sua própria história através dos elementos de alta reverberação pessoal proveniente do substrato memorial” (RUBIO, VELOSO e LEÃO, 2018, p.147). Reforçando esse sentido, Veloso (2021, p. 41) explica que as Narrativas Biográficas, mantém o corpus estruturante das histórias de vida na estética conferida pela oralidade e simultaneamente avançam sobre estas instâncias ao imprimir à alma do narrador a forma do instante dos movimentos autobiográficos de significação. Ou seja, “é a tentativa de apreensão desta alma no exato instante de criação do roteiro autobiográfico”.

Recorro a Cassirer (2011) quando se refere ao “*télos*” do espírito humano:

“Se conseguirmos nos libertar das interpretações, se conseguirmos sobretudo remover o véu das palavras, que esconde de nós a essência verdadeira das coisas, então estaremos finalmente frente a frente com as percepções originais que contêm as últimas certezas do conhecimento”, (CASSIRER, 2011, p.12).

Uma esfera em que, segundo o filósofo, não há lugar para a oposição entre verdade e engano, entre realidade e ilusão, pois a simples existência das impressões sensoriais permanece livre de toda possibilidade de engano. Quando estamos diante dos atletas perguntas podem limitar as percepções, podem prender palavras, sufocá-las ou ignorá-las; portanto as evitamos. No momento oportuno, reforçamos algumas falas já proferidas como estímulos de continuidade do assunto. Prática difícil diante de padrões de pesquisas estimulados por coleta de dados, questionários, estatísticas e comparações, que vão obter respostas prontas. O método nos deixa claro que a experiência vivida também é ciência, sendo possível por meio de uma necessária combinação de percepções. “O mundo da intuição e da percepção sensorial é o germe a partir do qual a estrutura teórica da ciência deve se desenvolver” (CASSIRER, 2011, p.30). Para o autor, essa visão é fundamental para vir à tona um mundo submerso e obscuro de problemas formais que não são menos importantes do que aqueles suscitados pela estrutura do conhecimento científico. Ele afirma que quando vislumbramos a totalidade, focamos nosso olhar dentro daquela dinâmica imanente do espírito humano, que vai além, de todas as fronteiras fixas que costumamos colocar entre suas faculdades individuais.

“Não podemos e não devemos deixar que a teoria fique restrita ao conhecimento científico do mundo, muito menos a um único ponto culminante dele, caracterizado pela lógica, mas temos de procurá-la em toda parte em que alguma forma haja um modo específico de formação, de elevação a uma determinada unidade de sentido”, (CASSIRER, 2011, p.34).

No mesmo sentido, Von Goethe (1982) no prefácio de sua obra Teoria das Cores diz que todo olhar logo se converte em contemplação; toda contemplação em especulação e toda especulação em combinação, de forma que já em todo olhar atento estamos teorizando o mundo. Ainda sobre isso, Lima (2009) ressalta que talvez nunca o homem tenha podido combinar tantos recursos de entendimento do real. Talvez jamais tenha tido o privilégio de mesclar em tão refinado grau a visão racional e a percepção intuitiva. “Então, este mergulho no mar empolgante da história em movimento exige humildade, queda de preconceitos, e espírito aberto para admitir a relatividade de tudo”, (LIMA, 2009 p.330).

Ao buscar o que diz Bachelard sobre a alma, encontramos em sua obra “A poética do devaneio”, escrita a primeira vez em 1960, seu parecer de que sob nenhuma circunstância, a alma pode se desligar do tempo; ela é sempre, como todas as pessoas felizes do mundo, possuída pelo que ela possui. Ou ainda “nossa alma é uma habitação, um lugar de permanência”.

“Através da imagem, a alma vem inaugurar a forma, habitá-la. Trata-se de meditar sobre uma dimensão do humano anterior àquela que é acessível pela linguagem lógica, porque a metáfora abre uma via de acesso à uma ontologia primordial, que faz surgir a linguagem como poesia, fenômeno de liberdade, experiência de um significado profundo e de uma alegria oferecidos pela palavra”, (BACHELARD, 1988, p 15).

Isso posto, entende-se a importância de estarmos desnudos enquanto observadores para absorver cada manifestação com o olhar atento, providos apenas de contemplações e percepções. E assim é possível levar na bagagem de volta, a alma do atleta. Do mesmo modo para entender os valores dos instantes (das imagens capturadas) separei o que a ciências diz sobre o “instante”, para devanear sobre o tema.

2.1.3 Instantes fotografados e o ajuste no foco

No sentido figurado, após estar de frente com o motivo principal da composição pitoresca, que é o atleta, foi preciso ajustar o foco e, digamos, a abertura do obturador para a entrada de luz no sensor da câmera. Principalmente para capturar a espontaneidade de uma cena e não perder o momento ideal do clique. No caso, o foco era os instantes significativos na trajetória do atleta que gostaríamos de capturar. Como falamos na introdução do método, o diálogo entre atleta e pesquisador não tem perguntas diretivas e sim estímulos de assuntos partindo do convite: “Conte-me sua história de vida”. E, quando há pausas somente reforçamos o que o próprio pesquisado mencionou, repetindo a fala e dizendo “gostaria de falar mais sobre isso?”. É nesse ponto que, voltando à ilustração, sabemos se a velocidade do obturador será rápida ou lenta. O fato é que os instantes significativos puderam ser capturados em diversos momentos da fala, mas o filtro de interesse da pesquisa estava voltado à “descontinuidade”

e à “reinvenção do tempo” propostos por Bachelard (2010), que aqui na tese destaco em quatro instantes:

A) Da iniciação esportiva à carreira Olímpica

Este instante é o ponto comum entre os atletas. As falas sobre a infância e toda trajetória de como o esporte chegou para cada um deles foram, sem dúvidas, o clique disparador e o primeiro ponto marcado na reta branca. Normalmente fatos lembrados afetivamente pela experimentação das modalidades, pelo saudosismo dos primeiros técnicos e influenciadores; bem como pelas dificuldades e incentivos das famílias. Foi notável o brilho nos olhares numa fase composta de sonhos e metas. Ferreira Júnior (2014, p.52) destaca que “o momento da narrativa é um momento em que o atleta tem um reencontro com o passado, recuperando parte de sua subjetividade e identidade”.

Porém essa fase é composta, em sua maioria, do que Halbwachs chama de memória coletiva. Ele atrela as lembranças a fatos sociais:

“A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”, (HALBWACHS, 1990, p.48).

Isso porque, segundo o filósofo, algumas impressões se apagam e outras se sobressaem, segundo o ponto de vista de onde a encaramos, isto é, segundo as condições novas onde ela se encontra quando nos voltamos para ela.

B) A ruptura da carreira olímpica

Eis o instante que justifica a tese entre a trajetória olímpica e paralímpica dos narradores, que até então vinham numa linha comum. Um instante que relativiza a menor fração de segundos ao maior enigma de absorção dos fatos vividos. É a prova que a vida lhes trouxe. Entende-se que o marco de separação

artificial da passagem destes dois polos passado e futuro é o trauma, a queda, a catábese, segundo a mitologia. Seligmann-Silva (2008) afirma que o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa. Tecnicamente, o trauma é causado por um acontecimento estressante, que está fora da amplitude da experiência humana usual e que seria marcadamente perturbador para quase qualquer pessoa (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 1993). Levine e Frederick (1999) afirmam que o trauma não só pode ser tratado, mas com orientação e apoio apropriados pode até ser transformador. “O trauma é um fato da vida, contudo, ele não precisa ser uma condenação perpétua”, (LEVINE & FREFEDRICK, 1999, p.14). Os autores ressaltam que “felizmente como seres instintivos, com capacidade de sentir, responder e refletir; possuímos o potencial inato para curar até mesmo os ferimentos traumáticos mais debilitantes” (p.30). Da mesma forma destaca-se o conceito seguinte:

“A despeito da natureza e severidade do trauma, o mais proeminente preditor de ajuste positivo futuro e resiliência é uma percepção saudável de autoeficácia, baseada no conhecimento da capacidade própria de enfrentar e superar dificuldades”, (REGEHR e HEMSWORTH, 2001, p.46).

Tal percepção saudável citada pelos autores, certamente é considerada nas falas dos atletas, uma vez que, como atletas de alto rendimento, seus estilos de ser os fazem competir com a própria vida e com as eventualidades que ela possa apresentar.

C) O enfrentamento e a reinvenção da carreira de atleta

Apesar da queda ser o grande marco, para esses atletas, ela não foi o fim e sim o começo de um novo instante, a recriação da carreira deles como atletas paralímpicos. Aqui o eixo se separa. Um instante inexorável que cada um levou para se recriar como atleta paralímpico. As narrativas apontam, sem dúvidas, que o esporte foi a maior das estratégias utilizadas nesse processo. Podemos então, entender sob a ótica da psicologia, o chamado *Coping*, literalmente traduzido do inglês como enfrentamento:

“O enfrentamento não deve ser equiparado ao domínio sobre o meio, muitas fontes de estresse não podem ser dominadas. O *coping* efetivo nessas condições é o que permite que as pessoas tolerem, minimizem, aceitem ou ignorem o que não pode ser dominado”, (LAZARUS e FOLKMAN, 1984, p.140).

De acordo com os autores, o enfrentamento é uma constante mudança de esforços cognitivos e comportamentais para gerenciar demandas específicas externas e/ou internas que são avaliadas como tributar ou exceder os recursos de pessoa. “Um processo de mudança em que uma pessoa deve, em determinados momentos, confiar mais pesadamente em uma forma de lidar; às vezes em estratégias defensivas e outras vezes em estratégias de resolução de problemas, à medida que o status da relação pessoa-ambiente muda”. (LAZARUS e FOLKMAN, 1984, p.142). Há outros estudiosos como Losoya, Eisenberg e Fabes (1988) que reconhecem que o processo de enfrentamento pode envolver procedimentos direcionados ao gerenciamento do estressor e /ou do “eu mesmo” em relação ao estressor

Entendendo então que a deficiência é uma fonte de estresse, que não pode ser dominada, os atletas minimizam o estressor usando o esporte como seu maior aliado. E, o primeiro passo que fizeram foi entender sua nova condição de vida. É o que explica Haan (1977) ao afirmar que o principal critério para se definir processos de *coping* é a adesão à realidade. Se uma pessoa distorce a realidade “intersubjetiva”, ela não está lidando com o *coping*. “A acuracidade da pessoa é a marca registrada do enfrentamento, independentemente de ela ter ou não sucesso na situação” (apud LAZARUS e FOLKMAN, 1984, p.120).

Vê-se aqui a importância do apoio da família e dos amigos. Lazarus e Folkman (1984) apontam o apoio social como um recurso disponível no ambiente social, que a pessoa deve usar e cultivar. Seria um amortecedor para o estresse. Thoits (1986) sugere que esse apoio seja visto como uma forma de assistência de coping ou estratégia de apoio, pois falar de um processo de coping significa falar de mudanças nos pensamentos e atos. No esporte Rubio (1999) aponta que a família exerce um papel de grande expectativa pela “performance” do filho. Assim como Kuroda et al, (2000, p.130) acrescentam:

“A família pode ser considerada um dos principais responsáveis pela iniciação da criança na prática esportiva, porém, ela pode servir tanto como elemento facilitador quanto complicador para a permanência nessa prática”.

No caso dos atletas estudados, as famílias foram verdadeiras coadjuvantes na continuidade da carreira de atletas. O apoio familiar foi bem referenciado por eles nas falas e se fossemos compreender imagetivamente, funcionando como uma mola propulsora instalada bem no fundo da queda, para evitar a destruição total.

D) Classificação funcional: Um instante pragmático

A presença genuína de uma deficiência somada ao uso do esporte na reabilitação, mais a vontade de ser atleta, não são suficientes para fazer de um atleta com deficiência, um atleta paralímpico. É preciso enfrentar um processo de classificação funcional para atestar que sua deficiência é relevante no desempenho esportivo. Conforme o Guia Explanatório da Classificação Paralímpica (2015) tal processo o qualifica para pertencer a uma determinada classe conforme suas limitações motoras, visuais ou intelectuais podendo assim, competir em condições de igualdade, (Vide Anexo 2). Isso significa que ele é elegível. Por classificação funcional entende-se que é a estrutura de competição usada no esporte paralímpico para criar um campo de jogo nivelado. Isso garante, que ganha o melhor atleta (mais habilidoso, apto e tático) e não o atleta com o menor nível de comprometimento.

“A classificação determina quem é elegível para competir em um Para desporto e agrupa os atletas em classes esportivas de acordo com sua limitação de atividade em um determinado esporte” (IPC - EXPLANATORY GUIDE 2015, p.2).

O Movimento Paralímpico adotou as definições para 10 tipos de deficiências elegíveis como rege a Organização Mundial de Saúde, através da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde - CIFIS (OMS, 2003). São elas: deficiência visual, deficiência de força muscular, amplitude de movimento, amputados, baixa estatura, com diferença de

comprimento nos membros inferiores e/ou superiores, hipertonia (músculos rígidos), ataxia (movimentos instáveis); atetose (movimentos descontrolados) e deficiências intelectuais.

Porém, desde a década de 50, após uma grande adesão ao *Stoke Mandeville Games*, já se levantaram questões sobre a igualdade de oportunidades para competir, na época, com os atletas com lesões superiores e inferiores da medula espinhal. Acharam mais justos dividir os atletas em classes para garantir oportunidades iguais de competição para atletas com lesões medulares mais altas e mais baixas. Era o início do desenvolvimento de sistemas médicos de classificação. Aulas de esportes no hospital de reabilitação eram separadas para pessoas com lesões medulares, amputação e outras neurológicas. E ainda, aqueles com ou sem condições ortopédicas⁶. O principal fator que determina a classe esportiva em um sistema de classificação funcional é a medida com que o comprometimento físico ou intelectual de um atleta afeta o desempenho do esporte. Como resultado, os atletas com paralisia dos membros inferiores, devido à lesão da medula espinhal, poderiam competir juntamente com os amputados do joelho em corridas de cadeiras de rodas. Apesar de ambos os atletas terem deficiências muito diferentes, o seu prejuízo igualmente impacta a sua capacidade de impulsionar a sua cadeira de rodas.

Até a década de 1980, as classificações eram baseadas somente em atestações médicas, o que geravam inúmeras classes, pois os laudos apontavam diversas diferenças de comprometimentos. Com o intuito de minimizar o número de classes, os Comitês Organizadores dos Jogos instituíram então, o método funcional de avaliação, sistema utilizado até hoje, em que o classificador também pode ser um fisioterapeuta ou um educador físico, desde que tenha as qualificações do Comitê Paralímpico Internacional – IPC para avaliar o atleta. A exceção é o sistema de classificação utilizado para atletas com deficiência visual, que ainda permanece com base em atestado médico.⁷ Os sistemas de classificação diferem por desporto e são desenvolvidos pela Federação Internacional (IF), que rege o esporte. A IF, que decide os tipos de deficiências elegíveis e qual esporte irá atender. “Para que um atleta seja

⁶História da Classificação – Disponível em: <https://www.paralympic.org/classification/history>
Acesso em 01/12/2016

⁷Op.Cit - Acesso em 05/04/2016

elegível a deficiência deve ser suficientemente severa afetando seu desempenho esportivo. Isso é chamado de Critério de Imparidade Mínima” (IPC - Explanatory Guide 2015, p.3). Portanto, se um atleta não atender ao Critério de Imparidade Mínima, não se questiona a presença de uma deficiência genuína para ele competir. Alguns esportes paralímpicos são projetados somente para atletas com um tipo de deficiência elegível. O Goalball, por exemplo, é somente para atletas com deficiência visual e a classificação desta modalidade se restringe a atestados médicos. Outros esportes como atletismo e natação são abertos aos atletas com qualquer uma das 10 deficiências elegíveis já citadas.

Os status da elegibilidade podem ser: "*Confirmed*", classe fixa, no caso em que as deficiências são imutáveis, por exemplo, os amputados e os de má formação congênita; e o status "*Review*", que são os atletas com doenças degenerativas e progressivas; menores de idade ou iniciantes. Estes, passarão periodicamente por uma reclassificação. As deficiências se dividem em: Congênitas – ao nascer com a deficiência ou acometimento em uma fase inicial do desenvolvimento; ou adquiridas - quando a deficiência por trauma, doença, desenvolvimento inadequado ou infecção aparece durante o transcorrer da vida pós-natal.

2.2 ... à revelação

2.2.1 O processo de dar luz e cor ao conteúdo pitoresco das narrativas

Ao reunir tais histórias, digo películas e mergulhá-las na química de revelação foi possível observar três pontos fundamentais que caracterizam a metodologia usada. Primeiro que o método parte da experiência provada por cada atleta. Não é uma questão só de expressar sentimentos vividos, mas de testificar a própria história, acendendo o flash para iluminar-se a si mesmo. Segundo: eles têm um reencontro com a própria trajetória ao resgatarem a memória dos instantes significativos, muitas vezes tocam em assuntos já empoeirados pelo tempo ou até nunca revelados antes; e terceiro: a voluntariedade de externar verbalmente suas experiências.

Tais pontos facilitaram o entendimento, como se aparecesse os primeiros vultos das imagens no papel. Porém, ainda se faz necessário a compreensão propriamente dita, demandando a química da “hermenêutica simbólica” (BRUZZONE, 2012; VELOSO E RUBIO, 2016; VELOSO, 2021). Tema tão caro à Paul Ricoeur em sua obra “*Le conflit des interprétations*”, originalmente publicada em 1969, que privilegiava a compreensão e a interpretação dos signos, permitindo a cada sujeito reconstruir sua própria existência em torno de dimensões simbólicas. Ao analisar a obra de Ricoeur, Wunenburger (2007, p.23) ressalta que: “a hermenêutica valoriza, pois, um tipo de representação que escapa à imediaticidade e à transparência e exige um engajamento ativo do sujeito na exploração dos planos mediatos”. Paul Ricoeur se rendeu à hermenêutica quando se encontrou descontente em pertencer ao mundo histórico, entendido sob a forma de transmissão de tradições. Viu a necessidade de atribuir-lhes um significado (RICOEUR, 1990). Para ele, a historiografia procedia de uma redução da experiência viva da memória e da especulação da ordem do tempo. Pereira (2011) diz que em outra obra, Ricoeur esboça um pensamento alternativo, e conciliatório, para a principal questão teórica que circundou a história, após o esfriamento do debate estruturalista em meados da década de 1970:

“O postulado subjacente a esse reconhecimento da função de re-figuração da obra poética em geral é o de uma hermenêutica que visa menos restituir a intenção do autor por trás do texto, que explicitar o movimento pelo qual um texto exhibe um mundo, de algum modo, perante si mesmo”, (RICOEUR, 1990, p.123).

Sobre isso, Dosse (1999, p. 75) explica que Ricoeur mantém a tensão interna à escrita histórica, que com a ficção tem em comum, as mesmas figuras retóricas, mas que também pretende ser “sobretudo um discurso sobre a verdade, um discurso de representação de algo real, de um referente passado”. O autor ressalta que para Ricoeur o tempo presente encontra-se em posição de proeminência, já que “inscrito no tempo como descontinuidade, o presente é trabalhado por aquele que deve historicizá-lo com um esforço de apreensão de sua presença como ausência” (DOSSE, 1999, p. 92). Nesse sentido, a memória

se configura, para Ricoeur, como a possibilidade de representar, no presente, algo que está ausente, mas que um dia ocorreu:

“A construção dessa hermenêutica no tempo histórico oferece um horizonte não mais tecido apenas pela finalidade científica, mas estendido para um fazer humano, um diálogo por ser instituído entre as gerações, um agir sobre o presente. É nessa perspectiva que convém reabrir o passado, visitar suas potencialidades”, (DOSSE, 1999, p. 86).

Pela hermenêutica, um relato ou uma imagem poética podem transcender seu conteúdo literal em virtude de serem compostos de uma pluralidade repleta de significações. Essa prática de interpretação compreensiva, segundo Wunenburger (2007) foi aplicada em primeiro lugar aos textos “mítico-religiosos” da Antiguidade originando dois tratamentos distintos - a hermenêutica redutora e a hermenêutica amplificante:

“A orientação ‘redutora’, trata-se antes de tudo de demitologizar relatos imaginários – as mitologias gregas, por exemplo, recuperando um sentido literal sob múltiplos sentidos segundos, figurados, que são tomados como várias alegorizações de um conteúdo objetivável em termos empíricos. [...] No caso da hermenêutica ‘amplificante’, importa em contrapartida reconstituir, mediante o ato de leitura, os sentidos desnivelados e ocultos de um texto, sua multiplicidade e sua riqueza, para atualizá-lo em diferentes campos e momentos da experiência humana”, (WUNENBURGUER, 2007, p. 32).

Nesse sentido, a tese dará vazão à multiplicidade dos campos e das experiências humanas, que perpassa a profundidade da história; de datas e da biografia, uma vez que localiza o espaço na intimidade do narrador. Como explica Bachelard:

“Mais profundo que a biografia, a hermenêutica deve determinar os centros de domínio desembaraçando a história de seu tecido temporal conjuntivo que não atua sobre nosso destino” (BACHELARD, 2008, p. 29).

Entende-se que a hermenêutica traz os primeiros tons reveladores das narrativas abrindo caminhos para outros “pixels” da imaginação que a tese vai

tratar. Coloco, então, como segunda química reveladora: “o imaginário”. Sigo a linha epistemológica de Gaston Bachelard e cito também conceitos de autores que recuperaram a tradição quanto à importância do imaginário na construção da realidade, que havia sido abandonada na vigência da filosofia racionalista. O imaginário será postulado no que é o resultado da tese: aquilo que as narrativas me trouxeram para que eu, revelasse os retratos biográficos, ou seja, tivesse as minhas motivações simbólicas. Termo esse, absorvido da obra: Estruturas Antropológicas do Imaginário de Gilbert Durand (2002), que após estudar as mais diversas teorias de filósofos e cientistas da linha do Imaginário, tratou-os como analistas das motivações simbólicas.

“A maior parte dos analistas das motivações simbólicas, que são historiadores da religião, fixaram-se numa classificação de símbolos segundo o seu parentesco mais ou menos nítido com uma das grandes epifanias cosmológicas” (DURAND, 2002, p.34).

Assim ele fala de Freud tendo motivações sexuais; Jung – motivações ancestrais; Piganiol – motivações históricas; Adler – motivações de poder; Dumézil – motivações míticas; Bachelard – motivações dos elementos simbólicos e imagem poética, entre outros estudiosos citados no seu trajeto antropológico.

Partindo desse entendimento é que desenvolvo as minhas motivações simbólicas para tratar as narrativas. E aqui coloco como uma delas, a terceira química reveladora, a poesia. Gênero de linguagem capaz de revelar o que as narrativas tão intensas, perspicazes e penetrantes puderam me trazer. Foi assim que surgiu a epígrafe da tese, a poesia “Axiologia do Instante”.

2.2.3 O tratamento da película: recortes das rebarbas do preconceito

Outro detalhe a ser observado foi o cuidado na reprodução das narrativas para respeitar o conteúdo externado e reproduzido. Contar histórias reais envolve necessariamente colocar o ser humano em primeiro plano; dar oportunidade para ele ser protagonista de sua própria história e permitir que sua experiência individual possa ser transmitida às gerações como fonte histórica.

No caso, a vazão a este protagonismo partiu do lugar de fala em que o atleta quis estar, independentemente das retóricas existentes sobre a pessoa com deficiência, que por vezes os tratam como “super-humanos” e por vezes com pena e pesar. Estereótipos bastante estudado por Hilguemberg (2014), por exemplo, que analisou a representação social dos atletas paralímpicos na mídia brasileira e portuguesa durante quatro edições dos Jogos Paralímpicos, de 1996 a 2008 apontando que os atletas com deficiência são representados em ambos os países ou como “super-herói” ou como “coitadinho”, conforme mostra o quadro a seguir:

Figura 1 - Porcentagem dos estereótipos registrados em ambos os países, nas edições analisadas, referentes ao total de estereótipos identificados no ano.

Estereótipo	1996		2000		2004		2008	
	Brasil	Portugal	Brasil	Portugal	Brasil	Portugal	Brasil	Portugal
Coitadinho	33%	71%	50%	0%	53%	31%	44%	22%
Super-herói	67%	29%	50%	100%	47%	69%	56%	78%

Fonte: Hilguemberg (2014)

Notam-se oscilações nas porcentagens, mas, os super-heróis prevalecem. Isso porque, segundo a autora a mídia faz com que as pessoas tenham compaixão por esses Para atletas, uma vez que, pela imprensa, eles são “símbolos de superação”. No entanto, em seus discursos, os atletas paralímpicos se consideram apenas humanos como qualquer um tendo que se adaptarem ao meio em que vivem com ou sem acessibilidade e tendo que treinar arduamente como todo atleta (TONON, 2018). Ou seja, vivenciam tanto vitórias, como derrotas, caso não se esforcem suficientemente. Eles mesmos costumam trocar a palavra “superação” por “transpiração”.

Atualmente a mídia eletrônica e as redes sociais têm sido uma boa aliada dos atletas na tentativa de exporem suas vidas como seres humanos comuns e de explicar que superação é para todos que vencem limitações, sejam de ordem física, sensorial, intelectual, verbal ou comportamental, entre muitas outras.

Algumas postagens deles fazendo “coisas do cotidiano”, como dançar por exemplo, têm rendido milhares de seguidores seja por admiração, curiosidade ou surpresa ao ver que uma atleta sem uma das pernas, por exemplo, possa dançar funk e rebolar, ou que possam ser pais e mães dividindo o tempo entre treinos e responsabilidades domésticas.

Por fim, uma das grandiosidades deste método foi escrita por Poirier, Valladon e Raybaut (1999), ao dizerem que história de vida não é considerada um produto acabado, mas como uma matéria prima sobre a qual e a partir da qual, se tem de trabalhar. Portanto, cinco pedras brutas foram coletadas para o processo de lapidação.

A presente tese faz parte da pesquisa “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros”, aprovada pelo Comitê de Ética da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo no processo 0052.0.342.000-09. Os atletas foram entrevistados e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando o uso dos dados na pesquisa científica. As entrevistas foram realizadas por mim, gravadas e posteriormente transcritas.

PARTE II

Instantes teóricos e bibliográficos

“Sob nenhuma circunstância, a alma não pode se desligar do tempo; ela é sempre, como todas as pessoas felizes do mundo, possuída pelo que ela possui.” (BACHELARD 1988, p. 15)

3 Da história à poética: O cenário fotográfico das narrativas

Figura 2 - Térsites com Ulisses



Fonte: Google. Térsites: íliada. Íliada. Acto II.

3.1 Contexto histórico social do esporte para as pessoas com deficiência

Sem dúvidas, o maior cenário em que as narrativas estão inseridas são os Jogos. Portanto, cabe-nos entender a construção social deste fundo pitoresco. As práticas atléticas segundo Rubio (2001), surgiram como um elemento intrínseco à condição humana seja na formação de sua constituição física, seja na atividade competitiva. Os homens gregos eram preparados para a guerra, para defender a polis (cidade) apresentando um corpo belo e viril. Os registros históricos apontam o ano de 776 a.C. como a época em que os primeiros Jogos Olímpicos da Antiguidade foram realizados na Grécia. “Parte da

formação do cidadão residia no processo de purificação do espírito, vigente na ideia de que não era possível a perfeição sem a beleza do corpo” (RUBIO, 2001, p.112).

Nessa perspectiva, o feio e malformado (falta de proporção) não usufruía da mesma representação heroica. Na Guerra de Troia, por exemplo, entre os heróis, descritos como valentes, fortes e corajosos, estava o anti-herói Tersites, um dos mais feios homens que chegara à frente de Ílion. Ao que o texto indica, suas deformidades o deixaram insolente e rebelde com atitudes anti-heroicas, como se nota na fala de Ulisses: “quieto já, Tersites inda gane. Petulante motino que, de inépcias pleno o bestunto, contra os reis verboso alterca e à soldadesca excita o riso: dos cercantes feiíssimo, era manco, vesgo e giboso, e tinha o peito arcado e em pontuda cabeça umas falripas” (HOMERO, 2009 - *Ilíada* livro II).

Fundamenta-se aqui o primeiro paradigma da pessoa com deficiência, a exclusão. Marca social forte pela diferença do corpo. O modelo social na época era de rejeição. Amaral (1994) afirma que as anomalias e deficiências sempre existiram na história: ou como um sinal da presença dos deuses ou dos demônios; ou algo da esfera do supra-humano ou do âmbito do infra-humano. “Do venerável saber do oráculo cego à “animalidade” da pessoa a ser extirpada do corpo sadio da humanidade. Assim foi por muito tempo, em várias civilizações ancestrais da nossa” (AMARAL, 1994, p. 14).

Por volta de 480 a.C., crianças recém-nascidas frágeis ou com alguma deficiência eram jogadas do alto do monte Taigeto a mais de 2.400 metros de altura por não estarem dentro do padrão físico adequado (SULLIVAN, 2001). A civilização romana, por sua vez, preconizava a perfeição e estética corporal, a deficiência era tida como monstruosidade fato que legitimava atos seletivos tal como descreve o discurso de Sêneca (465 d.C.):

"Matamos os fetos e os recém-nascidos monstruosos; se nascerem defeituosos e monstruosos afogamo-los; não devido ao ódio, mas à razão, para distinguirmos as coisas inúteis das saudáveis", (SILVA, 1987, p.46).

Nas narrativas religiosas como Bíblia, o Torá, ou o Alcorão é comum encontrar registros da deformidade. Nas tábuas da Lei, Moisés registra que pessoas com deformidades não poderiam chegar até o altar para ofertar

sacrifícios ao Senhor, para que não profanassem os santuários de Deus. “Pois nenhum homem em que houver alguma deformidade se chegará; como homem cego, ou coxo, ou de nariz chato, ou de membros demasiadamente compridos, ou homem que tiver quebrado o pé, ou a mão quebrada, ou corcunda, ou anão, ou que tiver defeito no olho, ou sarna, ou impinge, ou quem tiver testículo mutilado” (LEVÍTICO 21:18-20 in: ALMEIDA, 1691).

Depois de Cristo (d.C.) as citações religiosas certificam uma conduta de inclusão dos fisicamente limitados. Para essa escritura, tal condição era sinônimo de carregar, o pecado: “E eis que uns homens transportaram numa cama um homem que estava parálítico, e procuravam fazê-lo entrar e pô-lo diante dele” (LUCAS 5:18 in: ALMEIDA, 1691). “E Jesus, vendo a fé deles, disse ao parálítico: Filho! Perdoados estão os teus pecados” (MARCOS 2:5 in: ALMEIDA, 1691). Os coxos e aleijados não eram mais exterminados, mas, viviam como excluídos e muitas vezes sobreviviam com arrecadação de esmolas.

O “imperfeito”, portanto, era considerado profano, não fazia parte dos rituais sagrados. “Toda alteração na situação de um indivíduo implica ações e reações ente profano e o sagrado, ações e reações que devem ser regulamentadas e vigiadas, a fim de a sociedade geral não sofrer nenhum constrangimento ou danos.” (VAN GENNEP, 2012, p.24).

A partir do século XII, a filosofia aristotélica ditada ainda nos anos 300 a. C, domina verdadeiramente o pensamento europeu com o surgimento de novos filósofos. Entre eles, Agostinho e Thomas de Aquino, que desenvolveram uma abordagem original à filosofia e teologia, acomodando uma variedade de métodos e perspectivas de uma maneira até então desconhecida. O sagrado se sobressai ao profano. “Em numerosos discursos, o sentido de externo, a beleza física estava ligada ao sentido de sua passagem, sua transience - há uma razão para se afastar aparência física e concentração no interior beleza” (MATORÉ, 1985, p.209). Algumas superstições justificavam as deficiências como algo sobrenatural, outros casos se detinham na reclusão e torturas, como se vê na história do Corcunda de Notre-Dame, escrita pelo escritor francês Victor Hugo. O enredo passa-se em 1482, em Paris, capital da França. A ação desenrola-se dentro e em torno da Catedral de Notre-Dame, na Île de la Cité, no meio do rio Sena. Pascal (2007) diz que Quasimodo foi abandonado aos quatro anos de idade pelos pais, à porta da Catedral devido à sua deformidade. Foi adotado por

um pároco, que lhe deu a missão de guardar os sinos de Notre-Dame e após anos em contato com seu badalar, desenvolve surdez.

Na Renascença, as pessoas com deficiência serviram de tema de obras de artes. Raffaello (1483-1520), por exemplo, desenhou uma interessante gravura que se encontra no Museu de South Kensington (Londres). Ela mostra um homem paralítico na porta de um templo, aguardando ansiosamente os apóstolos Pedro e João, que passam em seus trabalhos de assistência a enfermos (SILVA, 2003). Pode-se encontrar quadros relevantes, tais como “Parábola dos Cegos”, retratando uma cena em que vários cegos vão caindo em uma valeta, de autoria de Pieter Bruegel (1530 - 1569); “O Tocador de Alaúde”, de Georges La Tour (1593 - 1652), que retratou um tocador de alaúde cego e “Os Cegos de Jericó”, de autoria de Nicolas Poussin, pintado no ano de 1651. Na literatura, o próprio Shakespeare no discorrer da peça tragédia Rei Ricardo III, por exemplo, identifica-o como "montão de ódio", "sapo", "massa ignóbil e disforme", "tão disforme de maneiras quanto de corpo" e "rocha fatal e disforme" (KAIL, 2005).

No mundo contemporâneo, o corpo passou a ser visto como um artefato de presença, que ostenta a identidade dos sujeitos. Para Mauss (2003) o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Vê-se então que “o corpo e o conjunto das representações e práticas sobre ele, tornou-se objeto de reflexão, de conhecimento e de intervenção” (SOARES, 1997, p.106). Por sua vez, Sant’Anna (2001) entende que a aparência corporal, além de ser uma presença inscrita no corpo biológico, carrega consigo significados que são culturalmente construídos. Nesse sentido, algumas marcas corporais são significadas como sinais de beleza, de saúde e de perfeição, enquanto outras trazem o estigma de serem vistas como sinal de feiura, de doença ou de deficiência (SFEZ, 1996). Embora o foco desse trabalho não seja a discussão sobre a beleza é necessário destacar que do ponto de vista estético, o belo é relativo. Kant (1990, p.32) define o belo como algo que encanta, trazendo ao semblante do ser humano a viva sensação declarada por um olhar de “esplendorosa serenidade, por arroubos do sorriso e, muitas vezes, por um claro regozijo”. Simmel (1988) trata a beleza como uma qualidade do ser humano, uma relação entre as partes e a imagem.

No século XIX o positivismo ganhou destaque no mundo das ciências e

as pessoas com deficiência começam a ser encaradas como aquelas que causam ônus ao Estado, passa-se da ideia de caridade para a ideia de que essas pessoas precisam ser cuidadas para serem reintegradas à cadeia produtiva. Nesse momento a deficiência passa a ter uma visão médica, sendo entendida como anomalia da sociedade. Entra então, o segundo paradigma, a segregação e vem dessa época, a concepção de “inválidos”. Eram internados em lugares separados, isolados.

Ainda com o modelo médico, a entrada do século XX trouxe a passagem desse indivíduo para a fase de “integração”. A pessoa “acometida” de uma deficiência precisava de tratamento, cura, resolução do problema para se tornar mais hábil, “mais adequado”. Entra em cena então, o esporte como principal aliado na reabilitação.

3.2 Paralimpismo: Um movimento muito além da reabilitação

Na Era Moderna, os Jogos Olímpicos ressurgem em 1896 em Atenas, na Grécia, durante o reinado de Jorge I, já caracterizados pelas transformações políticas e sociais. Seu precursor foi o aristocrata francês, Barão de Coubertin, com o intuito de valorizar a competição leal e sadia, o culto ao corpo e à atividade física (RUBIO,2001, p.129). Segundo a autora, nem sempre, porém, os Jogos Olímpicos tiveram um papel social inclusivo. Desde sua criação eram os homens os protagonistas. Não tinha espaço para mulheres e muito menos para pessoas com deficiência.

“Baseado numa visão vitoriana de papéis sociais, o Barão de Coubertin via os jogos como um fórum apropriado para representar a esfera competitiva masculina, onde se projetaram no esporte questões relacionadas à política como força, virilidade, coragem, moralidade e masculinidade. Estava instituída uma competição que viria a se tornar um dos maiores fenômenos socioculturais do século XX” (RUBIO, 2015, p.25).

A prática desportiva para pessoas com deficiência, segundo Adams et al. (1985), Ricote (1994), Araújo (1998), teria se iniciado na Alemanha em 1918, para amenizar os horrores da Primeira Guerra Mundial. Em 1932 em Glasgow no Reino Unido Inglaterra, foi criada uma associação de jogadores de golfe,

abarcando amputados unilaterais de membros superiores (COMITÊ OLÍMPICO ESPANHOL, 1994, online; MAUERBERG-DE-CASTRO, 2005). Porém há registros de aparições do esporte adaptado desde 1871, na *School of Deaf* de Ohaio, EUA, que foi a primeira escola para surdos a oferecer o beisebol (WINNICK, 1990a, 2004b).

Com o advento das Guerras e a falta de estrutura de atendimentos aos feridos, 80% das pessoas iam a óbito na primeira semana após a alta hospitalar por complicações ligadas à infecção urinária, escaras ou infecções respiratórias, (SANTOS, 1989). Restava aos soldados mutilados a condição de sobreviver em suas limitações. Porém, em meio a este contexto nasce Ludwig Guttmann, mais precisamente no dia 3 de julho de 1899, em uma família judaica ortodoxa, na cidade de Tost, Alemanha, de acordo com a compilação histórica do Buckinghamshire County Council (2014). Aos três anos, seus pais trocaram o pequeno povoado pela cidade de Konigshutte, parte de um distrito conhecido por sua tradição na mineração de carvão.

Local em que, o jovem teve seu primeiro contato com indivíduos paraplégicos. Em 1917, atuando como voluntário em um hospital que atendia vítimas de acidentes em minas, viu de perto as dificuldades e o sofrimento das pessoas com lesões na medula espinhal e a forma como eram tratadas. As palavras que ouviu de um médico, depois de deixar o paciente – “Não se incomode, ele estará morto em poucas semanas” – calaram profundamente em seu coração e em sua mente. De fato, o paciente morreu pouco tempo depois vítima de um quadro de septicemia generalizada, provocado por infecção urinária e outras doenças oportunistas. Várias vezes contou esse episódio, dizendo que jamais conseguira esquecer aquele paciente. Essa vivência mudaria a história.

Sua intenção inicial era dedicar-se à pediatria, mas, como não encontrou trabalho nessa especialidade, aceitou, com relutância, um trabalho em Neurologia e Neurocirurgia. Especializou-se em pacientes com lesões na coluna – decisão essa que afetaria toda a sua vida e a de inúmeros outros à sua volta.

Em abril de 1918, iniciou seus estudos de Medicina na Universidade de Breslau, de onde parte, na primavera de 1919, para estudar na Universidade de Freiburg. Em 1924, recebe seu doutorado em Medicina.

Na universidade, Guttmann fazia parte de uma fraternidade judaica. O objetivo principal do movimento universitário judaico, na época, era a conscientização em relação às adversidades aos judeus nas instituições acadêmicas de nível superior. As atividades e o treinamento esportivo foram ocupando um espaço cada vez maior na rotina da fraternidade, pois, seus membros acreditavam que fortalecendo o corpo aumentariam a autoestima e a autoconfiança.

Retornou a Breslau logo depois de se formar, pois precisava trabalhar para poder sobreviver. Em 1928 recebeu um convite do professor Orfrid Foester para ocupar um cargo no Departamento de Neurologia da Universidade de Hamburgo, onde trabalhou como neurocirurgião em uma clínica psiquiátrica com 300 leitos. Um ano depois, tornou-se assistente de Foester e, em 1930, publicou um artigo que resultou em um convite para ensinar na Universidade de Breslau.

Com a ascensão de Hitler na Alemanha, os judeus começaram a enfrentar cada vez mais dificuldades. Guttmann era neurocirurgião sênior no Hospital de Breslau, mas, em 1933 foi demitido quando os nazistas proibiram que os judeus trabalhassem em hospitais “arianos”. Começa a trabalhar no hospital da comunidade judaica local, onde, em 1937, foi eleito diretor médico.

À medida que piorava a vida dos judeus alemães, crescia o número dos que pensavam em deixar a Alemanha nazista. Guttmann não fazia parte desse grupo, apesar das propostas recebidas do exterior, pois acreditava, como muitos outros, que o nazismo sucumbiria rapidamente. Tornou-se presidente da Comunidade Médica Judaica, expondo-se, várias vezes, a riscos enormes para ajudar seus correligionários.

Em 1938, na chamada “Noite dos Cristais”⁸, enquanto a violência contra os judeus e suas propriedades tomava conta das principais cidades da Alemanha, ele internou mais de 60 pessoas no hospital que dirigia, no intuito de salvá-las. “Quando questionado pela Gestapo sobre estas internações repentinas, meu pai alegava que eram casos de urgência”, declarou sua filha, Eva Löeffler, (BBC NEWS, 2012, online). Dos que foram internados por Guttmann, três acabaram sendo presos e enviados a campos de concentração, onde

⁸A “Noite dos Cristais” (Kristallnacht ou Reichspogromnacht), de 9 para 10 de novembro de 1938, em toda a Alemanha e Áustria, foi marcada pela destruição de símbolos judaicos. Sinagogas, casas comerciais e residências de judeus foram invadidas e seus pertences destruídos (BULAU, 1938).

morreram. Os demais conseguiram escapar das garras nazistas. O episódio fez o médico perceber que a situação na Alemanha não mudaria tão rápido. Chegara, portanto, a hora de partir. Em 1939, Guttman e sua família deixam a Alemanha. A oportunidade de escapar surgiu quando os nazistas lhe dão um visto com ordens para viajar a Portugal para tratar de um amigo do ditador português, António de Oliveira Salazar. Depois do feito ele não voltou para Alemanha. Juntamente com sua esposa Else e os dois filhos, Dennis e Eva foram para a Grã-Bretanha em 14 de março de 1939, a convite da Sociedade para Proteção da Ciência e do Ensino. Seis anos mais tarde, no final da Guerra, os Guttman obtiveram a cidadania inglesa. Sob o patrocínio de Hugh Cairns, um dos mais importantes neurocirurgiões da época, começou a trabalhar como pesquisador em Oxford.

Os Estados Unidos e a Inglaterra viviam uma situação dramática diante do alto índice de mortalidade de pacientes paraplégicos em suas forças armadas, a maioria, vítimas da guerra. Soldados eram engessados e confinados aos leitos hospitalares. Sua expectativa de vida era de apenas três meses. Morriam vítima de infecções, escaras e outras complicações da internação prolongada.

“O objetivo da reabilitação dos soldados feridos em decorrência da guerra, naquele momento, era prioridade dos governos dos países envolvidos nos conflitos e da classe científica, pois a expectativa e a qualidade de vida chamavam a atenção para a necessidade de estudos”, (ARAÚJO, 1998, p.20).

Apesar de recém-chegado à Inglaterra, Guttman trazia consigo um currículo marcado por sucessos na área de neurologia, nos anos em que trabalhara na Alemanha, e pelas ideias inovadoras que defendia para os tratamentos de indivíduos com lesões na medula espinhal – paraplégicos e tetraplégicos, além de amputados. Em 1941, a pedido do Conselho para Pesquisa Médica da Inglaterra, apresentou um trabalho abordando a reabilitação desses pacientes. Como resultado do artigo, a instituição decidiu criar um centro especial para pacientes com problemas na medula espinhal.

Pela sua atuação, em 1943, foi convidado pelo governo britânico para se tornar diretor do então criado Centro Nacional de ferimento espinhal no Hospital Serviços Médicos de Emergência em Stoke Mandeville (BRITTAIN, 2010). Aceitou o cargo com a condição de poder tratar dos pacientes do seu próprio jeito, sem interferências. Abaixo segue a foto do dr. Guttman explicando a técnica aos enfermeiros:

Figura 3 - Dr. Guttman trabalhando na reabilitação de um soldado



Fonte: http://www.mandevillelegacy.org.uk/images/uploaded/scaled/Picture_Post_1.jpg

A inauguração da Unidade de lesionados medulares foi em março 1944, com 24 camas e um paciente. Tinha inicialmente poucos recursos, mas a necessidade médica estava clara. Depois de seis meses Guttman cuidava de 50 pacientes. Em pouco tempo recolocou seis pacientes no mercado de trabalho (SANTOS,1989).

"Eu ainda não tinha ouvido falar do nome: Ludwig Guttman, mas eu logo descobri... Aquele pequeno homem apareceu um dia na cabeceira da minha cama e era óbvio que era alguém muito importante, pois houve um silêncio ao redor, ninguém falou...", (relato oral de Margaret Maughan, paciente de Guttman em 1959 in: BUCKINGHAMSHIRE COUNTY COUNCIL, 2014, online).

O tratamento para paraplégicos na Inglaterra ainda era rudimentar. Os pacientes com lesões na coluna vertebral tinham uma expectativa de vida de dois anos. Não pela própria lesão, mas por outros riscos de vida como úlceras, pressão e infecções. Conforme a compilação de Buckinghamshire County Council (2014), nos Estados Unidos na década de 1930, Dr. Munro tinha começado a transformar o tratamento de lesões da coluna vertebral, garantindo que os pacientes fossem virados a cada duas horas para prevenir escaras; Guttman se apropriou da ideia garantindo que pacientes mantivessem alguma esperança de fazer progresso e retornar à sua vida anterior. Os pacientes participavam de atividades para mantê-los ativos para a reinserção social.

"Disseram a eles, nos hospitais anteriores que passaram, que nunca mais voltariam a andar e que eles iriam morrer. Por isso, a maioria deles era deprimido e sem interesse em fazer nada . Eles haviam se acostumado a ficar deitados, imóveis por meses. E, de repente aqui, estes enfermeiros diziam: ' você pode fazer isso '. `Nós temos que chegar até você", (relato oral de Joana , enfermeira do hospital Stoke Mandeville, 1948-1952 in: BUCKINGHAMSHIRE COUNTY CONSUIL, 2014, online).

Oficinas onde os pacientes poderiam fazer trabalhos em madeira e relógios e reparação foram criadas no hospital. Mas, foi o incentivo de atividades esportivas, que causou o maior impacto nas enfermarias. O primeiro esporte foi um Polo de cadeira de rodas usando bengalas e um disco, mas este foi logo substituído pelo net Ball (bola na rede) de cadeira de rodas. O tiro com arco também era popular na época; sua prática dependia da força superior do corpo,

o que significava que paraplégicos poderiam competir da mesma forma que os atletas sem deficiência. Foi então, que se tornou o primeiro esporte competitivo. Guttmann lutou obstinadamente para aquilo em que acreditava; sua equipe e seus pacientes foram simultaneamente dedicados a ele e à sua maneira. Seu apelido no hospital era doctor Poppa.

"Poppa mudou essa visão entre enfermeiros e fisioterapeutas e transformou em uma equipe. Quando ele examinava um paciente era necessário todos estarem lá: Médicos, enfermeiros, fisioterapeuta. Foi uma nova abordagem em relação a qualquer outro hospital", (relato oral de Brom, fisioterapeuta in: BUCKINGHAMSHIRE COUNTY CONSUIL, 2014, online).

Em julho de 1948, Londres sediou os XIV Jogos Olímpicos. Em alusão aos Jogos e para aproximar os pacientes do teor dos Jogos, Dr. Guttmann criou paralelamente o *Stoke Mandeville Games*, que contou com a participação de 16 pacientes, sendo duas mulheres e 14 homens competindo no tiro com arco. Em seu discurso disse:

"O esporte é de imenso valor terapêutico e desempenha um papel essencial na reabilitação física, psicológica e social dos deficientes. O esporte ajuda a pessoa com deficiência a restaurar o contato com o mundo ao seu redor; em outras palavras, facilita e acelera sua reintegração ou integração social" (GUTTMANN in: UNESCO, 1976, p.12 – tradução nossa).

No ano seguinte, 1949, Dr. Guttmann escreveu para um jornal dizendo que os Jogos de Stoke Mandeville iriam ter caráter internacional e seriam equivalentes aos Jogos Olímpicos para as pessoas com deficiência. Então, partiu para os Estados Unidos para se encontrar com o professor Nugent Lipton, que já estava liderando uma equipe de basquete sobre roda, para discutir e incrementar o desporto em cadeira de rodas e fez o convite para que a equipe americana participasse do Stoke Mandeville Games, que acontecia anualmente. Desse encontro o resultado surgiu com a presença de 130 atletas entre americanos, britânicos e holandeses na edição de 1952, a primeira de caráter internacional (BRITTAIN, 2010).

O esporte adaptado, para aqueles soldados de guerra passou a ser uma grande oportunidade de inclusão, conquistas, quebra de recordes, amizades entre tantos outros atributos que o esporte apresenta em sua faceta de megaevento como são os Jogos Paralímpicos⁹. “O evento foi um experimento, como uma performance pública, mas também, uma demonstração para a sociedade de que o esporte não é apenas de domínio das pessoas sem deficiência” (GUTTMAN, 1952 in: BRITTAIN, 2010 - tradução nossa)¹⁰. O que Dr. Guttmann não imaginava era a dimensão que esses jogos tomariam. Ele não foi apenas o "pai do movimento paralímpico", mas também uma figura muito importante no desenvolvimento de tratamento para lesões na coluna vertebral. Ele se tornou presidente da Federação Internacional *Stoke Mandeville Games* e fundou a Associação Britânica Desportiva para Deficientes em 1961.

Além de ser presidente inaugural da Sociedade Médica Internacional de Paraplegia posteriormente denominada de Internacional Spinal Cord Society, bem como, foi o primeiro editor da revista da Sociedade, Paraplegia. Gratificando suas contribuições, a Rainha Elizabeth II deu a Guttmann, o título da mais excelente ordem da cavalaria britânica, a Order of the British Empire - OBE, nomeando-o cavaleiro CBE, quando se aposentou em 1966.

“Eu acho que Sir Ludwig simplesmente mudou o mundo para nós. Foi um passo completo de mudança... Ele entrou, ele teve uma visão ... Estava preocupado com o quão longe estava o esporte da deficiência e mudou o mundo”, (relato oral - Caz Walton, paciente de Guttmann e atleta do Great Britain Team em cinco Paralimpíadas in: BUCKINGHAMSHIRE COUNTY CONSUIL, 2014).

Nos Jogos Olímpicos de Roma, 1960, o Stoke Mandeville Games deixou a Inglaterra e aconteceu na capital italiana oficializando como evento paralelo aos Jogos Olímpicos: “A grande maioria dos competidores e acompanhantes entendeu plenamente o significado dos Jogos de Roma como um novo padrão de reintegração da pessoa com deficiência na sociedade, bem como no mundo

⁹A expressão “Para” vem do grego e significa “ao lado”, Jogos que passaram a existir paralelamente aos Jogos Olímpicos.

¹⁰ « *The event was an experiment as a public performance, but also a demonstration to society that sport was not just the domain of non-disabled people* ».

do esporte.”¹¹ (GUTTMAN, 1960 in: IPC, 2015, online - tradução nossa). Araújo (1998) e Del Grande (1982) ressaltam que a grande particularidade dos Jogos de Roma, 1960, ocorridos logo após os Jogos Olímpicos foi que os 400 participantes, representantes de 23 países foram recebidos pelo Papa João XXIII em audiência pública, que proferiu o seguinte discurso:

“A diminuição de suas forças físicas não debilitou suas ansiedades e, nesses dias recentes, vocês tomaram parte de todos os tipos de jogos, os quais pareciam ser impossíveis de serem praticados. Vocês deram um grande exemplo que gostaríamos de enfatizar porque pode ser uma meta para todos nós; vocês demonstraram o que uma alma enérgica pode conseguir apesar dos obstáculos aparentemente intransponíveis impostos pelo corpo. Vós sois a demonstração viva das maravilhas da virtude de energia”, (PAPA JOÃO XXIII in: Del Grande, 1982, s.n.p).

Francas (1994) afirma que o Papa recebeu privativamente o Dr. Guttmann e olhando-o nos olhos disse-lhe: “Tu és o Coubertin dos Deficientes”.

3.2.1 Como surgiu o termo Paralímpico?

Até 1960, a nomenclatura dos jogos ainda era Jogos Internacionais de Stoke Mandeville, mas extraoficialmente já se ouvia falar o nome Jogos Paralímpicos. Brittain (2008) diz que o primeiro uso escrito do termo aparece na edição de verão do jornal *The Cord* em 1951, quando David Hinds, um paraplégico do hospital Stoke Mandeville, escreveu um artigo intitulado ‘*Alice na Paralimpíada*’, que era uma analogia ao conto Alice no País das Maravilhas. O *Paraplegia News* jornal dos EUA também publicou uma história em novembro de 1953 sob a manchete ‘*Paralimpíadas de Stoke Mandeville*’. E ainda o jornal britânico, *Bucks Advertiser and Aylesbury News*, usou o termo Paralímpico em 1953 ao noticiar mais uma edição dos jogos anuais de Stoke Mandeville. “Uma possível pista sobre o termo vem de dois artigos em uma edição especial de *The Cord*. Em um artigo Dora T. Bell, a fisioterapeuta ligada à unidade, refere-se à

¹¹The vast majority of competitors and escorts have fully understood the meaning of the Rome Games as a new pattern of reintegration of the paralyzed into society, as well as the world of sport”

'Paralimpíadas de Stoke Mandeville' e em um segundo artigo Ward Sister Merchant se refere às 'Olimpíadas paraplégicas' (BRITTAİN, 2008).

No entanto, Bayle (2008) afirma que somente em Tokio, 1964, em seu discurso na cerimônia de abertura, Guttman chamou o evento oficialmente de Paralympic Games. O termo não foi bem aceito pelas autoridades olímpicas. Brittain (2008) conta que a secretária executiva do COI, Sra. Berlioux escreveu para Guttman, em nome do Comitê, deixando claro que nenhuma declaração verbal ou escrita o autorizando havia sido fornecida. Ela pediu a Gutmann para garantir que ambas, tanto a International Stoke Mandeville Games Federation (ISMGF) como a International Sports Organisation for the Disable (ISOD) se absteriam de usar tais termos. Porém, a imprensa já estava usufruindo da terminologia por ser mais fácil de se dizer, como se lê no trecho abaixo:

“Em um pôster dos Jogos de 1964, a palavra "Paralímpico" era mais proeminente e maior do que os 'Jogos Internacionais de Stoke Mandeville'. A palavra 'paralímpico' também apareceu em um maço de cigarros produzido pela Peace Corporation para os Jogos de Tóquio em 1964. O símbolo de cinco rodas interligadas foi apropriado, uma vez que todos os atletas realizaram em cadeiras de rodas”, (Brittain, 2008, p. 26).

Originalmente segundo Senatore (2006) e Brittain (2008) o termo paralímpico era uma junção de paraplégico e olímpico, entretanto com a inclusão de outros grupos de deficiência, como: paralisados cerebrais, lesionados medulares, amputados, atletas com deficiências visual, intelectual e les otre (IPC,2015) ela tomou uma outra conotação, a de jogos paralelos aos Jogos Olímpicos. “Um padrão que ocorreu desde então. No entanto, o uso do termo "paralímpico" deriva da preposição grega "para" que significa "próximo a", dando um significado de paralelo ou próximo aos Jogos Olímpicos” (BRITTAİN, 2008 p.15).

Depois dos Jogos de 1964, apareceram outras tentativas de nomes como: “World Wheelchair Games, World Winter Games, International Games for the Disabled, Olympiad for the Physically Disabled, Torontolympiad, Ollympics for the Disable and finally Paralympic Games” (BAILEY, 2008, p.8). No entanto, Dr. Guttman continuava prezando pelo nome do Stoke Mandeville Games pela

fidelidade à sua criação, mesmo fazendo grandes esforços para que o evento se aproximasse ao máximo dos Jogos Olímpicos, nas questões de lugar e estruturas.

“Dr Ludwig Guttmann, o fundador do movimento paralímpico, defendeu a conexão olímpica ao longo de três décadas. Sua defesa persuasiva foi parcialmente aceita inicialmente, às vezes resistida e até desafiada, mas eventualmente prevaleceu, de modo que a relação paralímpica-olímpica mudou de mais informal para mais formal [...] No entanto, levou algum tempo para o COI reconhecer e lidar com as implicações da marca olímpica na paralímpica e estabelecer uma relação preferencial”, (BRITAIN, 2008, p.20).

A sequência de edições na mesma sede dos Jogos Olímpicos também não vingou. O México, que seria o anfitrião em 1968, desistiu alegando restrições financeiras e problemas de acesso nas instalações. Israel ofereceu-se para ser sede da competição. O objetivo do governo israelense era aproveitar a oportunidade para comemorar os 20 anos de independência do país. Assim, no dia 4 de novembro, a cerimônia de abertura foi realizada no ginásio da Universidade Hebraica de Jerusalém, na presença de 10 mil pessoas, e, as competições, em Ramat Gan, no entorno de Tel Aviv. Setecentos e cinquenta atletas vieram de 29 países para o evento. O sonho de Guttmann se realizara. Munique também não sediou em 1972 por motivos políticos sendo os jogos transferidos para Heidelberg com a presença de 1400 atletas de 44 países (ARAÚJO, 1998, p.24). Esses jogos marcaram também a estreia de atletas brasileiros, inclusive com destaque ao jogador de basquete em cadeira de rodas, Cláudio Araújo, eleito o melhor do mundo na classe 4.

No final de 1979, Dr. Guttmann foi acometido de uma trombose coronária e veio a falecer em março de 1980. Ele vinha se esgotando na luta pela causa dos Jogos junto ao COI, bem como na defesa das cidades sede. Sua última luta então foi perdida contra a União Soviética em não querer sediar os Jogos Paralímpicos alegando, não haver pessoas com deficiência no país. “Apesar dos esforços concentrados de Guttmann, ele não conseguiu persuadir os russos a sediar os Jogos Paralímpicos de 1980 e, portanto, em uma reunião conjunta do ISMGF e do ISOD em julho de 1977, foi decidido que Arnhem, na Holanda, deveria hospedá-los” (BRITAIN, 2008, p.29).

O autor relata que após a morte de Guttmann, a atitude do COI pareceu endurecer. O presidente do COI, Michael Morris, o 3º Barão Killanin enviou um memorando interno afirmando que “o correto seria que esses Jogos não deveriam ocorrer no país olímpico, não deveriam ser chamados os Jogos Olímpicos, mas dos jogos que eles gostam, sob o patrocínio do COI” (BRITTAIN, 2008, p. 28) Então, a secretária do COI Madame Berlioux escreveu ao presidente do Comitê Olímpico da Holanda, Sr. Lidenburg, em maio de 1980, perguntando se algo poderia ser feito sob a lei holandesa para impedir o uso do título 'Olímpico para Deficientes':

“Um tanto bizarramente, considerando que os Jogos terminaram em 5 de julho ela escreveu ao diretor administrativo da Divisão de Esportes dos Jogos, Henrik Mejers, em 17 de outubro, perguntando se não era tarde demais para ele largar a palavra ‘olimpíadas’. Ela concluiu indicando a possibilidade de litígio, visto que não foi atendida em seu pedido”, (BRITTAIN, 2008, p. 28).

A trajetória do Dr. Poppa foi admirável por muitos. Ele coordenou o Centro Nacional para Lesões na Medula Espinhal durante 22 anos. Ao se aposentar, a instituição, que começara com 27 leitos, já contava com 2000. Internacionalmente reconhecido como pioneiro no campo da reabilitação, Guttmann deixou sua marca em várias instituições em que seu programa foi adotado, transferindo sua experiência para mais de 40 unidades terapêuticas no mundo. Em Barcelona, um hospital especializado em neuro-reabilitação, o *Institut Guttmann*, ostenta seu nome. Em 1966, a Universidade de Heidelberg, na Alemanha, criou o primeiro Centro para Paraplégicos em uma instituição de nível superior do país, nomeando-o em sua homenagem. No mesmo ano, Guttmann foi sagrado cavalheiro, na Grã-Bretanha. Em junho de 2012, nos jardins do Centro de Reabilitação de Stoke Mandeville, as autoridades locais erigiram uma estátua de bronze em sua homenagem. A filha de Guttmann, Eva Löffler, foi nomeada “prefeita” da Aldeia de Atletas dos Jogos Paralímpicos de 2012, de Londres.

Sua história foi retratada pela imprensa, como: “*The Best of Men*”. É uma carreira de resgate da esperança em meio ao desespero da falta de perspectiva. Certa vez, um de seus colegas o acusou de se recusar a admitir que os pacientes

eram inválidos, que jamais teriam uma vida normal, e lhe perguntou: “*Quem eles pensam que são?*”. Ao que Guttmann, olhando diretamente em seus olhos, teria respondido: “*Os melhores dentre os homens*”.

Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos só voltaram a ser sediados no mesmo local a partir de 1988 e adoção definitiva do nome Paralimpíadas. O fim da relutância para estender a marca olímpica ao evento paralelo, segundo o estudioso Brittain, pode ter sido influenciada por dois fatores: “Apoiando os Jogos Paralímpicos, o COI reforçaria sua liderança moral na comunidade esportiva internacional; e os Jogos Paralímpicos também fortaleceriam a Ideologia do olimpismo, com ênfase na não discriminação e acessibilidade de todos nas participações em esportes” (BRITTAİN, 2008, p. 34).

Em 1989 foi oficialmente criado o Comitê Paralímpico Internacional – IPC, com o intuito de “criar um mundo inclusivo através do Paradesporto” (IPC, online); tendo como missão de liderar o Movimento Paralímpico, supervisionar a entrega dos Jogos Paralímpicos e apoiar os membros a fim de permitir que os Para atletas alcancem a excelência esportiva: “As principais responsabilidades do IPC são apoiar nossos mais de 200 membros a desenvolver o Para desporto e advogar a inclusão social, garantir a entrega e organização bem-sucedidas dos Jogos Paralímpicos e atuar como federação internacional de 10 modalidades” (IPC, 2015, online - tradução nossa).¹²

O IPC é constituído de Comitês Paralímpicos Nacionais (NPCs), Federações Internacionais (IFs), Organizações Regionais e Organizações Internacionais de Esportes para Pessoas com Deficiência (IOSDs). O compromisso e as obrigações desses membros fazem parte do Manual do IPC, o último documento e estrutura de referência do Movimento Paralímpico.

Com a organização do Movimento, em cada edição dos Jogos Paralímpicos, o número de atletas e países participantes aumentou. As quebras de recordes e índices contribuíram anualmente para elevar o nível técnico das competições. “O crescente interesse no esporte paralímpico tem acompanhado as performances cada vez melhores de para-atletas. Muitos são agora atletas em tempo integral e têm se beneficiado de programas de treinamento de alto

¹² “*The IPC’s primary responsibilities are to support our 200 plus members develop Para sport and advocate social inclusion, ensure the successful delivery and organisation of the Paralympic Games and act as the international federation for 10 Para sports* »

rendimento tal como seus colegas Olímpicos". (CRAVEN in prefácio: PAPPOUS & SOUZA, 2016, p.3).

Os Jogos do Rio 2016, reuniram 4.500 atletas representantes de 176 países em 22 modalidades. Pela primeira vez na história, os Jogos contaram com uma delegação de refugiados, a Equipe de Atletas Paralímpicos Independentes composta por dois atletas originalmente da Síria e do Irã. O atleta Ibrahim Al- Hussein, que cresceu em Deir ez -Zor, na Síria, foi atingido por uma bomba em 2013, ao tentar ajudar um amigo. Ele perdeu a parte inferior de sua perna direita, abaixo do joelho. Ele fugiu primeiramente para a Turquia e, em 2014, viajou em um barco inflável para a Grécia, onde vive refugiado até hoje. Ibrahim competiu nos 50 metros e 100 metros nado livre na classe S10. Em abril, Ibrahim conduziu a Tocha Olímpica dos Jogos Rio 2016 por um campo de refugiados em Atenas. O outro atleta foi Shahrad Nasajpour, um iraniano que teve concedido o pedido de refúgio nos Estados Unidos, mas ainda não é considerado refugiado. Ele tem paralisia cerebral e competiu no arremesso de discos, na classe esportiva F37 (FÉLIX, 2016, Acnur online).

Outro fator que apontou o amadurecimento dos Jogos Paralímpicos foi a questão do doping, levando o então presidente do IPC, Philip Craven, decidir pelo banimento da Rússia dos Jogos Rio, 2016. A decisão foi baseada no relatório McLaren da Agência Mundial Anti-Doping, Wada, que apontava que o governo da Rússia operava um esquema estatal de doping sistemático. Em entrevista à imprensa Craven se posicionou:

"O sistema anti-doping da Rússia está quebrado, corrompido e inteiramente comprometido. O Comitê Paralímpico russo não tem condições de garantir a adequação nem a fiscalização de acordo com o código anti-dopagem do IPC, nem com o código anti-dopagem mundial dentro da sua jurisdição nacional, e nem respeitar as suas obrigações fundamentais como membros do IPC. Como resultado, o Comitê Paralímpico Russo está suspenso com efeito imediato", (Philip Craven in: BBC, 2016, online).

Elaborado pelo especialista legal canadense Richard McLaren, o relatório McLaren descreveu um esquema sofisticado de doping patrocinado pelo Estado russo e posterior acobertamento da prática entre 2011 e 2015 - principalmente durante os Jogos Olímpicos de Inverno em Sochi, na Rússia, em 2014. De

acordo com o relatório, o Ministério do Esporte russo "dirigiu, controlou e supervisionou" a manipulação de amostras de urina dos atletas e fraudou resultados. A decisão do IPC de banir a delegação paralímpica russa é mais dura que a do Comitê Olímpico Internacional (COI), que preferiu delegar para cada federação esportiva a decisão sobre banir ou não de atletas russos nos Jogos do Rio.

Em Tóquio 2020, um fato inédito. Pela primeira vez na história os Jogos foram adiados devido a uma pandemia mundial – a COVID19 (*Coronavirus Disease 2019*). O fato descaracterizou as olimpíadas que é o ciclo de quatro em quatro anos, que acontecem desde a sua criação na Grécia antiga. Com ressalva ao período bélico entre a 1ª e 2ª Guerra Mundial, quando o evento foi cancelado por 12 anos. Mesmo assim estiveram presentes cerca de 4.400 atletas de 165 nações, que se apresentaram nos estádios e arenas vazias de público.

Com mais de 60 anos de história, os Jogos Paralímpicos são considerados o segundo maior evento desportivo depois dos Jogos Olímpicos, pelo número de dias de competição, pelo número de modalidades desportivas que envolvem, pelo número de países presentes e, também, por se revelarem a expressão de espetáculo de alta qualidade com a singularidade de atrair espectadores, mídia e patrocinadores. O mais importante, no entanto, foi a transformação na forma como eram vistas as pessoas com deficiência e indivíduos com diferentes lesões. Desde a década de 90 até os dias atuais, o modelo vigente é o modelo social da deficiência e com ele, o quarto paradigma, a inclusão. A deficiência passa a ser entendida como uma característica da pessoa e as dificuldades por elas enfrentadas partem também das barreiras atitudinais. Pode-se dizer que os Jogos lançaram um novo olhar sobre esta parcela da população mundial, levando a uma maior compreensão de seu potencial e de sua capacidade de reintegração enquanto indivíduos criativos e produtivos.

“Numa sociedade ética, homens e mulheres com deficiência física, congênita ou adquirida, devem ter acesso aos meios necessários para se tornarem cidadãos plenos. Se essa máxima funcionar, eles poderão escolher um dos diversos caminhos das habilidades e dos saberes para se sentirem realizados e serem reconhecidos como protagonistas destacados da história dessa mesma sociedade. Em todos esses campos, porém, emergem os fora de série, os que brilham intensamente”, (FURTADO & DUTTI, 2012, p.5).

3.3 Uma foto panorâmica do Movimento Paralímpico no Brasil

O esporte adaptado no Brasil, mais precisamente o basquete sobre rodas chegou por volta de 1957, por meio de dois amigos cadeirantes, que se conheceram nos Estados Unidos durante seus devidos processos de reabilitação. O alagoano Robson Sampaio de Almeida, que foi vítima de um acidente durante uma viagem aos Estados Unidos e lá se manteve em tratamento e o paulistano Sérgio Seraphim Del Grande, que sofreu um acidente jogando uma partida de futebol:

“Eu fiquei paraplégico em 1951, jogando futebol no colégio Arquidiocesano na Cidade de São Paulo, devido a um traumatismo com a trave. Na ocasião não havia instituto de reabilitação no Brasil e a equipe médica que me atendeu disse que, se eu tivesse condições financeiras deveria ir para os Estados Unidos em busca de reabilitação adequada”, (DEL GRANDE, 1992, p. 28).

Ele narra que entrou em contato com o Instituto Kesle em New Jersey e ao iniciar a reabilitação foi informado que uma das obrigações que estava incluído no programa de reabilitação era a opção por uma atividade esportiva como basquete, natação ou arco e flecha. “Como a gente era obrigado a fazer esta opção eu optei pelo basquete em cadeira de rodas e para mim foi muito bom” (p.28).

Os dois aprenderam o basquete e assim que voltaram ao Brasil, cada um em sua cidade, no caso Robson Sampaio já estava radicado no Rio de Janeiro, começaram a difundir o basquete sobre rodas, (DEL GRANDE, 1992; ARAUJO, 1998; CONDE, 2021 no prelo).

Em 1957, a equipe de basquete americana “PAN-JETS”, formada por funcionários deficientes da empresa de aviação Panamerican Airlines, a PANAM, fez uma excursão ao Brasil e exibições na cidade de São Paulo. Essa equipe, no estilo dos Globetrotters, foi de grande importância na difusão da modalidade em diversos países. Araújo (1998) e Conde (2021) relatam que um dos jogadores chamado Jean Quelloy sugeriu que fundassem um clube no Brasil, o Clube dos Paraplégicos de São Paulo e mandou uma cadeira de presente para eles.

“Aqueles amigos que desde 1957 jogavam entre si partidas de basquete resolvem fundar entidades e dar os primeiros passos na história do esporte formal praticado por atletas com deficiência em nosso país” (CONDE, 2021, p.63 no prelo).

Robson Sampaio de Almeida, contou com apoio do técnico de basquete Aldo Miccolis para fundar o Clube Do Otimismo no Rio de Janeiro, em 01 de abril de 1958. A primeira disputa entre os dois clubes ocorreu no estádio do Maracanãzinho – RJ, um ano mais tarde, quando os paulistas do Clube dos Paraplégicos de São Paulo venceram os cariocas do Clube do Otimismo por 22 a 16.

Segundo o autor, torneios internos eram realizados com uma frequência muito grande, no âmbito dessas entidades. Para o Rio de Janeiro e para São Paulo vinham pessoas de diversos estados do país que queriam conhecer e aprender a jogar o basquete em cadeira de rodas.

O Brasil, de acordo com Cidade e Freitas (2002), entrou no contexto dos Jogos em 1972 em Heidelberg, na Alemanha, levando 20 atletas, todos homens. Não conseguiram nenhuma medalha das quatro competições que disputaram: tiro com arco, atletismo, natação e basquete em cadeira de rodas.

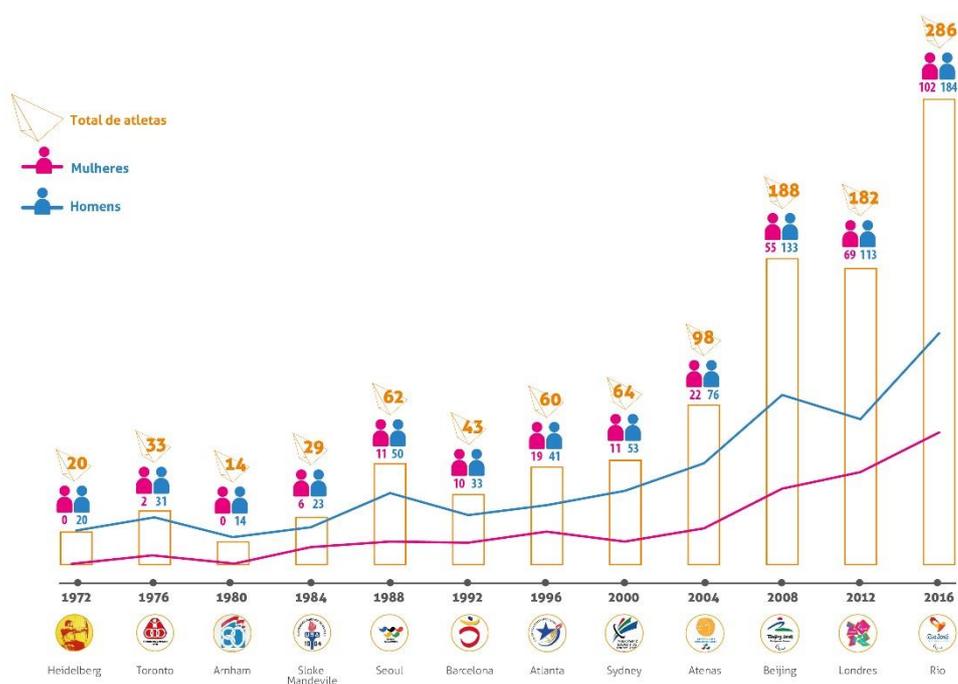
Na edição seguinte, em 1976, Robson Sampaio arriscou disputar outra modalidade, que ele não tinha muita familiaridade, o Laws Ball – uma espécie de bocha na grama. Fez dupla com Luis Carlos Costa e conseguiram a medalha de prata colocando o país em 31º lugar do ranking. Na ocasião, o Brasil participou dos Jogos com 33 atletas nas modalidades atletismo, natação, *dartchery*, *lawn bowls*, tiro, *snooker*, tênis de mesa, levantamento de peso e basquetebol em cadeira de rodas (masculino). Maria Alvares no atletismo e tênis de mesa, e Beatriz Siqueira na natação e *lawn bowls* foram então as primeiras mulheres brasileiras a participar de jogos paralímpicos. (IPC, 2015, online).

Um ano antes, porém, nos Jogos Parapan-Americanos do México, 1975, por falha de comunicação entre as entidades paralímpicas de São Paulo e Rio de Janeiro, o Brasil levou duas delegações. Este problema fez com que o Comitê Paralímpico Internacional exigisse a fundação de uma associação nacional. Assim, um grupo de amigos, atletas, dirigentes e técnicos, apoiou a ideia do Professor Aldo Miccolis e, no dia 18 de agosto de 1975, criaram a Associação Nacional de Desporto para Excepcionais - ANDE. Foi ela quem fomentou o

embrião do futuro Comitê Paralímpico Brasileiro, criado somente em 1995. Tal feito foi realizado dentro do avião mesmo enquanto retornavam do México (ANDE, 2010). O professor Aldo foi presidente da Associação por 25 anos. Em 2005, foi eleito Presidente de Honra do Comitê Paralímpico Brasileiro - CPB passando a ser chamado de Embaixador de Desporto Paralímpico.

O CPB foi criado com a finalidade de normatizar, regulamentar, organizar, dirigir e fiscalizar o segmento esportivo paralímpico brasileiro, em todas as suas manifestações (CPB, 2017, online). Com a estruturação, o Brasil também teve uma evolução significativa nos Jogos, como é possível ver no quadro a seguir:

Figura 4 - Participação brasileira nos Jogos Paralímpicos

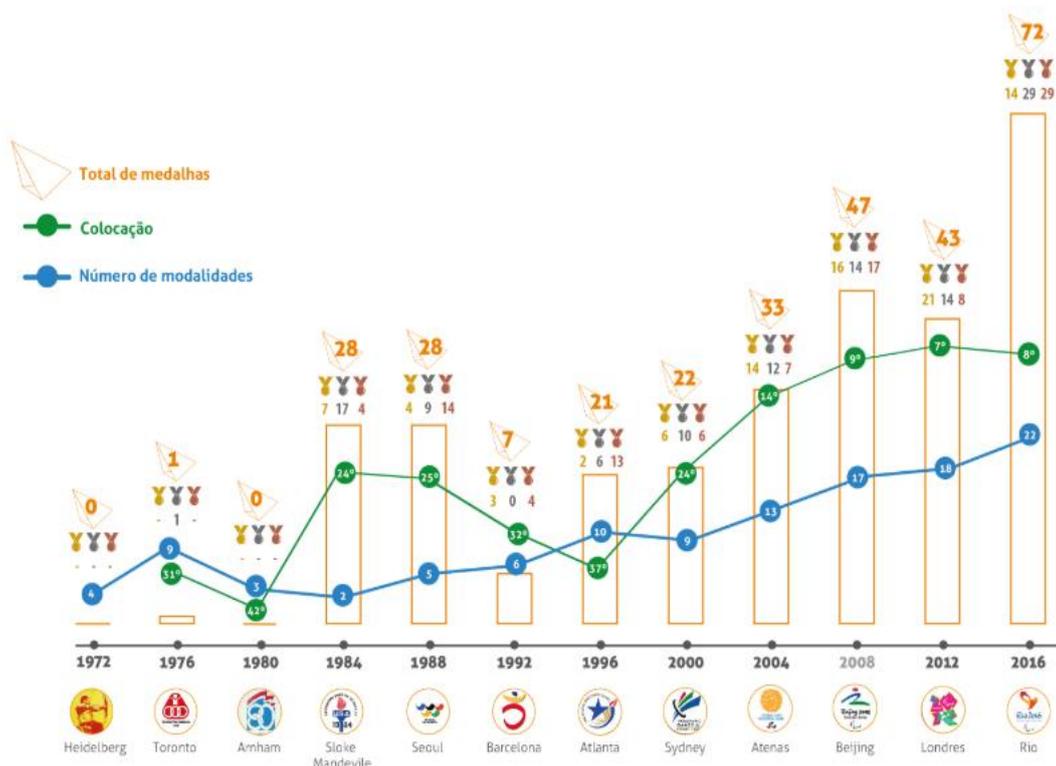


Fonte: CPB. Org, 2020

Ao longo de 11 edições, portanto, o Brasil conquistou 226 medalhas (71 ouros, 83 pratas e 72 bronzes), sendo a 21ª nação a ganhar mais medalhas na história dos Jogos Paralímpicos. Nota-se pelo quadro que sua melhor posição foi alcançada em Londres, 2012, ficando em sétimo lugar do mundo no quadro de medalhas, com 21 medalhas de ouro, 14 de prata e 08 de bronze somando

11 recordes mundiais e quatro recordes paralímpicos. Em 2016, o país caiu para oitavo lugar, pelo número de medalhas de ouro, mas aumentou a quantidade de medalhas somando 72. Como mostra o quadro publicado pelo Comitê Paralímpico Internacional:

Figura 5 - Quadro de medalhas por edição de Jogos



Fonte: CPB. Org, 2020

3.4 Terminologias e conceitos do esporte paralímpico

O Comitê Paralímpico Internacional – IPC criou um manual de estilo de redação para tratar as terminologias referidas no Movimento Paralímpico. A nomenclatura “paralímpica”, segundo o IPC Handbook (2016) vem da palavra "paralímpico" e todas as suas derivações, como "paraolímpico", "paralímpico", "paralimpíada", além das adaptações nacionais reconhecidas que são de uso comum na data de adoção do estatuto como " Paralympski ", ' Paralympique 'e'

Paralympisch'. O prefixo "Para", quando usado em conexão com esportes (incluindo protocolos e cerimônias ligadas ao esporte) e eventos de artes visuais ou musicais apresentados ao público para fins culturais ou educacionais, faz parte da terminologia Paralímpica. Conforme o manual, "Para" sempre deve iniciar com letra maiúscula e ser seguido por um espaço. "Para" deve ser usado antes do nome do esporte caso seja necessária a distinção em relação ao esporte convencional ("able-bodied sport"). O nome dos esportes e modalidades deve sempre ser escrito em caixa baixa, como por exemplo: Para badminton, Para canoagem, Para vôlei, etc.

O IPC está se afastando do uso do termo "*disability*" - inabilidade. A palavra reflete uma interação entre características do corpo de uma pessoa e características da sociedade e normalmente infere que você é incapaz de fazer alguma coisa. "Quando se refere a uma perda na função ou estrutura do corpo, ou limitação de atividade, o termo '*impairment*' – deficiência, é preferido para descrever atletas. Isso muda o foco mais para as habilidades dos atletas e o que eles são capazes de alcançar" (IPC STYLE GUIDE, 2017, p.29).

No Brasil, o termo "paraolímpico" foi alterado para "paralímpico" em 2011 pelo CPB acatando o pedido do IPC cujo objetivo é alcançar a universalização do termo e suas derivações. Posteriormente aos Jogos Paralímpicos de 2012, a então, Presidente da República Federativa do Brasil, Dilma Rousseff decidiu vetar o uso do termo "paralímpico" em documentos oficiais. Por orientação da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República - Secom, o Portal Brasil adota o mesmo padrão usado em textos governamentais (BRASIL, 2012, online). As duas formas estão corretas, mas usa-se "paralímpico" para nomes oficiais de competições e comitês. Exemplo: Comitê Paralímpico Brasileiro, Jogos Paralímpicos. Já o termo "paraolímpico" é adotado sempre quando nos referimos genericamente ao tema. Exemplo: atleta paraolímpico, competição paraolímpica, modalidade paraolímpica (CPB, 2016 online). A tese está padronizada com o termo paralímpico, seguindo o padrão do IPC.

3.4.1 Termos adotados pelo IPC:

Preferred term	Description/ definition	Incorrect terms	Notes/ explanation why incorrect
Athlete or (where a distinction needs to be made) para-athlete or	All athletes within the Paralympic Movement from grassroots to elite level. They are athletes first, so where possible, we should simply refer to them just as athletes.	Athlete(s) with disabilities or disabled athlete(s) Other phrases which should not be used include: Suffers from, afflicted with,	The incorrect terms are either generalisations or derogatory and offensive.
	wheelchair users, people with cerebral palsy etc.		
Able-bodied	A person without an impairment	normal	Calling able-bodied people 'normal' is derogatory to people with an impairment who are equal to their able-bodied counterparts.
Paralympic sport	general reference/any sport on the Paralympic programme. This is only used when referring to the sport's involvement in the Paralympic Games.	Para-olympic sport, disabled sport, disability sport	These terms are incorrect
Para-sport or sport for athletes with an impairment	All sport for athletes with an impairment whether they feature on the Paralympic programme or not. These terms are used for all other sports events outside of the Paralympic Games.		
athlete(s) with an impairment Person(s)/People with an impairment	Impairment is preferred to disability. The Paralympics are all about ability, not inability. Lack of inclusion or mobility restriction are often due to external factors that can be overcome.	victim of, the disabled, the blind, abnormal, defective, deformed, spastic, retard, handicap, invalid, cripple, confined to a wheelchair	
Paralympic hopeful	An athlete who is due to take part in the Paralympic Games	Paralympian/ Paralympic Athlete	An athlete is only a Paralympian once he/she has taken part in a Paralympic Games
Paralympian Paralympic athlete	An athlete who has taken part in Paralympic Games.	Para-Olympian Former Paralympian	A Paralympian is never a former/ex-Paralympian. If you have taken part once, you are a Paralympian "for life". If the person is no longer an athlete, then he/she is a former athlete.
Athlete with a visual impairment and visually impaired/blind	An athletes who has been classified as having a visual impairment	Athlete with a vision impairment	
Athlete with a physical impairment	An athlete who has been classified as having a physical impairment, e.g. amputees,	Athlete with a locomotor disability	

3.5 Os Instantes significativos de Bachelard na vida do atleta paralímpico

A fundamentação teórica desta pesquisa, digamos a química fixadora do filme revelado parte da obra: A intuição do Instante ([1931], 2002a,2010b, 2016c) do filósofo e ensaísta francês Gaston Bachelard, onde faz uma comparação relacionada ao instante, entre as teorias do filósofo francês Henri Bergson contidas na obra: “A Evolução Criadora” escrita em 1907 e a posição do historiador Gaston Roupnel, na obra: “Siloé”, escrita em 1927.

Tais estudiosos tratam a dialética do tempo no entendimento da interação entre as forças da continuidade e da descontinuidade. Conseqüentemente, conceituam a existência temporal concreta e analisam a diferença entre temporalidades singulares (WORM, 2008). Para a tese, não vou me ater aos meios que eles usaram para estudar o tempo, como por exemplo, as teorias evolucionistas ou as metáforas de ritmanálise, tampouco vou me ater ao estudo do tempo em si. Pretendo enfatizar os fins, que estão atrelados ao ato, à filosofia do instante, cuja duração é relativa, cujo valor é compreensível e não palpável, como vai defender Bachelard em suas análises.

3.5.1 Descontinuidade

Na obra “A Evolução Criadora” ([1907], 2001), Henri Bergson: idealiza o tempo em um presente fictício. Tem o instante como uma falsa censura. O antes e o depois encerram apenas um sentido de ponto de referência, já que entre o passado e o futuro se segue uma duração. Bachelard se debruçou analisando tal teoria, mas não concordou com a linha de raciocínio proposta. Ele questionou Bergson, sobre o que seria o instante? “Nada mais que um corte artificial que ajuda o pensamento esquemático do geômetra” (BACHELARD, 2002, p. 21). E, continuou analisando: “Se provarmos a irrealidade do instante, como falaremos do começo de um ato? Que potência natural, situada fora da duração, fará então o favor de marcar um sinal decisivo, uma hora fecunda, que para durar deve, apesar de tudo, começar?” (p. 22). Foi assim que Bachelard percebeu que a filosofia bergsoniana reunia de forma individual o presente como um mero nada, que não consegue sequer separar realmente o passado e o futuro, dizendo serem estes separados artificialmente. Como se a duração fosse uma unidade

indestrutível e o instante seria apenas uma abstração desprovida da realidade. Nesse sentido, o filósofo pontua que na epopeia da evolução, Bergson teria negligenciado os acidentes. “Ele reteve apenas os atos revolucionários nos quais o impulso vital se cindia” (BACHELARD, 2002, p.26). O tempo real não poderia, portanto, fornecer valor ao instante, como escreveu o próprio Bergson (2006, p. 62): “...este (o instante) provém do ponto matemático, isto é, do espaço. E, no entanto, sem o tempo real, o ponto não seria mais que o ponto, não haveria instante”. Vale lembrar Braduel (2007) que diz que para todo historiador, tudo começa, tudo acaba pelo tempo, um tempo matemático e demiúrgico. Bachelard, então, ressalta que os físicos entregaram o tempo desumanizado aos matemáticos, que se apropriam mais da análise do possível do que do exame do real. Na obra *A dialética da duração*, o filósofo reforça a discordância da teoria de Bergson:

“A filosofia do Sr. Bergson é uma filosofia de solidez e sua psicologia é uma psicologia de plenitude. Essa psicologia é tão rica, tão matizada, tão móvel, que não pode se contradizer; dá atividade em repouso, da permanência à função; garante todo um conjunto de substitutos que fazem a cena psicológica nunca esvaziar e são todos meios complementares de sucesso” (BACHELARD, 1963, p.12).

Embora Bachelard tenha sido amigo e até solidário com a ideia de Bergson de desenvolver uma teoria, que não entendia a temporalidade como relógio abstrato do tempo; o filósofo se diz acordar do sonho dogmático da duração, quando se volta ao pensamento sobre a relatividade de Einstein: “Relatividade é o lapso de tempo; é o comprimento do tempo que se revela relativo ao seu método de medição” (BACHELARD, 2002, p. 33). Então, destaca que “o instante, estabelecido com bastante precisão, permanece na doutrina de Einstein, um absoluto” (p.34). Já a duração, para ele, não se limita a durar, ela vive. Aliás, a duração foi o único e mais forte ponto de discordância entre Bergson e Bachelard (WORMS, 2008; PERRAUDIN, 2008; VOIGT, 2013, MACHADO, 2016). “Do Bergsonismo aceitamos quase tudo menos a continuidade”¹³ (BACHELARD, 1963, p.7 – tradução nossa).

¹³ *Du Bergsonisme nous acceptons presque tout sauf la continuité.*

O filósofo passa então a estudar o historiador Gaston Roupnel, que foi viticultor e escreveu sobre a campina francesa em analogia com sua própria vida e sua fé. Sua ideia fundamental é que o universo é integralmente recomeçado a cada instante. “Em cada vida recomeça a gênese da vida e nela ressuscita toda história que anima a terra” (ROUPNEL, 1927, p.60). O historiador era defensor da teoria do ato como uma decisão instantânea, como destaca Bachelard (2002, p.23): “Toda evolução, na medida em que é decisiva, é pontuada por instantes criadores”. Tais instantes criadores, segundo o autor, estão no fluxo de nossa consciência.

Bachelard foi colega de Roupnel desde a época de faculdade de letras e história em Dijon na França – 1927 a 1930. Mas, se aproximou de suas ideias ao perceber que Roupnel tinha uma grande capacidade de ouvir as verdades interiores dos camponeses, com os quais desenvolvia suas pesquisas. E isso, caracterizou uma influência para a escola de imaginação poética de Bachelard, como explicam alguns estudiosos como: Wunenburger (2016, p.183), que ressalta ter Roupnel encontrado no campo francês, “o traço rural vivo dos recursos ou fontes que animam crenças imemoriais”. Ou ainda Whalen (2001) salientando que na obra, o historiador conseguiu retratar a “alma camponesa”. Abro aqui um parêntese para uma digressão sobre a aproximação com o método utilizado nesta tese, que teve a intenção de retratar (fazer o retrato de) a “alma do atleta”. Por essa via, Da Rocha (2019, p.35) destaca que houve uma influência, para além da noção de Instante como descontinuidade sobre Bachelard. Segundo ele, a virada da filosofia bachelardiana para a crítica literária e poética perpassa uma cosmovisão. Principalmente porque a obra *Siloé* trata de uma metafísica – a de que para o tempo não há outra realidade senão a do instante – que alia a biologia com a mecânica ondulatória, como afirma Roupnel (1927, p.108):

“A ideia que temos do presente é de uma plenitude e de uma evidência positiva, singular. Instalamo-nos nele com nossa personalidade completa. Somente ali, por ele e nele, é que temos a sensação de existência. E, há uma identidade absoluta entre o sentimento do presente e o sentimento da vida”.

Figura 6 - Tanque de Siloé construído no final do túnel de Siloé no sec. 5º e que se acreditou ser a piscina do 2º Templo.

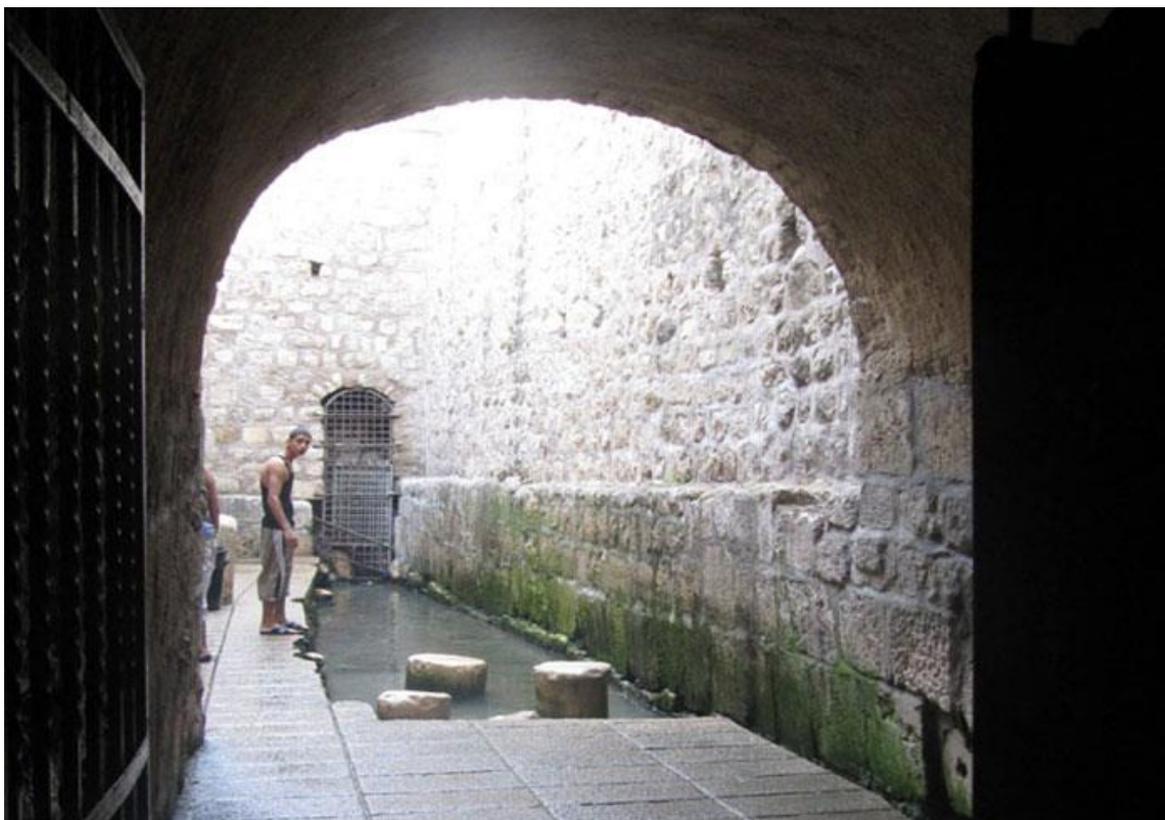


Foto de Tamar Hayardeni, online

Mas, o que Siloé, um reservatório de água, localizada na antiga Jerusalém teria a ver com a inspiração de Roupnel para o título do livro? O historiador Shanks (2005) conta que em 700 a.C, Ezequias, o rei Judéia na época, podia ver o cerco assírio chegando. Medidas de proteção foram claramente solicitadas, especialmente para proteger o suprimento de água de Jerusalém. A única fonte de água doce na época era a primavera de Gihon, perto do chão do vale adjacente de Kidron. Então Ezequias idealizou um grande projeto de engenharia - ele construiu um túnel sob a cordilheira, onde estava a cidade de Davi para desviar a água da nascente para o outro lado menos vulnerável de Jerusalém. Foi escavado por duas equipes de túneis trabalhando de extremos opostos, reunidos no meio - ainda há um mistério de como eles conseguiram se encontrar, mas eles conseguiram.

A água fluía através do túnel da nascente para o tanque de Siloé na outra extremidade. O local ainda é conhecido como o túnel de Ezequias, e virou um ponto turístico para se percorrer seus 500 metros de comprimento. As águas de

Siloé são mencionadas pelo profeta Isaías, contemporâneo de Ezequias, que se refere a “As águas que fluem suavemente de Siloé” (Isaías 8: 6). *Siló* em hebraico, e *O Enviado*, em português. Quando os exilados voltaram da Babilônia e reconstruíram os muros de Jerusalém, Neemias nos diz que um certo Shallun reconstruiu “o muro do tanque de Siló no Jardim do Rei” (Neemias 3:15).

No tempo de Jesus, o tanque de Siloé figurou a cura de um homem cego de nascença. As escrituras relatam que Jesus cuspiu na terra, e com a saliva fez lodo e untou com o lodo os olhos do cego. E disse-lhe: “*Vai, lava-te no tanque de Siloé. Foi, pois, lavou-se e voltou vendo*” (João 9: 1-7).

Nesse sentido, Siloé simboliza para Roupnel, o abrir de olhos para uma nova visão da ciência. Da Rocha (2019) considera ser o emprego de uma epistemologia não convencional, que dá espaço às sensações corporais, percepções míticas e não discursivas. Principalmente sobre a relatividade do tempo; a consciência do sonho; e a relação entre micro e macro alocados, para ele, num panenteísmo (Tudo está em Deus). “Ali se dá um recomeço, uma nova ontogênese da vida para a ideia de devaneios espaciais de uma perspectiva que une duração e instante; espaço e tempo” (DA ROCHA, 2019, p.35). O ato de voltar a ver está ligado à liberdade, à autonomia como interpreta Parinaud (1996, p.80):

“O cego de nascença, que recupera sua vista por lavagem dos olhos nas águas da fonte de Siloé representa, para Roupnel, o ser livre feito para realizar o seu destino. Sua cosmologia é inspirada nas mônadas de Leibniz. Ele também acredita na redenção de ser”.

E ainda Mouschowitz (1993, p.97) diz: “contra a cegueira da ignorância imersa no mundo da temporalidade, indica-se a luz do conhecimento abençoada pelas águas de Siloé”. O próprio Roupnel resume que: “A associação desse título a uma obra de simples discussão racional corresponde à associação que é imposta constantemente a mim entre a ideia que interroga a razão e a imagem que se realiza aos distantes destinos da vida” (ROUPNEL, 1927, p.8)

Seguindo essa linha, Bachelard se abre para um processo fenomenológico de devaneio sobre a natureza como uma linha criadora dos pontos-vida. “É preciso quebrar a imagem que eu contemplava, quando ele (o mundo) era uno” (BACHELARD, 2008, p. 23). Já no prefácio da obra “A Intuição do Instante”, ele pergunta: “Qual Siloé nos falta ao sinal da razão pura, colocando

ordem no nosso espírito para nos permitir compreender a ordem suprema das coisas?” (BACHELARD, 2016, p.5). E prossegue: “em qual água lustral nos encontramos, não só renovamos o frescor racional, mas o direito ao retorno eterno do ato da razão?”. E então, o autor confirma ser essa a fonte da juventude intelectual que Roupnel procurava, enquanto um bom bruxo, em todos os domínios da alma e do coração:

“Atrás dele, nós mesmos desajeitados no manejo da varinha de condão, provavelmente não encontraremos todas as águas vivas, não sentiremos todas as correntes subterrâneas de um tanque profundo. Gostaríamos, pelo menos, de dizer em que pontos de Siloé recebemos os impulsos mais eficazes e que temas Sr. Roupnel traz ao filósofo que quer meditar sobre os problemas de duração e instantes, do hábito e da vida” (BACHELARD, 2016, p.6 - tradução nossa).

Roupnel ainda era muito jovem quando vislumbrou que o universo poderia ser o resultado de um eterno recomeço dele mesmo: “Para falar a verdade, quando eu tive a ideia a primeira vez que o Universo era composta de hábitos perpetuais, muitas coisas pareciam contradizer. A ciência atômica estava na infância, e o ‘ne varietur’ [que nada seja mudado] parecia o estatuto físico da matéria” (ROUPNEL, 1927, p.9). Contudo, segundo o historiador, um traçado começava a desenhar direções sobre as ciências biológicas, no sentido de que o indivíduo aparecia já como um tipo usual de espécie. Foi então que começou a esboçar os grandes traços de uma doutrina mais completa, dizendo que à medida que levantava o véu sobre o fenômeno do mundo, parecia que a vida estava cheia de significado real.

“À medida que a explicação solicitou ao universo para entregar um testemunho mais abundante da harmonia onde se manifesta a ordem suprema das coisas [...] Taí porque de uma exposição doutrinal preliminar em que as indigências verbais apenas traduzem este rigor da lógica sucedendo os desenvolvimentos onde a expressão clareia sua indiferença na contemplação do universo, que derrama as provas de sua harmonia inteligente sobre todos os milagres da vida”. (ROUPNEL, 1927, p.8 - tradução nossa)

A obra Siloé tem duas partes bem distintas: a primeira intitulada BIOS, em

que Roupnel estabelece sua ontogênese biológica baseada na tese de que a natureza está eternamente recomeçando. “Pode-se dizer que a duração é a vida, sem dúvida. Mas, é preciso ao menos situar a vida no âmbito do descontínuo que a contém e na forma agressiva que a manifesta”, (ROUPNEL, 1927, p. 109). Foi por isso que Parinaud (1996) afirmou, que Gaston Roupnel via em cada átomo o centro do universo inteiro abrangendo, pela variedade de combinações, valor da novidade permanente.

Já a segunda parte da obra, intitulada “*Nous*” – Nós em francês – o autor ressalta que é a inteligência que memoriza a vida, a alma em manifestação da consciência universal (DA ROCHA, 2019). Além do entendimento do tempo e do espaço como uníssono ao instante-vida: “Nossa consciência não é composta apenas de imediatismos. Ela solta sua percepção da sensação que atravessa em vários instantes” (ROUPNEL, 1927, p. 135). Segundo ele, nossa consciência faz sua colheita na superfície enorme do tempo que as obras de um momento e os frutos de um instante têm. “Assim como nossa consciência suporta apenas o momento presente, da mesma forma, o funcionamento do nosso ser, ela não se importa com a sensação entrelaçada naquele momento. (ROUPNEL 1927, p. 135). Foi por isso, que Bachelard considerou que na teoria do historiador, acontece a aritmetização mais completa e mais franca do tempo.

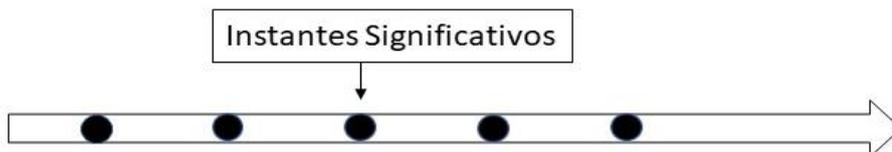
Comparando as teorias de Bergson e Roupnel, Bachelard ilustra as trajetórias de tempo como uma disposição linear contínua: Bergson – na sua concepção de Tempo – afirma que o que existe é apenas o passado, mais contraído ou mais distendido dentro deste tempo virtual e que se contrai para o ato da criação. Para ele, a trajetória é um processo de desaparecimento; o tempo é fator angustiante, portanto, Bachelard descreve tal posição como sendo “uma reta preta sobre a qual tivéssemos colocado para simbolizar o instante como um nada, como um vazio fictício, um ponto branco” (BACHELARD, 2002, p.26), como se vê na figura a seguir:

Figura 7 - Instante para Bergson – filosofia da ação – duração é sempre um desenrolar contínuo, que se situa entre a decisão e o objetivo.



Enquanto Roupnel, aponta que a duração é feita do exterior, pela memória, potência de imaginação por excelência, que quer sonhar e reviver, mas, não compreender. No caso, a ilustração então é: “uma reta branca, inteiramente em potência, em possibilidade, na qual de repente, como um acidente imprevisível, viesse inscrever-se um ponto preto, símbolo de uma realidade opaca” (BACHELARD, 2002, p. 27), vê-se na figura abaixo:

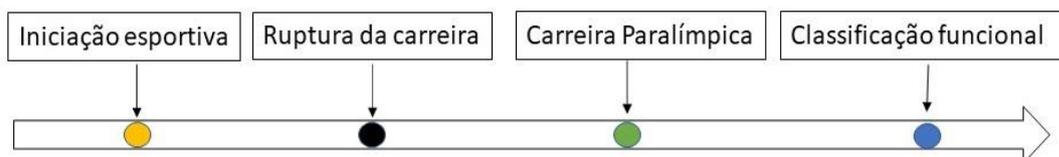
Figura 8 - Instante para Roupnel – filosofia do ato – antes de tudo, uma decisão instantânea – teoria da descontinuidade.



Analisando a trajetória dos atletas estudados, coloco-os na reta branca e pontuo em cores, os instantes revelados nas narrativas: quando eles se tornaram atletas de alto rendimento, está em amarelo, representando a busca pelo ouro; quando eles sofreram a ruptura de carreira, está em preto; quando eles se reinventaram como atletas paralímpicos, está em verde de esperança; e o instante da classificação funcional, em azul, que é um momento pragmático e até determinista para a carreira deles. As cores foram escolhidas a partir do meu campo referencial para as devidas fases, os então chamados “instantes significativos”. Logicamente que no decorrer da trajetória de vida há inúmeros instantes relativamente significativos, mas no caso, vamos nos ater a esses

quatro instantes, ou no sentido figurado da metodologia, nesses quatro cliques de fotografias tiradas, como ilustra a figura abaixo:

Figura 9 - Instante significativos para os atletas estudados.



3.5.2 Reinvenção do tempo

Refletindo sobre as duas teorias, Bachelard parte de um postulado diferente, afirmando que no fundo temos necessidade de aprender e reaprender nossa própria cronologia atribuindo novidade ao tempo: “Não é o ser que é novo num tempo uniforme, é o instante que, renovando-se remete o ser à liberdade ou à oportunidade inicial do devir” (BACHELARD, 2002, p. 29). Ele enfoca ainda, ser preciso que a reflexão construa tempo ao redor de um acontecimento, no próprio instante em que o acontecimento se produz. É então que o instante reserva sua individualidade. “Além disso, pelo seu ataque, o momento de repente se impõe, inteiro; é o fator da síntese do ser” (BACHELARD, 2016, p.27).

Repentino no fato, mas com o tempo ao seu redor construído pela reflexão. No caso, uma ruptura no fluxo da consciência, em que o filósofo compara com um luto: “Como o luto mais cruel é a consciência do futuro traído e, quando sobrevém o instante lancinante em que um ente querido fecha os olhos imediatamente se sente como que novidade hostil, o instante seguinte assalta nosso coração” (BACHELARD, 2002, p. 19).

Nota-se na frase acima, o viés poético de Bachelard tornando possível ilustrar perfeitamente o futuro traído desses atletas, que tinham o sonho de serem atletas olímpicos, e o trauma sofrido por eles, foi o instante vilão que lhes assaltou o coração. Por este caminho temos o sustento e identidade para a tese, usando o artifício da imaginação. Os atletas estudados viveram o luto cruel da transformação do corpo. Em um abrir de olhos já eram fisicamente diferentes.

Um novo começo, uma recriação da trajetória. O fato é que eles reinventaram suas próprias cronologias e impulsionaram a vida, não fazendo da queda uma duração, um mero nada ou um presente fictício. “Veremos então, que a vida não pode ser compreendida numa contemplação passiva; compreendê-la é mais que vivê-la é efetivamente impulsioná-la” (BACHELARD, 2002, p.26).

É nesse sentido, portanto que a tese se encontra com o autor. Como os atletas estudados reconstruíram suas histórias em um futuro não planejado por eles, mas criado pelo próprio instante? E, como foi dado valor ao instante, passando da atomização do tempo à aritmetização temporal e absoluta em que o comprimento de um tempo não representa o valor de uma duração? O conselho de Bachelard é que para conferir-lhes esse valor de absoluto, basta considerar o instante em seu estado sintético, como um ponto do tempo-espaço. “O instante revela-se suscetível de precisão e objetividade; sentimos nele a marca da fixidez e do absoluto” (BACHELARD, 2002, p. 35).

O autor enfoca que a memória guardiã do tempo, guarda apenas o instante; ela não conserva nada, absolutamente nada de nossa sensação complicada e fictícia que é a duração. A lembrança da duração, segundo ele, está entre as lembranças menos duradouras. Lembramos de ter sido e não, porém, de ter durado. “A distância no tempo deforma a perspectiva do comprimento, porque a duração depende sempre de um ponto de vista” (BACHELARD, 2002, p. 38). O distanciamento do instante referido pelos atletas foi deformado diferentemente por cada um. Então, concordando com o autor, como não ver que a vida é o descontínuo dos atos? O ato, que segundo Roupnel, é antes de tudo uma decisão instantânea e é essa decisão que encerra toda a carga de originalidade.

3.6 A química do Imaginário: mitos, crônicas e a imagem poética dos Instantes Significativos

Para uma representação dos instantes significativos destacados nas narrativas, principalmente para poder recontar as histórias ouvidas, se faz necessário então, recorrer ao imaginário. Um conjunto bastante flexível de componentes cabíveis nas mais variadas facções da vida humana. Segundo Wunenburger (2007, p.7) o imaginário é: “Fantasia, lembrança, devaneio, sonho,

crença não verificável, mito, romance, ficção são várias expressões do imaginário de um homem ou de uma cultura”.

O filósofo Gilbert Durand, que foi aluno de Bachelard definiu o imaginário como: “O conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens – aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano” (DURAND,2002, p. 18). Para ele, o imaginário é um campo de forças incessante e inacabado recursivo e em permanente abertura entre nossas pulsões e desejos mais íntimos de um lado; e as resistências do mundo objetivo de outro (DURAND, 2002).

Numa vertente sócio histórica ressaltamos Castoriadis. Ao escrever a obra *L'institution imaginaire de la Société*, diz não compreender o que foi e o que é a história humana fora da categoria do imaginário. Para ele, o social é o imaginário instituído. E, este não é redutível ao aspecto estrutural e funcional do social. “O imaginário manifesta a capacidade que tem o social de se criar, de se instituir, de se determinar; sem ser determinado por um fator ‘real’ ou instituído como significação” (CASTORIADIS, 1982, p. 135). Segundo o filósofo, se não for dentro do campo das significações imaginárias instituídas por cada sociedade, o imaginário terá uma significação objetiva, neutra, sempre a mesma a atravessar a história de todas as sociedades, como acontece com o determinismo de Karl Marx.

Na mesma direção, Maffesoli (2001) conceitua o imaginário como uma atmosfera, sendo o estado de espírito de um grupo, de um país, de um estado, de uma comunidade:

“Há sempre uma parte de razão, de ideologia de conteúdo no processo descrito, mas também uma alquimia um tanto misteriosa que denota, em certas situações, uma interação. Esse momento de vibração comum, essa sensação partilhada, eis o que constitui o imaginário”, (MAFFESOLI, 2001, p.77).

Já na abordagem mais contemporânea Rubio (2001) alinha o imaginário ao contexto esportivo da atualidade, na obra “O atleta e o mito do herói”. Segundo a autora, “quando o símbolo é constitutivo de todo fenômeno e as imagens são símbolos recorrentes e redundantes, o novo e o diverso adquirem sempre o mesmo sentido de eterno retorno às origens do pensamento único da

espécie humana” (RUBIO, 2001, p.50). Para Rubio, o esporte compõe o imaginário social, sendo identificado por elementos como força, superação de limites, vitória a qualquer preço e supremacia como valores que refletem o modelo social vigente. A autora discute a constituição do imaginário esportivo contemporâneo a partir da relação que se estabelece entre os feitos atléticos e as façanhas heroicas da mitologia. De tal obra, portanto, vamos tirar a inspiração para encontrar o ponto comum entre o herói - personagem mítico e o herói – realizador de feitos incomuns (RUBIO, 2001), o atleta paralímpico através de algumas analogias.

Ao marinar tais narrativas na química do imaginário, ousou revelar a princípio os instantes vivenciados pelos atletas, como um encontro entre os deuses mitológicos Chronos e Kairós, ambos simbolizando o tempo.

Na mitologia grega, Chronos é o senhor do tempo, enquanto Kairós representa o tempo que não pode ser controlado. Para os gregos antigos, o primeiro significava o tempo cronológico, enquanto o segundo se referia à qualidade do tempo vivido, algo que não pode ser medido através de números. Diz a história que Chronos casou-se com sua irmã Reia, com quem teve seis filhos: Hades, Poseidon, Hera, Deméter, Héstitia e Zeus. Temendo a concretização de uma profecia, que dizia que ele seria tirado do poder por seus filhos, Chronos engoliu todos eles logo após o nascimento. O único que se salvou foi Zeus, após Reia enganar o marido e entregar a ele um pedaço de pano para ser engolido no lugar do filho. Já adulto, Zeus deu uma poção mágica a seu pai, fazendo com que Chronos vomitasse todos os outros filhos e, finalmente, libertá-los. Por ter derrotado Chronos, que simbolizava o tempo, Zeus e seus irmãos tornaram-se imortais. Kairós era o filho mais novo de Zeus e de Tique, a deusa da sorte e da fortuna.

“Quanto a Cronos, depois que se apossou do governo do mundo, converteu-se num déspota pior que o pai. Temendo os Ciclopes, que ele havia libertado do Tártaro a pedido de Géia, lançou-os novamente nas trevas, bem como aos Hecatonquiros. Como Urano e Géia, epositários da mântica, quer dizer, do conhecimento do futuro, lhe houvessem predito que seria destronado por um dos filhos, que teria de Réia, passou a engolilos, à medida que iam nascendo: Héstitia, Deméter, Hera, Hades ou Plutão e Posídon. Escapou tão-somente Zeus. Grávida deste último, Réia fugiu para a ilha de Creta e lá, secretamente, no monte Dicta, deu à luz o caçula. Envolvendo em panos de linho

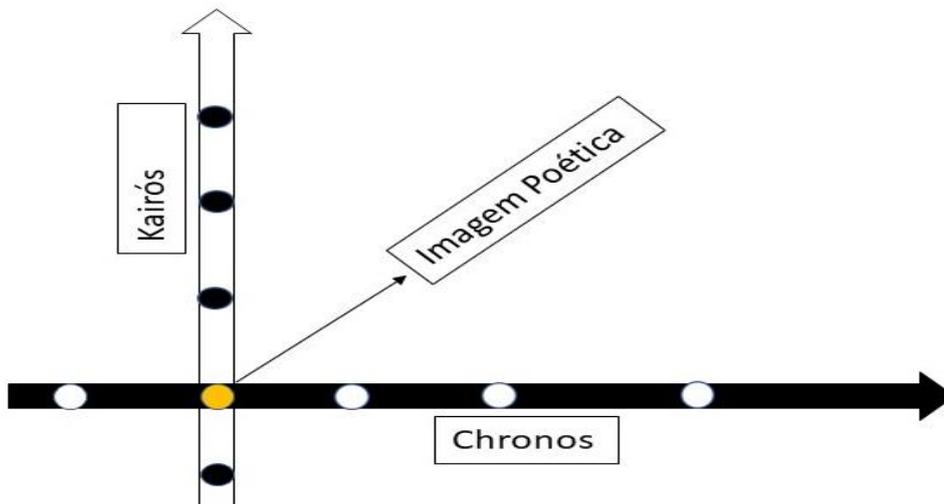
uma pedra, deu-a ao marido, como se fosse a criança, e o deus, de imediato, a engoliu” (BRANDÃO, 1986, Vol I, p. 200).

Por outro lado, Kairós era habitualmente considerado filho menor de Zeus e da deusa da prosperidade, Tyche. Kairós era rápido, andava nu e tinha somente um cacho de cabelos na testa. Só era possível agarrá-lo segurando-o por esse topete. Se assim não fosse, seria impossível segui-lo ou trazê-lo de volta. Kairós era visto na inteligência de Atena, no amor de Eros e mesmo no vinho de Dioniso. Posteriormente, na genealogia dos deuses, parece estar associado a todos eles, como manifestação de um momento específico (BENITO JUNIOR, 2012). Kairós poderia ser (ou estar manifesto em) Chronos (Tempo), já na teologia cristã, na noção de Aeon (eternidade) (HELM, 2010). Em nenhum momento Kairós refletiria o passado ou pressentiria o futuro; ele simboliza o melhor instante no presente: o instante em que se consegue afastar o caos e abraçar a felicidade. Entre os romanos, ele recebeu o nome de Tempus, que representa aquele breve momento em que as coisas são possíveis. Kairós é o tempo que não pertence a Chronos, e não pode ser cronometrado ou previsto.

Chronos é o tempo de ordem linear, horizontal, contínuo e encadeado. É a reta preta de pontos brancos defendida por Bergson, em que o presente é engolido como o filho mais novo de Chronos. São os fatos históricos que os atletas vão contar de suas vidas. O que Gomes (2010) considera ser o tempo da história, da memória e da experiência. Já o Kairós é o tempo vertical, oportuno, instantâneo, descontínuo. Tempo das possibilidades, que seriam os pontos pretos na reta branca defendidos por Roupnel. Na fala dos atletas são as oportunidades boas ou ruins, que a vida lhes proporcionou.

Portanto, o encontro dos dois deuses mitológicos é exatamente onde vai suscitar, para mim, a imagem poética dos instantes, que submergem das narrativas biográficas. “É aí o encontro da ciência com a poesia. Ambas sob os signos da repetição e novidade, da continuidade e descontinuidade” (GOMES, 2010, p.83), como demonstro na ilustração a seguir:

Figura 10 - Imagem poética dos instantes significativos



A figura traduz a tentativa de minimizar ou metaforizar a aspereza da trajetória real desses atletas na construção de suas memórias. As narrativas, quando capturadas vêm de forma áspera porque são histórias duras de serem absorvidas, cheias de questionamentos, dores e até revoltas. Portanto, devolvê-las aos protagonistas pelo prisma poético literário é o maior desafio; o de amenizar a realidade que não pode ser mudada.

A imagem capturada, digo narrativa, dirá de maneira imediata algo da realidade por meio da irrealidade que ela mesma expressa. Os instantes referidos nesta tese são o tempo da imagem poética, da imagem literária, do conhecido imediato, da intuição reveladora e da profundidade do real por meio do imaginário. A imagem poética é o ato poético e o ato é o correlato do instante; é a manifestação da criação instantânea.

O contexto do uso da imagem poética por Bachelard vem da sua conversão ao devaneio e à poiesis. No fim da obra “A intuição do Instante” ele diz: “É num tempo vertical de um instante imobilizado que a poesia encontra seu dinamismo específico”¹⁴ (BACHELARD, 2016, p.111 – tradução nossa). O filósofo fora instigado ainda por alguns textos de Roupnel, como: “o sonho livre de nossas almas, a elevação superior do nosso pensamento” (ROUPNEL, 1927, p. 173). Ou: “Eis os dias de sua infância e seus sonhos puros!... Este é o

¹⁴ “C’est dans un temps vertical d’un instant immobilisé que la poésie trouve son dynamisme spécifique”.

horizonte de sonho, a Siloé! Oásis de felicidade! Terra dos sonhos, onde o ar é abençoado! Mas então, onde que Siloé está no tempo? Siloé que ressuscita ao dia mais doce?” (ROUPNEL, 1927, p.187). Ele percebeu que seus estudos estavam enquadrados em teorias arbitrárias. A partir daí, suas obras mudaram de teor, passando a usar elementos simbólicos e enfatizar a poesia como forma de fazer ciência.

Alguns estudiosos como Rodrigues e Grubba (2012); Machado (2016); e Saura (2016) referem-se à “ontologia poética” de Bachelard como promotora de empatia, compreensão, entendimento, comoção e, sobretudo, de grande valia para a ciência. Bachelard defende que as coisas caminham bem depressa quando o cientista trata da sua própria experiência descrevendo uma visão pessoal do mundo como se ela encontrasse ingenuamente o sentido de todo o universo. Isso é a identificação da pesquisa com o pesquisado.

[...] "A poesia nos proporciona documentos para uma fenomenologia da alma. É toda a alma que se entrega com o universo poético do poeta. [...] E a língua dos poetas deve ser aprendida diretamente, precisamente como a linguagem das almas. [...] O devaneio nos põe em estado de alma nascente", (BACHELARD, 1988, p. 14-15).

O que ele explica é que o devaneio nos dá o mundo de uma alma, que uma imagem poética testemunha. Uma alma que descobre o seu mundo, o lugar onde ela gostaria de viver, onde ela é digna de viver. Bachelard lançou sinais sobre o fenômeno simbólico da imaginação, fazendo da poesia, o que Durand (2002 p. 25) vai chamar de “um patrimônio do imaginário da humanidade”.

Ele toma como característica a diversidade do seu pensamento entre ciência e poesia, entre o onírico e o intelectual (SAURA e ZIMMERMANN, 2018; GOMES, 2010; VALADARES, 2014). O que o fez deixar de apreender a imagem somente como obstáculo epistemológico, apresentada pelo viés da ciência, para apreendê-la como uma fonte criadora e como caminho ao imaginário. Embora, tivesse consciência de que a ciência e a poesia eram duas atividades irreduzíveis uma à outra: “Os eixos da poesia e da ciência são primeiramente inversos. Tudo o que a filosofia pode esperar é torná-las complementares” (BACHELARD, 1965, p.10; 1994, p.12). O filósofo confia ser impossível manter a reserva de razão que a proposta de suas análises lhe exigia à princípio. Gomes (2010)

afirma que na epistemologia histórica de Bachelard, a união entre razão e experiência é fundamental. Na mesma linha, César (1989) diz que o filósofo buscou a ação dos valores inconscientes na base do conhecimento empírico científico. Mais além, o filósofo aplica a sentimentalidade na ciência: “No plano poético, as coisas apreendidas pelo sonho e a dinâmica onírica da produção das imagens somente podem ser compreendidas a partir da experiência de seus feitos sobre a sentimentalidade” (BACHELARD, 1998, p.196). Enfim, nas suas obras: “A água e os sonhos” e “A poética do fogo” Bachelard se rende ao imaginário.

Para Wunenburger (2007, p.17-18), Bachelard testemunha a onipresença da imagem na vida mental, “atribuindo-lhe uma dignidade ontológica e uma criatividade onírica, fontes da relação poética para o mundo”. O pensador francês diferencia a imaginação em dois aspectos:

“Expressando-nos filosoficamente desde já, poderíamos distinguir duas imaginações: uma imaginação que dá vida à causa formal e uma imaginação que dá vida à causa material; ou, mais brevemente, a imaginação formal e a imaginação material”, (BACHELARD, 1998, p.1).

Ele situa as raízes da imaginação em matrizes inconscientes (os arquétipos), que se dissociam por si mesmas segundo duas polaridades, a masculina (Animus) e a feminina (Anima); e se nutrem pelos elementos: terra, água, fogo e ar (ROBÈNE e JORAND, 2018; DA COSTA, 2018; VERCHÈRE, 2017; VALADARES, 2014; DOMINGUES, 2014; MARTINEZ, 2014). Elementos estes que considera serem “hormônios da imaginação”, ou ainda a matéria das imagens poéticas, que vão inspirar até as filosofias tradicionais, almas e sonhos (BACHELARD, 1998).

Saura (2016) destaca ainda a fala do filósofo, quando a imagem emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade. “A imagem não tem necessidade de um saber. Ela é a dádiva de uma consciência ingênua. É uma linguagem criança”, (BACHELARD, 2008, p.4).

Percebe-se em suas análises, diversas figuras representativas enlaçadas à vida humana, declarando a independência da necessidade de significar. Para ele, inventar na ordem das ideias e imaginar imagens são proezas psicológicas

muito diferentes. “Graças ao imaginário, a imaginação é essencialmente aberta. No psiquismo humano, ela é a própria experiência de abertura, a própria experiência de novidade” (BACHELARD, 1990 p. 14). O autor ressalta que não se inventam ideias sem retificar um passado, ou seja, a imaginação poética não tem passado. “É verdadeiramente um instante da palavra, instante que se aprende mal se quer colocá-lo na ilacerável consciência bergsoniana” (BACHELARD, 1990, p. 29).

Na versão bachelardiana, a imagem poética é variacional, é microscópica, é a fenomenologia da alma. "Nas horas de grandes achados, uma imagem poética pode ser o germe de um mundo, o germe de um universo imaginado do devaneio de um poeta" (Bachelard, [1960]; 1988, p.1). Segundo ele, a imagem poética chega à profundidade antes de movimentar a superfície. “Ela emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado de sua atualidade” (BACHELARD, 1993, p.185).

Sendo assim “os instantes” são nosso campo de experiência, a nossa motivação simbólica; uma revisão das imagens e dos devaneios produzidos em nós. Ao penetrarmos no coração das narrativas, descobrimos os valores dos instantes e seus constituintes finais. O que Bachelard chamou de substancialismo do íntimo, sendo baseado exclusivamente em propriedades empíricas, permitindo que seja explicada sem provas objetivas.

Outro aspecto particularmente interessante foi poder associar o mito e a arte, à intimidade das narrativas. Eis, a questão da identificação da trajetória dos atletas com as jornadas de heróis traçadas pelos mitos, tão bem explorada por Campbell (1989) e Rubio (2001). Vale lembrar ainda Junito Brandão (1986) quando diz que o mundo transcendente dos deuses e heróis é religiosamente acessível e reatualizável, exatamente porque o homem das culturas primitivas não aceita a irreversibilidade do tempo: o rito abole o tempo profano e recupera o tempo sagrado do mito.

“É que, enquanto o tempo profano, cronológico, é linear e, por isso mesmo, irreversível (pode-se "comemorar" uma data histórica, mas não a fazer voltar no tempo), o tempo mítico, ritualizado, é circular, voltando sempre sobre si mesmo. É precisamente essa reversibilidade que liberta o homem do peso do tempo morto, dando-lhe a segurança de que ele é capaz de abolir¹ o passado, de recomeçar sua vida e recriar seu mundo.

O profano é o tempo da vida; o sagrado, o "tempo" da eternidade", (BRANDÃO, 1986, p.40).

Os mitos, segundo o autor, além de gerarem padrões de comportamento humano, para vivermos criativamente, “permanecem através da história como marcos referenciais através dos quais a consciência pode voltar às suas raízes para se revigorar” (BRANDÃO, 1986, p.10). Já Durand (2002) enfatiza que o mito como um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um esquema, tende a compor-se em narrativa. “O mito é um esboço de racionalização, dado que utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias”. (DURAND, 2002, p.63). Segundo ele, o símbolo e o mito servem com base antropológica pela qual se constrói a significação histórica e organiza a constelação de imagens. Pichon (2018) reforça dizendo que esse mito profundo não é um obstáculo ao conhecimento, mas um mecanismo de pesquisa.

Por fim, a química da arte e a literatura inseridas em meio às narrativas, servem como pixels, dando filtros de tons e uma nova cor aos fatos que estavam fadados ao simples citar cronológico. Vê-se então inseridos nos textos, trechos de autores literários como: Kafka, Camus, Dante Alighieri, Guimarães Rosa, Gabriel Garcia Marques, Fernando Pessoa, entre outros, na certeza de que essas obras interagem perfeitamente nas histórias de vida, para acalantar, dar teor e fluidez nas experiências vividas dos atletas que colaboraram com a pesquisa. Reproduzindo Laplantine e Trindade (2003, p.27) “A ciência como a arte, aliás, não busca copiar a realidade e descrever o mundo tal como é, mas elaborar sistemas simbólicos para apreciá-lo”. O que tentaremos demonstrar no resultado desta tese é justamente uma forma de traduzir simbolicamente as histórias dos atletas em que a ciência talvez os resumiria em estudos biomecânicos.

4 Os instantes significativos na voz dos atletas

4.1 Da iniciação esportiva à carreira Olímpica

“De repente, da calma fez-se o vento”

(Vinícius de Moraes, 1938)

4.1.1 A triatleta Susana Schnarndorf

Eu tinha uns 11 anos de idade quando falei para minha mãe que queria ser nadadora e não uma bailarina, como ela sonhava. Daí fui matriculada para nadar duas vezes por semana numa escolinha chamada Tibungo. Mas, eu não me contentei, queria ir mais vezes e quando vi estava treinando todos os dias. Passaram uns meses, teve uma competição lá em Porto Alegre, onde eu morava e ganhei a prova. Daí o professor Mauri Fonseca, me chamou para treinar na escolinha dele. Eu já devia ter uns 14 ou 15 anos. E lembro que ele sempre falava: - *“Su, natação é como se fosse um muro de tijolos. Vai pondo treino, treino, treino, todos os dias. Se você deixar buracos, o muro fica fraco e cai”*.

Minha especialidade era o nado peito e depois passei a treinar para a prova de 400 medley. A primeira competição com a equipe do Mauri, fora de Porto Alegre foi em 1984, no Clube Pinheiros em São Paulo, troféu José Finkel. Eu me saí muito bem e cada vez mais queria ficar na equipe dele. Consegui ser campeã estadual, Sul brasileira, Brasileira mirim A; mirim B; infantil A e B.

Daí fui chamada para treinar no Minas Tênis Clube em Belo Horizonte. Meus papais não queriam que eu fosse, mas a natação era tudo o que eu queria. Na escola ao invés de estudar eu ficava calculando meu tempo. Enfim, eu fui e lá passei a treinar vários estilos, primeiro peito, depois fundo 400m, 800m, 1500m, 400m medley. Eu me espelhava em Ricardo Prado e Alex Palmo. Fiquei no ranking brasileiro até 1991, quando daí eu rompi os ligamentos do joelho e tive que voltar para casa para uma cirurgia. Tinha 23 anos já e engordei 14 quilos, sem poder botar o pé no chão. Quando me liberaram para fazer esporte de novo, fui para uma academia, onde conheci um pessoal que fazia triatlo e disse consigo mesma: - *“eu quero fazer isso”*.

Falei para o meu pai que era tudo o que eu queria e que eu precisava ir

para o Paraguai comprar uma bike. Como ele sempre me apoiava, me deu o dinheiro. Sem entender nada de regra, fui disputar o Troféu Internacional de Santos de Triatlo, que aconteceria no mês seguinte. Competi sem capacete e sem sapatilhas, mas venci a prova na categoria amadora. Daí eu me mudei para o Rio de Janeiro para treinar profissionalmente e dois anos depois fui convocada para compor a delegação brasileira que iria para os jogos Pan-Americanos de Mar Del Plata, 1995. Na minha carreira toda eu fiz 13 Ironman entre as principais rotas que é Fortaleza, Florianópolis e Havaí.

4.1.2 O cavaleiro Rodolpho Riskalla

Nasci em São Paulo e fui criado entre o Jóquei, porque meu avô tinha cavalos lá, e a hípica Santo Amaro, onde minha mãe era instrutora. Portanto, aos seis anos de idade já sabia montar. Comecei a competir no adestramento, desde as provas mirins. Fui campeão brasileiro por quatro ou cinco vezes. Meu primeiro campeonato brasileiro foi em 1996. No ano seguinte fui vice-campeão mirim; Junior e campeão Sul-Americano em 2001. Depois também venci a prova de Jovens Cavaleiros, em 2002 na Argentina.

Competir sempre me fez bem. Eu não queria treinar por treinar, queria competir. Em 2004 fui campeão Sul-Americano e em 2005 me mudei para a Alemanha. Lá tinha mais condições de trabalho e de treinos também. Consegui ganhar a Copa do Mundo de Jovens Cavaleiros. Já estava com 21 anos. Em 2007 eu voltei para o Brasil e fiquei até 2011 para participar dos Jogos Pan-Americanos de Guadalajara. Fui como reserva, porque meu cavalo era um pouco mais velho e nas provas de adestramento o que conta é a equipe (cavaleiro e cavalo). Em 2012, a Confederação Brasileira fez algumas classificatórias para Londres e me ofereceram um cavalo mais novo para que ele pudesse fazer parte do ciclo olímpico e ajudar a equipe se classificar. Depois, fui morar em Paris e como estava sem patrocínios resolvi ter um trabalho paralelo e assim conseguir bancar as provas classificatórias para Rio, 2016.

4.1.3 O velocista Gustavo Henrique

Sou natural de Uberlândia - Minas Gerais, nasci dia 14/09/1992. Minha mãe era pedagoga e meu pai já tinha sido atleta então eles sempre me incentivaram no esporte. Fiz handebol, futsal, basquete, futebol de campo e natação, porque eu tinha bronquite então me mandaram nadar. Mas, meu maior sonho era ser jogador de futebol. Eu me dedicava ao máximo dentro dos campos que jogava, mas percebi que tinha um problema com o coletivo. Não gostava de perder e não achava justo me dedicar tanto para uma equipe que não fazia o mesmo. Na escola, era o mais rápido e sempre vencia as provas de velocidade. Também percebi que era um dos únicos “pretos” da escola. Não sei se isso ajudava, mas eu era veloz. Lembro que uma vez em 2008, botei aula para assistir a abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim. Sei que naqueles dias, a escola promoveu um monte de atividades para poder fomentar sobre os Jogos e, dentre as atividades, teve atletismo na pista do Sesi Gravatás. Foi lá que chamei a atenção de um professor da modalidade que me convidou para treinar. Como não requisitava muito tempo de treino, só duas vezes na semana, eu aceitei treinar. Assisti as Olimpíadas, vi o Usain Bolt fazer a história e me sentia motivado a treinar ainda mais. Em 2009 fui vice-campeão brasileiro escolar e ali despertou de vez: ‘olha agora acho que dá’, pensei comigo mesmo, ao ver que com 15, 16 anos, corria 100 metros para 10 segundos. Essa marca já me colocava em primeiro no ranking brasileiro. Fui campeão brasileiro escolar, medalhista no Troféu Brasil, no revezamento, campeonato sub-23 fui medalhista e subi ao pódio do Troféu Brasil adulto em 2014. Coincidentemente fui convidado a ser guia de atletas paralímpicos que também treinavam no clube. Na época, mal tinha conhecimento do Movimento Paralímpico e nem se quer imaginava que um dia estaria de fato entre eles. Engraçado, alguns momentos eu brincava até com a minha mãe, - ‘ó um dia eu vou virar atleta paralímpico’ - e ficava brincando com isso. Não brincava de forma negativa e sim positiva porque eu via que os atletas eram muito bons. Eu estava no meio de atletas que tinham ido para Pequim, eu achava isso o máximo.

4.1.4 A voleibolista Elizabeth Gomes

Nasci em 16 de janeiro de 1965. Mas, meu registro saiu dia 15 de janeiro, um dia antes e eu não gosto do dia 15. Então, sempre comemoro dia 16. Eu amo dia 16. Sou a mais nova, minha mãe teve uma filha antes que chamava Fátima e com 10 anos ela brincando aqui na frente de casa com uma amiguinha, espetou o pé num prego e não contou nada para minha mãe. Quando foram ver ela estava com tétano e não teve como salvá-la. O pai da menina fez um curativo e ela ficou quietinha com medo de contar lá em casa. Minha mãe estava grávida da minha irmã Fátima. Pôs esse nome em homenagem a outra Fátima que faleceu.

Eu era muito espoleta. Minhas amiguinhas que moravam em frente, a gente brincava bastante. Naquela época podia ficar na rua então era meninas e meninos brincando de empinar pipa, jogar bolinha de gude, pega-pega foi uma infância muito boa. Eu já gostava de esporte e comecei a treinar voleibol com 14 anos. Uma vez a gente estava brincando de rouba terra aqui tinha uma parte de areia era um espeto e onde você enfincava aquele espeto, era como se comprasse a terra. Daí um dia o menino enfincou na minha terra e quis me roubar no jogo e eu não admiti porque eu que estava ganhando, eu bati nele e ele ficou com o olho roxo foi para casa ainda apanhou por cima. Comecei jogar vôlei na escola e com depois passei para a seleção santista. Na fase adulta era da guarda municipal e então passei a ser do time dos policiais civis, representando São Paulo. O vôlei era meu maior objetivo de vida. Sonhava em ser da seleção brasileira.

4.1.5 O remador Jairo Klug

Desde pequeno eu sempre gostei de esportes, praticava quando era criança e sempre gostei de ver campeonatos na televisão. Eu me via lá competindo e isso fez com que eu praticasse várias modalidades. De forma mais séria eu pratiquei handebol no Instituto Ayrton Senna de São Paulo com ainda sete anos. Treinava aqui na USP, no CEEPEUSP eles tinham um projeto de trazer as crianças para praticar esportes. Eles traziam as crianças para fazer um teste, as peneiras e passei para o handebol. Pratiquei durante um tempo, queria

competir por eles os campeonatos que eram municipais. Tem vários colégios que a gente ganhou. Depois pratiquei esportes por diversão, o skate mesmo, quis competir, mas eu era muito alto para andar de skate. E aí depois eu parei com todos os esportes, estava só estudando na adolescência com 16 ou 17 anos. Foi quando eu ingressei, com incentivo de um irmão meu, que estudava aqui na USP e a USP tem um programa para quem não era aluno. Ele perguntou se eu queria praticar algum esporte e procurei as modalidades que eles ofereciam, a princípio me interessei por duas, a natação junto com a musculação. Só, que como era no meio do ano já não tinha mais vaga para essas modalidades já estava tudo lotado. E aí, a outra que me chamou a atenção foi o remo. Eu comecei a praticar pelo CEEPE-USP e logo de cara me apaixonei pela modalidade. Ficava horas remando no barco escola, o tanque onde a gente aprende a base, o movimento do remo. E eu sei que buscava treinar mais. Eu ficava mais tempo que a aula tinha e aí o professor Farah que era o técnico da época, me perguntou se eu queria treinar para competir e eu aceitei. Comecei a vir todo dia e a treinar mais intenso para competição. Participei de algumas regatas em São Paulo e minha primeira regata eu já consegui uma medalha de ouro e assim eu fui cada vez mais me envolvendo com as competições. Depois de um tempo treinando pelo CEEPE-USP eu recebi um convite do esporte Clube Corinthians que também tem a modalidade de remo. E nisso, eles me ofereceram uma bolsa no cursinho. Aí treinei um ano com eles, já estava com 18 anos, quando fui para lá, só que daí o técnico deles saiu e a gente ficou sem técnico. O Esporte Clube Pinheiros estava voltando com a modalidade nessa época e tinham chamado os técnicos do Corinthians para trabalhar lá e aí eu fui também para lá e comecei a remar pelo Pinheiros. Aí os meus treinos intensificaram bastante. Comecei treinar duas vezes por dia com mais intensidade de treinamento. E aí fui competindo nos campeonatos regionais, isso foi em 2004, eu estava com 19 anos. E em 2005 já tive minha primeira convocação para a seleção brasileira. Minhas primeiras participações em campeonatos brasileiros foram em 2004. Tive um desempenho muito bom, uma experiência bem legal, e aí 2005 fui convocado para a seleção num campeonato Sul-americano aqui em São Paulo. Mas, aí eu não cheguei a participar, fiquei como suplente. Fui cada vez mais me envolvendo com o esporte, participando dos campeonatos nacionais. Em 2006 participei de algumas seletivas e fui também convocado para os Jogos Pan-americanos no Rio de

Janeiro em 2007. Particpei no barco four skifs que são quatro remadores e aí competi, em 2008 consegui o primeiro título nacional pelo Pinheiros e 2009 também; em 2010 não competi muito porque tive uma lesão nas costas. Em 2011 eu estava no pré-olímpico já tinha me recuperado bem. Estava na minha melhor fase física e mental. Estava bem focado em tudo para conseguir uma vaga nos jogos, na seleção.

4.1.6 A judoca Tuany Barbosa

Nasci em 1994 na comunidade de Jacarezinho no Rio de Janeiro. Fiquei 25 anos morando lá. Atualmente não moro mais. Ali eu conheci os esportes que eu participei. Foram vários, corrida, basquete, judô. A gente aproveitava as oportunidades que tinha e o judô surgiu de um candidato a vereador que apareceu lá. Um projeto relâmpago. O projeto durou meses e como ele não foi eleito, o projeto não continuou. Mas, foi o suficiente para eu ter oportunidade. O técnico que ele trouxe, o professor Ricardo tinha muito conhecimento no judô e alguns alunos continuaram treinando com ele em outros lugares e eu fui uma delas, isso com 8 anos. Ele até dava aula dentro do Jacaré de graça, a gente tinha tudo, tinha o material, tinha o tatame, só não tinha verba para o treinador e os pais juntavam uma grana (não era sempre). Mas, às vezes davam pra ele. Isso foi fundamental para continuar, porque provavelmente seria mais um esporte que passaria pela comunidade e acabaria. A minha mãe, minha avó e minha irmã eram minhas maiores incentivadoras porque eu era muito “quieta”, (risos) pelo contrário, elas me entupiam de projetos porque se deixassem eu passava o dia inteiro na rua, assim como qualquer criança de comunidade. A minha mãe e minha avó tinham essa preocupação comigo, com meu irmão e com meus primos. E engraçado, eu era a pior. Eu era aquela que fugia da escola, fugia de tudo para estar na rua. Quando surgiu a oportunidade de ir ao Judô.

A escola chamou a minha mãe e disse que eu era uma criança muito briguenta, eu brigava muito e elas me ameaçavam de levar pro conselho, mas nunca levavam. Engraçado, eu brigava muito no colégio, mas não era respondona, eu brigava com meus amigos, não com os professores. Então, ali que me salvava de não me levarem para o Conselho Tutelar (risos). Eu voltei

esses dias na escola e elas me falaram, você era uma ótima aluna, porém suas brigas eram demais, tanto que me mudavam de horário. Eu lembro como se fosse hoje, e o judô foi onde eu comecei a acalmar porque realmente eu gastava muita energia e eu tinha medo de não poder mais ir para o judô. Um dos maiores sermões que eu tive, foi minha mãe, minha avó e meu treinador e ele disse:

- Olha se você brigar de novo na rua, você tá fora.

E eu adorava competir, eu gostava muito de competir então eu falei: 'caraca' – eu tinha que me controlar e foi onde eu tive que parar de jogar futebol porque era onde eu brigava muito com os meninos. Eu jogava bem e os meninos não aceitavam muito, tanto que antes de acabar o jogo sempre tinha uma briga e eu sempre estava no meio (gargalhada). Infelizmente não conseguiram manter o professor de judô porque querendo ou não, pra manter um profissional de educação física é caro. Mas, o Sansei Simas que me viu numa competição amadora falou que queria me dar uma oportunidade. Minha irmã que foi lá falar com ele porque ela que me acompanhava, minha mãe trabalhava e minha avó não saía de casa.

Chegando lá ele falou:

- Eu quero dar uma oportunidade para ela.

E eu comecei na primeira equipe “grande” entre aspas porque era uma equipe pequena. Mas, foi a primeira oportunidade que eu tive de não me preocupar um pouco de pagar uma competição estadual, a viagem a minha família tinha que bancar. Muitas vezes eu não fui em viagem porque as coisas são caras para custear. Ali fui me desenvolvendo até essa academia ficar pequena e eu realmente precisar ir para uma grande. Foi quando eu cheguei no Instituto Reação, com 15 anos de idade. Ali eu comecei realmente a desenvolver.

Ainda tinha dúvidas entre querer ficar com meus amigos na rua e treinar. Tive que escolher. Tinha uma amiga minha, que era muito amiga mesmo, ela também se envolveu no tráfico e nessas coisas e eu ficava olhando para ela e ela estava em outra realidade totalmente diferente. Querendo ou não, as academias particulares eram totalmente diferentes daquilo que vinha acostumada, que eu via no meu dia a dia. Ainda assim com muita luta da minha família para não desistir. Todo mundo que começou comigo no projeto já tinha parado, mas, minha família falava: - “não você não vai desistir, você tem talento dá pra continuar”. Aí eu pensei: ‘Tá vou empurrando até onde dá’. E se pá fui

para Brasileiro; para Grand Prix, para Open, para tudo quanto é tipo de viagem que eu não podia imaginar a oportunidade. Eu acho que o judô me deu a oportunidade que eu nunca teria. Eu não teria oportunidade de conhecer outros países, não teria oportunidade de conhecer o Brasil inteiro, de conhecer pessoas e eu sou grata ao que o judô me deu. Eu costumo dizer que o judô só não me deu lesões, ele me deu oportunidades de conhecer tudo. Tudo o que eu sei, tudo o que eu aprendi. Tudo o que eu já vivi o judô me deu essa oportunidade. E foi de uma insistência lá trás da minha família por não desistir. Em 2014, o ano que eu me machuquei foi o melhor ano da minha vida dentro do judô. Eu ganhei tudo o que eu participei, tudo. O brasileiro, tudo. Tanto que eu tive várias oportunidades. Aí em São Paulo tem os jogos regionais de uma equipe grande querendo me contratar, me levar pra Santos que era uma equipe de Santos e eu falava: - ‘caraca, meu ano! To vivendo meu melhor momento agora’.

4.2 – A queda – a Catábise provocada pela doença ou acidente

*De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma...
(Vinícius de Moraes, 1938)*

4.2.1 Susana Schnarndorf

A minha carreira estava no auge, quando fiz uma pausa para o nascimento da minha terceira filha. Dois meses depois, eu me separei do meu marido, que também era meu técnico. Não sei se foi um conjunto de coisas, mas entrei numa depressão terrível e estava tocando a vida, na medida do possível. Até que um dia, eu estava em casa com as crianças. Lembro que num domingo. Isso era 2005, eu acho, estava chovendo bastante e a gente estava assistindo televisão, quando eu me engasguei, do nada. Daí eu me sentei e fiquei tentando respirar. Fui até a cozinha tomar água e tentei esquecer o episódio. Porém, no meio da noite, enquanto amamentava a minha filha me engasguei de novo. Fiquei acordada com medo de me afogar, e aquilo estava cada vez mais insistente. Falei com minha vizinha e ela me aconselhou ir ao médico. Eu fui e

ele perguntou se estava passando por alguma situação difícil. Falei que sim, tinha me separado. Então ele me diagnosticou com síndrome do pânico, me deu remédios, mas eu só piorava. Procurei outro médico, que desconfiou de tumor no cérebro, porque uma das mãos estava enrijecendo, mas os exames que ele pediu, não deram isso. Só que eu mal conseguia pôr fraldas na minha filha. Me encaminharam para um neurocirurgião, que diagnosticou esclerose lateral. Nessa hora eu lembrei de um atleta do Iroman do Havaí, que teve tal doença e morreu em seis meses, fiquei desesperada. Várias vezes eu ia para o hospital com a glote fechada. Perdi a mobilidade das mãos e a pior coisa, as crianças tiveram que ir com meu ex-marido. Eu não conseguia mais cuidar deles. Continuei investigando até que um médico disse que era Parkinson. Tomei medicamentos por um bom tempo. E só depois de quase cinco anos, descobriram que era Atrofia Múltipla do Sistema, uma doença degenerativa, que vai paralisando o corpo aos poucos.

4.2.2 – Rodolpho Riskalla

No ano de 2015, eu já estava fazendo as seletivas para os Jogos Pan-Americanos de Toronto. A Confederação Brasileira lançou os critérios e eu teria chances de estar na equipe. Eram três seletivas, consegui fazer duas o que já garantia um lugar de reserva. Em julho, eu vim para o Brasil passar 15 dias de férias e assim que voltasse para Europa, iria fazer a última seletiva com um cavalo emprestado de uma amiga. As férias terminaram, eu voltei pra Paris, só que dois dias depois, no caso numa sexta-feira, me ligaram avisando que meu pai ficou muito doente de repente e era melhor que eu voltasse com urgência. Mas, eu só consegui passagem para terça-feira e o pai veio a falecer no domingo. Ninguém sabia o que tinha de fato acontecido com ele porque até então, estava saudável, inclusive eu me encontrei com ele para jantar na semana anterior. Então, eu fui de novo para o Brasil para ajudar minha mãe com os advogados e a documentação necessária, porque eles eram separados. Resolvi as coisas e marquei minha volta para Paris no dia 25 de agosto. Só que no dia 18, eu dei uma aula na hípica Santo Amaro e quando voltei para casa, comecei a me sentir mal, com o corpo quente. Tomei medicação para gripe, mas, a febre

piorava. Pensei ter sido por causa de um lanche que comi, ou algo estragado, porque comecei a vomitar muito e a febre já em 40 graus. Sentia dores e rigidez por todo corpo. Fui ao hospital mais próximo de casa e na mesma hora suspeitaram de meningite, pois tinha manchas por todo o corpo. Daí, eu perdi a consciência e fui internado na UTI por três semanas. Quando acordei vi que meus dedos e todas minhas extremidades estavam pretas, necrosadas. As mãos em estado de mumificação e não sentia mais os dedos, nem os pés. Os médicos avisaram a mãe que eu teria que ser amputado dos dois braços e as duas pernas, por conta da coloração escura da necrose. Ela não concordou e preferiu que eu fosse transferido para Paris, já que meu seguro era de lá. Daí, aos poucos as manchas começaram a descer e pararam nas mãos e nos pés. O pulmão estava bem debilitado e só 20% do coração funcionando. Passei mais cinco dias no hospital e dia 09 de setembro fui mandado para França.

Chegando lá, no dia 10 de setembro, fiquei em observação para que houvesse a decisão correta de onde teria que ser amputado, mesmo porque ainda estava respirando por traqueostomia. Como as manchas estavam mudando de formato, eles tinham que esperar para ver até onde iam e então teve que esperar estabilizar tudo isso. Eu sentia muita dor durante a limpeza das feridas que a febre causou e não via a hora de ser amputado. Já estava há um mês nessa. Como era meningite bacteriana e ainda vindo do estrangeiro, tiveram que organizar todo um bloco operatório no hospital e isso levou dias. Eu tinha que ser o último paciente do dia a ser operado e todos os dias eles me preparavam e tal, mas, quando iam me levar para o centro cirúrgico aparecia alguma emergência e a cirurgia acabava sendo adiada. Comecei a ficar pior por conta da situação toda, perdi 25 quilos. Até que em 1 de outubro fizeram a primeira cirurgia para limpar a necrose. Quando abriram estava mais estragado do que imaginavam. Então, amputaram o pé direito. O esquerdo até daria para manter o calcanhar, mas corria-se o risco de voltar. Era uma escolha difícil e um tratamento que levaria um ano. Mas, o médico apresentou outra possibilidade de amputar no melhor local e colocar prótese o que resumiria o tratamento em dois meses no hospital de reabilitação. Logo eu já perguntei:

- Vou poder montar a cavalo, sair com meus amigos dançar, correr? Ele disse que sim. Então, depois de quatro dias sofrendo com os curativos, eu decidi:

- Pelo amor de Deus corta porque eu não aguento mais isso aqui.

Aí fiz a cirurgia em 17 de novembro de 2015 e fiquei no hospital até 30 de abril de 2016, para fechar todas as cicatrizes e se adaptar com as próteses.

4.2.3 Gustavo Henrique

Em 2012 eu tinha terminado o ensino médio, estava na faculdade de direito e resolvi sair de casa. Não brigado com meus pais, mas atrás de novos desafios, evoluir ainda mais no atletismo em conjunto com a minha faculdade. Eu estudava direito e tinha intenção de ser polícia. Fui para Presidente Prudente e chegando lá eu que tinha tudo e lá eu tive que ralar. Tive que aprender cozinhar, limpar casa, lavar roupa, coisas que eu não fazia em casa. Então tive que ter um amadurecimento muito grande lá. Só que um pouco antes dessa transição pra lá, eu tinha retornado ao médico por conta de exame de rotina de oftalmologista. Porque desde 2009 eu vinha usando óculos e esse grau vinha aumentando todo ano e 2012, o médico quis investigar um pouco mais.

Mudei de médico, Dr. João Patrus e eu estava sentado para fazer o exame, um mapeamento da córnea e meu irmão estava ao lado também forçando a visão, aí ele (o médico) olhou, só que meu irmão é branco por conta que somos irmãos por parte de mãe e minha mãe é branca.

- Os dois são irmãos?

-São

-Ah ele também vai fazer o exame?

Aí fizemos e quando voltamos para pegar o resultado ele falou assim:

- Olha tem um problema em dose dupla pra senhora.

- Ah o que que foi?

- Os dois têm ceratocone e o do mais novo tá pior. Tem que tratar com urgência senão a chance de ele ficar cego é maior.

Então, como o do meu irmão era pior, todo tratamento foi voltado pra ele e eu também, até por negligência, não dava tanta importância para visão, eu achava que óculos ou com cirurgia, resolvesse a vida e acabei sendo negligente nessa questão. Fui pra Presidente Prudente e meu irmão começou os tratamentos. Ele fez várias cirurgias para estabilizar o problema, não conseguiu, enfraqueceu, quase perdeu a visão de um olho, aí fez transplante recente de um olho. Um tá bom, vai tentar fazer transplante de outro e eu fui pra lá e continuei

levando minha vida, só que cada vez um pouco mais limitado, mas limitação que eu ficava brigando com ela. A baixa visão estava sendo cada vez mais agressiva e eu cada vez mais orgulhoso. Era uma briga de orgulho com a doença e foi assim até 2013, 2014. Aí em 2014 a baixa visão começou me prejudicar muito mais em competição, em treinamento. O pessoal olha e fala: – “Ah você é normal”. Sim muitas coisas eu faço como pessoas normais porque eu já enxerguei 100%, então tem coisas que eu faço, eu não enxergo, mas eu assimilo. É diferente da pessoa que nunca enxergou. Diferente eu carregar o termo de deficiente. É uma palavra que tem um peso muito grande. Eu tinha preconceito e eu falava:

- Eu não sou deficiente, eu faço um monte de coisa. A gente carrega muito a imagem do deficiente visual, aquele que usa bengala e de olho vendado. Não isso eu não era. Então, esse processo de aceitação, falam que é diário. Hoje não muito, mas, 2015, 2016 eu ainda ficava daquele aceita ou não aceita?

Porque convivo em dois mundos, no mundo paralímpico e no mundo olímpicos, de pessoa com deficiência e sem deficiência e na minha vida diária, quase não tem pessoas com deficiência, eu não treino com eles e tento levar uma vida como uma pessoa que não tem deficiência. Acabo me frustrando muitas das vezes, mas acho que é meu jeito de ser. Sei que é um processo, não sei se esse processo pode demorar 10, 20 anos até entrar no ritmo, mas, aos poucos eu vou tirando um pouco disso. Até pouco tempo eu ainda me aventurava em andar de bicicleta, até eu começar a cair um monte, até começar quase ser atropelado e aí o pessoal fala: - “Para porquê você tem sua vida de atleta”. Eu vou me limitando conforme eu vou me frustrando ou vou me machucando.

4.2.4 Elizabeth Gomes

Em 1993, já tinha meus 28 anos. Estava em serviço e naquele dia chovia bastante. Marcaram uma reunião do pelotão na base, que fica no Canal 2 em Santos. Aí eu fui atravessar a rua e pulei uma poça de água. Só que quando pisei eu perdi o equilíbrio caí e fracturei a tíbia. Fui pro médico, aliás trincou. Fiquei uma semana trabalhando sentada lá no posto do canal 1 com a tíbia trincada, mas, daí eu não estava mais aguentando andar. Começou inchar e eu já não

conseguia mais pôr o sapato. Daí que eu fui procurar ver o que era. Fizeram tomografia e constataram que tinha um calo ósseo. Um osteostóide. Descobriram isso, e como fiquei engessada, me afastei do trabalho.

O médico falou que eu iria estar boa pra trabalhar, pra treinar e fazer minhas atividades todas. Mas aí passaram seis meses e nada! Um ano e nada! Não melhorava. Eu tinha fadiga, visão dupla formigamento no corpo e nos braços e na face.

O ortopedista falou: Estranho né?

Em nove meses eu fiz outra cirurgia que deu rejeição do enxerto ósseo aí teve que abrir de novo. Aí começou com todos esses sintomas e o médico dr. José Carlos Marujeiro, um grande amigo meu falou assim:

-O que você está me relatando, tá parecendo esclerose múltipla.

- Mas doutor eu sou tão nova pra isso. Porque eu achava que era doença de velhinho

- O relato é parecido.

Ele me encaminhou para outros médicos, que não concluíam nada, não tinha especialista nisso na época. Demorou quase oito anos para poder se chegar a uma conclusão.

Nessas idas e vindas, pelos exames, suspeitavam de tumor cerebral, ou tumor na medula e vai eu pra cá pra lá fazendo exames. Teve um exame que fiquei quase em coma no hospital, a mielografia que é uma pulsão na medula injetando medicamento. Eu fiz num dia, fui pra casa. Na madrugada voltei pro hospital quase inconsciente deu cefaleia pós anestesia do exame aí fiquei no hospital uma semana. Foi minha segunda morte. Todo mundo achando que eu não iria sobreviver né? E nisso, eu mais pra lá do que pra cá, em estado de coma, escutava as pessoas falando ao fundo:

- Nossa acho que ela vai embora...

E eu escutando aquilo, pensava: “meu Deus eu vou morrer”, e não conseguia falar nada. Mas, graças a Deus os médicos conseguiram reverter o quadro senão ia ter que fazer todo processo novamente para eu voltar. Mas graças a Deus com todos os medicamentos que eles colocaram, eu voltei e mais uma vez não era tumor, nem na medula nem no cérebro. Daí, eu encontrei uma pessoa maravilhosa. A dra. Rosana. Eu já não aguentava mais o que eu tinha e eu entrei em depressão porque não podia mais jogar, não podia mais trabalhar.

Dois anos parada. Eu fiquei em casa querendo me matar, eu pensava...se eu não posso mais nada, pra que que eu vou ficar aqui? Não podia fazer o que eu mais gostava na minha vida que era jogar.

4.2.5 Jairo Klug

Eu estava participando das seletivas bem focado para conseguir uma vaga na seleção. Estávamos praticamente às vésperas do Pan de Guadalajara tipo, em abril de 2011 aí, eu tive meu acidente de moto, (engoliu seco). Foi voltando do treino da manhã, saindo daqui da raia estava indo para casa. A moto era meu veículo de transporte. Voltando para casa eu só me lembro de me despedir do pessoal aqui da raia e aí acordei no hospital no outro dia. Todo esse trajeto foi apagado da minha memória. Do meu acidente eu não lembro nada, nada, só mesmo quando acordei no hospital. E aí eu acordei eu tinha passado por umas cirurgias, tive fratura de 10 ossos no corpo. Fratura exposta no fêmur, tíbia e fíbula da perna esquerda e o pior lado foi o direito. Tive fratura no úmero, na clavícula, na escápula e quatro vértebras que sofreram fratura, mas foi um pouco mais leve. Não chegou a uma lesão que pudesse comprometer. Mas, os médicos falavam que por ser atleta e estar com a musculatura bem forte, deu uma segurada em tudo isso. Nessa fratura do úmero, eu tive uma lesão no nervo radial e ele praticamente foi amassado. Os médicos falaram que estava por um fiozinho só meu nervo. Aí foi feito um enxerto e fizeram a coisa certa, crendo que ia dar certo. Podia dar certo ou não. E aí passei no hospital um tempo de 45 dias, voltei pra UTI, depois enfermaria, mas sempre fazendo fisioterapia, depois de sete cirurgias pra fixação dos ossos. Depois que saí do hospital, passei um período em cadeira de rodas, tive que usar o colar cervical e colete sempre pra sentar eu tinha que usar o colete pra não forçar as vértebras quebradas. E essa recuperação, durou mais uns seis meses.

4.2.6 – Tuany Barbosa

E infelizmente em novembro, na última competição do ano eu sofri a lesão. Eu era a última pessoa a lutar, tudo foi a favor disso. Foi o Grand Prix de

Judô, uma competição por equipe feminino. E a minha equipe já tinha perdido, então eu não precisava lutar. Mas, como era uma competição ao vivo, e tem questão de horários de televisão, aí eles falaram:

- Olha vai ter que lutar porque vão transmitir pela televisão.

- Tá, tudo bem.

Aí eu olhei para o outro lado estava só a Ideliz Ortiz, que era a campeã olímpica, a campeã mundial, eu pensei: 'cara eu não vou ter medo'. Até porque a gente já tinha lutado no ano anterior, eu falei: 'não tenho medo, vou entrar e vou ver o que dá'.

Eu entrei para lutar bem tranquila. Eu não tenho medo de um adversário. No judô a gente luta controlando o tempo, para ter noção de quanto tempo a gente tem no tatame. E eu olhei para a televisão estava 30 segundos e a gente estava empatada, isso estava na minha cabeça. Quando eu voltei a olhar na televisão, faltavam 19 segundos e eu fui para o chão. Ali começou o pior momento da minha vida, porque eu nunca tinha passado por isso. Acho que no judô brasileiro nunca se teve uma lesão tão grave como a minha. E eu falei: 'caraca e agora?'. Ali acho que foi o ponto que eu mais tive que superar. (aquela criança que teve que superar para chegar ali, de passar por tudo; de ter dia de não conseguir sair de casa por causa de tiroteio, de não conseguir... acho que passa um filme na cabeça ali no momento). Eu fiquei parada, eu gritava bastante e desmaiei também se não me engano. Ali no momento tenho poucas lembranças. Tenho mais coisas que as pessoas me contam e que eu assisti o vídeo para ver o que aconteceu. As pessoas falavam:

- Ah você fez força para não cair.

- Não, eu num fiz força para num cair.

Acho que realmente o meu pé ficou preso e eu não sei explicar. Um golpe ridículo. Porque falo que é ridículo porque é o primeiro golpe que a gente aprende no judô e foi o golpe que encerrou minha carreira, um Osoto gari. Um golpe que eu gostava de fazer. Então, eu fiquei parada pensando: - 'cara e agora?' E ali eu saí e fiz um tratamento de três dias na cidade de São José dos Campos – SP onde foi a competição e me mandaram para o Rio. Quando eu cheguei no Rio, o meu maior medo e eu repetia muito: - 'Isso eu não quero', era amputar a minha perna. 'Eu não quero amputar minha perna, eu não posso amputar minha perna'.

E eu olhava pra minha perna, ela estava preta. Eu já sou negra, e então

ela estava mais preta ainda. E os médicos falavam assim:

- Olha vai ser complicado.

E eu tentava brincar, a minha família costumava brincar:

- Não se preocupa não, daqui a pouco você tá de volta.

Lá no INTO – Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia, onde eu fiz o tratamento intensivo eu ficava contando. E eu com o pensamento fazendo os cálculos: ‘daqui oito meses eu to de volta nos tatames’. Cheguei em novembro eu falei: ‘ah vou ficar dezembro com o ferro fixador e em janeiro já to em casa pra começar a fisioterapia’. Aí passou novembro, dezembro, janeiro, fevereiro e eu estava lá dentro. Tive uma pequena alta no carnaval. Fui dar uma volta com a família, mas, no outro dia fui internada de novo.

Foi quando a realidade começou a entrar, de ver que eu não ia poder mais voltar a fazer aquilo que eu amava, aquilo que eu dediquei praticamente 13 anos da minha vida. Eu achava, naquele momento que era tudo o que eu tinha e que aquele tudo já tinha acabado. Aí quando eu saí, eu tive alta, eu fui para casa. Aí eu já tinha bloqueado metade dos meus amigos. Eu falava assim: ‘não, não quero falar com ninguém, não quero ver ninguém, eu acho que agora não’. Alguns falavam assim:

- E aí o que você vai fazer da sua vida?

- Não sei o que vou fazer.

Entrava pro meu quarto, eu tenho um cachorro poodle, o Fred. Ele entrava junto comigo, que ele é meu amigão, e a gente não saía mais. A gente passava o dia ali. Eu tinha entrado num casulo que não sabia como sair. E eu sentia dor. É uma dor que eu ainda sinto esse tipo de dor, mas hoje a gente aprende a controlar o nível de dor, porque eu tenho uma dor do nervo, uma dor que não passa. Eu sempre tenho a sensação de que minha perna está queimando o tempo todo. Tem dia que essa dor está alta e tem dia que essa dor tá média, consigo controlar e consigo viver normal. Mas na época, eu não tinha esse controle, eu não aprendi a trabalhar em cima dessa dor. Então eu sentia dor todos os dias, todos os dias eu sentia dor. E minha mãe:

- Sai dessa cama.

- Eu não consigo.

Eu já era pesada aí fiquei mais ainda. Se tivesse a categoria Super Pesada eu estava incluída nela.

4.3 - A reinvenção da carreira de atleta como paralímpico

*“Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente”.*

(Vinícius de Moraes, 1938)

4.3.1 A nadadora Susana Schnarndorf:

Aí o médico me falou:

- Faz algum esporte, você gosta, precisa resgatar isso em você.

E eu pensando, como vou fazer esporte, se mal consigo andar?

- Vai fazer hidroginástica, ele sugeriu.

- Nãoooo.

- Então vai nadar que você gosta. Não dá para ficar assim parada como está.

Bom, eu aceitei a ideia, mas levei uns seis meses para decidir. Até que eu fui para academia, onde eu nadava antes. Eu estava no fundo do poço, cheio de cadeados trancados. Achava que nada mais ia acontecer de bom na minha vida. Até que em 2010 eu comecei a nadar lá nessa academia e no mesmo ano a equipe paralímpica estava treinando lá. O técnico me viu nadando e falou:

- Por que não entra conosco?

- Não, já estou velha. Eu nem conseguia colocar a touca na cabeça. Às vezes me engasgava, ficava ali no cantinho.

- O que? No Para desporto não tem idade.

Aí ele insistiu:

- Olha nós vamos ficar três semanas fora, num campeonato mundial, mas quando eu voltar vamos tentar ir pra São Paulo, tem uma competição lá e vamos tentar te classificar.

Eles foram viajar e eu continuei na minha vidinha, pensando: ‘esse cara tá maluco eu não tenho dinheiro nem pra pegar ônibus pra ir pra casa, como vou pra São Paulo?’

Quando voltaram, o técnico me disse:

- Amanhã você vai pra São Paulo com a gente, demos um jeito aqui.

Então, fui para casa do meu irmão que mora lá. No dia da competição encontrei com eles no hotel onde estavam hospedados e fomos ao clube do Corinthians. Chegamos lá tinham três classificadores e ao me verem disseram, 'ela é elegível com certeza. Deve ser S8 S9'. Essa classificação foi em setembro e em dezembro ia ter competição no Canadá. Comecei a treinar com eles lá no Rio de Janeiro e o técnico me dizendo que eu ia ter que ir para o Canadá.

- Pro Canadá não dá. Como que eu vou? Não tenho grana pra nada. Quanto eu iria gastar?

- Uns seis mil reais.

- (risos) Eu to com isso negativo na conta, como posso ir viajar?

Então, um dos atletas que nadavam ali por perto, ouviu a conversa e se ofereceu para pagar a viagem. Relutei um monte, mas, ele insistiu. Comprei passagem, reservei hotel e fui fazer a tal classificação. O resultado saiu e eu era oficialmente S8¹⁵. Depois competi e ali foi o marco na minha vida. Fim da fase ruim, para o início da fase boa. Quando empurrei o bloco de largada, empurrei junto tudo de ruim que estava passando e ao mergulhar, mergulhei numa fase que nunca imaginei que ia acontecer. Mergulhei para o novo, que era o Para desporto. A primeira prova que eu nadei foi os 100 metros livres. Quando eu não tinha a doença eu fazia para 01'01" e lá eu fiz 1'14". Pensei nossa que tempo horrível. Não tinha noção do tempo no paralímpico. Saí da água meio jururu e fui pra arquibancada. Mas, aí todo mundo veio me elogiar:

- Caraca, que tempão!

- Como assim, 1'14", isso não é bom.

- Você acabou de bater o recorde brasileiro na sua categoria. E está em sexto no ranking mundial.

¹⁵ (S) – swimm (8) – nível de comprometimento leve, uma vez que na natação paralímpica as classes vão de 10 – menor comprometimento até 1 para os mais comprometidos fisicamente.

Disponível em: http://www.cpb.org.br/modalidades-visualizacao/-/asset_publisher/4O6JOgZOhDhG/content/id/22765 Acesso 06/12/2016.

4.3.2 – O cavaleiro Rodolpho Riskalla

Sempre que podia, eu fazia abdominais e aproveitava ao máximo as sessões de fisioterapia para voltar minha forma física. No começo de março eu já estava ensaiando meus primeiros passos com a prótese. Então, vieram os novos projetos. Eu comecei a saber o que ia acontecer e como seria dali pra frente e ficava pensando: 'estou vivo, quero voltar a trabalhar, a montar e tal'. Minha mãe tinha pendurado no quarto do hospital, um quadro que ganhei de uma aluna com fotos com o cavalo dela e com outros cavalos. E isso me estimulou, então pensei: 'Se eu ia tentar uma vaga no Olímpico, por que eu não posso tentar uma vaga no Paralímpico?' Comentei com minha mãe, mas, ela estava achando que seria um plano para um futuro distante.

- Não. vai ser agora no Rio. Nunca mais vou ter essa oportunidade de competir Jogos Paralímpicos no Brasil.

Me achou louco, mas acatou a ideia e me ajudou a correr atrás das coisas. Não tinha cavalo, não tinha patrocínio e nem estava inteirado sobre o Movimento Paralímpico. A Confederação Brasileira de Hipismo deu as coordenadas sobre a classificação funcional. E lá fui eu tentar ser elegível. Queriam me colocar na Classe 2, em que estão os de comprometimento moderado, mas, nessa classe eu só poderia trotar com o cavalo e eu queria galopar. Então eu implorei para a classificadora me colocar uma classe acima mesmo sabendo que iria ser mais difícil competir com pessoas menos comprometida que eu. Não sou de falar: 'Ah, não tenho as duas pernas e as duas mãos'. Eu queria fazer o que sempre fiz. Entrei para classe 3 e meio que fugia do hospital para fazer as classificatórias, mas consegui.

4.3.3 O velocista Gustavo Henrique

Então, é um processo da minha vida, então 2014 pra 2015 o professor Isaque de Presidente Prudente trabalhava na Adap que é Associação das Pessoas com Deficiência de lá começou a conversar comigo, eu ainda meio no modo de ataque com ele.

- Vamos só para você conhecer, Gustavo.

- Eu já conheço

- Para você conhecer direito.

Então, ele me trouxe para uma etapa do circuito e foi quando eu conheci o Ciro Winckler, ex-coordenador da modalidade. Ele conversou comigo e disse:

- Eu vou te encaminhar para a classificação funcional, pode dar certo ou não, vai depender dos médicos, não depende de mim, só vou te encaminhar.

Aí o processo do paralímpico é bem complicado; eu fui para classificação e tive que preencher um monte de documentos. Tem que chegar todo documentado lá, ter laudo médico e 2014 foi um ano de fazer exames, fiz muitos exames e fui para a primeira classificação. Logo na primeira eu já fiquei como Review, porque a minha baixa visão é muito incompatível com o que eu enxergo. Os exames mostravam algo e minha visão era outra. Fiquei como review e eles ainda queriam tentar a lente. Eu já tinha usado lente, mas precisava de um laudo disso. Não parava no olho porque tenho ceratocone¹⁶ e qualquer movimento ela saltava, aí trouxe e beleza fui para a Classe T13. Passei por uma segunda classificação no mesmo ano e 2014 eu era um atleta paralímpico brasileiro com classificação nacional. Só que para eu competir uma internacional eu tinha que passar por uma banca. Já tinha passado por 4 médicos brasileiros e tinha que passar por 4 estrangeiros. 2015 no Open fui para minha primeira classificação internacional e fazendo ali o médico falou assim:

- Olha está um pouco incompatível sua visão com seu laudo

- Eu já ouvi isso, pensei comigo.

- Vou pedir isso para você. É uma eletrofisiologia do globo ocular. Tem três clínicas em São Paulo inteiro que faz. No Brasil são poucos. Eu já integrava a seleção brasileira. Foi uma correria porque eu precisava fazer o exame no dia e entregar o laudo no mesmo dia porque os médicos da classificação eles vêm fazer e vão embora pro país deles e era mundial, aí foi um corre-corre o professor Ciro achou a clínica, conseguiu o encaixe e conseguiu que a mulher entregasse o laudo, mas não foi fácil porque é um exame bem detalhado e é o mais moderno que tem no mundo. São eletrodos na cabeça e no olho. Se enxergar tem captação nervosa, senão não tem. Fiz exame duas horas em cada olho e voltei pra clínica e a doutora ficou lá fazendo o laudo e ficou lá sei que eu

¹⁶ Ceratocone é uma enfermidade não inflamatória que afeta a estrutura da córnea, camada fina e transparente que recobre toda a frente do globo ocular.
<https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/ceratocone/>

fiquei o médico classificando os outros e as 20h ele ia embora porque ele ia voar a noite e ele já ia encerrar foi um corre-corre liga ali, liga ali, aí a clínica era muito longe a doutora escaneou tudo e mandou por e-mail. Aí ele olhou aí praticamente nem me olhou de novo e falou:

- Ele é T13 mesmo e viu que eu tinha atrofia no nervo óptico e o problema é muito mais além do que eu tenho na córnea. O fio que liga no meu olho não tem ligação direito, não chega no meu olho, cegueira bilateral e atrofia no nervo óptico dois CIDS. Aí o Gustavo estava credenciando para representar o país numa competição internacional.

4.3.4 A lançadora Elizabeth Gomes

Um dia eu peguei um ônibus e o motorista me falou:

- Você não precisa mais pagar a condução é só tirar a carteirinha lá no Condef.

Aí eu fui. Na época eu ainda andava de bengala. Chegando lá, estavam os coordenadores do Conselho de Pessoa com Deficiência e logo que me viram, brincaram:

- Olha a chumbada!

- Chumbada? Credo não sou cachaceira, pensei comigo (mas era um modo carinhoso de chamar entre nós).

- Vamos jogar basquete? Disse a Celia Regina, que é uma cadeirante e vice-presidente do Condef na época.

- Não posso

-Pode sim. Vai lá no Rebouças tal hora que tem treinos de basquete sobre rodas.

- Você vai?

-Vou (eu falei, mas não fui) e aquilo ficou na minha cabeça “basquete na cadeira de rodas” e eu odiava basquete, eu não gostava de basquete.

Na outra semana eu falei, vou lá ver o que é isso. Eu ainda andava de muletas. Na época ainda eu conseguia subir na moto e pedi ao meu irmão para me levar lá. Eu fui ao Rebouças e quando eu bati o olho na quadra, onde eu fui tricampeã de vôlei no último campeonato em janeiro de 1993, eu me vi dentro da

quadra do lado esquerdo onde eu fiz 5 pontos de saque seguidos e nos consagramos tricampeãs de Santos nos Jogos dos Funcionários Públicos; eu não queria entrar. Aquela imagem me voltou e vi que nunca mais eu ia fazer o que eu fiz, mas com muito custo eu entrei.

Estavam lá os fisioterapeutas da equipe, o treinador os atletas e quando entrei eles fizeram festa

- EEEh a chumbada veio.

Entrei o Augusto, que era técnico do basquete irmão do Luciano Marques me disse:

- Seja bemvinda e pegou uma cadeira de jogo e me falou me sentou e disse:

- Cai para quadra.

Pensei: Meu Deus, ferrou agora. Aí ele jogou a bola na minha mão, eu bati a bola e toquei a cadeira. E ele falou:

- Você tá escondendo o jogo, você já jogava?

- Nunca joguei, nem me sentei numa cadeira de basquete.

Isso foi em junho de 1996. Aí comecei a treinar e gostar fui tendo domínio de bola e em outubro teve um campeonato Paulista em São José do Rio Preto. E só tinha equipe masculina em Santos e eu treinava com os homens. Fui convocada para o campeonato paulista como titular da equipe. Tive uma habilidade tão grande que fui convocada, daí eu renasci para minha vida, para o esporte. Foi aí que o esporte paralímpico entrou na minha vida e naquele momento, me encheu de alegrias.

4.3.5 O remador Jairo Klug

Mas aí, quando passei a usar muletas, eu vinha aqui na raia, cheguei até dar uma remadinha no simulador, mas força zero né? Mas sempre tentava manter os contatos com a modalidade pra ajudar na minha recuperação não só física, mas, mental também, mas aí o que mais preocupava era essa lesão no radial. Os ossos eram questão de tempo para eles se consolidarem e eu estar tudo certo. A questão do nervo ela podia dar certo ou não. Enfim eu fazia fisioterapia e tudo mais e o médico tinha me dado um prazo de um ano para essa

recuperação ser total. E aí passo esse um ano e os movimentos não tinham voltado como deveriam. E aí surgiu a oportunidade de migrar para o remo paralímpico.

– O Zé Paulo era já era técnico do remo paralímpico do Pinheiros e aí ele falou você não quer remar com a gente? O prazo que os médicos tinham dado já tinha passado. Nessa época eu já estava treinando um pouquinho melhor e até que estava com condição física boa, e aí comecei me dedicar cada vez mais, a princípio, uma vez ao dia e depois duas. E aí teve uma oportunidade de disputar vaga em um barco que ia para os Jogos de Londres e eu consegui entrar nessa vaga e a gente foi para uma copa do mundo em Munique, e a gente teve o melhor resultado nesse barco até hoje. Em 2012 essa Copa do Mundo em junho barco 4 com - quatro remadores dois para um lado e dois para outro e o Com é com timoneiro. Ele incentiva e foi dando os toques e aí participei dos Jogos de 2012 e depois disso continuei na modalidade.

4.3.6 A arremessadora Tuany Barbosa

Quando eu reparei que estava achando que no fundo do poço, na pior fase da minha vida, foi quando eu olhei para o meu cachorro. Eu falei: - ‘cara, o Fred não está saindo do quarto’. Ele mal saía do quarto, nem pra ir à varanda. Ele ficava o tempo todo ali comigo. Eu olhava para ele, ele estava magro, não estava comendo direito, porque na minha casa, onde minha mãe mora até hoje, são dois andares e a comida dele ficava na cozinha lá embaixo e ele ficava lá em cima comigo no quarto. Foi quando eu olhei para ele e falei: - ‘cara, eu vou matar meu cachorro’. Foi quando eu comecei a querer reagir. Foi a primeira vez que eu mandei mensagem para o Flávio Canto, ele já tinha mandado várias mensagens pra mim. Eu escrevi assim:

- Cara eu preciso de ajuda e eu não sei como fazer isso.

Eu machuquei em 2014 e falei com ele em 2016. Olha só o tempo que eu fiquei nesse buraco, sem reagir muito. E ele respondeu:

- Eu estava esperando você entrar em contato comigo, porque eu não posso te obrigar a fazer nada.

Ele foi embaixador dos Jogos Paralímpicos do Rio. Disse que tinha umas

peessoas que iriam entrar em contato comigo. No mesmo dia, a Ana Barcelos foi uma das pessoas que mais me incentivou para o esporte paralímpico me falou assim:

- Vou te trazer hoje pra São Paulo.

- Não. Que doideira, não hoje eu não to pronta.

- A sua passagem já tá no seu e-mail, você pode acessar a sua passagem e você vem hoje pra SP conhecer o Movimento Paralímpico. Tem duas passagens, uma sua e uma da sua mãe.

- Está. vamos ver se vai dar.

Eu cheguei em SP no CT aquele movimento imenso. A primeira coisa que eu vi foi halterofilismo, natação depois fui para o atletismo e outras coisas porque estava tendo Jogos Testes antes dos Jogos Paralímpicos. E eu falei – ‘Caraca que maneiro’. Foi um final de semana intenso e onde eu realmente comecei a “acordar”. Entre aspas, porque na segunda feira eu voltei para o mesmo lugar. Porque eu falei, acho que não vai dar para mim, acho que não me encaixo ali. Tipo eu não me via no Movimento Paralímpico. Eu falei assim: ‘Não, nada a ver’. E aí veio o preconceito. Eu não aceitava e mudei o foco a Tuany aceitar que estava deficiente.

A Ana falou que ia arrumar uma equipe para mim e falei: ‘deixa que eu ligo’ e não liguei pra ninguém, passou 2016 e 2017 eu não liguei. Em 2017 ela insistiu e me ligou.

- Você vem hoje pra São Paulo.

- Não. Eu estou me virando por aqui.

Mentira. Eu estava era me graduando e doutorando em Grays Anatomy na Netflix. Daí ela não me deixou pensar e já mandou eu ir lá encontrar meu treinador o Fernandão. Eu tive uma conversa sincera com ele e falei:

- Cara eu não me vejo, eu não me sinto com deficiência.

Ele mandou eu tentar. Eu andava de muleta ainda. E ele falou:

- Vamos trabalhar com musculação e fazer testes eu fiz o teste na cadeira de rodas. O primeiro ano você só vai aprender não vou te cobrar nada.

Encontrei ele em março, em maio já me jogaram numa competição eu não sabia regras, não sabia nada e fiz 7,03m e eu precisava de 7,05m foi aí que entendo que precisava de um índice eu já estava me sentindo porque eu fiquei em segundo lugar, mas não fiz o índice.

Só de estar fazendo exercício, de sair do quarto de ter uma rotina aquela Tuany já mudou e começou a brincar e zuar os amigos. Voltei a ser o que eu era e meu cachorro também. Eu te falo, não foi eu que escolhi o atletismo, foi o atletismo que me escolheu. Eu renasci ali eu descobri uma nova Tuany ali que comecei a me aceitar.

PARTE III

O porta-retrato

“Se nosso coração fosse amplo o bastante para amar a vida em seus pormenores, veríamos que todos os instantes são a um tempo doadores e espoliadores e que uma novidade recente ou trágica, sempre repentina não cessa de ilustrar a descontinuidade essencial do tempo”.
(BACHELAR, 2010 p.18).

5 Retratos Biográficos das imagens poéticas narradas

Os textos a seguir partem das narrativas biográficas já marinadas na química da ciência com a arte. A comunhão entre símbolos e personagens traz luz às histórias reais e leva o leitor ao imaginário. Talvez tais histórias não fossem tão bem compreendidas se apresentadas somente por notícias biográficas, enfiadas às datas ou episódios.

5.1 Road to Ítaca: Uma Odisseia rumo a Tóquio¹⁷

Figura 11 - Elizabeth Gomes arremessando o disco



Foto: Daniel Zappe MPIX/CPB

Rumo a Ítaca:

Nada fácil estava sendo o caminho de Ulisses (Odysseus em grego) para Ítaca, uma das ilhas gregas situadas no mar Jônico, que não passa de 96 km² de extensão. Uma viagem que durara 10 anos após a Guerra de Troia. No caminho perdera quase todos seus homens ao enfrentarem desavenças em

¹⁷ Texto publicado na íntegra na revista Olimpianos 2020.

Cícones; tempestades de Poseidon; dopagem da Flor de Lótus; perseguição do gigante de Ciclopes; ventos impetuosos dados por Éolo; pedradas da tribo dos antropófagos Lestrigonianos e as feitiçarias de Circe a filha do Sol, que transformou seus marinheiros em porcos¹⁸. Mas, “Ulisses não desistiu do seu intento” (BULFINCH, 2002 p.288), o de voltar para casa. Até que, estando quase lá, uma voz de sabedoria ressoou para o guerreiro: “Tapem os ouvidos”. Era Circe, após desfazer sua magia, advertindo Ulisses a tampar com cera os ouvidos de seus marinheiros de modo que eles não pudessem ouvir as sereias, que eram ninfas marinhas e tinham o poder de enfeitiçar com seu canto todos quanto ouvissem, levando os marinheiros a se atirarem ao mar. E a voz de Circe ecoou nos tímpanos de Ulisses: “Tapem os ouvidos”. “Tapem os ouvidos”, evitando assim a tentação e a morte. “Se, todavia, o herói desejasse ouvir-lhes o canto perigoso, teria que ordenar a seus nautas que o amarrassem ao mastro do navio e, em hipótese alguma, o libertassem das cordas” (BRANDÃO, 1987 Vol III p.309). Quando a nau ligeira se aproximou do lugar fatídico, diz Homero, a ponto de se ouvir um grito, as sereias iniciaram seu cântico funesto e seu convite falaz:

“Aproxima-te daqui preclaro Ulisses, glória ilustre dos aqueus! Detém a nau para escutares nossa voz. Jamais alguém passou por aqui, em escura nave, sem que primeiro ouvisse a voz melíflua que sai de nossas bocas. Somente partiu após se haver deleitado com ela e de ficar sabendo muitas coisas. Em verdade sabemos tudo...” (BRANDÃO, 1987, Canto XII, p. 307).

Rumo a Tóquio:

Nada fácil estava sendo o caminho de Elizabeth Gomes para chegar literalmente na “capital do Leste”, Tóquio, situada na maior Ilha do Arquipélago japonês chamada Honshu, com uma extensão de 22.7962 km². Ainda velejando em marés altas de treinamentos, dietas pesadíssimas, remédios controlados por conta de ter Esclerose Múltipla, reclassificações funcionais, noites mal dormidas,

¹⁸ Na Od. Canto X, 239-240, fala-se que os companheiros do herói "ficaram com a cabeça, voz, pêlo e feitio de porco" e nos versos 282-283 se repete que os mesmos, "no palácio de Circe foram encerrados, como se fossem porcos, em seguras pocilgas". (BRANDÃO, 1987 p.309)

abdicações do conforto da família; porém, ela “não desistiu do seu intento” de chegar aos XVI Jogos Paralímpicos. Até que, estando ela quase lá, uma voz ressoou em todos os veículos de comunicação, como o conselho de Circe: “Fiquem em casa”. Como assim? E os treinos? E as competições? E os índices? E a voz tornou-se uníssona: “Fiquem em casa”. “Fiquem em casa”, evitando assim a tentação e a morte. Uma pandemia iniciada em dezembro de 2019 chamada Corona Virus Desease - COVID-19 alarmou nações, matou milhares e o mundo parou. Se, todavia, a atleta se sentisse tentada em sair de casa para treinar, teria que ordenar à própria consciência de que o isolamento, o “ficar amarrada no mastro do navio” era a melhor forma de se chegar a Tóquio.

As duas frases: “tapem os ouvidos” e “fiquem em casa” foram palavras de ordem. Não opcionais, não meditativas, não aconseladoras e, portanto, tiveram que ser engolidas, sem deglutição, pelos guerreiros de Ítaca e de Tóquio. Parecia “nada” perto de tudo o que já tinham enfrentado. Chegaram a pensar: “É só um canto”, ou é “só uma gripe”.

Voltou à memória de Ulisses o que passara dias antes. Algo muito pior, por exemplo, quando ancoraram em Lamos, terra de uma bárbara tribo de canibais, os Lestrigões. Os barcos entraram todos no porto, atraídos por sua aparência de segurança; apenas Ulisses ancorou seu navio fora do porto. Logo que os lestrigonianos viram os navios inteiramente à sua mercê, atacaram-nos, atirando enormes pedras, que despedaçaram os barcos e os fizeram naufragar, e, em seguida, com suas lanças, mataram os marinheiros que bracejavam na água. Foram destruídos, com suas tripulações, todos os navios¹⁹, exceto o de Ulisses, que havia ficado fora do porto, e que, não encontrando salvação a não ser na fuga, exortou seus homens a remar vigorosamente, e assim puderam escapar.

“Depois, de cima dos rochedos, lançaram sobre nós pedras imensas. Levantou-se logo das naus o grito medonho dos que morriam e o estrépito das naus que se partiam. E os lestrigões, cortando os homens como se fossem peixes, levavam-nos para um triste banquete”. (BRANDÃO, 1986, Od.Canto X, 121-124)

¹⁹ Consoante o Catálogo das Naus (Il. II, 637) Ulisses levou a Tróia doze navios lotados com heróis, soldados e marujos provenientes das ilhas de Cefalênia, os magnânimos cefalênios; de Ítaca, de Nérito, de Egílipe, de Zacinto e de Same (BRANDÃO, 1987 p.296)

Voltou à memória de Elizabeth Gomes toda sua trajetória até ali. Uma atleta de voleibol em ascensão de carreira, que aos 28 anos, em 1993, fora acometida de Esclerose Múltipla e desde então, luta contra o avanço da doença. Passou por longo período de depressão, até que em 1996 conheceu o basquete em cadeira de rodas e dois anos depois já estava na seleção brasileira. Imbuída no Movimento Paralímpico, passou a ser submetida à classificação funcional, um processo que qualifica o atleta para pertencer a uma determinada classe conforme suas limitações motoras, visuais ou intelectuais podendo assim, competir em condições de igualdade (TONON, 2017). O que para Ulisses seria uma espécie de dokimasía, as primeiras provas iniciáticas, traduzidas na morte do javali, símbolo da aquisição do poder espiritual e da obtenção do arco, imagem do poder real e da iniciação dos cavaleiros (BRANDÃO, 1987).

Sim, Elizabeth mata um Javali a cada ano para continuar nas disputas paralímpicas. Chegou ao ápice de sua carreira no basquete ao participar dos Jogos Paralímpicos de Pequim, 2008. Porém, pelo avanço da sua doença, em 2010 deixou a modalidade e migrou para o atletismo como arremessadora de peso e lançadora de disco e dardo. Foi então que veio uma de suas piores lutas, a que considera ser “*o caos da minha história no Para desporto*”, aconteceu em abril de 2016 durante o Open Internacional de Atletismo, realizado no Centro de Treinamento Paralímpico em São Paulo. Uma das classificadoras entendeu que a atleta tinha tônus muscular²⁰. “*Mas ela não viu que é involuntário por conta dos espasmos*” e com isso subiu a classe da atleta que antes era F54²¹ para F55 (entenda F-Field provas de campo - 51 a 57 lesão medular, cadeirantes). “*Meu abdômen não é funcional e eu já tinha mão em garra e perda de controle de tronco. Mas, ela não quis saber e bateu o martelo para que eu fosse reclassificada dali dois anos e com isso, estaria fora dos Jogos Rio 2016*”. A classe F55 no arremesso de peso não estava incluída nos Jogos do Rio, 2016.

²⁰ Tônus muscular é o **estado involuntário de contração natural dos músculos corporais**, responsável por fazer com que possam entrar em ação sempre que necessário.
<https://www.significados.com.br/tonus-muscular/>

²¹ F54 Ombros, cotovelos, braços e mãos; funcionais, pequeno controle de tronco; Comprometimento total de músculos abdominais, dorsais e pernas
F55 Maior controle de tronco: para frente (pegando um objeto na frente de sua cadeira e levantar); para lateral direita e esquerda, e rotação; comprometimento total de pernas. (IPC, 2015)

“Mas eu que despertara, refletia em meu irrepreensível espírito se devia morrer, lançando-me nas ondas ou se permaneceria em silêncio e continuaria entre os vivos. Resolvi sofrer e ir vivendo...” (BRANDÃO, 1986, Od. Canto X, 49-53)

“Ficar de fora. Foi um sofrimento, foi minha terceira morte, mesmo assim eu dei a volta por cima”. (Elizabeth Gomes, relato oral para este artigo, março de 2020)

O ponto comum desses heróis. Sejam eles herói – personagem mítico ou herói – realizador de feitos incomuns (RUBIO, 2001) ambos vivenciaram o próprio ciclo vital que os classifica como tal. “*Todo grande herói, não pode completar o Uróboro*²², *sem uma katábasi\$ (katábasis)*²³, *sem uma descida "real" ou simbólica ao mundo das sombras*” (BRANDÃO, 1987, V.III p.307).

A volta por cima referida pela atleta foi atender ao convite da própria treinadora Roseane Farias a ir assistir aos Jogos do Rio e apoiar seus colegas. De início ela resistiu pois não queria estar lá como expectadora do espetáculo em que poderia ter sido protagonista, mas acabou aceitando e foram. O que a surpreendeu foi ter encontrado na parede da sala do apartamento, onde estavam hospedadas, um quadro com o dizer “LONDON”. Foi o suficiente para a treinadora lançar um desafio para ambas. Apontou para o quadro e perguntou:

- *Você topa?*
- *Sim.*
- *Então vamos trabalhar para chegar até lá.*

Elas estavam se referindo ao mundial de Londres que aconteceria em 2017. O primeiro passo, então, foi buscar índice no Campeonato Latino-Americano na Argentina. Apesar das dificuldades da nova classe, a atleta arremessou 7.83 metros e conseguiu o índice que era de 7.60 metros.

Livre das sereias, os navegantes remaram a toda velocidade para fugir de outros monstros que Circe os alertara. Cila, um monstro de seis cabeças cheio de serpentes e Caríbdis um sorvedouro que três vezes ao dia tragava tudo o que estava ao redor. Aproximando-se dos terríveis monstros, Ulisses manteve-se

²² É um conceito representado pelo símbolo de uma serpente, ou um dragão, que morde a própria cauda. O nome vem do grego antigo: οὐρά (oura) significa "cauda" e βόρος (boros), que significa "devora". Assim, a palavra designa "aquele que devora a própria cauda". (CHEVALIER et. Al, 1990 p.716)

²³ Katá – baixo em grego, porém na mitologia o termo é usado para se referir à descida ao mundo inferior.

atento para descobri-los. O ruído das águas quando Caríbdis a sorvia, anunciava o perigo a distância, mas não havia meios de distinguir Cila. Ulisses teve que fazer uma escolha que menos prejudicaria sua embarcação, passar mais próximo a Cila, que imediatamente apanhou seis de seus homens e os levou rugindo, para seu esconderijo. Foi o espetáculo mais triste a que Ulisses já assistira: ver seus amigos assim sacrificados e ouvir seus gritos, impossibilitado de lhes prestar qualquer ajuda.

No mundial de Londres então, Elizabeth teria chance de conquistar a medalha de prata, mas Cila e Caríbdis estavam lá para tragar seu foco. Como a atleta tem as mãos em garra, tinha que usar luvas para prender suas mãos ao mastro de apoio. Porém não é permitido o uso de luvas na classe F-55. A atleta mostrou toda documentação provando a autorização do uso de tais equipamentos, foi para o aquecimento, mas, no momento de validar os arremessos a árbitra ordenou que as tirasse para respeitar as regras. Como Elizabeth não falava fluentemente o inglês, tentou alegar sua autorização, em vão. Não houve acordo precisaram chamar o árbitro chefe do evento. Com isso, o tempo foi passando, a atleta desaqueceu, o nervoso tomou conta durante pelo menos meia hora de tensão, vendo o monstro de seis cabeça tragar sua chance de medalhas. Até que veio a calma e os pedidos de desculpa para que ela continuasse a prova com as luvas. “Eu já tinha perdido a estabilidade do meu tronco, a concentração e não consegui arremessar direito. Fiquei em quinto lugar”. Foi triste para ela ficar fora do pódio. Mas, sua Odisseia ainda estava longe de terminar. Em novembro de 2017, teve mais um surto da Esclerose Múltipla, causando uma neurite óptica e o comprometimento do lado esquerdo superior. Os braços e as mãos ficaram paralisadas. “Foi mais um recomeço, aprender tudo de novo, inclusive segurar o equipamento, o peso, o disco e o dardo”.

De coração triste, o herói navegou em direção à ilha de Hélio - o deus Sol, identificada miticamente com Trinácia, isto é, como a Sicília, onde por força dos ventos permaneceu um mês inteiro (BULFINCH, 2002). Ali pastava um rebanho que não poderiam ser tocados, fossem quais fossem as necessidades dos viajantes. Se transgredida essa regra, os culpados seriam fatalmente destruídos. Acabada a provisão, os insensatos marinheiros, apesar do juramento feito, sacrificaram as melhores vacas do deus. Quando novamente a nau aquéia voltou

às ondas do mar, Zeus, a pedido de Hélio, levantou uma imensa procela e terríveis vagalhões, que, de mistura com os raios celestes, sepultaram a nave e toda a tripulação no seio de Posídon. “Apenas Ulisses, que não participara dos sacrílegos banquetes, escapou à ira do pai dos deuses e dos homens. Agarrando-se à quilha, que apressadamente amarrara ao mastro da nave, o rei de Ítaca deixou-se levar pelos ventos” (BRANDÃO, 1987 vol III, p. 312).

Partindo dali errei por nove dias; na décima noite os deuses conduziram-me para a ilha de Ogígia, onde mora Calipso, de linda cabeleira... (BRANDÃO, 1986 Od. Canto XII, 447-449)

Por fim, penalizado com as saudades de Ulisses, Zeus atendeu às súplicas de Atená, a protetora incontestada e bússola do peregrino de Ítaca, e enviou Hermes à ninfa imortal, para que permitisse a partida do esposo de Penélope (BULFINCH, 2002).

Enfim, em abril de 2018, Elizabeth passou pela reclassificação no Open Internacional de Atletismo. Apresentando novos laudos e sequelas aparentes, baixou para a classe F-52 (cadeirantes com alto grau de comprometimento, pouco controle de tronco). No mesmo evento ela conquistou sua vaga para os Jogos Parapan-americanos de Lima, 2019, ao bater o recorde mundial da prova de peso estabelecendo a marca de 7,41 metros. O antigo recorde pertencia à americana Cassie Mitchell, com 6,14 metros. Na prova de lançamento de disco, com 16,44 metros, Elizabeth bateu a marca da tcheca Martina Kniezkova, 15,28 metros, recorde mundial desde os Jogos de Atenas, 2004. Os ventos continuaram soprando a favor de sua nau. A atleta bateu seguidamente três recordes mundiais. No Grand Prix de Paris, com 16,82 metros no lançamento de disco e 7,41 metros no arremesso de peso, em junho; e em julho, no Grand Prix de Berlim, ela quebrou recorde mundial do dardo, com 14,16 metros.

Tóquio à vista. O ano de 2019 veio para laurear a atleta. Foram várias quebras de recordes. Sagrou-se bicampeã dos Jogos Parapan-americanos de Lima e fechou o ano conquistando a medalha de ouro no mundial de Dubai ao bater seu próprio recorde no lançamento de disco com 16,89 metros, marca que a credenciou para Tóquio, 2020. “Foi um ano de grandes alegrias”. Conquistas que renderam a ela a maior honraria dada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro, o

prêmio de Melhor Atleta Paralímpica do Ano. E a guerreira foi às lágrimas:

“É muita gratidão estar aqui nesse palco, dividindo esse prêmio tão sonhado por todos. Não é só meu, é de todos os atletas que aqui estão. Agradeço e oferto este troféu à minha treinadora, Roseane Farias, que está comigo todos os dias. Gratidão a todos os treinadores, ao movimento paralímpico brasileiro, a minha equipe, a minha associação de esclerose múltipla. Muito obrigada”, (Elizabeth Gomes – discurso ao receber o prêmio 17/12/2019).

Ítaca à vista. No quinto dia, antes do amanhecer, Ulisses desfraldou as velas. “*Estamos novamente em pleno mar, guiados pela luz dos olhos garços de Atená*”. Posídon, no entanto, guardava no peito e na lembrança as injúrias feitas a seu filho, o ciclope Polifemo, e descarregou sua raiva e rancor sobre a frágil jangada do herói (BRANDÃO, 1987, p.312)

Sobre uma prancha da jangada, o naufrago vagou três dias sobre a crista das ondas. Lutou com todas as forças até que, nadando até a foz de um rio, conseguiu pisar terra firme. “Havia chegado à ilha dos Feaces, uma como que ilha de sonhos, uma espécie de Atlântida de Platão” (BRANDÃO, 1987, p.313). De cansado foi ao sono, até ser despertado pela princesa Nausica, que o convidou a visitar o palácio real do seu pai Alcínoo. O rei ofereceu ao herói uma hospitalidade digna de um rei. Durante um farto banquete em honra do hóspede, pode ouvir ao som da lira, o mais audacioso estratagema da Guerra de Tróia, o ardil do cavalo de madeira, o que emocionou profundamente o mais astuto dos aqueus. E o guerreiro foi às lágrimas:

“Eu sou Ulisses”, começou assim o herói a desfilar para o rei Alcino e seus comensais, o longo rosário de suas gestas gloriosas, andanças e sofrimentos na terra e no mar, desde Ílion até a ilha de Esquéria”, (BRANDÃO, 1987, p.313).

Terça-feira, 24 de março de 2020. Elizabeth sustentando seu confinamento, se levantou para seguir os protocolos de treino enviado via *whats app* pela sua técnica. Adaptou a sala de TV em uma pequena academia composta de uma handbike, um supino, medicine ball e halteres. Enquanto isso, em Lausanne - Suíça, o presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI),

Thomas Bach, em reunião por videoconferência com a cúpula diretora dos Jogos se preparava para anunciar o adiamento dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio 2020 para 2021. A notícia se espalhou como chuva de meteoros sobre as redes sociais, já que era tão esperado um posicionamento pela gravidade da pandemia e a situação em que os países se encontravam. Alguns deles já se adiantando em retirar a delegação do megaevento, caso insistissem no seu acontecimento.

Lá na rua José do Patrocínio, número 122 no bairro Macuco em Santos, havia um coração dividido entre tristeza, saúde, dúvidas, desconsolo, fé. Uma mistura de sentimentos ainda não assimilados:

“Aaaai que tristeza, os Jogos! Meu coração ficou frustrado no momento que foi anunciado o cancelamento parecia que tinham arrancado o meu sonho e ao mesmo tempo veio a lembrança de 2021 ano que terei que passar por nova reclassificação funcional, como ficará? Isso que me preocupou e me lembrei também do Rio, 2016 quando interromperam meu sonho”, (Elizabeth Gomes em mensagem via whats app para este texto 25/03/2020).

Depois de refletir, a atleta concluiu que apesar de ser frustrante aos atletas que se prepararam durante o ciclo, ainda não era a hora de ir:

- A medida tomada fez-se necessária para preservar a vida de cada um que estariam nesse evento de maior sucesso do mundo. Agora teremos mais um ano para nos preparamos da melhor forma possível.

Elizabeth seguiu treinando em casa sem expressar, em momento algum, incômodo com sua própria doença que evolui ano a ano, podendo inclusive a impedir de chegar lá.

Século VII a.C - No dia seguinte, o magnânimo soberano de Esquéria fez com que seu ilustre hóspede, que recusou polidamente tornar-se seu genro, subisse, carregado de presentes, para uma das naus mágicas dos Feaces: “Ela corria com tanta segurança e firmeza, que, nem mesmo o falcão, a mais ligeira das aves, poderia segui-la”. (BRANDÃO, 1986, Od. Canto XIII, 86-87) Com tal velocidade, os marujos de Alcínoo em uma noite alcançaram Ítaca, aonde o saudoso Ulisses chegou dormindo. Colocaram-no na praia com todos os

presentes, que habilmente esconderam junto ao tronco de uma oliveira. Quando acordou, Ulisses pôs-se a refletir e concluiu que ainda não era a hora de ir. Disfarçou-se como mendigo para verificar se Penélope lhe era fiel e, em seguida, matar os pretendentes à sua sucessão que a perseguiam. Foi reconhecido pelo cachorro Argos, pelo seu filho Telêmaco e por uma criada antiga da casa, que ao lavar seus pés reconheceu uma cicatriz no amo. Penélope só tinha a certeza de que ele estaria por perto, mas ainda precisava se desfazer dos Pretendentes, que a agonizavam tanto. Com a ajuda de Atena, ela se inspirou:

“Escutai-me, ilustres pretendentes (...) não podeis apresentar outro pretexto, a não ser o desejo de me tomar por esposa. Ânimo, pois, pretendentes: o prêmio do combate está à vista! Apresentarei o grande arco do divino Ulisses e aquele que, tomando-o nas mãos, conseguir armá-lo mais facilmente, e fizer passar uma flecha pelo orifício dos doze machados, a este eu seguirei...” (BRANDÃO, 1987, Od. Canto XXI, 68-77) p. 317.

Segunda-feira 14 de junho de 2021 – Beth Gomes entra em luta com mais um javali da reclassificação funcional. Na manhã de segunda feira fez um exame de eletroneuromiografia e levou as “espetadas” necessárias para derrotar o monstro. No dia seguinte passou pelos exames clínicos e toda a “tortura” de manipulação corporal que o processo exige para provar suas limitações físicas. Depois debaixo de chuva foi para a pista lançar o disco sendo ainda observada pelos classificadores. Dois dias depois bateram o martelo para a classe dela como F-52, com a validade até o próximo ano. Aliviada no final de semana seguinte, Beth entrou na competição seletivas para Tóquio e arruma mais uma inimiga, ela mesmo ao bater o recorde mundial com 17,41m no lançamento de disco. Dia 06 de Julho sai então oficialmente a convocação para Tóquio, 2020.

Enquanto isso em Ítaca...

“Chegou, pois, o momento culminante da prova do arco, que testaria o mérito dos candidatos à mão de Penélope. O orgulhoso Antínoo comanda o certame: Levantai-vos em ordem, companheiros, da esquerda para a direita” (Od. XXI, 141)

Todos tentaram em vão... A insolência e a altivez dos soberbos

pretendentes foram quebradas pelo arco de Ulisses: nenhum deles conseguiu, ao menos, retesá-lo. O arco obedeceria e se curvaria (e veremos por que) apenas à vontade de seu senhor.

Pela insistência de Penélope e a firmeza das palavras de Telêmaco, embora exasperados, os pretendentes se viram compelidos a permitir que o mendigo Ulisses experimentasse o inflexível arco (BRANDÃO, 1987, p.317):

(...) o astuto Ulisses, contudo, apenas tomou e inspecionou em todos os sentidos o grande arco, armou-o sem dificuldade alguma.

(...) Dos pretendentes, porém, se apossou uma grande mágoa e mudaram de cor... (BRANDÃO, 1987 Od. Canto XXI 404-412)

Ao paciente Ulisses faltava ainda uma prova. Penélope ainda resistia. O velho marinheiro, agora remoçado graças a um toque mágico de Atená, conhecia, somente ele e a esposa, alguns sinais desconhecidos dos outros mortais. Era a prova do reconhecimento do leito conjugal:

(...) se realmente este é Ulisses que retorna ao lar, nós nos reconheceremos com mais facilidade que ninguém (BRANDÃO, 1987 Od. XXIII, 107-109)

(...) e a Penélope, no mesmo instante, desfaleceram os joelhos e o coração amante, reconhecendo os sinais que Ulisses dera sem hesitar. Correu direta para ele com as lágrimas nos olhos e lançou os braços em torno de seu pescoço... (BRANDÃO, 1987 Od. XXIII, 205-208)

... Já em Tóquio

Chegou, pois, o momento culminante da prova de disco, que testaria o mérito das atletas. O Estádio Nacional com capacidade para 68 mil pessoas tinha, ao invés de gente, cadeiras pintadas para preencher o vazio. Diferentemente das outras edições em que os aplausos e gritos da torcida compunham o cenário. Desta vez, os sons dos atletas fazendo seus devidos esforços ecoavam nas redes de transmissões. Pela classe F52/F53 ser

composta de atletas com deficiência em membros inferiores, os lançamentos são feitos com o atleta sentado em cadeirões específicos. Portanto, cada atleta faz os seis lançamentos de uma só vez. Beth era a última da fila de nove. Sendo assim, já sabia o que tinha que alcançar quando fosse a sua vez.

A deusa paralímpica esperou pacientemente acontecer os 48 lançamentos que tinham na sua frente. Seis de cada atleta. Sua maior adversária a Ucraniana, Iana Lebedieva liderou a prova o tempo todo com a marca de 15.48 m, seguida de outra Ucraniana a Ovsii Zoia, com 14.37m. O que elas não sabiam é que Beth já tinha anunciado para si mesma e para a Rosi, que iria lançar 17m naquela noite. Entrou determinada. E quando chegou sua vez, no primeiro lançamento já conquistou a medalha de ouro com 15.68m. Poderia ter parado ali, mas quis cumprir sua promessa. No segundo lançamento foi para 16.35m e a alegria tomando conta. O terceiro e o quarto queimaram, um por ter lançado fora da área permitida e outro porque tinha caído muito perto de si. Ainda restavam duas chances. Respirou firme lembrou de todas as instruções da Rosi e de todo caminho que percorreu até ali. Sabia que podia mais e lançou o disco acompanhando com o olhar o passar das linhas dos recordes paralímpicos e mundiais. Caiu, 17.33m. Sentiu que podia ir mais longe. Foi para o último lançamento. Olhou para o céu, pensou: “queridos pais e minha irmã, levem esse disco pra bem longe”. Gritou forte e soltou o disco: 17.62m. Esperou validar a marca e aí sim, caiu em prantos apoiando as mãos na barra, liberou todas as lágrimas de alegria, de alívio, de missão cumprida.

5.2 Antes que a luz se apague

Figura 12 - Equipe vencedora do revezamento 4X100 42"37 - Rio,2016



Foto: Christophe Raux-Casals

Antes que a luz se apague, eu vejo. Vejo pouco, vejo menos, mas vejo grande. Vejo brechas que me fazem saber aonde devo chegar, ao pódio. O campo de visão é pequeno, mas não o suficiente para tampar o campo dos sonhos. Sonhos que me acompanham desde os 15 anos, ao iniciar a trajetória olímpica e que se expressam nos meus passos. Sonho de ser mais veloz do que a luz, sem saber que a luz estava a fugir de mim. Não demorou, ela tentou. E eu ligeiro, corri.

Antes que a luz se apague, eu corro. Corro da sombra que me persegue sem deixar que a escuridão me alcance, ela é minha maior adversária. Ela me tampa a raia. Não era assim quando criança, tudo via tudo almejava, chutava bola, tudo vencia e eu corria. Fui avisado, aos 18, que seria limitado, então, corri ainda mais. Não aceitei e fechei os olhos para os limites.

Antes que a luz se apague, eu luto. Aos 24, estou aqui diante dos holofotes dos meus sonhos, ouvindo anunciar: “Araújo do Brasiiiiil” e o Engenhão vindo abaixo. Na raia de largada, tudo brilha. Meu coração acelera na saudação dos

meus adversários e na vibração do público. Sinto claro a presença dos meus amigos, minha família, minha delegação. Por um instante, meus olhos se abrem e me foco no momento certo em que vou receber e entregar o bastão. Sou o segundo homem e a reta da raia vai me conduzir.

Antes que a luz se apague, eu apago. Esqueço a noite de ontem, em que deixei me afogar na invisibilidade da ansiedade. Fiz da prova um monstro, e minha pouca visão se anulou diante da pressão que eu mesmo carreguei. Perdi o sono, perdi os passos, perdi a garra, pesado da sombra. Não pela falta de luz, mas pelas circunstâncias em que mergulhei. Perdi para mim. Mesmo sabendo que estava entre os oito melhores do mundo na tão esperada final dos 100 metros rasos. Não deu porque a derrota já estava declarada em algo que eu não queria enxergar, estava cego pela vitória.

Antes que a luz se apague, eu persisto. Então, o dia amanheceu. Desta vez na luz da certeza de que a escuridão da derrota não poderia obscurecer o raio de esperança, estar no pódio dos Jogos Rio, 2016. No cenário que tanto esperei, com a plateia que me faz sorrir. Terça-feira 13 de setembro de 2016. Acordei vendo mais do que enxergava. Meus olhos foram abertos pelos meus amigos da equipe que não podiam me ver, mas tinham na sensibilidade tudo o que eu precisava, a força. E juntos fomos para a final do revezamento 4x100m da equipe brasileira com deficiência visual.

Antes que a luz se apague, eu voou. Que venha logo a minha hora. Diogo Jerônimo, era o primeiro homem, que iria me entregar o bastão e eu, Gustavo Henrique na sequência levaria para Daniel Silva com o guia Heitor Oliveira Sales. Duas feras com a responsabilidade de entregar o bastão para Felipe Gomes e seu guia Jonas Silva. Éramos seis iluminados. Nada poderia dar errado. Veio o silêncio, veio a adrenalina, veio a voz: Take your marks, veio o tiro e na cadência perfeita transferimos a responsabilidade um ao outro e então, veio a vitória bem antes dos favoritos China e Uzbequistão.

Antes que a luz se apague, eu venço. Quanta festa, quanto choro e no trajeto até o pódio, as lembranças dos diagnósticos, da não aceitação, da luta da minha família, da maratona de exames, do tormento das classificações, da guerra entre ver e não ver, então tudo some e vejo a luz, a tão sonhada luz do ouro e da sensação dos meus amigos tocando no braile da medalha, printado “primeiro lugar”. Essa luz é clara ainda hoje e vai ficar na história do recorde paralímpico.

5.3 A nadadora de uma morte anunciada ²⁴

Figura 13 - Susana Schnarndorf - O choro pela conquista



Foto: Pablo Jacob / Agência O Globo

NO DIA EM QUE IAM MATÁ-LO, Santiago Nasar levantou-se às 5h30 da manhã para esperar o barco em que chegava o bispo. Tinha sonhado que atravessava uma mata de figueiras-bravas, onde caía uma chuva miúda e branda, e por instantes foi feliz no sono, mas ao acordar sentiu-se todo borrado de caca de pássaros (MARQUES, 2011 p.5).

NO DIA QUE IAM MATÁ-LA, Susana Schnarndorf levantou-se às 5h30 da manhã para dar de mamar à filha. Não se lembra de ter sonhado por andar tão cansada na rotina com três filhos pequenos, mas ao acordar sentiu-se mal sem conseguir respirar.

Santiago Nasar também não reconheceu o presságio. Dormira

²⁴ Uma analogia baseada no livro *Crônica de uma morte anunciada*, de Gabriel Garcia Marques.

pouco e mal, sem despir a roupa, e acordou com dores de cabeça e com um sedimento de estribo de cobre na boca, e interpretou-os como estragos naturais da farra de casamento que se tinha prolongado até depois da meia-noite (MARQUES, 2011 p.5).

Susana Schnarndorf também não reconheceu o indício de algo que estava para acontecer. Dormira pouco e mal, sem despir a roupa, e acordou com a sensação de sufoco. Tossiu muito. Interpretou como um engasgo com a própria saliva. Na tarde anterior, já havia acontecido um engasgo, quando estava na sala com os três filhos. A mais nova de apenas dois meses, estava dormindo. O filho do meio, com três anos brincava com bonequinhos e o mais velho, com sete anos estava vendo o filme do Tarzan.

... fazia um tempo fúnebre, com um céu turvo e baixo e um cheiro intenso a águas paradas (MARQUES, 2011 p.5).

... era um domingo chuvoso de julho de 2005 e um cheiro de mato fresco dos arredores.

A casa era um antigo armazém de dois pisos, com paredes de pranchas grossas e um telhado de zinco de duas águas, no qual pousavam os urubus de sentinela aos desperdícios do porto (MARQUES, 2011 p.8).

A casa de dois andares era situada em um condomínio do Bairro Vargem Grande, Rio de Janeiro. Tinha piscina no quintal e um pequeno gramado, no qual pousavam passarinhos das mais variadas espécies.

Na fachada conservou a porta principal e abriu duas janelas de corpo inteiro com grade de bilros. Conservou também a porta traseira, só que um pouco mais alteada para poder entrar e sair a cavalo, e manteve em serviço uma parte do antigo molhe (MARQUES, 2011 p.8).

O condomínio na época estava mal-acabado. Não tinha luz, tinham que “puxar um gato”; o portão era de tapume de obras; os porteiros se dividiam entre

tocar interfonos e fazer rondas, já que as câmeras não funcionavam.

Santiago Nasar mastigou outra aspirina e sentou-se a beber em sorvos lentos a almoçadeira de café (MARQUES, 2011 p.6).

Susana Schanrdorf foi até a cozinha, tomou água e pensou que algo estava errado. Continuou ali velando os filhos na braçadeira da poltrona.

Santiago Nasar tinha motivos para sentir-se defraudado. Contribuía com vários carregos de lenha às solicitações públicas do padre Carmen Amador, além de que escolhera pessoalmente os galos de cristas mais apetitosas. Mas foi uma contrariedade momentânea. Minha irmã Margot, que estava com ele no cais, achou o de muito bom humor e com ânimos de continuar a festa, apesar de as aspirinas não lhe terem dado qualquer alívio. "Não parecia constipado, e só pensava no que tinha custado o casamento", disse-me (MARQUES, 2011 p.11).

Susana Schanrdorf tinha motivos para sentir-se defraudada. Fora uma esposa exemplar, além de ser uma excelente mãe. Mas, por diversas contrariedades, o casamento de 10 anos acabara. Os engasgos seguiram acontecendo várias vezes ao dia. Com medo de engolir e se engasgar ficava com receio de comer. A vizinha, Cláudia, que passara muitas tardes com ela, não via mais o bom humor da nadadora. “Não parece gripada. Você precisa ir ao médico ver o que é isso Su”, disse ela, enquanto a convidava para um jantar na sexta-feira.

Minha irmã sentiu passar um anjo. Pensou uma vez mais na boa sorte de Flora Miguel, que já tinha tantas coisas na vida, e ainda ia ter Santiago Nasar no Natal desse ano. "De súbito reparei que não podia haver melhor partido do que ele", disse-me. "Vê tu bem: bonito, sério, e com fortuna pessoal aos vinte e um anos" (MARQUES, 2011 p.11).

Há anjos que surgem do nada. Susana pensou uma vez mais na boa sorte de ter os vizinhos Cláudia e Jorge Leandro da Silva, os seus anjos da guarda. O casal mudou para o condomínio em 2004. Susana foi bastante

receptiva com eles, enquanto se instalavam na nova moradia. Cláudia sabia que não podia haver melhor amiga do que ela. “Logo reparei que ela era uma entidade. Vivia em função dos filhos. Saía de Vargem Grande levava o mais velho na escola lá na Barra da Tijuca, que era longe”, disse Cláudia.

Ela costumava convidá-lo a tomar o pequeno-almoço em nossa casa quando havia fritos de mandioca, e minha mãe estava a fazê-los nessa manhã. Santiago Nasar aceitou entusiasmado (MARQUES, 2011 p11).

Ela costumava convidar Susana para almoços domingueiros, enquanto as crianças brincavam no quintal. Susana aceitou entusiasmada.

Santiago Nasar, porém, convenceu-a a ir à frente enquanto ele vestia o fato de montar, pois tinha que estar cedo no "Divino Rosto" para capar bezerras. Despediu-se dela com o mesmo gesto de mão com que se despedira da mãe... e afastou-se em direção à praça, levando Cristo Bedoya pelo braço. Foi a última vez que o viu (MARQUES, 2011 P.11).

Susana Schnarndorf, porém, convenceu-a a ir à frente enquanto ia trocar as crianças. Despediu-se dela com o mesmo gesto de mão com que se despedira da mãe... e afastou-se em direção ao quarto, levando Mayla nos braços. Foi a última vez que a viu.

Realmente, minha irmã Margot era das poucas pessoas que ainda ignoravam que iam matá-lo. "Tivesse-o eu sabido e levava-o para casa, amarrado e tudo", declarou ela ao juiz instrutor (MARQUES, 2011 p.12).

Realmente Cláudia era uma das poucas pessoas que ainda ignorava que Susana poderia morrer. “Se eu soubesse, que ela estava assim, eu tinha a levado pra casa, à força”, contou a vizinha, 11 anos mais tarde, enquanto comemorávamos o aniversário de Susana, em 2015. Lembrou que naquele domingo à noite questionou o marido se algo estava acontecendo com Susana, pois a casa encontrava-se escura e toda fechada. Resolveram ir até lá. Pularam o muro, arrombaram a porta e subiram as escadas. Chamaram, mas não

obtiveram respostas, então abriram a porta e lá estava ela deitada, chorando.

"Fazia sempre isso quando me encontrava sozinha pelos cantos da casa, só que naquele dia não senti o susto de sempre, mas uma vontade horrível de chorar." Afastou-se para deixá-lo sair, e pela porta entreaberta viu as amendoeiras da praça, nevadas pelo resplendor do amanhecer, mas não teve coragem para ver mais nada. "Nesse momento calou-se o apito do barco e começaram a cantar os galos", disse-me. "Era um barulho tão grande, que a gente fazia lá ideia de haver tantos galos na vila, e eu pensei que eles vinham no barco do bispo" (MARQUES, 2011 p.9).

"Fazia sempre isso, principalmente depois que perdera a guarda dos filhos, sentia um vazio enorme e só vontade de chorar", lembrou Cláudia. Estava perdendo a mobilidade de uma das mãos, mas não queria dar o braço a torcer. O espírito de guerreira sempre falava mais alto.

Naquela manhã, porém, não senti o palpitar da tragédia que estava a gerar-se desde as três da madrugada (MARQUES, 2011 p.12).

Naquela manhã, porém, não senti o braço esquerdo. Levou quase meia hora para pôr pasta de dente na escova: - *"vai, vai, dizia para o próprio braço"*. Firmava o pensamento, *"vai, vai e nada. Vai que você consegue"*. Pegava na mão, apertava a pasta com o cotovelo. Esguichou tudo na pia, um desastre. Para escovar os dentes, segurava a mão e mexia com a cabeça.

"Devem ter pensado que eu enlouquecera" (MARQUES, 2011 p.13).

"Devem pensar que eu estou louca. Melhor ir ao médico". Pelos sintomas referidos, foi diagnosticada, com síndrome do pânico. Saiu do consultório com uma receita de calmante, mas, lutava contra o sono com medo de desmaiar e deixar as crianças. Tomar calmante era pior, porque se sentia mole e não conseguia puxar o ar. Pensou consigo mesma: - *"Isso não está adiantando"*. Foi pesquisar na internet porque tinha dúvidas desse diagnóstico. Como podia ser ataque de pânico se o engasgo também dava enquanto dormia? Foi recomendada a um segundo médico...

... foi quem primeiro o viu no resplendor da madrugada, e teve a impressão de que ele estava vestido de alumínio. "Já parecia um fantasma", disse-me (MARQUES, 2011 p.13).

... foi quem primeiro a viu no resplandecer da manhã, e teve a impressão de que estava vestida num lençol. Parecia um fantasma. Achou seu quadro "esquisito" e a encaminhou para um neurologista, pois poderia ser um tumor no cérebro. O neuro pediu uma ressonância. Isso demorou cerca de duas semanas. Susana acreditou que estava com um tumor na cabeça. O quadro foi piorando. A sua mão esquerda, do nada, travava. Sentia-se esquisita. O resultado da ressonância chegou e viram que não era tumor. Nessas alturas, a triatleta mal conseguia por fralda na sua filha. Já tinham passado três meses, desde o primeiro engasgo. Estava um "palito", não dormia, não comia. Gaguejava ao falar. Um terceiro diagnóstico foi lhe dado, uma possível esclerose múltipla.

Aquela má notícia era um nó cifrado para minha mãe (MARQUES, 2011 p.13).

Aquela má notícia doeu na alma de Marian, a mãe de Susana, que mesmo longe, não desligava o pensamento da filha.

A última imagem que a mãe guardava dele era a da sua passagem fugaz pelo quarto. Acordara-a, quando tentava encontrar às apalpadelas uma aspirina no armário do quarto de banho, e ela acendeu a luz e viu-o aparecer na porta com o copo de água na mão, tal como haveria de recordá-lo para sempre (Marques, 2011 p.6).

A última imagem que a mãe guardara dela era a da sua passagem fugaz da sala para o quarto embalando a pequena Mayla que acabara de nascer. A mãe passou um mês na casa da filha para ajudá-la com a recém-nascida.

No dia em que iam matá-lo, a mãe pensou que ele se tinha enganado

na data, quando o viu vestido de branco. "Lembrei-lhe que era segunda-feira", disse-me. Mas o filho explicou-lhe que se tinha vestido de ponto em branco pensando na hipótese de oscular o anel ao bispo. Ela não deu qualquer mostra de interesse (MARQUES, 2011 p.6).

No dia em que iam matá-la, a mãe pensou que ela se tinha enganado na data, quando a viu vestida para treinar. "Lembrou-lhe que era quarta-feira dia de retornar ao médico". Mas, a filha explicou-lhe que ainda dava tempo de sua pedalada matinal, antes de ir ao médico.

Era o filho único de um casamento de conveniência que não teve um só instante de felicidade, mas ele parecia feliz com o pai até este morrer de repente, três anos antes, e continuou a parecê-lo com a mãe solitária até à segunda-feira da sua morte. Dela herdara o instinto. Do pai aprendera desde pequeno o domínio das armas de fogo, o amor aos cavalos e a maestria das aves de presa de alto voo, mas dele aprendera também as boas artes da coragem e da prudência (MARQUES, 2011 p.6).

Era a terceira filha de um casamento amoroso entre Marian, uma senhora muito elegante de cabelos loiros de origem franco-germana, viveu na época da segunda guerra mundial e quando criança falava alemão e francês. Aos 18 anos, casou-se com Ervino Hugo Schnarndorf; e aos 21 já era mãe de três filhos. Radicados em Porto Alegre- RS, no bairro Cristal, bem próximo ao Estádio Beira-Rio. Da mãe herdara a persistência e dedicação aos treinos. Do pai aprendera desde pequena a gostar de água, o amor à natureza e a maestria de nadar durante os acampamentos da família.

A morte do pai forçara-o a abandonar os estudos no fim da escola secundária, para tomar conta da fazenda familiar. Pelos seus méritos próprios, Santiago Nasar era alegre e pacífico, e de coração fácil (MARQUES, 2011 p.7).

A morte do pai forçara-a ser ainda mais forte por estar nas últimas semanas de gravidez de seu primeiro filho. No dia que ele morreu, caiu um

temporal no Rio. Susana tentou ligar no telefone da casa mãe e dos irmãos, ninguém atendeu. Achou estranho, até que conseguiu falar com a cunhada que contou sobre o ocorrido. Pelo risco do sétimo mês de gravidez, sua médica não autorizou que ela fosse ao enterro do pai. Sofreu demais por não poder despedir do seu grande amigo. Mas, assim que o bebê nasceu, foi para Porto Alegre visitar a sepultura do pai. Ali desabou a chorar. Tinha perdido seu porto seguro, seu apoiador maior.

Encontrava-a como era naquele tempo, lívida e secreta, varrendo o quintal com uma vassoura de ramos no resplendor cinzento do amanhecer, e entre dois goles de café ia-me contando o que acontecera no mundo enquanto nós dormíamos (MARQUES, 2011 p.12).

Encontrava-o, na memória, como era naquele tempo, lívido e secreto, varrendo o quintal com uma vassoura de ramos ao final das tardes, juntando as folhas para queimá-las numa fogueira, enquanto contava para a pequena Susana o que acontecera no seu dia de trabalho.

Santiago Nasar entrou em casa às 4 e 20, mas não teve que acender luz alguma para chegar ao quarto, porque a lâmpada da escada ficava acesa durante a noite. Estendeu-se na cama às escuras e vestido, pois só lhe restava uma hora para dormir, e assim deu com ele Victoria Guzmán, quando subiu a acordá-lo para ir receber o bispo (MARQUES, 2011 p.33).

Susana Schanrdorf entrou em casa as 18 e 30, mas não teve que acender a luz alguma para chegar ao quarto, porque o sol irradiava nas janelas do quarto. Estendeu-se na cama e se desesperou porque se lembrou de um colega triatleta, que teve este problema e morreu em seis meses. Tal diagnóstico demorou a ser concluído. Isso significa que ao passar por vários médicos, teve sua sentença de morte decretada pelo menos umas cinco vezes, antes de descobrirem definitivamente o real problema.

"Olhavam-no com mais pena do que outra coisa", dizia Clotilde Armenta (MARQUES, 2011 p.10).

Olhavam-no com mais pena do que outra coisa. Cada vez que ia em um médico diferente voltava com uma doença nova: “Síndrome do pânico”; “esclerose múltipla”; “lúpus”; “tumor cerebral”, etc. Sem contar a vontade própria de morrer tamanha era a sua dor. Dias antes, na Páscoa de 2006 as crianças foram viajar com os avós e depois já não voltariam para a casa da mãe. Arrumou as roupinhas em uma mala, na certeza de que logo iria morrer e que esse era o melhor caminho para o futuro deles. Todas as decisões que tomaria dali para frente eram pensando nos filhos. Por duas vezes quis por um fim na sua história, abrindo a torneira de gás para vazar na cozinha. Chegou a escrever uma carta aos filhos contando como era ela e como os amava. O ano passou. Só queria dormir. Sua depressão era química por conta da doença. Dormia, dormia e tomava remédios para dar mais sono ainda.

A única coisa que deixou intacta no salão foi a escada de caracol recuperada de algum naufrágio (MARQUES, 2011 p.8).

A única coisa que deixou intacta na sala foi a escada que a levava para os quartos. O vazio da casa sem as crianças a consumia. Há um ano estavam todos ali; e de repente a escuridão. Tampava os porta-retratos para não os ver. Enquanto isso, os filhos também foram desacostumando com a mãe.

"Eu tinha sólidas razões para crer que ele já não corria qualquer perigo", disse-me (MARQUES, 2011 p.12).

Tinham sólidas razões para crer que ela já não corria qualquer perigo, afinal estava medicada e as crianças estavam sob os cuidados do pai.

Minha irmã Margot, que estava com ele no cais, achou-o de muito bom humor e com ânimos de continuar a festa, apesar de as aspirinas não lhe terem dado qualquer alívio (MARQUES, 2011 p.11).

Cláudia a irmã de coração, que estava sempre com ela, achava-a até de

bom humor. Lembra-se de como era difícil tirar Susana de casa. Tinha que, praticamente, a pegar no colo e jogar no carro. Saíam para comprar roupa e na segunda peça, Susana já falava “*tá bom, tá bom, Didi (apelido de Cláudia)*”. Uma vez, foram ao show do Titãs. Cláudia comprou ingresso e a obrigou a ir: “Tinha trezentos lugares vazios e um casal perto de nós. Pois a Su conseguiu virar uma lata de Coca-Cola inteira na bolsa da mulher. Ficou tão doida para enxugar, que a mulher nem conseguiu brigar com ela”, contou Cláudia, dizendo ainda: “A gente ri de tudo, ri desse cabelo liso dela porque o outro não entrava nem pente”. Susana na época tinha cabelo crespo e seco.

Nasar estava avisado, porque a toda a gente pareceu impossível que não estivesse (MARQUES, 2011 p.12).

Schanrdorf estava avisada depois de tantos diagnósticos, era impossível que não estivesse. Continuou em busca de cura e tratamentos que a ajudassem sair de suas crises durante pelo menos cinco anos.

Faustino Santos foi o único que percebeu uma chispa de verdade na ameaça de Pablo Vicario, e perguntou-lhe de brincadeira por que tinham eles de matar Santiago Nasar, se havia tantos ricos que mereciam morrer primeiro (MARQUES, 2011 p.27)

Hélio Scapolan foi o único médico que percebeu uma doença degenerativa chamada Atrofia Múltipla dos Sistemas²⁵. Uma síndrome que vai progredindo silenciosamente, e perguntou-lhe por que não praticava um esporte, já que gostava tanto. “Como vou fazer esporte, mal consigo andar?”, perguntou-lhe Susana. “Vai fazer hidroginástica”, propôs o médico. “Nãooooo”, respondeu-lhe. Então, Scapolan sugeriu a natação. Susana Schnarndorf concordou com ele, mas, levou seis meses para ir de fato. Um belo dia resolveu ir para a academia Rio Sport Center, onde já conhecia o pessoal da equipe de triatlo, que

²⁵ SMA – Síndrome Múltipla do Sistema - Um distúrbio degenerativo caracterizado por danos progressivos ao sistema nervoso autônomo (parte do sistema nervoso que controla as funções involuntárias), tremores musculares, rigidez, movimentos lentos e outras perdas neurológicas generalizadas

treinava lá. A academia fica na Av. Ayrton Senna – Barra da Tijuca. Tem uma piscina de 25 metros ao ar livre, numa área de 33 mil metros quadrados, com muitas opções de modalidades esportivas.

Muitas das pessoas que estavam no porto sabiam que Santiago Nasar ia ser morto (MARQUES, 2011 p.12).

Muitas pessoas da equipe de natação sabiam que Susana não voltaria ao estado normal. Logo, a atleta foi convidada a dar aulas ali para levantar seu sustento. Por dentro se sentia um bagaço de não estar treinando com a equipe de triatlo. Mas, por que não, tentar mais uma vez? De conversa com a amiga, Miriam Xavier, que também estava afastada do triatlo resolveram treinar para fazerem uma prova juntas. As duas se conheceram anos antes quando Susana ainda morava em Porto Alegre e se cruzaram em algumas competições. Miriam parou de competir porque engravidou e nesse meio tempo Susana se mudou para o Rio. Era a “nadadora”, como a chamavam no triatlo. Nunca competiram juntas, mas, depois de 20 anos resolveram voltar para a modalidade.

O padre Carmen Amador também não se preocupou: "Quando o vi são e salvo pensei que tinha sido tudo uma patranha", disse-me (MARQUES, 2011 p.12)

A amiga Miriam estava para completar 50 anos e seria o momento certo para fazer seu primeiro Ironman. “Quando a vi são e salva pensei que tinha sido tudo um pesadelo”, disse Miriam.

Segundo eles, meu irmão disse: "Santiago Nasar está morto." Depois deu uma bênção episcopal, tropeçou no lancil da porta e saiu aos tombos (MARQUES, 2011 p.35)

Segundo ela, pelo que ouviu falar, “Susana Schanrdorf estaria morta”. Depois deu um abraço na amiga, que ainda tinha muito a viver. Resolveram pedalar na estrada, que liga o Rio à Juiz de Fora- MG. Paisagem inspiradora para ciclistas, com muito verde e colinas repletas de gado passeando. Em uma

das descidas “a nadadora” reclamou: “Miriam eu não tenho mais força na mão para frear”. “Calma amiga, vamos devagar”, respondeu-lhe. Susana percebeu que realmente sua mão já não respondia como deveria. Sentia às vezes a perna contrair, perdia a coordenação, sem saber o que era.

“Pensámos que eram coisas de bêbados”, declararam vários carniceiros, exatamente como Victoria Guzmán e tantas outras pessoas que os viram depois (MARQUES, 2011 p.27)

“Pensamos que eram coisas do cansaço da pedalada”, declarou a amiga, sem imaginar o que viria depois.

“... por mais voltas que desse à história, ninguém sabia explicar-me como foi que o pobre Santiago Nasar acabou comprometido em semelhante enredo” (MARQUES, 2011 p.13).

... por mais voltas que desse à história, ninguém soube explicar como foi que a saúde de Susana Schnarndorf acabou comprometida. Entrou para a natação paralímpica e com toda sua astúcia começou bater recordes brasileiros. Foi para os Jogos Paralímpicos de Londres e ficou em quarto lugar. A doença progrediu, seus movimentos pioravam, mas ela continuava a nadar. Em outra feita, já em meados de 2016, uma cólica febril e devastadora a levou para a UTI. Acordou já no hospital, cheia de dreno e com muita dor. Enfermeiros entravam e saíam toda hora do quarto para lhe tirar sangue e aplicar medicações. Eram pedras na vesícula. “Fiquei massacrada, ainda mais que ninguém podia ficar comigo. Tinha fome e não podia comer”, lembrou a nadadora.

Mas não parou. Apareceu na volta do rio, resfolegando como um dragão, e nesse momento a banda começou a tocar o hino do bispo, e os galos desataram a cantar nas cestas e alvoroçaram os outros galos da vila. (MARQUES, 2011 p.10).

Mas não parou por ali. De volta ao Rio, competiu as preliminares para os Jogos Rio 2016 e foi convocada para representar o país no evento. Não

obstante, conquistou a medalha de prata no revezamento 4X50m misto. Subiu ao pódio e chorou.

Nunca houve uma morte mais anunciada (MARQUES, 2011 p.27).

5.4 Ah o cavalo...

Figura 14 – Rio 2016 - Rodolpho Riskalla, na prova de adestramento.



Foto - © Washington Alves/MPIX/CPB

Cavalo. Animal domesticado, treinado para servir, encantar e até curar. Capaz de sentir os toques de comando e ouvir a voz de quem o doma. Incapaz de discriminar ou diferenciar se acima dele está alguém de corpo perfeito ou não.

Capaz de realizar com harmonia e graça tudo aquilo que foi treinado durante o ano. A minuciosidade que a prova de adestramento exige: o passo-antepasso; o cumprimento aos árbitros e à plateia; o giro, o trote; o galope. A cadência perfeita ensinada pelo domador. Incapaz de dimensionar a ausência de seu cavaleiro, que por um ano trocou os treinos por um leito de hospital.

Capaz de ser embalado pela música escolhida para sua apresentação: *“Mas que nada, sai da minha frente eu quero passar. Pois o samba está animado,*

que eu quero é sambar”. Incapaz de entender o significado da letra para seu domador, tentando expressar sua vontade de competir novamente. Tentando tirar de sua frente barreiras físicas, preconceitos e tudo o mais que o impedisse de se sentir vivo.

Capaz de ser aplaudido e saborear sua recompensa assim que volta à baía. Incapaz de sentir a alegria de seu cavaleiro de voltar à arena. Lugar em que foi criado desde os 6 anos na montaria. Lugar em que foi quatro vezes campeão brasileiro e campeão Sul-Americano. Lugar que pensou ter perdido ao passar um mês em coma por conta de uma meningite bacteriana, que o atropelou em 2015, às vésperas dos Jogos Rio, 2016.

Capaz de compor o conjunto brasileiro e levar seu cavaleiro ao 10º lugar do mundo. Incapaz de ver que suas rédeas estavam amarradas em cotos de mãos e seus estribos tocados por próteses.

5.5 O remador do tempo reinventado

Figura 15 - Jairo Klug e Diana Barcelos De Oliveira



Foto: World Rowing

Estava o remador à mercê do tempo numa manhã de quarta-feira em abril de 2018. Homem alto, loiro, de calça Jeans, barba bem-feita. Tinha um pé sobre um suporte de barco o outro no chão. Uma das mãos no queixo e a outra com o polegar enroscado no bolso da calça. Olhava distante para o fim da raia no encontro da água com os muros de vidro da Marginal Pinheiros, tentando trazer na memória o que iria falar sobre sua história. Lembrou-se dos tempos em que jogava handebol na escola no bairro Rio Pequeno onde morava em São Paulo desde que nascera.

De olhos fixos em alguns remadores que treinavam na raia, timidamente falou sobre sua adolescência:

- Ah quanto eu gostava de competir.

O irmão mais velho cursava Educação Física na Universidade de São Paulo e instigou: *“lá tem um monte de esportes”*. O então, pequeno atleta de handebol, foi até o CEEPE-USP se matricular em qualquer coisa. Mas, logo os olhos cresceram para o barco, o rio, a água e os remos. Quis começar no dia seguinte. Tinha aula duas vezes na semana.

- O professor José disse que eu era bom e me convidou pra treinar na equipe para competir, contou o remador enquanto sorria sem mostrar os dentes.

Lembrou-se do troféu do seu primeiro campeonato Paulista.

- Logo o Corinthians me chamou pra remar lá em troca de uma bolsa de estudos no cursinho.

Já era 2004, quando passou no vestibular para Educação Física na USP também. O semblante fechou um pouco quando lembrou que trocou de clube para o Esporte Clube Pinheiros. O Pinheiros era um dos clubes mais tradicionais no remo em São Paulo, mas havia desativado a modalidade por um tempo. Tudo era um recomeço e o tempo, senhor de Jairo, já o amadurecera na profissão de remador. Lembrou que o ritmo de treino não era como na adolescência e os campeonatos viraram nacionais.

- Eu fui bem no brasileiro e fui convocado para a seleção brasileira.

Passou a mão na barba e continuou contando que foi reserva no Campeonato Sul-Americano fechando a temporada como segundo lugar no Campeonato Brasileiro. O sorriso fechou novamente para falar que em 2006, ano que antecedia o Pan-americano do Rio, ao sair do barco, rompeu o menisco.

- *Tive que operar o joelho em julho. Mas, em menos de um mês voltei a competir e fiquei em terceiro lugar no Brasileiro. Eu tinha uns 22 anos nessa época.*

Sorriu novamente. Fora convocado para os Jogos Pan-Americanos do Rio, 2007, conseguindo o quinto lugar. No mesmo ano, participou de outro campeonato brasileiro e ficou na segunda colocação.

- *Oi amigo, a água está boa?* Perguntou a um remador que estava saindo da água carregando o barco.

- Sim. Não vai treinar hoje?

- Não. Hoje não.

A memória pula o tempo e o homem de descendência germânica a contempla. Hora risos, hora silêncio, hora olhos mareados. Cruza os braços e segue nas lembranças.

O tempo parecia soprar a seu favor e as águas dos rios por onde remava, o levavam cada vez mais longe. No ano seguinte, já treinando com mais atletas, participou de campeonatos com barcos maiores.

- *Ganhamos o primeiro título do brasileiro no barco Quatro-Sem. Quatro remadores, um remo por pessoa, sem timoneiro, homem que fica no barco para dar a direção. Logo em 2009, mais um título do brasileiro com o barco Dois - sem (um remo para cada lado).*

Mas o tempo quis parar e o deixar à margem de onde sempre esteve no leito. Era sexta-feira, 15 de abril de 2011, praticamente às vésperas do Pan de 2011, de Guadalajara no México, despediu-se dos seus amigos depois do treino, ali mesmo na raia e seguiu em direção à sua casa. Tinha uma moto para se livrar do trânsito de São Paulo. Porém, naquela tarde, aos cinco minutos de trajeto percorrido, não viu mais nada.

- *Eu me lembro de ter despedido do pessoal aqui na raia, subi na moto e cheguei próximo à rotatória da Politécnica na USP. E depois não me lembro de nada, só de acordar no hospital todo quebrado. Não sei o que aconteceu comigo. No boletim de ocorrência tá escrito que havia no local um caminhão, mas não diz se ele estava envolvido no acidente ou se parou para prestar socorro²⁶.*

²⁶ Informação verbal de Klug, abril, 2018.

Fisicamente, a ruptura de sua trajetória olímpica, o fez ter fratura exposta no fêmur da perna esquerda; fratura na tíbia e fíbula da perna direita; braço; úmero; clavícula; escápula; em quatro vértebras e contusão pulmonar. Mas, em seu âmago, muita coisa se perdeu naquele instante.

Nesse instante deitou seu barco no leito do rio Lethe - o rio do esquecimento, um dos rios do Hades, que nasce na caverna de Hipnos, que segue rumo ao submundo. O único que se atravessava no retorno a esta vida. “*Os deuses levavam as almas purificadas para que, esquecidas do passado, tornassem a ver a face da terra e quisessem voltar a novos corpos*” (BRANDÃO, 1987, p 320). De acordo com a lenda, quem banha-se ou bebe a água do Lethe tem sua memória apagada, que pode ser total ou parcialmente. Esse rio faz fronteira com os Campos Elísios. Portanto, para entrar nas terras abençoadas, as almas devem banhar-se nele caindo no esquecimento total. Lethe também é conhecida como a Daemon personificação do Esquecimento, filha de Éris. Ou ainda em a Divina Comédia de Dante Alighieri o Lethe aparece como um rio cujas águas os pecadores tinham de beber para apagarem da memória os seus pecados cometidos e assim entrarem no céu.

Literalmente remou pelo rio do esquecimento. Quisera ele voltar em “*novo corpo*”, mas essa remada só o levou a um “*novo ser*”. Foi acordado no hospital por uma das companheiras de equipe do remo, que era médica. Ela se incumbiu de contar a ele o que tinha acontecido.

Enquanto eu assimilava tudo isso, o remador manteve-se em silêncio²⁷. Abaixou a cabeça por sobre os braços num tronco de árvore. Ficamos ali, somente com o barulho das águas e dos pássaros. O olhar do remador buscava no leito da raia mais recordações. Um fundo respirar e ele continuou contando que foram dez dias na UTI e alguns dias na enfermaria, cheio de pinos de fixação externa, depois cirurgia de fixação interna e mais vinte e cinco dias, trinta e cinco no total. Após a alta, ficou de cadeira de rodas por dois meses, muleta e colete cervical. Em poucos meses de fisioterapia livrou-se das muletas, dos coletes e já mostrou disposição para retornar aos treinamentos.

²⁷ “O silêncio na pesquisa não é uma técnica, é como que o sacrifício do eu na entrevista que pode trazer como recompensa uma iluminação para as ciências como um todo” (BOSI, 2003, p.65). Pollak (1992) diz que o silêncio tem razões bastante complexas.

- *O que mais me preocupava era a lesão do nervo radial da mão esquerda, responsável pela extensão do punho e dos dedos. Eu fiz um enxerto, mas não apresentou melhoras e a fisioterapia também não mostrava evolução. O médico dizia que se em um ano não melhorasse nada do enxerto era muito difícil voltar o movimento.*

A preocupação maior era voltar a remar e não fazia questão de lembrar do momento em que seu “*barco virou*”, no caso moto, ou da sua “*quase morte*”. Ele estava vivo, em pé lembrando do que lhe fazia bem. Como diz Guimarães Rosa (1995 p.409) “*Lembrar é estar vivo, é estar na superfície do rio. A superfície é onde o rio do tempo toca a canoa da individualidade humana*”. Jairo voltara à superfície e o rio do tempo o chamara de volta para dentro do seu barco. Era março de 2012 quando se deu a reinvenção do seu tempo como atleta. A hora em que desvendou a monotonia do destino, propiciando a consciência do irracional, como já sugeriu o filósofo Bachelard (1942 p.17): “*Nós não tomamos banho duas vezes no mesmo rio, porque já, em sua profundidade, o ser humano tem o destino de água corrente*”.

Mesmo sem ter alta, o remador passou a ir diariamente até a USP gastar algumas horas no barco-escola, sem olhar as circunstâncias acreditando que logo estaria treinando.

- *Eu ainda estava usando muletas. Voltei para a raia e fiquei ali no barco-escola tentando remar com os movimentos que me eram possíveis. Até que o técnico do remo paralímpico, o Zé Paulo me convidou a fazer parte da equipe. Nessa hora você não se imagina no meio paralímpico, mas eu aceitei.*

Passou a treinar com a equipe paralímpica e foi fazer sua classificação funcional na Copa do Mundo em Munique. Por só ter lesão na mão esquerda, entrou para a classe PR3, ou seja, poderia competir em barco formado por remadores que possuem mobilidade nas pernas, troncos e braços.²⁸ Retomou suas forças de atleta quando foi para as finais, o que lhe valeu a convocação para os Jogos Paralímpicos de Londres, 2012. Conquistou o quinto lugar. Totalmente inteirado no remo paralímpico, intensificou os treinos para estar devidamente preparado no próximo ciclo paralímpico. No entanto, o Brasil não

²⁸ Existem dois tipos de barcos: PR3 Quatro Com Misto (PR3 Mix4+), formado por dois homens, duas mulheres e um timoneiro; e PR3 Double Skiff Misto (PR3 Mix2x), formado por um homem e uma mulher (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE REMO, 2015 online).

conseguiu se classificar para os Jogos do Rio, 2016 por falta de barco da sua categoria.

- A primeira medalha de ouro veio, então, em 2017, no Mundial de Remo, disputado em Sarasota-Bradenton, nos Estados Unidos. Fiz dupla com a atleta Diana Barcelos no skiff duplo misto.

Ao narrar esse instante, seu olhar brilhou. Sim, ele estava novamente às margens das competições, o que não significa que não estivesse carregando e elaborando o sofrimento da sua perda funcional. Talvez por isso, o remador deixa claro a ruptura da sua memória entre as duas fases da vida, antes e após o acidente, encerrando a fase de atleta olímpico apenas dizendo:

- Não sei o que aconteceu comigo.

Pausa com silêncio. Não era falta de atenção e sim um trauma que afetou suas lembranças. Como diria Bergson (1999), o passado permanece inteiramente dentro de nossa memória, tal como foi para nós; porém alguns obstáculos, em particular o comportamento de nosso cérebro, impedem que evoquemos dele todas as partes. Consideremos o acidente um obstáculo para Jairo esquecer o tempo que não gostaria de ter vivido. E quanto ao rio? O rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade, já dizia Guimarães Rosa.

5.6 Trinta Segundos

Figura 16 - Tuany Barbosa em prova de arremesso



Foto: Ale Cabral CPB/Flickr

- 30 - vai acabar a luta, estamos empatadas.
- 29 - Dois Shidos (faltas) para cada uma
- 28 - Eu estou bem. Tenho que acelerar, dar o meu melhor
- 27 - Ela está muito parada, muito passiva
- 26 - Essa não é a luta da Ideliz Ortiz, ela é a melhor do mundo
- 25 - Vou acelerar, ela não está entrando no golpe
- 24 - Sacodi a gola do kimono dela, peguei firme
- 23 - Ela reverteu o golpe,
- 22 - Encaixou um Osoto- Gari
- 21 - Não quero cair
- 20 - Caí,
- 19 - Olhei para o relógio
- 18 - Minha perna ficou presa, estou no chão.
- 17 - Vejo flashes de luzes do ginásio,
- 16 - Está tudo ficando escuro. Não consigo sair
- 15 - Gritei forte
- 14 - Apaguei
- 13 - Ouvi vozes, sonhei
- 12 - Esse golpe era o meu preferido, o primeiro que aprendi, não pode ser o último;

- 11 – Eu não precisava ter entrado nessa luta, minha equipe já estava fora do campeonato;
10 – As meninas estão gritando o meu nome
09 – E a medalha para Jacarezinho?
08 – E a batalha diária da minha mãe e da minha avó para me fazer uma lutadora?
07 – A perna não mexe mais, está um S
06 – Ninguém da minha família está aqui, nem minha irmã que sempre me acompanha
05 – Muita dor, muito medo, como o dos tiroteios que vi na comunidade
04 – Socorro, vejo flashes novamente
03 – Os médicos estão chegando
02 – Não tenho consciência
01 – Estão me levando
00 - Adeus tatame.

5.7 Classificação Funcional: O Tifón do Movimento Paralímpico

As vigorosas mãos desse gigante trabalhavam sem descanso, e os seus pés eram infatigáveis; sobre os ombros, erguiam-se as cem cabeças de um medonho dragão, e de cada uma se projetava uma língua negra; dos olhos das monstruosas cabeças jorrava uma chama brilhante; espantosas de ver, proferiam mil sons inexplicáveis e, por vezes, tão agudos que os próprios deuses não conseguiam ouvi-los; ora o poderoso mugido de um touro selvagem, ora o rugido de um leão feroz; muitas vezes — ó prodígio! — o ladrar de um cão, ou os clamores penetrantes de que ressoavam as altas montanhas. (MENARD, 1991, Vol1- S.I).

Eis aí Tifón. A mais temível fera mitológica, que chegou até a derrotar Zeus, arrancando seus músculos, veias e nervos – depois restituídos por Hermes. Foi gerado por Gaia e Tártaro e foi ofertado à Hera na forma de uma semente. A deusa, sem saber da armadilha, plantou a tal semente no Olimpo e dela brotou, em pleno reino divino, o monstro que afugentou os deuses para o Edgito. Zeus retornou armado da mesma foice utilizada por Cronos para castrar Urano, mas levou a pior e foi destroçado – literalmente – pelo monstro. Depois de reconstituído por Hermes, Zeus promoveu sua vingança e prendeu Tifão no vulcão Monte Etna, onde Hefesto o manteve sob o peso de suas maiores bigornas. (BRANDÃO,1987, vol II).

Enquanto isso, no Movimento Paralímpico, a fera não se contenta. Suas vigorosas mãos estão sempre a apontar para aquele que aos seus olhos esteja sob suspeita e sempre atormenta os que passam por ela. Eis aí a Classificação funcional. A mais temível prova para um atleta paralímpico. Não basta ter deficiência, o atleta precisa provar suas funcionalidades para disputar sua modalidade em condições de igualdade. E no momento do duelo, é possível ouvir as mais temíveis vozes: “você tem tônus muscular”, “você consegue levantar-se”, “Gira para o lado?”. “Abra os dedos”; “Você enxerga aqui?” E o medonho dragão ainda causa dores na extensão de membros atrofiados para certificar de que o atleta não esteja fingindo. Causa constrangimentos, sentimento de impotência, tristezas de resultados não condizentes e por fim, vencida a batalha, vem a alegria de ser elegível.

Por ter doença degenerativa, a nadadora Susana Schnarndorf anualmente enfrenta a fera. Sua primeira guerra com Tifón se deu em 2010, no Canadá. Foi elegível na classe S8, com status “Review” por sua doença ser progressiva - Atrofia Múltipla do Sistema. Isso significa que a cada dois anos ela tem que passar pelas larvas de Tifón.

“Quando falaram o resultado eu fui para o vestiário e gritei de alegria por ter sido elegível. Não sabia nada do Movimento Paralímpico, mas estava abraçando uma nova fase. Vendo uma luz no fim do túnel, depois da minha doença, sabe?”²⁹

A fera foi temporariamente calada pela bigorna de Zeus, mas, em 2012 sacudiu as lavas vulcânicas durante os Jogos Paralímpicos de Londres. A atleta teve que dividir sua concentração, entre competir e guerrear com o monstro. Mesmo assim, conseguiu o quarto lugar nos 100 metros peito, já na classe S7. Empenhada na sua carreira, em 2013, novamente o monstro a chamou para a luta.

No início de 2012, com os treinos visando a seletiva para o mundial, eu senti que a doença piorou. A falta de ar começou me limitar. Comecei a ter muitos espasmos musculares e a coordenação motora também diminuiu. Mas, nada me deixava esmorecer. Então, o CPB pediu a minha reclassificação. Lá fui

²⁹Susana Schnarndorf em entrevista para a pesquisa - Olímpicos e Paralímpicos: separados por um instante (em elaboração junto ao Grupo de Estudos Olímpicos – GEO/USP) – 09/11/2014.

eu fazer dezenas de exames. Alguns muito doloridos e complicados³⁰.

O teste foi marcado dez dias antes do início do mundial, que seria em Montreal, no Canadá. A atleta já estava em concentração com a equipe para fazer o ciclo de treinamento em altitude. Seu desempenho estava de acordo com o esperado, porém relata preocupação ao aproximar o dia da reclassificação.

Chegando o dia, treinei antes e logo em seguida fui para a sala para ser examinada. E veio todo o protocolo de novo, dessa vez demorando mais de duas horas. Depois da angustiante espera pelo resultado veio a confirmação da prova e abaixo a classe, que eu iria competir S6 SM6 SB6. Estava na minha classe justa novamente³¹.

Na classe S6, Susana foi campeã mundial dos 100 metros nado peito SB6 e eleita a melhor atleta paralímpica de 2013. Porém, no biênio 2014/2015 sua doença progrediu significativamente e ela não foi reavaliada neste período. A equipe técnica da delegação brasileira decidiu pedir sua reclassificação o mais próximo possível dos Jogos Rio 2016, para não ter risco da minha doença avançar e ela competir em classe errada.

Mas, eu passei dois anos sem resultados, porque minha coordenação motora piorou muito, então perdi patrocínios, bolsa pódio e foi muito difícil, ficar sem saber o que seria do meu futuro, da sua carreira. O que eu mais queria era conseguir índice de convocação para os Jogos do Rio para competir em casa e ver meus filhos na arquibancada³².

Na classificação da natação paralímpica são aplicados testes clínicos e técnicos de acordo com a origem da condição/patologia que o atleta apresenta. No caso de Susana usa-se um teste de coordenação motora desenvolvido nos anos 80-90, que avalia todos os movimentos funcionais relevantes para a natação graduando cada um de 0 a 5 pontos de acordo com o grau de comprometimento. O fato da patologia ser progressiva não altera o teste usado e sim sua origem, que no caso é do sistema nervoso central afetando a

³⁰ Susana em entrevista op.cit – 10/11/2016

³¹ Susana em entrevista - 14/03/2016

³² Susana em entrevista - 14/03/2016.

coordenação motora. É o mesmo teste usado para paralisados cerebrais ou vítimas de derrames cerebrais.

No ataque, Tifão invocara todos os dragões que, tantos eram, escureceram o dia. Tendo perdido seus raios, Zeus propusera a Cadmo que, disfarçando-se em pastor, fizesse uma choupana e, com o som de sua flauta, atraísse o monstro. Nonos assim registra o episódio: Canta, disse-lhe ele, Cadmo; tornarás a dar aos céus a primitiva serenidade. Tifão arrebatou-me o raio; só me resta a égide; mas de que pode valer-me contra as poderosas chamas dos raios (MENARD, 1991, vol1 S.I)

O duelo Tifón e Susana foi marcado para o meio-dia do dia 19 de abril de 2016, um dia antes do evento teste para os Jogos Rio, 2016. Susana foi para a piscina logo cedo e ficou isolada se concentrando para a luta contra a fera. Esperou ser chamada para uma sala, onde foi cravada de perguntas, depois de passar uma noite sem dormir em função da ansiedade pela espera daquele momento. Assim que uma das classificadoras, no caso britânica, apresentou o resultado, Susana foi tomada pelo choro sem que se soubesse se era de tristeza ou de alegria. Enfim, chegou a confirmação de que Susana estava realocada na classe S5. Sentiu-se aliviada por manter-se competitiva. Porém, a nadadora estava vivendo ali um paradoxo. Embora, o cenário fosse de alegria uma vez que conseguiria melhores resultados na classe que sua deficiência a enquadrara; cair de classe significava enfrentar o progresso de sua patologia. Mas, apesar dessa questão ser pungente no seu cotidiano, ela não se mostrara relevante para a atleta, que tinha uma única meta, continuar competindo. Em sua fala isso se manifesta com a seguinte expressão:

“Estou mais aliviada, parece que tirei um elefante das costas. Não dormi nada durante a noite e há dias nem estava comendo direito pensando nesse dia”³³.

³³Susana em entrevista à imprensa após o resultado da sua classificação 19/04/2016.

No caso, o desejo pela competição, sobrepôs a preocupação com a degeneração que a doença causava e que por ela, só é lembrada quando as dificuldades para a realização dos movimentos usados para competir aumentam.

De posse novamente de seus poderes, Zeus força Tifão a fugir para o monte Nisa onde as Parcas dão-lhe de comer, pois estava esfomeado, frutos que lhe diminuem a força. Ainda em fuga chega à Trácia onde pelo tanto do sangue derramado deu nome ao monte Hemos. Ainda perseguido, vai Tifão para a Sicília e depois Itália onde Zeus, concentrando todas as forças, fulmina todas as cabeças do monstro que cai sobre a terra com estrondo, morto (MENARD, 1991 vol 1 S.I).

A dúvida que se coloca para atleta é sobre o futuro que a aguarda diante da progressão da doença. Estar hoje na classe S4 da natação significa que Susana tem menos da metade das habilidades de um atleta em condição normal. Mas, para ela o enfrentamento de treinos e competições, e mesmo as dores e a progressão da doença, é menos assombroso do que enfrentar o grande Tifón.

6 Considerações Finais

“Tudo quanto é simples, tudo quanto é forte em nós, tudo quanto é duradouro mesmo, é o dom de um instante” (BACHELARD, 2002 p. 38).

Instantes duradouros. Uma metáfora que exprime o fim dessa tese e ao mesmo tempo o valor inexorável de momentos, que mudaram o curso da história desses atletas. Destaco a importância do ver por dentro de cada instante entendendo a relatividade do tempo, que não pode ser medido, nem instaurado. São instantes que aconteceram a seu tempo e no seu tempo permaneceram.

Ainda no meu exame de qualificação, que faz parte do processo construtivo desta tese, fui desafiada a materializar, posso assim dizer, o que as narrativas dos colaboradores me traziam à alma. Então, depois de me deparar frente a frente com as narrativas, num primeiro momento como matéria-prima, depois dentro do processo revelador e por fim nos retratos biográficos; pude entender o conselho de Bachelard, (2002, p 11), “Do homem, o que amamos acima de tudo é o que dele se pode escrever”. Assim sendo, o que submergiu das narrativas, para mim, foram sentimentos aflorados pela continuidade. Continuidade do corpo, continuidade do esporte, continuidade das competições e acima de tudo continuidade da própria vida, que estes heróis de si mesmos fazem questão de enfatizar em seus discursos. Tentei encontrar por trás das imagens, que se mostram, as imagens que se ocultam. Quantas dúvidas tive para compreender o que fez esses atletas recomeçarem? E, novamente encontrei a resposta em Bachelard, desta vez na obra, *La dialectique de la durée*: “O que permanece? O que dura? Só o que se tem motivos para recomeçar” (BACHELARD, 1963 p.10 online). O que permaneceu para Susana, Rodolpho, Elizabeth, Gustavo, Jairo e Tuany foi exatamente o que lhes deu motivos para recomeçar: os filhos, o cavalo, a competição, a pista, as águas, o remo. Tais sentimentos não deixaram suas vidas parar na deficiência. Portanto, foi preciso olhar para as narrativas, observando cada ação como um ato novo, como uma gênese. O ponto preto na reta branca. Quando eles contam sobre a infância e a iniciação esportiva, foi um começo. Quando falam de como se depararam com a

deficiência foi um começo. E, sobre engajarem-se no esporte paralímpico foi outro começo. É isso que ressalta Bachelard (2002 p. 28): “Se observarmos a história da vida em seus pormenores, veremos que ela é uma história como as outras, cheia de repetições desnecessárias, anacronismos, esboços, fracassos e recomeços”.

O que fiz foi dar luz aos recomeços, aos instantes significativos. Instantes estes que compõem o tempo da imagem poética, da imagem literária, do conhecido imediato, da intuição reveladora e da profundidade do real por meio do imaginário. Um instante revelador que encontrei entre o Cronos – o tempo corrido e o Kairós – o tempo oportuno. A imagem poética é o ato poético e o ato é o correlato do instante; é a manifestação da criação instantânea. É o tempo da alma.

O resultado desta tese, portanto, está composto na transformação das narrativas em textos arte literários, poéticos, análogos e até sinestésicos. Tudo para minimizar a aspereza que a vida impôs aos atletas. Portanto, devolvê-las aos protagonistas pelo prisma poético literário foi o maior desafio. A metáfora acalanta a alma, faz sorrir e até chorar. A poesia encanta e revela abundantemente em poucas palavras. A analogia identifica e causa encontro dos heróis; e o conto transporta o leitor a se embrenhar nas histórias. E como diz Durand (2002 p. 25): “Quando o poeta lança sinais sobre o fenômeno simbólico da imaginação, está fazendo da poesia um “patrimônio do imaginário da humanidade”.

Espero que eu tenha colocado todos esses atributos nos retratos e que os colaboradores se sintam honrados ao relerem suas histórias como patrimônio da humanidade. Não havia como eternizar essas histórias; como compor esse legado sem o uso do imaginário, sem o entendimento de ordem subjetiva, ou melhor, de ordem humana. Os desafios que se abrem a partir desta pesquisa são diversos no sentido macro da Ciência. O primeiro deles é entender o casamento da ciência com a arte. Como atribui isso uma vez que a arte não se prova, não se calcula, não se estatiza? Mas, a arte tem ferramentas identitárias, espelha o homem por completo, eleva a alma e daí, então, permeia os campos a serem estudados. A ciência estuda as partes e a arte apresenta o todo. Portanto é possível uma se render à outra e quem sabe, a arte conseguir apresentar os resultados que a ciência ainda não tirou de sua erudição.

Eu poderia ter feito análise dos discursos, coleta de dados, comparações de resultados, mas a magnitude das narrativas não permite teorizá-las. No meio do caminho fui questionada se isso era tema de um doutorado e qual minha contribuição para a ciência? Respondo que isso é tema para a vida. E, a ciência não pode estar fora da vida. A certeza que tenho é que os retratos biográficos poderão ser lidos e entendidos por qualquer pessoa. Isso para mim é levar a ciência além de onde a querem cercar.

7 Referências

- ABCMED. Conhecendo melhor as doenças degenerativas. 2015.
Disponível em: <<http://www0w.abc.med.br/p/sinais.-sintomas-e-doencas/756377/conhecendo-melhor-as-doencas-degenerativas.htm>>.
Acesso em: 25 fev. 2018.
- ADAMS. R. C. et al. **Jogos, esportes e exercícios para deficiente físico**. 3ª ed. São Paulo: Manole, 1985.
- ALMEIDA, João Ferreira (tradutor). **Bíblia online**. 1691. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/lv/21>>. Acesso em: 22 jan. 2018.
- ALMEIDA, W. D. **Brasileiros, por que não? Trajetória e Identidade dos Migrantes Internacionais no Esporte Olímpico do Brasil**. São Paulo. Laços 2021.
- ANDRADE, Lúcio Sérgio de. **A importância da Flexão no Adestramento do Cavalo Mangalarga-Marchador**. 2011. Disponível em: <<http://www.escoladocavalo.com.br/2011/12/28/a-importancia-da-flexao-no-adestramento-do-cavalo-mangalarga-marchador/>>. Acesso em: 18 out. 2017.
- AMARAL, Lígia Assunção. **Pensar a diferença/deficiência**. Brasília: Corde, 1994.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic Statistics Manual**. Washington, : American Psychiatric Association Publishing, 1993. (3).
- ANDE (Rio de Janeiro). **A fundação**. 2010. Disponível em: <<http://ande.org.br/historia/>>. Acesso em: 28 abr. 2018.
- ARAÚJO, P. F. **Desporto Apadtado no Brasil: Origem, Institucionalização e Atualidade**. Brasília: Indesp, 1998.
- AUGUSTYN, A. (Ed.). **Euthanasia**. *The Editors of Encyclopaedia Britannica*. 2019. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/euthanasia>>. Acesso em: 04 dez. 2019.
- BACHELARD, G. *La dialectique de la durée* Paris : Les Presses universitaires de France, [1950], 2ª ed, 1963. Collection : Bibliothèque de philosophie contemporaine, 151 pages p. 10
- _____. *La formation de l'esprit scientifique* – ed. Vrin Paris, 1965 p. 13
- _____. *A Dialética da Duração*. São Paulo: Ática, 1988. Originalmente publicado em 1960.

- _____. **A poética do devaneio** (Antônio de Pádua Danesi, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1988. (Originalmente publicado em 1960).
- _____. **O novo espírito científico** – col. Os Pensadores. Tradução Joaquim José Moura Ramos. 1ªed. São Paulo: Abril Cultural, 1989. p.93-179.
- _____. **Fragmentos de uma poética do fogo**. São Paulo Brasiliense, 1990.
- _____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal.
- _____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. **La terre et los rêveries de la volonté**. Paris: Librairie José Corti 1948.
- _____. **A água e os sonhos - ensaio sobre a imaginação da matéria** (Antônio de Pádua Danesi, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1989 (Originalmente publicado em 1942).
- _____. **A intuição do instante**. 1ª ed. Campinas: Versus, 2002 p.332 Originalmente publicado em 1931.
- _____. **A intuição do instante** 2ª ed. R. Castro, Campinas SP: Versus, 2010. Originalmente publicado em 1931.
- _____. **L'Intuition de l'instant**. 11ª ed. Paris. Librairie Générale Française, 2016. Originalmente publicado em 1931.
- _____. **La psychanalyse du feu**. Paris: Gallimard, 1994.
- _____. **A Água e os Sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____. **L'eau et les revê**s. Paris: Librairie José Corti. 1942.
- BAKHATIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec Editora, 1981.
- BAILEY, S. **Athlete First: A history of the Paralympic Movement**, John Wiley & Sons, Ltd, Winchester, 2008.
- BARROS, J.M.C. **Recursos Humanos no esporte de alto nível**. In: Anais: Simpósio:dimensões sociológicas e políticas. EFEUSP, Departamento de Esportes, 1993.
- BARROS T. e GHORAYEB N. **O exercício**. São Paulo: Ed. Atheneu; 1999.
- BARTHES R. **Mitologias**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

BBC NEWS ed.) **Story of Paralympics founder Sir Ludwig Guttman**. 2012. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/av/uk-england-oxfordshire-19368602>. Acesso em: 14 jul. 2021.

BBC NEWS (ed.). **Rússia é banida de Jogos Paralímpicos por escândalo de doping**. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37004734>. Acesso em: 18 jan. 2021.

BENITO JÚNIOR E. **A ética, o caos e a felicidade**. Ide (São Paulo) vol.35 nº 54. São Paulo, julho de 2012 ISSN 0101-3106

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1987. 254 p.

_____. **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 2012. (V1)

BERGSON, H. **Matéria e memória**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A evolução Criadora**. Lisboa: Edições 70, 2001. 328 p. Originalmente publicado em 1907.

_____. **Duração e simultaneidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **Memória e Sociedade**, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **O tempo vivo da memória**, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRAUDEL, F. **História e Ciências Sociais: a longa duração**. In: Escritos sobre a História. Trad. J. Guinburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. São Paulo: Perspectiva, 2007. p.41-78.

BRANDÃO, J. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1986 Vol.I

BRANDÃO, J. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1987 Vol.II

BRASIL Senado Federal. **Paraolímpico, Paralímpico – Manual de Comunicação** da Secom, 2012. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-eestilo/estilo/paraolimpico-paralimpico?searchterm=paraol> Acesso em: 20 de Maio, 2016.

BRASIL Ministério da Saúde. (Comp.). **Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA): o que é, causas, sintomas, tratamento, diagnóstico e prevenção**. 2018.

Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/saude-de-a-z/esclerose-lateral-amiotrofica-ela>>. Acesso em: 04 mar. 2019.

BRITAIN, I.S. 'The evolution of the Paralympic Games' In: Richard Cashman and Simon Darcy(Eds). **Benchmark Games: The Sydney 2000 Paralympic Games** (pp: 19-34). Petersham, New South Wales: Walla Walla Press, 2008.

BRITAIN, I.S. **The Paralympic Games Explained**. London and NY: Routledge, 2010.

BRUZZONE, A. **Hermenêutica e subjetividade, de Agostinho de Hipona a Paul Ricoeur – Três estudos sobre o si, a memória e a identidade**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BUCKINGHAMSHIRE COUNTY COUNCIL, (Comp.). **Sir Ludwig Guttman and his legacy**. 2014. Disponível em: <http://www.mandevillelegacy.org.uk/category_id__19_path__0p4p.aspx>. Acesso em: 19 jan. 2018.

BULFINCH, T. **O Livro de Ouro da Mitologia - A Idade da Fábula: história a s d e d e u s e s e h e r ó i s**. 26ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. Tradução David Jardim Júnior.

BULAU, D. **O pogrom da "Noite dos Cristais"**, 1938. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/1938-o-pogrom-da-noite-dos-cristais/a-672173>>. Acesso em: 19 maio 2018.

CAMUS, A. **O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989 Copyright by Éditions Gallimard, 1942.

CAMPBELL, J. **O Herói de Mil Faces**. 14ª ed. São Paulo: Cultrix / Pensamento, 1989.

CARONE, M. **Franz Kafka: Essencial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CASSIRER, E. **A filosofia das Formas Simbólicas – III Fenomenologia do Conhecimento**. Martins Fontes, São Paulo, 2011.

CASTORIÁDIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz Terra, 1982.

CASTORIADIS, C. **Sujeito e verdade no mundo social histórico**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007

CESAR, C. M. **Bachelard: ciência e poesia**. São Paulo: Paulinas. 1989.

CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A.; LAFFONT, R. **Dictionnaire des symboles**. 11ª ed. Paris: Fnac, 1990. 716 p.

- CIDADE, R, E, FREITAS, P, S. **Educação Física e Inclusão: considerações para a prática pedagógica na escola.** Revista Integração. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Ano14. Edição especial 2002 pg.26 – 30.
- CIVITA, V. (Ed.). **Dostoiévski.** São Paulo: Abril, 1971. (Os imortais da literatura universal)
- COMITÉ OLÍMPICO ESPANHOL. **Esportes para minusválido físico, psíquico y sensoriales.** España,1994. 405p.
- COMITÉ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Estatuto Social.** São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.cpb.org.br/documents/20181/0/Novo_EstatutoCPB_122017/3e5ccd10-b388-4ede-b424-944be3a6710c>. Acesso em: 15 abr. 2018.
- COMITÉ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Esportes - Jogos Paraolímpicos.** Disponível em:<<http://www.cpb.org.br/esportes/jogos-paraolimpicos>>. Acesso em: 22 jan. 2018.
- CONDE, A. J. M.; SOUZA SOBRINHO, P. A.; SENATORE, V. **PARAOLÍMPICOS DO FUTURO:** Manual de Orientação para os Professores de Educação Física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006. 74 p. Disponível em: <<ps://vdocuments.site/documents/apostila-para-professores-sobre-o-paraolimpismo.html>>. Acesso em: 22 maio 2018.
- CONDE, A. J. M. **Memória Paralímpica: Até os Jogos Paralímpicos de Beijing, China, 2021.** São Paulo: Academia Paralímpica Brasileira – CPB.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE REMO (Org.). **Categorias de Remos.** Rio de Janeiro 2015. Disponível em: <<http://www.remobrasil.com/remo/categorias-de-remo>>. Acesso em: 11 jul. 2018.
- DA COSTA CH. **Symbol, complex and myth: The bachelard myStery.** Alea 2018:75-95.
- DA ROCHA, G. K. **Roupnel e Bachelard: devaneios e espacialidades geopoéticas.** Philósophos, Goiânia, V.24,N.2,P.35-53,JUL./DEZ.2019. Online 2020.
- DEL GRANDE, S.S. **Esporte em Cadeira de Rodas.** Rio de Janeiro: S.n.t, 1982.
- DOMÍNGUEZ M. **The poetic image in the work of Margarita Ferreras according to Gaston Bachelard.** Rev Lit 2014;76(151):249-266.
- DOSSE, F. **A história à prova do tempo.** São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Presence, 1997.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 165 p. Editado por: Michael Shroter. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=2BQgX_tCwmgC&oi=fnd&pg=PA7&dq;=+sobre+o+tempo&ots=VE7jl96X5W&sig=XjOHljmgwc2dwrPsfwMO1mA-wCU#v=onepage&q=sobre+o+tempo&f=false>. Acesso em: 02 jan. 2018.

FÉLIX, D. **Participação histórica de atletas refugiados nas Paralimpíadas leva esperança a milhões de pessoas**. 2016. ACNUR. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2016/09/21/participacao-historica-de-atletas-refugiados-nas-paralimpiadas-leva-esperanca-a-milhoes-de-pessoas/>. Acesso em: 06 dez. 2021.

FERREIRA J. N.S. **A transição de carreira dos bicampeões mundiais de basquetebol: uma análise com base em narrativas biográficas**. São Paulo [s.n.], 2014. 123p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

FRAGA, A. **Anatomias emergentes e o bug muscular**. In: SOARES, C. (Org.). Corpo e história. Campinas: Autores Associados, 2001.

FRANCAS, D. J. P. **Estructuras Organizativas Internacionales del Deporte para Personas con Discapacidad**: Encuentro "Deporte y Discapacidad". Madri: Ibsa y Fundacion Once, 1994.

FRANCHINI A.S, S. C. **As 100 melhores histórias da mitologia: Deuses, Heróis, Monstros, e guerras de tradição greco-romana**. (M. da Educação, Ed.). LPM. (2006). Retrieved from: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-as-100-melhores-historias-da-mitologia-a-s-franchini-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>

FURTADO, B; DUTTI, S. **Vencedores**. Brasília: Abecer, 2012. 198 p.

GOMES A.L.F. **Gaston Bachelard: Ciência e Poesia no embate Homem-Mundo** in: SANT'ANNA C.(org) Para Ler Bachelard (Ciência e Arte) Ed. Edufba, Salvador, 2010.

GOMES, M. H. S. C. **Inclusão da Pessoa com Deficiência no Mercado de Trabalho: gestão, direitos e efetividade**. 2014. 272 f. Tese (Doutorado) -

Curso de Administração, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2014. Disponível em: <http://repositorio.uscs.edu.br/bitstream/123456789/551/2/TESE_PPGA_MARIA%20HELENA%20S%20CARDOSO.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2018.

GONZÁLES REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.

GUTTMANN, L. **Sport for the Physically Handicapped**. 1976. In: UNESCO. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=qJBYAAAAYAAJ&dq=inauthor:"SirLudwigGuttman"&hl=pt-BR&source=gbs_similarbooks](https://books.google.com.br/books?id=qJBYAAAAYAAJ&dq=inauthor:)>. Acesso em: 18 jan. 2017

HAAN, N. **Coping and Defending: Processes of Self-Environment Organization**. Califórnia: Academic Press, 1977.

HALBWALCHS, M. **A memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HARTOG, F. **Tempo, História e a escrita da História: A ordem do tempo**. Revista de História, São Paulo, v. 1, n. 148, p.9-34, 2003. Semestral.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2009.

HELM P., **Eternity. Etymology**, Stanford Encyclopedia of Philosophy, 4 de fevereiro de 2010, (em inglês)

HILGEMBERG F., NOVAIS, A.R.T. **A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line do Brasil e de Portugal The bipolar view of the podium: Olympic versus Paralympic in online media in Brazil and Portugal** *Comunicação e Esporte*, 2014.

HOMERO. **Ilíada**. Trad. Manoel Odorico Mendes, 2009. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/iliadap.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. (Org.). Explanatory guide to Paralympic classification: **Classificação Funcional**. 2015. Disponível em: <https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/150915170806821_2015_09_15+Explanatory+guide+Classification_summer+FINAL+_5.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2017.

IPC Handbook. **Bylaws Governance and Organisational Structure**, Section 1, Chapter 2.9 , April 2016.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE (Org.). **International Paralympic Committee Style Guide**. Bonn, Germany: Ipc, 2017. 57 p.

KAIL, A. **"The Medical Mind of Shakespeare"**. 2005. Disponível em:

<http://ambassadors.net/review.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2018

KAFKA, F. **A Metamorfose**. Trad. Modesto Carone. Companhia das Letras, SP.1997. Originalmente publicado em 1915.

KANT, I. **Observaciones acerca del sentimiento de lo bello e de lo sublime**. Tradução de Luís Jiménez Moreno. Madrid: Alianza Editorial, 1990

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. São Paulo: Martins Fontes. 2005

KURODA, S; MARQUES J.A e RUBIO, K. **Iniciação esportiva: um instrumento para a socialização e formação de crianças e jovens**, in: Psicologia do Esporte. Casa do Psicólogo. São Paulo, 2000, p.130.

LAPLANTINE, F; TRINDADE, L. **O que é imaginário?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

LAZARUS, R.S. AND FOLKMAN, S. **Stress, appraisal, and coping**, New York: Springer Publishing Company. 1984.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LEÃO, L. **Narrativas e Histórias de vida na pesquisa acadêmica: reflexões sobre o método**. In: RUBIO, K. Narrativas Biográficas: Da busca à construção de um método. São Paulo: Laços, 2016. Cap. 1. p. 21-37.

LEI NO 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015 In: **Estatuto da Pessoa com Deficiência** – Disponível em: <http://psinaed.cfp.org.br/wp-content/uploads/sites/19/2016/02/Estatuto-da-pessoa-com-deficiencia.pdf>
Acesso em:01/12/16

LEVINE, P. A.; FREDERIK, A. **O despertar do Tigre: curando o trauma**. 2ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1999.

LIMA, E.P. **Páginas Ampliadas** 4ª ed., São Paulo: Manole, 2009.

LIMA J.A. et FAZZI R.C. **A subjetividade como reflexividade e pluralidade: notas sobre a centralidade do sujeito nos processos sociais**. Sociologias, Porto Alegre, ano 20, n. 48, maio-ago 2018, p. 246-270

LOSOYA,S. EISENBERG,N. and FABES, R.A. **Developmental Issues in the Study of Coping**. Arizona State University, USA. INTERNATIONAL JOURNAL OF BEHAVIORAL DEVELOPMENT, 1998, 22 (2), 287–313
Downloaded from jbd.sagepub.com at UNIV OF CALIFORNIA SANTA CRUZ on October 24, 2014

- MACHADO, F.S. **Duração e Memória: a crítica de Gaston Bachelard ao psicologismo temporal bergsoniano**. *Kínesis*, Santa Maria, v. 8, n. 18, p.109-125, dez. 2016.
- MAFFESOLLI, M. **Elogio da Razão Sensível**. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- MÁRQUES, G.G. **Crônica da uma morte anunciada**. 30ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1981
- _____. **Crônica da uma morte anunciada**. 42ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- MAUSS. M, **Sociologia e Antropologia**, Editora Cosac Naify, 2003 p.407.
- MARTÍNEZ, G. A. **Aproximación a la poesía de edgard allan poe a través de las teorías sobre el imaginario de gaston bachelard**. *Oceanide*, (2014) (6) Retrieved from www.scopus.com
- MARTINI, L. de A., 2003. **Causas e Consequências da Transição de Carreira Atlética**. In *Psicologia do esporte: teoria e prática*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 188.
- MARTUCCELLI, D. **Cambio de rumbo. La sociedad a escala del individuo**. Santiago de Chile: LOM, 2007.
- MATORÉ, G. **Le Vocabulaire et la Société Médiévale**. Paris: Presses Universitaires de France, 1985: 197–207. (210)
- MAUERBERG-DE-CASTRO, E. **Atividade Física Adaptada**. Ribeirão Preto: Tecmed, 2005.
- MEDINA, C. **Ato Presencial: Mistério e Transformação**. São Paulo: Casa da Serra, 2016. 327 p.
- MEIHY, J.C.S, HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**, São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- MEIHY, J.C.S, HOLANDA, F **História Oral: como fazer, como pensar**, São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- MENARD R. **Mitologia greco-romana**, volume I. [S.l.]: Opus 2ª ed. São Paulo, 1991.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- MONTAIGNE, M. **Os Ensaios**: Livro I. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. Originalmente escrito em 1580.
- MORAES, V. **Soneto de Separação**. 1938. Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/soneto-de-separacao>>. Acesso em: 19 maio 2019.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya.
- MOVSCHOWITZ, Raquel. **A piscina de Siloé**. In: BUICÃO & CARVALHO. Revista Filosófica Brasileira. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.
- OMS (Org.). **Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde**. 9. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. (Comp.). Como usar a CIF: Um Manual Prático para o uso da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF). Genebra, 2013. Versão preliminar para discussão. Disponível em: <<http://www.fsp.usp.br/cbcd/wp-content/uploads/2015/11/Manual-Pra%CC%81tico-da-CIF.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2019.
- ORTIZ-OSÉS, A. Hermenêutica posexistencial. In: MAILLARD & GUERVÓS (eds). **Estética e Hermenêutica. Contrastes Revista Interdisciplinar de Filosofia**, suplemento 48, 2003.
- PARINAUD, A. **Gaston Bachelard, Grandes biographies**. Paris. Flammarion, 1996.
- PASCAL T. **Florilège de Notre-Dame de Paris (anthologie)**, Editions Arléa, Paris, 2007.
- PAPPOUS, A.; SOUZA, D.L.. **Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/305723994_Guia_para_Midia_Como_cobrir_os_Jogos_Paralimpicos>. Acesso em: 17 jan. 2018.
- PEREIRA, W. A. **Catábase**. 2009. E-dicionário de termos literários. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/catabase/>>. Acesso em: 11 jun. 2019.
- PEREIRA, L.A. Genealogia e hermenêutica: novas perspectivas nas relações entre história e filosofia. In: SILVA, Zélia Lopes da; ANHEZINI, Karina (org.). **ESCRITA HISTÓRICA E SUAS MÚLTIPLAS FACES**. Assis - Sp: Unesp, 2011. p. 95-116.
- PERRAUDIN, J. F. A non-Bergsonian Bachelard. **Continental Philosophy Review**, 2008.

- PICHON, J.C. **Historia de los mitos**. Ed. Martínez Roca, Barcelona, 2018.
- PINHEIRO, D.F.C. et al. **Valor diagnóstico da tomografia de coluna cervical em vítimas de trauma contuso**. Rev. Col. Bras. Cir. [online]. (2011), vol.38, n.5 [citado 2012-04-17], pp. 299-303. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-69912011000500003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17-04-2012
- PLUTARCO. **Vidas paralelas tomo v: agesilao - pompeyo - alejandro - gayo julio César**. São Paulo: Lg.livro Gratis, 2010. 348 p. Disponível em: <<http://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-154417/vidas-paralelas---tomo-v>>. Acesso em: 11 dez. 2019.
- POIRIER, J.; VALLADON, S.; RAYBAUT, P. **Histórias de Vida: Teoria e Prática**. 2. ed. Oeiras: Celta, 1999. 181 p. Tradução de João Quintela.
- POLLAK, MI. **Memórias, esquecimento, silêncio**. São Paulo: Revista Estudos Históricos, 1989
- POSSEBON, E. L. **A teoria das cores de Goethe hoje**. 2009. 168 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Usp, São Paulo, 2009.
- PRIGOGINE, I. **El nacimiento del tiempo**. Barcelona: Tusquets editores, 1991.
- PRIGOGINE, I. **Society Concept**. In: Seminário Amsterdam 2008. Disponível em: <<https://youtu.be/nXz27dnnFkg>>. Acesso em: 06 abr. 2018.
- QUEIROZ M.I.P, **Relatos Oraís: Do indizível ao Dizível**, 1998, p.6.
- REGEHR, C.; HEMSWORTH, D; Hill, J. **Individual predictors of posttraumatic distress: a structural equation model**. Can J Psychiatry. 2001;46:156-61.
- RIBEIRO, E. E. (2008). **Tanatologia: vida e finitude**. Rio de Janeiro: Unati.
- RICOTE, F.J.N. **Encuentro Desporte y Discapacidad**. Madri: Ibsa y Fundacion Once, 1994.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- _____. **L'homme faillible: finitude et culpabilité**. Paris: Éditions Points, 2009. [1960].
- _____. **Soi-même comme un autre**. Paris: Seuil, 1990
- ROBÈNE L, JORAND D. "man and the air". **Symbolic analysis of some aerial leisure activitie**. Staps 2018;121(3):27-45.

- RODRIGUES, H.W.; GRUBBA, L.S. **Bachelard e os Obstáculos Epistemológicos à Pesquisa Científica do Direito. Seqüência: estudos jurídicos e políticos**, Florianópolis, v. 33, n. 64, p.307-334, 26 jul. 2012. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2177-7055.2012v33n64p307>.
- ROSA, J.G. **A terceira margem do rio: Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Agillar, 1995. (Vol II).
- ROSINA, D. **Entre narrativas, fragmentos e estilhas: construções de atletas brasileiros sobre os Jogos Olímpicos do México de 1968**. 2018. 178 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Escola de Educação Física e Esportes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- ROUPNEL, G. **Siloé**. Paris: Libraire Stock, 1927.
- RUBIO, K, **O atleta e o Mito do Herói: O imaginário esportivo contemporâneo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. 225 p. (2).
- RUBIO, K. **Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário**, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- RUBIO, K. **Preservação da Memória** 1st ed., São Paulo, 2014.
- RUBIO, K. **Atletas Olímpicos Brasileiros**. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2015. 648 p.
- RUBIO, K, **Narrativas Biográficas: A construção de um método**. Laços. São Paulo, 2016.
- RUBIO, K; VELOSO, R; LEO, L. **Between solar and lunar hero: a cartographic study of Brazilian Olympic athletes in the social imaginary**. Im@go. Rivista di Studi Sociali Sull'immaginario, [s.l.], n. 11, p.147-162, jul. 2018. Bianual. Mimesis Edizioni. <http://dx.doi.org/10.7413/22818138118>. Disponível em: <http://cab.unime.it/journals/index.php/IMAGO/article/view/1923>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- SÁ, M. F. **Direito de morrer: eutanásia, suicídio assistido**. Belo Horizonte: Del Rey.2001.
- SANT'ANNA, D.B. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade,2001.
- SANTOS. L.C.R. **Lesão Traumática da Medula Espinhal: Estudos Retrospectivos. 1989**. 90 f. Tese (Doutorado) - Curso de Enfermagem, Escola de Enfermagem, Usp, São Paulo, 1989.

- SAURA, S.C. **O cinema, o corpo e as imagens poéticas; esse projeto é de lazer.** In **Cinema e Corpo**. São Paulo: Editora Laços, 2016 p. 209 a 224.
- SAURA S.C , ZIMMERMANN, A.C. O jogo e a festa: alguns apontamentos éticos
In: BENTO, Jorge Olímpio *et al* (org.). **Cuidar da Casa Comum: da natureza, da vida, da humanidade. oportunidades e responsabilidades do desporto e da educação física.** Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2018. Cap. 14. p. 173-180.
- SELIGMANN-SILVA, M. **Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas.** Psic. Clin. Rio de Janeiro, vol.20, n.1, p.69 – 82, 2008.
- SENATORE, V. **Introdução ao movimento paraolímpico: Manual de orientação para professores de Educação Física:** Brasília: Comitê paralímpico Brasileiro, 2006.
- SFEZ, L. **A saúde perfeita: crítica de uma nova utopia.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- SHANKS H. **The Siloam Pool: Where Jesus Cured the Blind Man.** Biblical Archaeology Review. september/october 2005 p.16-21. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20050917114323/http://www.bib-arch.org/siloam.pdf>
- SILVA*, A.A.C. et al. **Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas.** Revista Brasileira Educação Física e Esporte. São Paulo, v. 4, n. 27, p.679-687, out. 2013. Trimestral.
- SILVA, O.M, **Epopeia Ignorada – A História da Pessoa Deficiente no Mundo de Ontem e de Hoje,** 1987.
- **Jesus Cristo e as Pessoas com Deficiência.** 2003. Disponível em: <<http://www.crfaster.com.br/JC.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2018.
- **Pessoas com Deficiência em Quadros dos Grandes Mestres.** 2003. Disponível em: <<http://www.crfaster.com.br/Pintura.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2018.
- SIMMEL, G. **Filosofia do amor.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- SIQUEIRA, P. **Os medalhistas:** Eles enxergaram sem ver, correram sem pernas, lutaram sem forças e conquistaram o mundo. São Paulo: Ed. Kindle, 2013.
- SOARES, A. **Velhos sportistas: utilidade e estética.** Motus Corporis, Rio de Janeiro, v.4, n.2, p.102-120, 1997

- SULLIVAN, R. **Deformity: A modern Western with ancient origins. Proceedings of the royal college of physicians of Edinburgh.** 31: 262-266, 2001.
- TARDE, G.n. IX, pp. 103-18. SIMMIAND, François 1901-02.
- TEODORO, C.M. **Esporte adaptado de alto rendimento praticado por pessoas com deficiência: relatos de atletas paraolímpicos.** 2007. 135 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.
- THOITS, P.A. **Social support as coping assistance. Journal of Consulting and Clinical Psychology,** 1986. p.54(4), 416-423.
- TONON, L.M.M. A influência da elegibilidade na carreira do atleta paraolímpico. **Olimpianos - Journal Of Olympic Studies,** [S.L.], v. 01, n. 01, p. 79-89, 2017. *Olimpianos - Journal of Olympic Studies.*
<http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v1n1.id6>.
- TONON, L. M. M; RUBIO, K. **O esporte paralímpico como espaço de pertencimento: o enigma de André Brasil.** *Olimpianos: Journal of Olympic Studies,* São Paulo, v. 2, n. 2, p.379-390, 10 jun. 2018. Trimestral. Disponível em: <<http://olimpianos.com.br/journal/index.php/Olimpianos>>. Acesso em: 17 jun. 2019.
- TONON, L. M.M.; RUBIO, Katia. PELO TEMPO E CONTRA O TEMPO: o paradoxo das atletas paralímpicas com doenças degenerativas. **Movimento (Esefid/ufrgs),** [S.L.], v. 26, p. 093-105, 29 dez. 2020. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.100207>
- TOURAINÉ, A. **O retorno do actor.** Lisboa: Instituto Piaget, 1996
- VALADARES, A. A. A doutrina dos elementos entre a poética e a epistemologia de Gastón Bachelard. **Kriterion,** v. 55, n. 130, p. 463–482, 2014.
- VAN GENNEP, Arnaud. **Os Ritos de Passagem.** Petrópolis: Vozes, 2012. 184 p. Tradução de Mariano Ferreira, apresentação de Roberto da Matta.
- VERCHÈRE R. **The body experience of the triathlete: Uniting with nature and overcoming it.** *Loisir Soc* 2017;40(1):56-75.
- VEALEY, R.S **Personality and Sport: A comprehensive view.** In T.Hom (ed) *Advances in sport psychology –* Champaign, IL: Human Kinetics, 1992.
- VELOSO, R. C.; RUBIO, K. **Objetos Biográficos: tempos vivos para narrativas.** In: RUBIO, K. (Ed.). **Narrativas biográficas: Da busca à construção de um método.** 1ª ed. São Paulo: Képos, 2016. p. 229–242.
- VELOSO R.C. **Trajetos entre Alvoradas e Crepúsculos: o atleta e as muitas faces do mito do herói.** Ed. Laços, São Paulo 2021

VOIGT, A.F. Gaston Bachelard e Jacques Rancière: uma visão comparativa dos problemas entre história, arte e imagem. **Tempos Históricos**, Cascavel, v. 17, n. 1, p. 95-106, jul. 2013. Unioeste-Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

VON GOETHE, J. W. **Theory of Colours**. Cambridge, Massachusetts: The M.I.T. Press, 1982 (1ª ed.1810). Trans. Charles Lock Eastlake.

WHALEN, P. **La mise en lumière des travaux de Gaston Roupnel (1871-1946)** en vue de la “Préface” inédite de l’Histoire de la campagne française. *Ruralia* 8, 2001 p:89-101

WINNICK, J.P **Adapted Physical Education i.adamsn Sport**. Champaign: Human Kinects, 1990.

WINNICK, J.P. **Educação Física e Esportes Adaptados**. 3. ed. Barueri: Manole, 2004.

WORMS, F. **La rupture de Bachelard avec Bergson comme point d’unité de la philosophie du xx siècle en France**. In: Frédéric Worms e J-J Wunenburger (Org). *Bachelard e Bergson: continuité et discontinuité?*. Paris: PUF, 2008. p.39-52.

WUNENBURGER, J. **O imaginário**. São Paulo: Edições Loyola, 2007. 103 p.

Referências de Imagens:

Figura1- Gráfico de Super Heróis e Coitadinhos

HILGEMBERG F., NOVAIS, A.R.T. **A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line do Brasil e de Portugal The bipolar view of the podium: Olympic versus Paralympic in online media in Brazil and Portugal** *Comunicação e Esporte*, 2014.

Figura 2 – Tércites com Ulisses.

GOOGLE. Tércites: ilíada. Ilíada. Acto II. Disponível em: <https://images.app.goo.gl/4bCLNqVYnV2jvo8Q6> Acesso em: 18 jan. 2021..

Figura 3 - A fisioterapia de Guttman

http://www.mandevillelegacy.org.uk/images/uploaded/scaled/Picture_Post_1.jpg

Figura 4 - Desempenho do Brasil nos jogos

<https://www.cpb.org.br/competicoes/jogosparalimpicos?onmouseover=closeSubMenu%28%29&onfocus=closeSubMenu%28%29>

Figura 5 - Total de atletas participantes

<https://www.cpb.org.br/competicoes/jogosparalimpicos?onmouseover=closeSubMenu%28%29&onfocus=closeSubMenu%28%29>

Figura 6 - O Tanque de Siloé

https://www.acnur.org/fileadmin/_processed_/csm_09.2016.08_Paralimpicos_73b11103be.jpg

Figura 7 – Instante para Bergson – filosofia da ação

Fonte: Luciane Tonon

Figura 8 - Instante para Roupnel – filosofia do ato

Fonte: Luciane Tonon

Figura 9 - Instante significativos para os atletas estudados.

Fonte: Luciane Tonon

Figura 10 - Imagem poética dos instantes significativos

Fonte: Luciane Tonon

Figura 11 - Beth Gomes

Foto: Daniel Zappe/MPIX/CPB

<https://www.flickr.com/photos/cpboficial/>

Figura 12 - Gustavo Henrique

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10210604793093156&set=t.100002331535453&type=3&theater>

Figura 13 - Susana Schnarndorf

<https://oglobo.globo.com/esportes/susana-schnarndorf-vai-falar-com-belga-quer-eutanasia-20122176>

Figura 14 - Rodolpho Riskalla

- 13/09/2016 - Brasil , Rio de Janeiro, Centro Olímpico de Hipismo - Jogos Paralímpicos Rio 2016 - Rodolpho Riskalla, na prova de adestramento. © Washington Alves/MPIX/CPB

Figura 15 - Jairo Klug

<https://www.facebook.com/WorldRowing/photos/diana-barcelos-de-oliveira-b-jairo-klug-s-brazil-gold-pr3-mixed-double-sculls-a-/10159581190045651/>

Figura 16 - Tuany Barbosa

Foto: Ale Cabral CPB/Flickr

<https://www.flickr.com/photos/cpboficial/>

Figura 17 - Elizabeth Gomes

Foto Daniel Zappe/MPIX/CPB

<https://www.flickr.com/photos/cpboficial/>

Figura 18 – Susana Schnarndorf

Foto Daniel Zappe/MPIX/CPB

<https://www.flickr.com/photos/cpboficial/>

Figura 19 - Vervoort durante os Jogos Rio, 2016

Foto: YASUYOSHI CHIBA (AFP)

Figura 20 – Tabela de classificação de Rodolpho Riskalla

Fonte: IPC.org

ANEXOS

1 Pelo tempo e contra o tempo: o paradoxo das atletas paralímpicas com doenças degenerativas³⁴.

O tempo no sentido amplo da palavra nos remete a inúmeros temas como: vida; morte; calendário; espaço; entre outros, se fazendo presente em enredos de filmes, livros ou poesias. Hartog (2003) ressalta que existem vários momentos em que o tempo foi objeto de reflexões, de especulação, medos e sonhos.

Quando trazemos o tempo na zona semântica do esporte encontramos o relógio como objeto de grande valia. Uma vez que a luta de atletas de alto rendimento é justamente contra essa máquina de registrar a duração do tempo. Logicamente, o tempo no sentido evocado por Elias (1998) sobre algo perfeitamente passível de ser captado, como os minutos e os segundos. Processo que vamos chamar de luta “contra o tempo”.

Porém, ao analisarmos o tempo desenvolvido de maneira inexorável, invisível, não palpável como anuncia Tarde (1901); é possível entender uma dimensão temporal não medida por relógios ou calendários, como explicam alguns autores. Ainda que o tempo seja linear, Rubio (2014) afirma que ao nascer o sujeito traça uma linha e por ela segue até chegar à morte. Mesma perspectiva de continuidade, tem-se também a concepção daquele tempo que parece nunca se esgotar, transformando-se à medida que se reveste de significado. Do ponto de vista de Bachelard (1988), o tempo pensado é tempo vivido em estado nascente. O pensamento é sempre em alguns aspectos, a tentativa ou o esboço de uma vida nova, uma tentativa de viver de outro modo, de viver mais ou até mesmo, uma vontade de ultrapassar a vida. Já Montaigne (1580) no Livro I de seus Ensaios diz que o tempo tudo desestabiliza. Ou seja, mesmo os planos mais perfeitamente elaborados serão transformados pelo passar do tempo.

Nesse sentido, a dimensão temporal não pode ser resumida a instrumentos contabilizadores. O tempo nos ensina através de sua instantaneidade. De repente o que era, não é mais; e o que não era, passa a ser.

³⁴ Texto foi publicado na íntegra na Revista Movimento v.26 dez/jan 2020.

Assim, Bachelard (2002) diz que há a necessidade de se aprender e reaprender nossa própria cronologia.

Aprendizagem essa, bastante assimilada pelas protagonistas deste estudo, as atletas paralímpicas Susana Schnarndorf (natação) e Elizabeth Gomes (atletismo). Ambas têm doenças neurodegenerativas progressivas, que afetam o sistema nervoso e acarretam a paralisia motora irreversível, de maneira limitante (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018). Tal diagnóstico literalmente disparou o cronômetro da vida dessas atletas, que passaram a viver a dicotomia “pelo tempo” e “contra o tempo”, já que disputam contra o relógio nas competições. E, lutam a favor de que o tempo de suas vidas se prolongue, tendo o esporte e os treinos diários como o melhor remédio.

Após serem diagnosticadas as atletas tiveram duas opções: - parar no tempo e esperar o fim, ou fazer do tempo, o maior aliado para se eternizarem no esporte. Tais respostas foram destacadas em seus discursos e apoiadas em algumas frases do filósofo francês Gaston Bachelard (1988), quando escreve sobre *A dialética da duração*, ou em *A intuição do Instante* (2002a, 2010 b). Já o paradoxo de tais discursos sobre a extensão ou não do tempo, parte da posição da atleta belga Marieke Vervoort, que decidiu findar seu tempo no cronômetro das pistas e na vida, saindo de cena em seu melhor momento no esporte. Assim sendo, o objetivo deste ensaio é compreender como as atletas Elizabeth Gomes e Susana Schnarndorf lidam com essa dicotomia da extensão do tempo na continuidade da vida e o encurtar do tempo na conquista de índices e marcas, subentendendo literalmente uma luta pelo tempo e contra o tempo.

Contra o tempo:

Ao entrar todos os dias na piscina, mentaliza seu único foco: diminuir seu tempo, tomado diariamente pelas batidas do cronômetro. Quanto menor, mais feliz se sente. É assim a rotina de Susana Schnarndorf, nadadora paralímpica, que antes foi uma triatleta somando em seu currículo 13 Ironman – prova que compila 3,8 km de natação, 180 km de ciclismo e 42,195 km de corrida. Representou o Brasil nos Jogos Pan-americanos de Mar Del Plata, em 1995.

Porém, sua carreira olímpica foi interrompida em 2005, com uma forte depressão após o nascimento de sua terceira filha e a separação matrimonial. Tal quadro acarretou uma doença degenerativa chamada Síndrome da Atrofia Múltipla - SMA, doença próxima ao Parkinson, que vai paralisando os músculos aos poucos. Desde então, sua corrida de longa distância passou a ser a favor da própria vida. Foram cinco anos na busca de tratamentos.

A piora do quadro de saúde levou à sua maior derrota, perder a guarda dos filhos. Pensou ser o fim de tudo. Em 2010, porém, foi apresentada para a natação paralímpica. Relutou achando-se velha, já com 40 anos na época. Mas, voltar a competir lhe gerou a sensação de poder reviver, de se aceitar e de minimizar seu próprio sofrimento. A convite da equipe brasileira foi ao Canadá fazer sua classificação funcional - processo que qualifica o atleta para pertencer a uma determinada classe conforme suas limitações motoras, visuais ou intelectuais podendo assim, competir em condições de igualdade (IPC - GUIA EXPLANATÓRIO DA CLASSIFICAÇÃO PARALÍMPICA, 2015). Venceu sua primeira competição e bateu cinco recordes brasileiros, classificada como S8 - S em inglês - *Swimm* e 8 significa nível de baixo comprometimento físico, já que a escala é retrocedente de S14 a S1. SB8: é nado peito; SM8 - medley e S8 – crawl, costas e borboleta.

Susana reencontrou a alegria no tempo palpável, que o tempo inexorável tentara lhe tirar. Assumiu a profissão de atleta paralímpica e já em 2012 representou o Brasil nos Jogos Paralímpicos de Londres, conquistando o quarto lugar na prova de 50 metros, estilo peito. Usando o tempo de vida a seu favor, diminuiu seu tempo na piscina e em 2013, conquistou o título de campeã mundial de nado peito, classe S6 – grau de comprometimento moderado, devido ao avanço da doença - deixando ínfimo o tempo cronometrado. Tal conquista fez com que Susana fosse eleita a Melhor Atleta do Ano, prêmio concedido pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Aqui o menor e o maior tempo se abraçaram e a levaram mais longe. O ápice de sua carreira, foi ser medalhista de prata nos Jogos Paralímpicos, Rio 2016, na classe S5. Destaca-se mais uma vez a queda de classe, pela progressão da síndrome.

Estava brincando com as meninas de classe mais baixa [S4,S3]: 'se liga que estou chegando'. Conforme minha doença progride vou mudando de classe e me adequando, mas até hoje eu sinto agonia, eu não nado como eu nadava antes, então tenho que saber o que eu consigo fazer agora e tentar nadar de outro jeito. Preciso fazer isso quase que diariamente. (SCHNARNDORF, 12/10/2015)

Já a arremessadora de peso paralímpica, Elizabeth Gomes compete contra o tempo dos surtos e sequelas que sua doença pode causar. Começou a jogar voleibol aos 14 anos representando a cidade de Santos – SP, em campeonatos escolares e na maioridade se engajou na Guarda Municipal, disputando pela classe. Foi tricampeã santista. Em 1993, enquanto se dirigia ao Batalhão onde trabalhava, sofreu uma queda e fraturou a tíbia. Logo veio a saber que era a primeira manifestação da Esclerose Múltipla – doença que afeta o sistema nervoso de forma degenerativa e progressiva e acarreta em paralisia motora irreversível (BRASIL, Ministério da Saúde, 2018 – online). Em plena forma, com 23 anos, Elizabeth entrou em depressão por não aceitar a interrupção de sua carreira de atleta. Foram dois anos na busca de tratamentos e respostas ao seu “futuro traído”, como menciona Bachelard:

Como o luto mais cruel é a consciência do futuro traído e, quando sobrevém o instante lancinante em que um ente querido fecha os olhos imediatamente se sente como que novidade hostil, o instante seguinte assalta nosso coração. (BACHELARD, 2002, p. 19).

Até que em junho de 1996 lhe apresentaram o basquete sobre rodas. “Me chamaram para jogar e num primeiro momento recusei, mas depois pensei e fui ver o que era [...] foi dentro da mesma quadra onde tinha sido tricampeã de voleibol da polícia civil. Isso mexeu muito comigo” (GOMES, 11/09/2019)

Beth Gomes, como é conhecida, começou a treinar na Associação dos Deficientes Físicos de Santos (ADFISA). “Ali, o professor chamado Augusto me colocou na cadeira, me deu uma bola na mão e falou: - cai pra quadra” (GOMES, 11/09/2019). Mostrando habilidades com a bola não tardou para ser titular do

time no campeonato santista, que aconteceu em outubro do mesmo ano. Destacou-se e foi contratada pela equipe Leite Moça dos Hospital das Clínicas em São Paulo. Na sequência foi convocada para a seleção brasileira, dando início oficialmente à sua carreira de atleta paralímpica. Foi para os Jogos de Pequim, 2008 e representou o país até 2010. Sua doença progredira e o tempo inexorável estava se sobrepondo ao tempo palpável, como enfoca Tarde (1901), a dimensão temporal perde o sentido não discute presente/passado ou futuro. É ser ou não ser.

Sentiu ser a hora de parar com o basquete, mas não parar de ser atleta. Como paralelamente já vinha se aventurando em corridas de cadeiras de rodas, resolveu migrar para o atletismo. Venceu os cronômetros se consagrando hexa campeã da prova 10 quilômetros da Tribuna de Santos e algumas provas de pistas. Porém, a Esclerose estava no páreo, tomando seu tempo de vida e provocando mais sequelas. Beth então, deixa as pistas e vai para as provas de campo. No arremesso de peso, lançamento de dardo e disco viu que conseguiria continuar sua carreira. Pelo seu desempenho, em 2011 foi convocada para o Parapan de Guadalajara e ficou em 5º lugar do mundo.

Meu primeiro Parapan-americanos. Estava feliz, minha continuidade de vida se deu por querer viver de uma forma melhor. O esporte me fez renascer, porque minha vida era o esporte. Faço possível para a esclerose não se tornar minha aliada, ela é só minha colega, ela vive do meu lado, caminha do meu lado, mas ela jamais vai me vencer. Eu sempre estou vencendo a cada dia, a cada surto, a cada sequela. (GOMES, 11/09/2019).

Por conta da deficiência da Beth ser progressiva e não estável como as de atletas amputados, por exemplo, ela deve ser reclassificada a cada dois anos. Iniciou nas modalidades de campo sendo da classe F54 - (F - "Field") e (54) categoria de cadeirantes, que varia de 51 à 57 – sendo respectivamente do maior ao menor grau de comprometimento (IPC, 2015, online). Nessa classe,

consagrou-se campeã Para pan-americana; Sul-americana; Brasileira e segunda colocada no ranking mundial.

No entanto, viveu seu maior infortúnio em abril de 2016. Ao passar pelo processo de reclassificação durante o Open Internacional de Atletismo em São Paulo, foi surpreendida por um resultado adverso, praticamente às vésperas dos Jogos Paralímpicos. Mesmo estando com suas habilidades mais comprometidas do que há dois anos, a equipe de classificadores considerou haver tônus na musculatura do braço, o que, na verdade, segundo a atleta, era uma contratura espasmódica e não força muscular (TONON, 2017). Assim, a subiram para a classe F55, em que o arremesso de peso não entraria nos Jogos por falta de competidoras. Ou seja, Beth não pôde realizar seu grande sonho, que era competir nos Jogos Rio 2016.

Pelo tempo:

O tempo palpável passou e o inexorável trouxe às atletas outras surpresas. Apesar da luta da Susana nas piscinas ser contra o tempo, sua principal fala é a favor dele, deixando muito claro que a razão para recomeçar a carreira de atleta foram os filhos: “Nado pelos meus filhos, para que meus dias se prolonguem na terra”, (SCHNARNDORF, 12/10/2015). Isso porque, há 15 anos a natação tem sido o melhor remédio para a convivência com a doença. Recorrendo a Bachelard (1988 p.76), ele enfatiza: “O que permanece? Apenas aquilo que tem razões para recomeçar”.

Elizabeth mesmo tendo novamente seu “futuro traído”, ressalta o valor do tempo: “O tempo me faz crescer e acreditar que em algum momento da minha vida, diante do que aconteça o tempo me trará as respostas [...] É uma questão de aprendizado” (GOMES, 11/09/2019). No mesmo viés, Bachelard nos faz entender:

Se nosso coração fosse amplo o bastante para amar a vida em seus pormenores, veríamos que todos os instantes são a um tempo doadores e espoliadores e que uma novidade recente ou trágica, sempre repentina não cessa de ilustrar a descontinuidade essencial do tempo. (BACHELAR, 2010 p.18).

Em abril de 2018, as duas passaram por uma nova reclassificação funcional que as fizeram cair para classes de bastante comprometimento físico, Susana para a S4 e Beth para F52. Isso significa avanço nas respectivas doenças, mas, no âmbito de competição é sempre um recomeço. Em suas redes sociais, coincidentemente na mesma competição, as duas postaram expressões de alegria por novas conquistas.

Figura 17 - Elizabeth Gomes



Foto: Daniel Zappe/CPB/MPIX

Hoje minha estreia no Open Internacional foi um novo recomeço com recordes das Américas e com índice A. Obrigada a todos que torceram

por mim e este Recorde dedico em especial a minha coach, Rose – gratidão é a palavra que sempre terei por você. (GOMES 26/04/2018 – frase postada nas redes sociais).

Figura 18 - Susana Schnarndorf



- Foto Daniel Zappe CPB/MPIX

Sobre o segundo dia do Open ... Depois de tempos difíceis, entre aspas, nadei hoje os 150 medley na minha nova classe, S4 e bati o recorde brasileiro da prova. Feliz demais. O caminho às vezes fica difícil, outras vezes fica muito difícil. Mas, o importante é seguir sempre em frente com muita fé. (SCHNARNDORF 27/04/2018 frase postada nas redes sociais)

FINITUDE X ETERNIDADE

O dicionário nos apresenta a finitude como particularidade ou condição do que é finito. Difícil é pensar no termo como a oportunidade de dar sentido à vida, ainda mais por ser um assunto que o ser humano faz questão de manter longe de si. Segundo Ribeiro (2008), tal fato se relaciona à dificuldade que o ser humano encontra em lidar com o desconhecido; por isso o pavor e a recusa diante

do fato de perder pessoas queridas. Kübler-Ross (1998) acredita que o maior obstáculo a ser enfrentado quando se procura compreender a morte é o fato de que é impossível para as pessoas imaginarem um fim para a sua própria vida.

Mas, quando a morte nos é apresentada com hora marcada, como no caso de Susana, que durante a busca pelo seu diagnóstico teve a morte anunciada várias vezes: “Já me mandaram morrer umas cinco vezes”, (SCHNARN-DORF, 12/10/2015). Então sim, para ela esse foi o momento de recheiar a vida que lhe resta de plenos sentidos e usar a piscina como sua melhor terapia. A história da nadadora faz lembrar a Crônica de uma Morte Anunciada de Gabriel Garcia Marques (1981), que narra a história de Santiago Nasar, um jovem de 21 anos que estava jurado de morte e todos os relatos da trajetória do personagem no dia da sua suposta morte partem dos próprios moradores da cidadezinha onde viviam. “O dia em que iam matá-lo, Santiago Nasar se levantou as 5h30 da manhã para esperar o navio que chegaria” (MARQUES, 1981 p.9). Muitos dos que estavam no porto sabiam que iam matá-lo, mas ninguém se quer perguntou se ele estava prevenido. Era possível ouvir vários comentários: “Não é justo que todo mundo saiba que vão matá-lo e que ele seja o único a não saber” (MARQUES, 1981 p.40). “Eu tinha mil razões muito reais para crer que já não corria mais perigo” (Marques, 1981 p.35). “Nunca houve uma morte mais anunciada” (MARQUES, 1981, p.83). Susana não estava prevenida para morrer, foi pega de surpresa ao ouvir diagnósticos que anunciavam seu fim, como: “há suspeitas de um tumor cerebral”, ou “vamos investigar se é lúpus”, entre outros. Por vezes aceitou o findar de sua jornada a ponto de entregar a guarda dos três filhos ao ex-marido. Mas, ela ainda não tinha eternizado sua identidade de atleta e por isso, continuou a nadar.

A finitude também deu mais um “olé” na vida de Elizabeth Gomes no final de 2017, com um surto da esclerose que prejudicou ainda mais seus movimentos, no entanto, a história a chamou para deixar a sua marca. Em 2018 ela bateu três recordes mundiais. No arremesso de peso, estabeleceu a marca 7,41m. O antigo recorde pertencia à americana Cassie Mitchell, com 6,14m. Na prova de lançamento de disco, com 16,44m, Beth bateu a marca da tcheca Martina Knezikova, 15,28m, recorde mundial desde os Jogos de Atenas, 2004. Nova oportunidade e novo recorde, dessa vez registrado no Grand Prix de Paris, na França, lançou 16,81m, superando seu próprio recorde de 16,44m. Na sequência em

Berlim na Alemanha ela quebra o recorde do lançamento de dardo com a marca de 14.16 metros. “É uma experiência nova, o recorde mundial escreve meu nome na história do esporte paralímpico, é uma sensação absurdamente diferente [...] Mesmo aos 53 anos continuo evoluindo” (GOMES, 04/06/2018, Santos.sp.gov online).

A atleta não parou por aí. Mesmo tendo as duas mãos em garra, pela atrofia da Esclerose, em 2019 foi campeã no lançamento de disco nos Jogos Parapan-Americanos de Lima e no Mundial de Paratletismo em Dubai, onde bateu o recorde mundial da prova pela terceira vez consecutiva. Tais feitos também lhe rendeu o prêmio do CPB de Melhor Atleta Paralímpica do ano.

As campeãs do tempo continuam nas disputas a favor e contra ele. Mas, o paradoxo real da finitude versus eternidade foi designado para a atleta belga Marieke Vervoort, que após se eternizar no Movimento Paralímpico ganhando ouro e prata nos 100 e 200 metros dos Jogos de Londres 2012; bronze e prata nos 100 e 400 metros dos Jogos Rio 2016, decidiu pela finitude ao ter em mãos o direito da eutanásia³⁵ ³⁶. A atleta era vítima de uma tetraplegia progressiva, que afeta as quatro extremidades, bem como à musculatura do tronco causando impossibilidade de mover os membros, em grau variável; além de distúrbios da mecânica respiratória, podendo causar demência leve (PINHEIRO, 2011). Sua maior adversária não era a deficiência em si, pois desde os 20 anos estava numa cadeira de rodas, mas as dores insuportáveis. "Dores estúpidas. Você conhece alguém que precise de morfina para treinar?" (VERVOORT, 30/08/2016 EL PAÍS, online).

A Bélgica tem a lei promulgada a favor da eutanásia desde 2002. Em 2014, Marieke obteve do governo, o direito de findar as dores quando não achasse mais que valesse a pena continuar. Sentia-se realizada e estava no ápice de sua carreira, como deixou claro em suas redes sociais dias antes da sua morte, que ocorreu em 23 de outubro de 2019: "Vivi coisas com as quais a maioria das pessoas só pode sonhar".

³⁵Eutanásia é o ato intencional de proporcionar a alguém uma morte indolor para aliviar o sofrimento causado por uma doença incurável ou dolorosa. (Augustin, 2019)

³⁶A eutanásia, propriamente dita, é a promoção do óbito. É a conduta, através da ação ou omissão do médico, que emprega, ou omite, meio eficiente para produzir a morte em paciente incurável e em estado de grave sofrimento, diferente do curso natural, abreviando-lhe a vida. (SÁ, 2001)

Durante os Jogos Rio 2016, a nadadora Susana Schnarndorf fez questão de se encontrar com Marieke para tentar fazê-la mudar de ideia e sugerir que se encontrassem em Tóquio 2020 (na ocasião, os Jogos ainda não haviam sido adiados). Observamos o diálogo sem interferir. No mesmo dia, Marieke se pronunciou em uma entrevista coletiva, enfatizando como gostaria de ser eternizada:

[...] Esta medalha tem dois lados: de um lado a felicidade, do outro a dor e o adeus [...] Quero ser lembrada como a moça que sempre sorria, que mesmo sofrendo tentou ver o que há de melhor [...] Já fiz uma lista de desejos como voar num caça, criar um museu e contar a minha história em palestras. A eutanásia é uma escolha que me deu paz e queria que se abrisse um grande debate sobre o tema [...] Preciso abandonar o esporte, porque a doença está piorando. Está ficando mais difícil participar de corridas do que há quatro anos [...] Foi um processo longo, diferentes médicos e psiquiatras precisaram atestar que eu não queria me suicidar, que realmente eu tenho algo incurável e que nunca vou melhorar dessas condições, só piorar. (VERVOORT, 11/09/2016) ³⁷

Corroborando com seu discurso sem a audácia de analisá-lo cito Bachelard quando diz: “Foi na alegria e não na dor, que o homem encontrou o seu espírito” (BACHELARD, 2008 p. 39). O que Marieke tentava todos os dias era achar a melhor forma de lidar com a dor e ter a licença da eutanásia nas mãos, lhe trazia um conforto. Ainda sobre os Jogos Rio, 2016, em sua última postagem a atleta escreveu: "Não podemos esquecer as boas lembranças" (VERVOORT, 18/09/2019 postagem em redes sociais - tradução nossa).

³⁷ Informação verbal concedida em entrevista coletiva nos Jogos Paralímpicos do Rio, 2016.

Figura 19 - Vervoort durante os Jogos Rio, 2016



Foto: Yasuyoshi Chiba (AFP)

Ao escolherem o esporte como o maior estímulo da pouca vida que ainda têm, as atletas ressignificaram o tempo, pois as marcas conseguidas perpetuam ambas na história, ainda que a vida seja breve. Como ressalta Rubio (2001, p. 216):

“Ser atleta é alvo de projeção de grande parcela da população. Reside na possibilidade de realizações semelhantes e na consequente permanência, a esperança de um futuro que inscreva seu nome na história, como tiveram os heróis-atletas da Antiguidade”.

Elas aceitaram a oportunidade de saltar da finitude para a eternidade. A eternidade por sua vez, é o infinito. O termo costuma ser entendido em dois sentidos. No sentido comum, significa ‘sempiternidade’ (do latim *sempiternus*, a, um: ‘perpétuo, eterno, imortal’), isto é, duração ou tempo infinito. No sentido inexorável, corresponde à atemporalidade, ou seja, transcende o próprio tempo. Firma-se então, o fundamento de Bachelard (2002) quando enfatiza que nessa ruptura do ser, a ideia do descontínuo se impõe de forma incontestável sem a menor sombra de dúvida.

Portanto, se a hora do relógio é precisa; para as atletas que colaboraram com este artigo, o tempo de vida, não. Parafraseando o general romano Pompeu

106-48 a.C., "Navegar é preciso, viver não é preciso"³⁸, referindo-se aos marinheiros amedrontados que recusavam viajar durante a guerra (cf. Plutarco in: Vida de Pompeu) e muito usada pelo poeta português Fernando Pessoa: "Viver não é necessário; o que é necessário é criar"; no caso dessas atletas podemos dizer: "Viver não é preciso, competir é".

³⁸Frase de Pompeu, general romano, 106-48 aC. dita aos marinheiros, amedrontados, que recusavam viajar durante a guerra, (cf. Plutarco, in Vida de Pompeu).

2 Sísifo e o adestrador do Tempo³⁹

Adestramentos referem-se à ação e ao efeito de adestrar. Este verbo, por sua vez, faz alusão ao ato de tornar-se destro, amestrar-se, disciplinar, tornar-se capaz, hábil (em alguma coisa), fazer obedecer⁴⁰. Todas essas acepções têm algo em comum: endireitar através da disciplina e do treino. Tais conceitos foram assimilados desde a infância pelo cavaleiro a quem vou chamar de “o adestrador do tempo”, por ter usado o tempo tão sabiamente ao reinventar sua história de atleta olímpico em atleta paralímpico. Um oposto ao anti-herói da mitologia grega, o Sísifo, escolhido para ilustrar este texto. Sísifo passou longe da disciplina e da obediência. Nunca amestrou e nem se deixou amestrar. Enquanto Rodolpho saltava com seu cavalo, Sísifo salteava os deuses com suas artimanhas; até, enfim, receber uma condenação perpétua de ter que rolar uma pedra ao cume de uma montanha e vê-la despencar em vão. Poderíamos chamá-lo, então, de “o adestrado pelo tempo”.

O ponto de partida para traçar o paralelo entre as duas histórias veio de um comentário de Mauro Gama ao traduzir o livro: O mito de Sísifo de Albert Camus (1942). Segundo ele, o título camusiano, no original francês, tem um trocadilho excelente e, como quase todos; intraduzível: Le mythe de Sisyphe soa precisamente como le mythe décisif (o mito decisivo).

Portanto, a comunhão entre esses dois personagens é a forma como cada um enfrentou sua própria história. Enquadram-se ao que Camus (1989) vai chamar de “homens absurdos”, aqueles que enfrentam lucidamente a condição - e a humanidade – absurda nos planos da sensibilidade e da inteligência. Homens dispostos a estarem de acordo consigo mesmos, em suas novas condições de vida.

Rodolpho Riskalla nasceu em São Paulo e começou a montar desde pequeno. A mãe era treinadora e quis passar o esporte para os filhos. Com seis anos, então, entrou para as categorias de base e quando terminou o ensino médio já tinha sua carreira definida, como adestrador.

³⁹ Texto publicado na íntegra no livro Esporte Mito, 2017

⁴⁰ DICIONÁRIO, 2002

Foi quatro vezes campeão brasileiro tendo seu primeiro campeonato em 1996. No ano seguinte foi vice-campeão mirim e campeão Sul-Americano Júnior em 2001. Depois foi campeão dos Jovens Cavaleiros em 2002 na Argentina. Competir é e sempre foi para Rodolpho, sua mola propulsora de vida. Em uma análise latente nota-se tal ênfase em seus discursos narrativos coletados para este estudo, bem como em entrevistas concedidas à imprensa.

“É, essa coisa da competição me faz bem eu sempre gostei mais da competição em si do que só dos treinos. Quanto mais próximo da competição, melhor era”⁴¹.

Com uma carreira em progresso, aos 21 anos, conseguiu um emprego na Alemanha e a oportunidade de buscar mais treinamento, com cavalos melhores. Porém, em 2007 o cavaleiro voltou ao Brasil e ficou até final de 2011 para participar dos Jogos Pan-Americanos. Foi convocado como atleta reserva porque seu cavalo era mais velho dos demais e nesse caso, o conjunto não pode se separar. Mesmo que o atleta seja bom, o cavalo também tem que ser bom. Após os Jogos, outra oportunidade de trabalho levou Rodolpho novamente para a Europa.

Ao fazer algumas classificatórias para Londres, 2012 a Confederação Brasileira ofereceu um cavalo ao adestrador com a condição de que o seu resultado pudesse servir para outro atleta, uma vez que o Brasil não disputaria os Jogos por equipe, somente individual em sistema de ranking.

“Eu já estava de viagem marcada de todo jeito e falei: - bom não vou perder nada, uma experiência a mais e vou participar do ciclo olímpico, mesmo sem ser convocado”⁴².

Outra vez, o fato de competir, ou de estar num ciclo olímpico, como parte de seu treinamento o impulsionara. Após 2012, o atleta passou a trabalhar num centro equestre como gerente, além de dar aulas e preparar os cavalos para competições. Nesse ano, foi campeão da França de cavalos novos, com uma égua de seis anos. Em 2013 foi para o Campeonato Mundial de Cavalos Novos com um cavalo de criação brasileira. Teve resultados bons, mas, se viu desanimado por não ver retorno de patrocínios. Então, no final do mesmo ano,

⁴¹- Rodolpho Riskalla em entrevista para a pesquisa no Laboratório de Estudos Socioculturais da USP – outubro de 2016.

⁴²Idem 23

já com quase 30 anos de idade, decidiu trabalhar em outra área deixando a montaria como hobby. O cavaleiro arrumou um emprego em uma loja de grife francesa. Como sabia falar várias línguas e tinha convivência com pessoas qualificadas, seu currículo foi aprovado para trabalhar como caixa na loja principal em Paris.

Enquanto isso, muito além daqui... Sísifo era filho de Aéolo, deus dos ventos e descendente direto de Prometeu. Era astuto e perspicaz; fundou a cidade de Corinto – então chamada de Éfira – e dela tornou-se rei. Homero em a *Odisséia* (2009), considerava-o o mais sábio e mais prudente dos mortais, chegando a acorrentar a Morte. Uma outra tradição, porém, ressalta que ele tinha queda para o ofício de salteador e certa leviandade para com os deuses. Franchini (2006) conta que um dia estava em meio a um passeio quando observou a águia de Júpiter passar ao alto carregando Egina, filha de Asopo, em direção ao Olimpo. Esperando tirar algum proveito desta indiscrição, Sísifo correu logo até a corte do desesperado rei e prometeu encontrar sua filha, pedindo em troca a promessa de fornecer a Corinto uma fonte límpida de água.

O rei angustiado atendeu; e ele contou que a princesa tinha sido raptada pela águia de Júpiter e levada para uma distante ilha. Júpiter, que tudo via lá do Olimpo, não tardou a descarregar sobre Sísifo sua fúria implacável e ordenou que a própria Morte fosse ao alcance do intrometido. Porém, quando a Morte chegou para agarrar Sísifo, este não só conseguiu fugir dela como a fez sua prisioneira. Mas Júpiter, à instâncias de Plutão, acabou por resgatar a Morte das mãos de Sísifo por intermédio de Marte. Tão logo a Morte viu-se libertada de sua vexatória sujeição, Júpiter precipitou Sísifo na masmorra dos infernos. Mas, Sísifo não seria Sísifo se não tivesse dado um jeito de escapar desta também⁴³.

Antes de ser levado para lá, planejou um truque com sua esposa, fazendo-a prometer que não lhe prestaria as devidas honras fúnebres. Assim, quando Sísifo se viu nos infernos, foi imediatamente ter com Plutão, dizendo estar arrependido por ter interferido nos atos do pai dos deuses. Mas, não poderia permanecer ali porque sua mulher não tinha lhe prestado as devidas honras fúnebres. Pediu encarecidamente para voltar e acertar tudo para depois poder descansar em paz. Plutão o deixou ir, porém, assim que Sísifo retornou ao

⁴³ FRANCHINI, 2006, p.418.

convívio dos vivos esqueceu-se da promessa e ficou no mundo até a mais avançada velhice. Um dia, entretanto, a vida de Sísifo chegou ao fim. Júpiter resolve puni-lo pelas suas afrontas – desta vez em definitivo – condenando-o a rolar uma enorme rocha até o alto de uma montanha. Tão logo chegasse ao cume, a pedra despencaria, obrigando Sísifo a recomeçar o estafante trabalho, qual se repete para todo o sempre.

Os deuses tinham pensado, com as suas razões, que não existe punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança. Mas ele encarou o castigo sem pesar e lamentações. Considero ser este o adestramento de Sísifo. Fazer todo esforço para rolar a pedra até o cume do morro e depois vê-la descer em vão. E começar tudo de novo, numa rotina sem fim. Camus (1989) analisa justamente a pausa que o então, saltador faz ao ver a pedra cair. “Vejo esse homem redescer, com o passo pesado, mas, igual, para o tormento cujo fim não conhecerá”. A repetição e a pausa nos ensinam, assim como o processo de adestramento de cavalos, tanto praticado por Rodolpho iniciando com potros ainda jovens; o desenvolvimento da flexão lateral do pescoço, tronco e membros através dos volteios, ora à direita, ora à esquerda, como também, o desenvolvimento das transições de andamentos: Passo/ marcha/ parada/ marcha/ passo/ parada/ marcha e assim sucessivamente⁴⁴.

Compreende-se então, que Sísifo foi adestrado pelo tempo. O desprezo pelos deuses, a fuga da Morte e a paixão pela vida lhe valeram o castigo de uma tarefa sem fim. Ao ler o mito pode-se pensar, sendo Sísifo tão perspicaz; por que aceitou rolar a pedra? Perante a perspectiva camusiana, o coerente é a manutenção da vida, mesmo que o confronto com o absurdo seja diário. “...*pode até rolar a pedra até o alto da montanha, de onde ela desce de novo: desde que, nos intervalos, se mantenha e se renove a consciência do processo*”⁴⁵.

A consciência é o que traz o drama a este mito. Sísifo, prisioneiro dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão de sua condição miserável: é nela que ele pensa enquanto desce. A lucidez que devia produzir o seu tormento consome, com a mesma força, sua vitória. “*Não existe destino que não se supere pelo desprezo*”⁴⁶. Para o herói grego ter dado sequência na sua

⁴⁴ ANDRADE, 2011.

⁴⁵ CAMUS, 1989, p.5.

⁴⁶ CAMUS, 1989, p.71.

rotina de rolar a pedra é porque ele estava de acordo consigo mesmo. Ele não carregava o peso do tormento, do sofrimento de seu “castigo”, superou o seu destino com o próprio desprezo àquilo que pudesse lhe desgastar a alma.

Rodolpho, ficou três meses longe dos cavalos, porque uma amiga de longa data o escalou para cuidar de seus cavalos e ele não resistiu, conciliando o trabalho com a montaria. Bem preparado, em 2015, começou a fazer seletivas para os Jogos Pan-Americanos. Tinha chances de estar na equipe, porém, encontrava-se sem patrocínio. Teria que fazer três seletivas, mas só conseguiu fazer duas classificatórias ficando como segundo reserva. No mês de julho do mesmo ano, Rodolpho foi de férias ao Brasil com intenção de assim que voltasse fazer as seletivas para os Jogos Olímpicos, Rio 2016. Após 15 dias, voltou para a França. Era uma segunda-feira. Três dias depois sua mãe ligou dizendo que seu pai estava hospitalizado e era grave. O cavaleiro conseguiu comprar passagem aérea para o início da próxima semana, mas, o pai faleceu antes dele chegar. Mesmo assim, foi dar apoio à mãe e cuidar das burocracias da família. O que ele não sabia é que ali iria receber sua pedra para rolar incansavelmente.

No dia 18 de julho, após uma agenda cansativa sentiu-se mal. Pensou ser uma gripe, ou algo que não lhe caíra bem ao estômago. Porém, durante a noite foi dominado por uma febre de 40 graus e dores pelo corpo.

Foi levado a um hospital, assim que o dia clareou e de imediato o diagnosticaram com meningite bacteriana. O adestrador ficou em coma durante três semanas. Finalmente acordou e viu que tinha tubos para todos os lados. A febre alta e os remédios fizeram com que suas extremidades sofressem muito. Suas mãos já estavam em “estado mumificado”, necrose total, não sentia mais que tinha os dedos. A mão esquerda estava mais comprometida. Os pés estavam todos manchados.

Recorro a Franz Kafka (1915) em seu conto “A metamorfose”, quando o personagem Gregor Samsa, um caixeiro viajante ao acordar de uma noite de descanso, se depara com seu corpo transformado em um inseto monstruoso e pensa: “*O que aconteceu comigo?*”. Para o personagem, não era um pesadelo que se poderia acordar, por mais que ele acreditasse ser por conta do cansaço. Era algo postulado como definitivo. É o acontecimento determinante da história que não admite ser captado linearmente. O conto da Metamorfose é uma ilustração da vida real utilizada por Kafka, como analisa o autor: “*a metamorfose*

*não está aí como um disparate, mas, como uma licença poética transformada em fato, com o qual, aliás, tanto o herói como o leitor têm que se conformar*⁴⁷. A narrativa de Rodolpho exprime exatamente a frase de Gregor “o que aconteceu comigo?”.

“...mas quando acordei já tinha meio pé porque os dedos estavam necrosados e na hora que limpou tudo, na verdade é como um iceberg, só vê a ponta do problema, só vê o que realmente está acontecendo lá dentro. Abriram, limparam tudo e estava mais estragado do que eles imaginavam, então, o médico veio no quarto e quando eu acordei, eu já imaginava que tinha alguma coisa errada”⁴⁸.

No caso, a metamorfose representa a transformação daquele que se sacrifica para aquele que já não pode ser sacrificado; do adequado para o não adequado, do idêntico para o diferente. Tal posição é sustentada pela metáfora usada pelo filósofo alemão nos termos Ungeheuer Ungeziefer – Inseto Monstruoso. A tradução do termo está correta e não foi usada por acaso, mas, segundo Carone (2011, p.223), não se podem perder suas nuances significativas, pois epistemologicamente Ungeheuer (monstruoso) significa “aquilo que não é mais familiar”, se opondo à palavra Geheuer - ao que é “tranquilo, amistoso, conhecido” e o substantivo Ungeziefer (inseto) se “animal inadequado, que se opõe a animais domésticos”.

O que vai nos fazer compreender a metamorfose é a oscilação entre o natural e o extraordinário, o individual e o universal, o trágico e o cotidiano, o lógico e o absurdo. “*Um homem que ainda existe, mas que já não pode ser visto como sendo ele mesmo*”⁴⁹. É exatamente nessa medida que as pessoas na mesma situação, são empurradas para o isolamento, para a exclusão.

Com 20% do coração e respirando por traqueostomia, Rodolpho foi trasladado de volta a Paris, onde em plena consciência teve que tomar a decisão de não negar a si mesmo e pedir as amputações dos dois pés, a mão esquerda e os dedos da mão direita.

⁴⁷ CARONE, 2011, p.213

⁴⁸ Rodolpho Riskalla em entrevista para a pesquisa no Laboratório de Estudos Socioculturais da USP – outubro de 2016

⁴⁹ CARONE, 2011, p.219

“Aí eu já decidi: - pelo amor de Deus corta porque eu não aguento mais isso aqui. Fiz o médico quase prometer que iria amputar minhas pernas quando fosse operar as mãos para aproveitar a mesma cirurgia. Sei que quando eu acordei..., é lógico que você tem aquele impacto. Eles tinham colocado uma cobertura por cima, mas, logo quis ver, foi quase um alívio saber que tinham feito”.⁵⁰

As amputações de Rodolpho, de acordo com suas narrativas foram uma escolha dele entre as opções que os médicos tinham lhe oferecido, como: tentar recuperar as partes com enxertos, por exemplo. Ou, quem sabe ainda, por conta da sua debilidade, poderia sentir que continuar a vida não valeria a pena. Porém, o atleta agiu com a ética da lucidez, como diz Camus (1989, p.8) *“o que se chama uma razão de viver é, ao mesmo tempo, uma excelente razão para morrer”*. Sem dúvidas tal acontecimento para muitos seria motivo suficiente para não mais dar continuidade à vida, Rodolpho sabia, mesmo sem saber, que o fim do espírito era o fracasso.

Sísifo e Rodolpho não se preocuparam em ter sucesso ou não em suas decisões, ou no que iriam pensar deles. Foram precisos à realidade. Camus diz que Sísifo subtrai a todo julgamento que não seja o seu. Da mesma forma, o cavaleiro em suas entrevistas para mídia diz: *“Quero viver bem, sem arrependimentos”*.

“Não fique inutilmente aí na cama” – disse Gregor a si mesmo, já tentando sair da cama sem ter a exata ideia de como estava seu corpo e que todo seu esforço parecia em vão, com as centenas de perninhas batendo no ar. “... ao mesmo tempo, porém, não esqueceu de se lembrar, nos intervalos, de que decisões calmas, inclusive as mais calmas, são melhores que as desesperadas [...] E por um momento permaneceu tranquilamente deitado, com a respiração fraca, como se esperasse talvez do silêncio pleno, o retorno das coisas ao seu estado real e natural.⁵¹”

Por sua vez, o silêncio pleno de Rodolpho se recusou a calar a voz que lhe empurrava aos Jogos Rio, 2016. Estava disposto a se levantar e rolar a pedra

⁵⁰ Rodolpho Riskalla em entrevista para a pesquisa no Laboratório de Estudos Socioculturais da USP – outubro de 2016

⁵¹ KAFKA, 2011, p.232

que lhe era imposta, o mais rápido possível, uma vez que seu corpo não iria voltar ao estado natural.

“... Então, você começa a ter projetos de novo, você começa a saber o que vai acontecer e pensar, estou vivo. Quero voltar a trabalhar, a montar e tal. Uma aluna minha, me deu um quadro de umas fotos com o cavalo dela e de outros cavalos que ela pegou na internet e minha mãe pôs no quarto do hospital. Aquilo me deu um estímulo assim: “voltar a montar”, e logo eu falei, como sempre preciso ter umas metas, se eu iria tentar uma vaga no Olímpico, por que eu não posso tentar uma vaga no Paralímpico?”⁵²

A resolução encontrada pelo atleta foi construir um novo instante em sua trajetória de vida, “Não adianta eu chorar pelo dedo perdido, que não vai crescer de novo. Então tenho que ir atrás de coisas novas”. Metamorfoses nem sempre são aceitas pela sensatez da humanidade. Tanto é que para a família, Gregor Samsa se tornou um fato vergonhoso. “*uma mancha tenebrosa que precisa ser ocultada*”⁵³. Seria essa a pedra a rolar de Gregor? O caixeiro que mantinha suas obrigações adestradamente em ordem, não salteava o patrão e cumpria seus horários à risca, agora estava fadado a carregar asas enormes e centenas de perninhas de mosca. Os pais do caixeiro se viram na contingência de incorporar esse acidente no dia a dia da casa, retirando os móveis para deixar mais espaço livre e todas as devidas adaptações de espaço e nos hábitos familiares, ao ponto de sua morte, depois, ser encarada como uma libertação.

Rodolpho não estava mais familiar. Pelas queimaduras e amputações, estava Ungeheuer (monstruoso). Porém, ao contrário do conto de Kafka, sua família incorporou sua deficiência, convicta de que as adaptações ao meio eram sim necessárias, mas, a essência humana de filho, de irmão, de amigo, de pessoa; era a mesma.

A mãe de Rodolpho o aceitou e o apoiou a continuar sua vida de atleta, a continuar sua trajetória competitiva, mesmo achando quase impossível alguém que está hospitalizado e amputado competir em um evento tão grande como os Jogos Paralímpicos, num período tão curto de recuperação e preparo.

⁵² Rodolpho Riskalla em entrevista para a pesquisa no Laboratório de Estudos Socioculturais da USP – outubro de 2016

⁵³ CARONE, 2011, p.218

Ela até tentou propor que ele se preparasse para 2020. Mas a resposta do cavaleiro foi incisiva, porque para ele competir é viver: “*Não, não quero daqui a quatro anos, eu quero no Rio, porque é no Rio, é em casa*”⁵⁴. Determinado, o destemido cavaleiro já sem as pernas e sem as mãos contou com a família para ir atrás de informações sobre adestramento para equestre⁵⁵, modalidade que ele nem sabia existir até então. Foi orientado sobre procedimentos de classificação funcional para saber qual classe se encaixaria. No hipismo há quatro graus sendo que o grau 01 é ainda dividido em 1A e 1B; Depois tem graus 02, 03 e 04. No grau 1ª estão as pessoas mais comprometidas fisicamente, como as vítimas de paralisia cerebral, por exemplo – no adestramento só darão os passos com o cavalo; grau 1B normalmente são paraplégicos, que realmente não têm nenhuma acessibilidade com as pernas, - além dos passos, conseguem trotar com o cavalo. O grau 02 é para os que sentem as pernas, mas, têm pouco movimento nos membros inferiores e superiores. Têm força abdominal. Já no grau 03, que é a classe de Rodolpho; enquadram-se os amputados de alguma parte, mas capazes de realizarem também galopes e o grau 04 há mínimo comprometimento físico.

Quem passa a ser adestrado nesse momento é o tempo. Porque o instante criador de Rodolpho aconteceu quatro meses antes dos Jogos Rio, 2016. Tempo curtíssimo para se conseguir qualquer feito, mas, não para homens absurdos. “Para um homem sem antolhos, não existe espetáculo mais belo que o da inteligência lutando contra uma realidade que o ultrapassa. O espetáculo do orgulho humano é inigualável. Todas as depreciações resultam em nada. Essa disciplina que o espírito impõe a si próprio, essa vontade forjada de todas as peças, esse face-a-face têm algo de poderoso e singular” (CAMUS, 1989, p.35).

“Comecei a andar em março com as próteses, na segunda semana de abril já tinha uma prova classificatória, eu ainda estava no hospital. E aí eu falei

⁵⁴ Rodolpho Riskalla em entrevista para a pesquisa no Laboratório de Estudos Socioculturais da USP – outubro de 2016

⁵⁵Única disciplina do Hipismo do Programa Paralímpico, o Adestramento Para equestre é a 8ª disciplina esportiva da Federação Equestre Internacional (FEI), sendo praticada por pessoas com deficiência. Fonte: <http://www.brasilhipismo.com.br/paraolimpico> acesso em 19/06/2017

para o médico: você querendo ou não, eu vou pra prova. Fui liberado em 30 de abril.⁵⁶

Os Jogos Paralímpicos estavam previstos para iniciar em 07 de setembro de 2016 e mais do que o cavalo, Rodolpho teria que adestrar o tempo. Por duas vezes “fugiu” do hospital para experimentar o cavalo que sua amiga lhe emprestara; e para fazer as classificatórias. O atleta tinha que apresentar três resultados significativos para ser classificado. De abril a junho, fez três provas sendo uma na Bélgica, outra na Holanda e a terceira na Alemanha. Ao contrário de Sísifo, o cavaleiro não iria empurrar sua pedra em vão, estava confiante de que valeria a pena continuar a competir, ou a “viver”.

O sentido da vida é a questão mais decisiva de todas. E como responder a isso? A respeito de todos os problemas essenciais, o que entendo como sendo os que levam ao risco de fazer morrer ou os que multiplicam por dez toda a paixão de viver. O que é, realmente, o homem absurdo? “ *Aquele que, sem o negar, não faz nada para o eterno. Não que a nostalgia lhe seja estranha. Mas, ele prefere sua coragem e seu raciocínio. A primeira o ensina a viver sem apelação e a se bastar com o que tem, o segundo o instrui sobre seus limites*”⁵⁷.

Com coragem e raciocínio, Rodolpho chegou ao Centro Olímpico de Hipismo de Deodoro no Rio de Janeiro, cenário preparado para os cavaleiros representantes das 176 nações envolvidas nos Jogos Paralímpicos Rio, 2016. Era dia 11 de setembro, quando o adestrador do tempo e seu cavalo entraram em cena. Apresentaram-se como se o conjunto estivesse junto há anos. Foram ovacionados. Assim que saiu da prova ele falou à imprensa, mais uma vez ressaltando a importância de estar em uma arena de competição:

“Acho que todo mundo que passa uma situação ruim, tipo um acidente que muda a vida, que está meio deprimido, o ideal é realmente passar pra frente porque de qualquer jeito não vai mudar. No final das contas você aprende que ok, foi uma coisa horrível, foi. Não posso falar que não, porque muda a vida da gente, mas, não iria estar aqui, enfim, não iria passar por tudo isso e quem sabe

⁵⁶Rodolpho Riskalla em entrevista para a pesquisa no Laboratório de Estudos Socioculturais da USP – outubro de 2016

⁵⁷ CAMUS, 1989, p.42

o que vem ainda depois disso? É uma coisa ruim que no final foi benéfica. Difícil explicar isso".⁵⁸

A música escolhida para a apresentação do "adestrador do tempo" resumiu bem o que Rodolpho estava tirando da sua frente: as barreiras físicas, os preconceitos ou qualquer pedra de tropeço que o impedisse de sentir-se vivo; de fazer o que amava, o hipismo, a competição. Em sua estratégia de enfrentamento ele amenizou e aceitou o que não podia ser dominado, a eventualidade da sua doença com todas as consequências. Mas, o seu coração estava cheio de vida.

Como considerou Camus (1989), a própria luta em direção aos cimos é suficiente para preencher um coração humano. No mito de Sísifo, o filósofo faz a primeira formulação teórica da noção de absurdidade, isto é, da tomada de consciência, pelo ser humano, da falta de sentido (ou, do sentido absurdo) da sua condição. "*Julgo, portanto, que o sentido da vida é a questão mais decisiva de todas*"⁵⁹.

Tanto Rodolpho como Sísifo não se sentiram ultrapassados pela vida. Aceitaram a pedra que teriam a rolar e em tempo nenhum se esqueceram da própria pessoa. Ao contrário do caixeiro viajante de Franz Kafka, que se entregou na tristeza obscura do quarto onde vivia fraco, sem comer e sem forças. Deitado com as perninhas de mosca para cima esperou pelo último suspiro. "Depois sem intervenção da sua vontade, a cabeça afundou completamente e das suas ventas fluiu fraco, o último fôlego"⁶⁰.

Rodolpho ficou em 10º lugar nos Jogos do Rio, 2016. Em entrevista à imprensa após sua apresentação o atleta expos o que achou da sua apresentação. "*Em geral gostei, foi super estável, geralmente é o que a gente procura, da minha apresentação, faltou um pouco de brilho, vamos dizer, porque eu sou um pouco crítico, porque está bem quente, a gente sai um pouco da rotina, mas em geral, gostei pra uma estreia nos jogos to bem contente*".⁶¹

⁵⁸ Rodolpho Riskalla em entrevista para a pesquisa no Laboratório de Estudos Socioculturais da USP – outubro de 2016

⁵⁹CAMUS, 1989, p.8

⁶⁰CARONE, 2011, p.286

⁶¹Rodolpho Riskalla, entrevista para mídia, 13 de setembro de 2016.

Figura 20 - Resultado da prova de adestramento - grau III



Dressage - Championship Grade III

Host City: Rio de Janeiro, Brazil
 Dates: 13 September 2016
 Participants^[note]: 16 from 13 countries

Medallists

 LUBBE Ann Cathrin	 NOR
 SUNESEN Susanne	 DEN
 ETZNER JAKOBSSON Louise	 SWE

select sport Equestrian select event Dressage - Championship Grade III

Dressage - Championship Grade III - Results

Final Round

Rank	Athlete	NPC	Date	% Score
1	LUBBE Ann Cathrin	NOR  Norway	2016-09-13	72.878
2	SUNESEN Susanne	DEN  Denmark	2016-09-13	72.171
3	ETZNER JAKOBSSON Louise	SWE  Sweden	2016-09-13	70.439
4	VOETS Sanne	NED  Netherlands	2016-09-13	70.122
5	LYKKE DALSKOV Annika	DEN  Denmark	2016-09-13	70.122
6	LETARTRE Jose	FRA  France	2016-09-13	69.659
7	JOHNSON-DWYER Philippa	RSA  South Africa	2016-09-13	69.390
8	PEAVY Angela	USA  United States of America	2016-09-13	68.585
9	JARVIS Sharon	AUS  Australia	2016-09-13	68.537
10	RISKALLA Rodolpho	BRA  Brazil	2016-09-13	68.366
11	STUDER Louise	FRA  France	2016-09-13	68.244
12	UMBACK Katie-Maree	AUS  Australia	2016-09-13	67.902
13	VAN TILL Celine	SUI  Switzerland	2016-09-13	67.317
14	SHEFFIELD Roberta	CAN  Canada	2016-09-13	67.146
15	GUGLIAMELLI LYNCH Patricio	ARG  Argentina	2016-09-13	62.512
16	KARWOWSKA Karolina	POL  Poland	2016-09-13	61.683

Fonte: IPC.org

3. Classes segundo as regras atuais:

Modalidades	Classes
Atletismo	• 11 a 13 – deficientes visuais
	• 20 – deficientes intelectuais
	• 31 a 34 – paralisia cerebral (cadeirantes)
	• 35 a 38 – paralisia cerebral (andantes)
	• 40 – anões
	• 41 a 47 – amputados e outros (les autres)
	• 51 a 57 – competem em cadeiras de rodas (sequelas de poliomielite, lesões musculares e amputações)
Basquete em cadeira de rodas	Na classificação funcional, os atletas são avaliados conforme o comprometimento físico-motor em uma escala de 1 a 4,5. Quanto maior a deficiência, menor a classe. A soma desses números na equipe de cinco pessoas não pode ultrapassar 14. São disputados quatro quartos de 10 minutos cada.
Rocha	Os atletas são classificados como CP1 (deficiência mais severa) ou CP2 e divididos em quatro classes:
	BC1 - Atletas CP1 ou CP2 com paralisia cerebral que podem competir com auxílio de ajudantes
	BC2 - Atletas CP2 com paralisia cerebral que não podem receber assistência
	BC3 - Atletas com deficiências muito severas e que usam um instrumento auxiliar, podendo ser ajudados por outra pessoa
	BC4 - Atletas com outras deficiências severas, mas que não recebem assistência.
Ciclismo	LC – Locomotor Cycling (atletas com dificuldades de locomoção)
	- LC1: Atletas com pequeno prejuízo, geralmente nos membros superiores;
	- LC2: Atletas com prejuízo físico em uma das pernas, sendo permitido o uso de prótese;
	- LC3: Atletas que pedalam com apenas uma perna e não usam próteses;
	- LC4: Atletas com maior grau de deficiência, geralmente com amputação em um membro.
	Tandem: ciclistas com deficiência visual
	Handbike: atletas paraplégicos

Esgrima em cadeira de rodas	Classe 1A - Atletas sem equilíbrio sentado, com limitações no braço armado, sem extensão eficiente do cotovelo e sem função residual da mão. Nesse caso, é necessário fixar a arma com uma atadura;
	Classe 1B - Atletas sem equilíbrio sentado, com limitações no braço armado. Detém extensão funcional do cotovelo, mas sem flexão dos dedos. Nesse caso, a arma é fixada com uma bandagem;
	Classe 2 - Atletas com total equilíbrio sentado, com braço armado normal. Paraplegia do tipo T1/T9 ou tetraplegia incompleta com sequelas mínimas no braço armado e bom equilíbrio sentado;
	Classe 3 - Atletas com bom equilíbrio sentado, sem suporte de pernas e braço armado normal. Pequenos resquícios de amputação abaixo do joelho ou lesões incompletas abaixo da D10 ou deficiências comparáveis, mas com manutenção do equilíbrio sentado;
	Classe 4 - Atletas com bom equilíbrio sentado, com suporte das extremidades superiores e braço armado normal, como lesões abaixo da C4 ou deficiências comparáveis;
	Limitações mínimas - Deficiência dos membros inferiores comparável a amputações abaixo do joelho.
Futebol de 5	B1 - Cegos totais ou com percepção de luz, mas sem reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância
	B2 - Atletas com percepção de vultos
	B3 - Atletas que conseguem definir imagens
Futebol de 7	A modalidade é exclusivamente masculina e praticada por atletas com paralisia cerebral. De acordo com o grau da paralisia, os atletas são classificados em classes de 5 a 8, sendo que o maior número representa o maior potencial funcional.
Goalball	B1 - Cegos totais ou com percepção de luz, mas sem reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância
	B2 - Atletas com percepção de vultos
	B3 - Atletas que conseguem definir imagens
Halterofilismo	É a única modalidade em que os atletas são categorizados por peso corporal, como no halterofilismo convencional. São elegíveis para competir atletas amputados, les autres com limitações mínimas, atletas das classes de paralisia cerebral e atletas das classes de lesões na medula espinhal. Os competidores precisam ter a habilidade de estender completamente os braços com não mais de 20 graus de perda em ambos cotovelos para realizar um movimento válido de acordo com as regras.

Hipismo	Classe I - Cadeirantes com pouco ou nenhum equilíbrio do tronco, ou debilitados nos quatro membros
	Classe II - Cadeirantes ou atletas com severa debilitação no tronco ou unilateral
	Classe III - Atletas capazes de caminhar sem suporte, com moderada debilitação unilateral; atletas com total perda de visão em ambos os olhos
	Classe IV - Debilitação de um ou mais membros ou algum grau de deficiência visual
Judô	Além das categorias por peso, os atletas são classificados de acordo com o grau da deficiência visual. No entanto, judocas de diferentes classes podem competir juntos.
	B1 - Cegos totais ou com percepção de luz, mas sem reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância
	B2-Atletas com percepção de vultos
	B3 - Atletas que conseguem definir imagens
Natação	Quanto maior a deficiência, menor o número da classe (S - swimming; SB - nado peito; SM - nado medley):
	S1 a S10 / SB1 a SB9 / SM1 a SM10 - Atletas com limitações físico-motoras
	S11, SB11, SM11, S12, SB12, SM12, S13, SB13, SM13 - Atletas com deficiência visual (classificação segue como a do judô e do futebol de cinco)
	S14, SB14, SM14 - Atletas com deficiência intelectual
Paracanoagem	LTA - Atleta usa os braços, o tronco e as pernas na remada
	TA - Atleta usa apenas o tronco e os braços
	A - Atleta usa apenas os braços na remada
Remo	Membro utilizado para propulsão da embarcação
	A1+ Somente braços. Barco single skiff, com assento fixo e encosto
	TA 2x Troncos e braços. Barco double skiff, com tripulação mista e assento fixo
	LTA 4+ Pernas, tronco e braços. Barco four skiff, com timoneiro e tripulação mista (dois homens e duas mulheres). Assento deslizante

Rugby em cadeira de rodas	Os jogadores são categorizados em sete classes a depender da habilidade funcional: 0,5; 1,0; 1,5; 2,0; 2,5; 3,0 e 3,5.
Tênis em cadeira de rodas	Para competir no tênis em cadeira de rodas, o único requisito é que o atleta tenha sido diagnosticado com uma deficiência relacionada à locomoção. Ou seja, deve ter perda funcional significativa de uma ou mais partes extremas do corpo. Se o atleta não for capaz de participar de competições no tênis convencional, estará credenciado a jogar na cadeira de rodas.
Tênis de mesa	TT1, TT2, TT3, TT4 e TT5 - Atletas cadeirantes TT6, TT7, TT8, TT9, TT10 - Atletas andantes TT11 - Atletas andantes com deficiência intelectual
Tiro com arco	ARST engloba aqueles que não possuem deficiência nos braços, mas possuem grau de perda de força muscular nas pernas, de coordenação ou mobilidade articular. Na ARST, o atleta pode atirar sentado em uma cadeira normal, com os pés no chão, ou em pé. ARW1 é para atletas com deficiência nos braços e nas pernas, com alcance limitado de movimentos, de força, de controle dos braços e pouco ou nenhum controle do tronco. ARW2 é para aqueles que possuem paraplegia e mobilidade articular limitada nos membros inferiores e que precisam da cadeira de rodas para uso diário.
Tiro esportivo	SH1- Atiradores de pistola e rifle que não requerem suporte para a arma SH2 - Atiradores de rifle que não possuem habilidade para suportar o peso da arma com seus braços e precisam de um suporte para a arma SH3 - Atiradores de Rifle com deficiência visual

Triatlo

PT1 - Cadeirantes - Atletas com comprometimentos que impedem a capacidade de conduzir de forma segura uma bicicleta convencional e de correr. Os atletas devem usar um handcycle na etapa de ciclismo e uma cadeira de rodas na etapa de corrida. Para se enquadrar nessa categoria, os atletas devem ter uma pontuação de até 640,0 pontos na avaliação de classificação.

PT2 - Atletas com comprometimentos como: deficiência nos membros, hipertonia, ataxia e/ou atetose, carência de força muscular e amplitude de movimentos diminuída, entre outros. Nas etapas de ciclismo e corrida, atletas amputados podem utilizar próteses ou outros dispositivos de apoio aprovados. Para se enquadrar nessa categoria, os atletas devem ter uma pontuação de até 454,9 pontos na avaliação de classificação.

PT3 - Atletas com comprometimentos semelhantes aos da categoria PT2, mas que obtiverem uma pontuação entre 455,0 e 494,9 pontos na avaliação de classificação. Nas etapas de ciclismo e corrida, atletas amputados podem utilizar próteses ou outros dispositivos de apoio aprovados.

PT4 - Atletas com comprometimentos semelhantes aos das categorias PT2 e PT3, mas que obtiverem uma pontuação entre 495,0 e 557,0 pontos na avaliação de classificação. Nas etapas de ciclismo e corrida, atletas amputados podem utilizar próteses ou outros dispositivos de apoio aprovados.

PT5 – Deficiência visual total ou parcial -(Dividida nas subcategorias B1, B2 e B3)

Atletas totalmente cegos, desde os que não têm nenhuma percepção de luz até os que têm percepção da luz, mas que são incapazes de reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância (B1), além de atletas com deficiências visuais, cuja acuidade visual seja menor que 6/60 de visão ou cujo campo visual seja inferior a 20 graus na condição de melhor visão corretiva (B2-B3). Um guia de mesma nacionalidade e sexo é obrigatório durante toda a prova. Nesta categoria, os atletas e seus guias devem montar uma bicicleta Tandem (de dois lugares) durante a etapa de ciclismo.

Vela

O sistema de pontuação baseado no nível de habilidade permite que atletas com diferentes tipos de deficiência possam competir juntos. Após a avaliação do comitê classificador, são concedidos pontos baseados nas habilidades funcionais, que vão de 1 a 7, indo do mais baixo ao mais alto nível de funcionalidade, respectivamente. Atletas com deficiência visual são situados em uma das três classes de competição, baseadas em sua acuidade visual e campo de visão. Para assegurar a participação de atletas com todas as contagens de pontos e todas as classes de deficiências, a pontuação agregada não pode ser maior do que 14, o que permite aos velejadores com mais deficiência participar das competições.

Na classe de barcos SKUD-18, os velejadores são classificados como TPA ou TPB. Os velejadores são classificados como TPA quando são adjudicados em 1 ponto pela classificação funcional, ou, quando completando mais de 1 ponto, têm a pontuação funcional do membro superior em 80 pontos ou menos na combinação de ambos os braços, juntamente com uma perda de 30 pontos no melhor braço.

Os velejadores são classificados como TPB quando têm ao menos uma deficiência mínima que os torna elegíveis para velejar. Pelo menos um dos velejadores precisa ser mulher. Para a classe de barcos 2.4mR, os velejadores apenas precisam possuir uma deficiência mínima.

Vôlei sentado

O sistema de classificação funcional do vôlei é dividido, portanto, entre amputados e les autres. Para amputados, são nove classes básicas baseadas nos seguintes códigos:

AK - Acima ou através da articulação do joelho (above knee)

BK - Abaixo do joelho, mas através ou acima da articulação tálico-calcâneo (below knee)

AE - Acima ou através da articulação do cotovelo (above elbow)

BE - Abaixo do cotovelo, mas através ou acima da articulação do pulso (below elbow)

Classe A1 - Duplo AK

Classe A2 - AK Simples

Classe A3 - Duplo BK

Classe A4 - BK Simples

Classe A5 - Duplo AE

Classe A6 - AE Simples

Classe A7 - Duplo BE

Classe A8 - BE Simples

Classe A9 - Amputações combinadas de membros inferiores e superiores

Em les autres são enquadradas pessoas com alguma deficiência locomotora. Atletas pertencentes a categorias de amputados, paralisados cerebrais ou afetados na medula espinhal (paratetra-pólio) podem participar de alguns eventos pela classificação les autres.